Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 18

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

VOLUME IV

Elogios dramaticos, Dramas allegoricos, Fragmentos

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1875

ELOGIOS

1

Aos faustissimos annos da Fidelissima Rainha de Portugal, D. Maria I

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, em 17 de Dezembro de 1799)

A rispida estação tumultuosa,
Que de vapor medonho assombra os ares,
Que das Eólias grutas desferrolha
Estrondosos tufões, e além das nuvens
O pélago arrogante em serras manda;
Esse triste oppressor da Natureza,
Monarca das horrísonas procellas,
Cuja grenha erriçada os gêlos c'roam;
Que arremessa o trovão, que accende o raio
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
E, saudoso do cáhos, como que intenta
Fingil-o, arremedal-o em seus horrores:
O carrancudo, tenebroso Inverno,

Á face de alto horóscopo brilhante
Foi por lei divinal, por lei dos Fados
Constrangido a despir tartáreo luto.
  Eis dobrando a cerviz, eis bonançoso,
O tyranno da luz sacode as trévas:
Respira a Natureza, o céo respira,
Vitreos os mares sobre as praias dormem,
Onde Áquilo rugiu Favonio brinca,
* A nascer entre a neve aprendem rosas;
* Amor sentindo, o rouxinol se inflamma,
* Contente, illuso, não conhece o tempo,
* Vêl-a imagina, e canta a primavera.
  Surgindo em tanto na purpurea nuvem,
Télas trajando fulgurantes de ouro,
De jasmins immortaes a fronte orlada,
Com risos, que estudou de um Deus na face,
A scintillante Aurora o pólo esmalta.
Seus lumes como nunca então raiaram,
E gota, e gota de macio orvalho
Que esparziu no teu seio, oh Lysia, oh patria,
Foi ledo agouro, foi suave emblema
De mil bens, que dos céos a ti dimanam.
  Maria, a mãe de heróes, de heróes a filha
A Jove mereceu tão novo indulto,
Trouxe tão novo indulto á Natureza.
Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes
Quanto no ethereo cume, alardeando
Torrentes de fulgor, que o pólo innundam,

Vence o planeta majestoso, intenso
Tenue luz, que esmorece em negra estancia.
  Sim, Rainha immortal, se a bem do mundo
Prenda tão cara, não lhe houvesses dado;
Se, doce fructo de amorosa planta,
Teu mimo, teu penhor, delicias tuas,
João, sangue de heróes, que o Tejo adora,
A nossos corações negado fosse,
Ninguem te egualaria áquem dos numes.
  Elles teu grande horóscopo envolvêram
No immenso resplendor da eternidade,
Tua alma se embebeu na essencia d'elles;
E ao ponto em que dos céos se derivava,
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
Presumiu assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do facho universal se desprendia.
  A Jove teu natal deveu sorrisos;
E, attento na mimosa infancia tua,
Com rosto afagador te olhou, te disse:
« Qual é teu dia, tal será teu fado. »

2

Aos annos da mesma Augustissima Senhora

Musas, Musas do Tejo, alçae ao pólo
Versos dignos de reis, da patria dignos.
Desenrugue-se o Fado; os tempos voltem
Quaes a vate Cumêa os viu na mente;
Em manto côr de neve Astréa envolta
As éras de Saturno acorde, e guie
Ao seio escuro da ferrenha edade.
Apenas tenham que invejar aos numes
Os ditosos mortaes: luzeiro errante
Surja, rutíle da sinistra parte,
E com faustos satellites discorra
D'este áquelle horisonte os céos de Lysia,
Ingente, portentoso, e qual outr'hora
Dourou a alma de Julio o céo de Roma:
As vestes abrilhante ao carrancudo
Monarcha das horrisonas procellas,
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam;
Cuja mão tenebrosa além das nuvens

O pélago arrogante em serras manda;
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
Que arremessam trovões, que accendem raios,
Soffra o duro oppressor do aereo campo,
Soffra o silencio, e a paz; desdobre, alize
Ondas o pégo, e sobre as praias durma;
Brinque Favonio onde Áquilo esbraveja,
Respire a natureza, o céo respire;
A nascer entre a neve aprendam rosas;
Puro, espontaneo mel destillem troncos;
Na rubra nuvem fulgurante de ouro
De jasmins immortaes co'a fronte orlada
Sempre n'este aureo dia assome a deusa,
Que sobre as flores a existencia entórna:
No semblante de um Deus a Aurora estude
Risos, que a Natureza extranhe, e adore:
Derrame pelos céos mais luz, mais pompa,
Sol, reflexo de Jove, imagem sua.
Maria, mãe de heróes, de heróes a filha,
Indulto singular merece ao Fado;
Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes,
Quanto no ethereo cume alardeando
Torrentes de fulgor, que o pólo innundam,
Vence o planeta fulgurante, immenso,
Tenue luz, que esmorece em negra estancia.
Sim, Rainha immortal, modêlo augusto
De quantas perfeições, quantas virtudes
De Astréa ao lado para o céo fugiram:

Sim, Rainha immortal; se a bem do mundo
Prenda tão cara não lhe houvesses dado;
Se, dôce fructo de amorosa planta,
João, prole de heróes, que o Tejo adora,
A nossos corações negado fôsse,
Ninguem te egualaria áquem dos numes.
  Elles teu grande horóscopo envolveram
No vasto resplendor da eternidade;
Tua alma se embebeu na essencia d'elles,
E ao ponto em que dos céos se desprendia
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
Presumiu assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do facho universal se desprendêra.
  Oh rei da immensidade, oh rei dos Fados!
Os idolos da patria, a mãe, e o filho
No throno avito, heroico, á sombra tua
De seculos em seculos triumphem:
D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.
O Tejo despejando as urnas de ouro
Ás plantas lhe deponha o gran tributo,
Até que a eternidade absorva as éras.
  São mimosos do Fado, a Jove acceitos
O filho, a mãe de reis, de heróes, de numes;
Cobrem azas de um Deus os dignos d'elle,
Lysia, flôr das nações, prospéra, exulta!

3

Aos faustissimos annos do Serenissimo Senhor D. João, Principe Regente de Portugal

(Recitado no Theatro do Salitre, em 13 de Maio de 1799)

D'entre a primeira das edades mortas
Um dia resurgiu, soltou-se um dia
A bem da humanidade, á voz do Fado.
Mil Graças, mil Virtudes, mil Prazeres,
Foragidos do mundo, ao céo tornados,
Ao mundo volvem co'a sisuda Astréa.
Subito, remoçada a Natureza,
Leda, vaidosa de se olhar qual fôra,
Nas meigas faces amiuda o riso.
Turba subtil de olympicos Favonios
Vôa com flores, que não temem Phebo,
E á mãe universal perfuma o seio;
Insoffridos Tufões nas cavas grutas
Cerra, agrilhôa, abafa, opprime Eólo;
Mel espontaneo pelos troncos desce,
Lambem rios de nectar margens de ouro.
Saturno inclina a fronte ao ver na terra

De seus dias luzir a amena imagem;
Da sobranceira esphera ao filho exclama,
E d'alta novidade inquire a causa.
«Ente, digno de mim (responde Jove)
De heróes emanação, de heróes principio,
Hoje ao mundo levou, por lei dos Fados,
Escolhida porção de meus thesouros;
Hoje o fructo immortal de planta excelsa,
Que nas margens dispuz do insigne Tejo,
Surgiu, por meus influxos bafejado;
Da grande lusitana a digna prole,
O eximio coração, com quem reparto
A dignidade, a força, os pensamentos,
No seculo fatal, de horrores fertil,
Sobre o terreno herdado attráe teus dias,
Época da innocencia, e da ventura!
Viste ha seis lustros melhorar-se o tempo
Com seu fausto natal, viste ha seis lustros
Do incognito matiz nos lusos campos
Ornar-se a Natureza em honra sua.
Então sorrisos d'ella anuncios foram
Dos luzentes futuros milagrosos,
Que para o tenro heróe zelava a Sorte.
«Se tanto não brilhou, como hoje brilha,
O doce clima productor de assombros,
Foi porque inda na edade inerte, e molle
Desatar não podia o regio moço
Altas idéas em acções mais altas.

Agora, que da illustre monarchia
Modera as longas rédeas, escudado
Das aptas forças, e do avito exemplo,
Agora se embellezam céos, e terra
Na gloria, no prazer, nos bens sem conto,
Que do grande João recebe a patria,
A patria de que é pae, senhor, e ornato.
«Unido em aureo vinculo á virtude,
Aos mil encantos de heroina augusta,
Tempéra o coração nos olhos d'ella,
Nos olhos d'ella o sentimento apura,
E um numen bemfeitor se ant'olha aos povos.
Negreja, sem toldar-lhe os mansos dias,
Tempestuoso horror, bramindo ao longe;
Em vão boceja o pestilente inferno,
Na lava abrazadora em vão sacode
Horridos crimes, que outra plaga infamam.
Senhor de alta nação, que vale o mundo,
João, mimo do céo, João triumpha;
Seu throno em corações está sentado,
E tem na eternidade os alicerces.
D'ella emanou seu dia, é parte d'ella,
E lá depois que o sol milhões de vezes
Houver com elle enriquecido a terra,
O puro, amado, memoravel dia
No resplendor sem termo irá sumir-se.»
Assim Jove fallou: Saturno annue,
E fica mais brilhante a Natureza.

4

Aos annos do mesmo Senhor

(Recitado no Theatro da rua dos Condes, em 13 de Maio de 1801)

Honra, Patria, Virtude! Oh Leis! Oh Throno!
Objectos venerandos, majestosos,
Lustrae na escuridão, que abrange o mundo,
Do vate a phantasia erguei de abysmos.
  Em tanto que no céo renasce o dia,
Dia eterno, sem par nos lusos fastos,
Mordendo-se, escumando, Erynnis vôa
Ante o carro fatal do deus das armas,
Onde nuvens de horror gotejam sangue.
Na truculenta mão rodêa o facho,
Cresta os Favonios, as delicias varre.
De sanhudos leões ondêa a coma,
Longo rugido horrisono rebrama,
Pelos troncos se amolam, dentes, garras.
O bronze aloja em si rivaes do raio;
No espectaculo atroz, na scena infesta,
Sedentas de um futuro ensanguentado,
As Furias se embellezam, ri-se a Morte...

Debalde rebentaes, vulcões do inferno,
Longe, agouros crueis! Lysia não treme,
Lysia será qual foi, qual é no globo,
Mãe de heróes, das nações a flor, o esmalte,
Da virtude esplendor, da gloria templo,
Pomposo torreão de férrea base;
Lysia embraça o pavez de eternos Fados;
Se Lysia baquear, baquêa o mundo:
Um Deus não é perjuro, um Deus não mente.
  Range os dentes Ismar, anhéla a preza,
Urram de Lybia os monstros, amotinam
O mar, a terra, o céo com grita horrenda:
Eis que de rosea côr se véste o pólo,
O ar, porque espéra um Deus, o ornato apura.
Assoma o recto, o sabio, o grande, o Tudo!
Vacilla a Natureza ao pezo enorme:
Elle olha, e d'este olhar vê campo, e campo.
  Reluz o amor, o esforço, a fé nos lusos,
Na bruta multidão negreja o crime;
Da traição, da avareza os genios torvos,
As serpes da blasphemia, em roda aos impios,
Por aqui, por ali sibilam, trôam.
  A voz, freio aos tufões, ameiga o Nume;
Ao guerreiro christão, que os seus inflamma,
O triumpho assegura, e fada os lusos.
Ao solio portuguez submette os tempos,
Co'a sacro-santa mão lhe descortina
Fervendo o Ganges por ceder-lhe as palmas;

D'elle homenagem recebendo o Tejo,
Ufano recostado á urna de ouro;
Montanhas de trophéos, ao longe, ao perto,
E sempre illustre a paz, illustre a guerra.
Desapparece o Deus, mas fica Affonso,
E de Affonso no ferro espantos brilham:
Sáe d'elle estrondo, morte, horror, victoria,
Não soffre arnez, escudo, é raio o ferro,
E cada portuguez leão se ant'olha,
Que, rebanhados touros assaltando,
Atassalha, desfaz, estróe, devóra.
Lá nos ares de Ourique inda vaguêam
Sagrados éccos da palavra augusta,
E das turbas fieis, do heróe terrivel
Inda o marcio rebombo estruge os valles.
Eia, enleva-te, oh Lysia, em teus destinos!
Um Deus te perfilhou, te dá, te escuda
Os dias de João, saudaveis dias,
Claros, celestes, como a luz que, eterna,
Que, immensa, resplandece além dos astros.
Quaes foram teus avós serão teus filhos,
Leaes, ardentes, invenciveis, grandes.
Nos olhos de João se nutre a gloria;
Basta volvel-os: heroismo é tudo.
Virá, virá de novo a paz mimosa
Com sorriso gentil dourar teu clima;
As Furias outra vez aferrolhadas
Na masmorra infernal darão bramidos,

Em quanto do aureo Tejo á lisa margem
(No formoso terreno, onde se encantam
Flora, as Graças, Amor, Favonios, Musas,)
Hymnos mandando ao céo teus povos ledos,
Sentirão palpitar, ferver no peito
Branda ternura, que humedece os olhos,
Pranto mais dôce, mais fiel que o riso;
E, sem que a gloria nas delicias turve,
Transportado verá banhar teu seio
Correntes do prazer, de que é a origem,
O magnanimo heróe, da patria nume,
Esse, em cujo natal florece o mundo,
João, mimo d'um Deus, d'um Deus imagem.

5

Aos annos do mesmo Senhor

(13 de Maio de 1801)

Serus in cœlum redeas, diuque
Lœthus intersis populo.
Horat. Lib. I. Od. II.

Que alegre, desdobrando o véo de rosas,
Que amena resurgiu, que abrilhantada
De estreme, de amorosa claridade
A aurora de João no céo de Lysia!
Oh plaga sup'rior ás plagas todas,
Que déste ao mundo antigo um novo mundo,
Que, immensa no valor, no espaço curta,
Transcendeste os confins da humanidade,
Levaste execução lá onde apenas
Ousára abalançar-se o pensamento!
N'esta luz singular, n'este aureo dia,
Da eterna protecção penhor formoso,
Trouxe de novo a ti mil dons celestes
O Genio tutelar, que escuda, e véla,

Gran ministro de Jove, os teus destinos:
Que vassallagem firme ás leis, ao throno
Em teu seio arreigou, nutriu, reforça,
Qual planta ingente, que, abarbando as eras,
Opulenta de aromas, flôres, fructos,
Na viçosa altivez penetra, invade
A terra co'a raiz, os céos co'a rama.
  Recrea-te, oh nação! divino indulto
Além da méta humana alçou teu lustre.
Colossos gigantêos no mar se abysmam,
Marmóreos torreões dão baque horrendo,
Da Fortuna as montanhas se desabam,
D'este, d'aquelle imperio morre a fama;
O Médo, o Assyrio cáe, cáe Roma, e Grecia,
Maravilhas do globo, e ferros d'elle;
Mas Fado universal não é teu Fado:
Gravâme acerbo, aspérrimo tributo,
Males, que a tudo impõe, não ousa impôr-te
O tyranno commum, rei de ruinas.
Elle acata a nação no heróe que a manda,
Nos heróes que a mandaram, que a subiram
Á grandeza, ao nivel do lacio nome.
  Deuses na mente, se mortaes na essencia,
Co'a rectidão por norma, os páes de Lysia,
Os monarchas do Tejo á patria deram
Leis amigas do céo, do mundo amigas,
Leis, que um Deus confirmou, porque eram suas.
  Magnanimos leões leões produzem,

Frouxo arbusto não é do cedro a prole.
Affonsos, Manueis, Dinizes, Sanchos,
De vós, egual a vós, João proveiu!
Decreto, pelos numes promulgado,
Transpôz de dextra em dextra o sceptro luso,
Até parar na mão, que ha de empunhal-o
Com tanta duração, que espante os evos.
Astréa, a paz, o amor, virtude e graças,
No mais que dôce jugo embellezados,
Volvem dos astros, sem saber que volvem,
O Olympo esquecem, de João no imperio,
E suppõem convertida em tempos de ouro
Negra edade de horror, que os pôz em fuga.
A turba etherea, ladeando o solio,
Bafeja o coração do regio moço:
Ali derrama da Clemencia o nectar,
Ali, deidade austera, ali Justiça,
Teu ríspido amargor com elle adoça;
N'alma idéas prestantes lhe aposenta,
Arduas combinações lhe induz, lhe aplana;
Politica sublime entre ellas surge,
Onde a sagacidade abrange a honra;
N'um quadro luminoso o bem da patria
Ante a face real prospéra, avulta:
O presente, o porvir fulguram n'elle.
Oh tu, de um Deus contemporanea augusta,
Voragem onde os seculos sossobram,
Ignota, veneranda Eternidade!

Debalde te abarreiram teus arcanos
Contra audaz invasão da idéa em chammas.
Metal de mais vigor que o bronze, e o ferro,
Recondito aos mortaes, compõe teus muros;
A nevoa dos mysterios te rodêa:
Mas despedindo o vate ardentes vôos,
Áquem deixando o globo, o vento, as nuvens,
Qual a que arrosta o sol, e empolga o raio,
A eternos penetraes os hombros mette,
Obstaculos derruba, e lê nos Fados.
 Lá onde altos Futuros magestosos
Em sagrado silencio envoltos dormem,
A todos sobre-sáe Destino excelso
Do generoso heróe, que rege os lusos,
Que impéra co'a virtude, e não co'a força,
Que inda mais que no sangue, em si tem base
A inviolavel direito, ao jus supremo
De ser na terra o que no Olympo é Jove.
 Sim, Principe immortal; se a longa serie
De teus grandes avós te não guiasse
Á brilhante eminencia, onde te adora
Nos hemispherios dous um povo immenso,
Sempre nos corações houveras throno.
A tua gloria és tu, comtigo brilhas;
Por ti fogem de nós communs desastres,
Venturas entre nós por ti florecem.
O céo te inspira, o céo te galardôa,
E ethereo resplendor teus annos c'rôa.

6

Aos annos do mesmo Senhor

(Recitado no Theatro do Salitre, em 13 de Maio de 1801)

Interlocutores: Aurora, Seculo

Oh tu, prole recente, ultima prole
Do numen, que aniquila o bronze, o ferro,
Que absorve gerações, que exerce os Fados,
Que vae minando o seio á Natureza,
E como que assuberba eternidades!
Filho do Tempo, successor não duro
De seculo feroz, de irmão terrivel,
Que Europa mergulhou n'um mar de sangue,
Que a virtude, a razão, que as leis, e a gloria
Eclipsou, perseguiu, desfez sem pejo;
Té ao bojo infernal cavando abysmos,
As Furias arrancou da noute immensa,
As Furias, que, esparzidas no universo,
Todo em reino da morte o convertêram:
Graças aos numes, o tyranno é cinza,

O Seculo do horror volveu ao nada;
Morta esperança de viçosos dias
Resurge devagar, se move a medo;
Imagem festival de bens vindouros
Na terrea superficie em fim vislumbra:
Por sombrio horisonte apenas ficam
Rastos sanguineos dos forçados vôos,
Com que a fera Discordia, a negra Erynnis
Da peste, que em seu halito dardejam,
Extensas regiões purificaram.
  Mas os tartáreos monstros não repousam,
Nas extremas da terra inda retumba
O medonho clamor, que sáe do raio.
Talvez nova impiedade enlute o globo,
Talvez... tão feia idéa os raios furta
Da face com que alegro a Natureza.
  Ah! Tu que aos penetraes do immobil Fado,
Lá onde o pensamento a custo adeja,
Foste a serie colher, serie sem conto
De altos successos, em teu giro inclusos;
Tu, que na estancia onde os Futuros dormem,
Com lume audaz a escuridão venceste,
E, o gremio do possivel revolvendo,
Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça
Deve sobre esta machina indecisa
Reger sceptro de ferro, ou sceptro de ouro:
Recrêa, oh numen, cujas leis supremas
Observo pontual na rósea plaga,

Recrêa indagador, tenaz desejo,
Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

SECULO

Deusa brilhante, que ataviam, cobrem
Grinalda de jasmins, docel de rosas,
Mãe dos luzeiros com que douro as vestes;
Amores de Titão, delicias, mimo,
Que aljofares entornas sobre as flores,
Que dás puros cristaes ao leve arroio,
Susurro ás virações, gorgeio ás aves,
E o gosto de existir á Natureza!
Bem que os mysterios do immutavel Fado
Envolva escuridão, e acatamento,
Que do mundo profano abate os olhos,
Comtigo, que és deidade, e socia minha,
Comtigo, que do Tempo exerces parte,
As leis universaes vogar não devem.
Enxuga o dôce pranto cristalino,
Que entre as flores de Amor, e a neve, e as graças
Na face te reluz: socega, escuta.
  Aos montes sempiternos, onde o Fado
Em palacios de bronze as leis promulga,
Resfolgando subi, subi tremendo
Dos males, que este globo inficionavam,
Onde meu féro irmão cevára os olhos.
  Do gran templo fatal rangendo as portas

Se abrem de par em par, me descortinam
Aquelle, ante quem Jove é nume apenas.
  Avulta, recostado em negro throno,
Curvos, absôrtos cortezãos o incensam,
D'um lado a vida tem, tem de outro a morte,
Um só rasgo que dê co'a férrea pluma
No livro pavoroso, altéra o mundo,
Ergue, prostra nações: a Gloria é sonho,
A Fortuna é chimera, e Grécia, e Roma
Relampagos, que sorve immenso abysmo.
  A tôrva omnipotencia adoro a medo,
E já trémulas preces vou formando
A bem do triste globo, em que presido:
Eis o deus co'um sorriso a voz desprende,
Dest'arte o coração me desafronta:
  « Fiel executor das leis do Fado,
Herdeiro do poder, não do caracter
De ministro cruel, que puz no mundo
Para mais enrijar meu duro imperio:
Depois que em scenas mil de sangue, e luto
Minhas furias cevei, cevei meus odios,
Os males que esparzi me horrorisaram.
Quanto póde a Virtude até no Fado!
Em honra de um mortal, me abrando a todos,
Em honra de um mortal, que um Deus parece.
  « Ferrolhadas no Averno as Furias gemam,
A cruenta Discordia apague o raio.
Virtude, Paz, Amor, volvei ao mundo:

Tu, Seculo ditoso, ao mundo os guia;
Este mimo dos céos na terra espraia,
Enriquece com elle os climas todos,
E mais que todos a benigna plaga,
O imperio occidental, augusta herança
Do heróe, do semideus, que lá contemplo.
« O solio de João ladêe a Gloria,
A Justiça o ladêe: admire-o tudo;
Base de corações lhe escore o throno:
Só deixe de invejal-o apenas Jove.
O dia em que emanou do seio eterno
Seja um sorriso do melhor dos numes;
Galas para adornal-o invente a Aurora,
Saturno o purifique, e seu lhe chame.»
Disse, e nublou-se o deus, e de repente
D'entre os astros um vórtice me arranca.
Eis venho respirar co'a Natureza,
Ufano do caracter, que me é dado,
Dos bens, que desparzir na terra posso.
Exulta, pois, oh deusa, e cumpre o mando,
Que ledo recebi na voz do Fado:
« O imperio de João, seus aureos dias
Gosem no mundo o resplendor do Olympo.»

AURORA

Oh transporte! Oh ventura! Oh céos! Oh Fado!
Sendo teu jugo assim, teu jugo adoro.

7

Aos annos do mesmo Senhor

(13 de Maio de 1803)

... Ipse tibi jam brachia contrahit ardens
Scorpius & cœli justa plus parte relinquit.

VIRG. Georg. Lib. I.

Oh lustres do salão radioso, immenso,
Fonte invisivel dos visiveis astros!
Em torrentes de luz, perennes, vossas,
Sem que naufrague a mente, é jus do vate
Sondar a eternidade, abrir os Fados.
Sorria-se na terra o mez das flores,
Espelho eram dos céos as vitreas ondas;
Do azul Favonio, da punícea rosa
Tenues suspiros, candidos perfumes
A leda Natureza embellezavam.
Eis ante o rei de tudo heróe, que outr'hora
Gosára entre os mortaes o grão de nume,
O claro fundador do luso imperio,

Dos altos promontorios a saudade,
Aquelle, cujo nome os patrios eccos
Com lugubre memoria inda proferem,
Curvo o joelho, supplice a palavra,
Pios desejos expriiniu dest'arte:
 «Gran Ser, que da medonha, antiga massa
D'uma vez extraíste o térreo globo,
Que n'um sorriso os céos e o sol creaste!
Dá complacente ouvido ás preces minhas.
 «O imperio occidental, por ti doado
A mim, e ao sangue meu, que as leis te adora,
O imperio occidental, theatro annoso
De innumeros portentos, de alta gloria,
A plaga venturosa, o doce clima,
(Que já sagraste co'a presença tua)
Lustre de novos dons, de timbres novos,
Em virtude, em grandeza, em majestade.
A planta, de que fui raiz fecunda,
Sempre mimosa de teu almo influxo,
Brote por ordem tua um fructo ameno,
Que adorne, encante, aformosêe a terra.
 «De Lysia velador, propicio genio
Tu me elegeste, oh Deus! Eu guardo, eu zelo
Fiel, grata nação: mil, e mil vezes
Se apuram no esplendor da eternidade
Incensos, que te dá meu povo amado.
Requintada ventura, um lustre, ignoto
Ao resto dos mortaes, o galardoe:

Primeiro templo teu no mundo é Lysia,
Quasi como é nos céos, é lá teu culto.»
Taes, e tantas de Affonso as preces foram,
E ás preces annuiu o auctor dos astros.
  Revolve a mão suprema o cofre eterno,
E entre milhões de espiritos fulgentes
Um, que mais brilha, bemfazejo, estrema.
  Oh vós, de inextinguivel claridade
Serenos filhos! Impalpaveis entes!
Nuncios da terra aos céos, dos céos á terra
Quando implora o mortal, e outorga o nume!
Vós, leves meneando as alvas plumas,
Ao solio, que dá leis do Tejo ao Ganges,
Trazeis um dia, que atavie os tempos,
Um dom trazeis, que divinize o mundo.
  É teu natal, grande João, tua alma
Este dia, este espirito, fadados
De caracter sem par, de bens sem conto
Pela voz, que do sol regula o giro.
  Donativo do céo, prazer da terra,
Que honras o mundo todo, e reges parte,
Principe excelso, Principe adorado,
Enlaças corações em flóreo jugo;
Ternura filial nos diz que reinas,
Não convulso terror, não leis de ferro.
Quaes folgam, limpas das terrenas fezes,
Almas formosas nos elysios prados,
Vagam risonhos, festivaes teus povos,

Amplo dominio, que dos céos herdaste.
  Tarde, mui tarde a teu principio voltes;
Depois que o tempo fatigar seus vôos
Vá sumir-se comtigo a Natureza
No seio da lustrosa eternidade:
Eis os votos de Lysia, e do universo.

8

(Dramatico)

A ESTANCIA DO FADO

Para celebrar o dia natalicio da Serenissima
Princeza D. Maria Theresa

(Representado no Theatro de S. Carlos, em 29 de Abril de 1797)

Actores: — O Fado — O Genio Lusitano — Lysia

A scena se figura na estancia do Fado.

SCENA I

O Fado e o Genio Lusitano

Genio

Oh tu, que já severo, e já benigno
Ou prostras, ou mantens, ou dás, ou tiras,
Despotico senhor da Natureza,
Ente, de cujas leis é tudo escravo,

Hoje desenrugada a fronte augusta
Affavel te promette ás preces minhas.
Ministro pontual dos teus decretos,
Eu, que ha tantas edades vélo, oh Fado,
Na gloria, no esplendor da egregia Lysia,
De brilhantes heróes origem pura,
Eu por ella te invoco: alto interesse
A dirige, a conduz ante o supremo
Throno, onde reinas, adoravel throno,
Escorado na immensa eternidade.
Dá que a teu gran poder curvando a frente,
Honrada ha muito de apollinea rama,
Lysia teus dons beneficos implore.
De tudo quanto abrange a longa terra
Nada tão digno de encarar seu solio.

FADO

Magnanima, fiel, constante, invicta,
Lysia, qual a formei, dá lustre ao mundo;
Ante o seu gosto minhas leis se torcem:
Tens influxo, oh Virtude, até no Fado.
Venha, merece olhar-me, ouvir merece
A voz, que ao proprio Jove o throno abala;
Tóque a vedada, sempiterna Estancia
Por onde em turbilhões mysterios fervem:
Gloria, aos mortaes defesa, a Lysia cabe.

(O Genio vae conduzir Lysia.)

SCENA II

Lysia e os mesmos

Lysia

Fado, prole immortal da eternidade!
Numen, de cujas mãos está pendente
Cadêa em que os fuzís são bens, e males,
A desgraça, a ventura, a morte, a vida;
Dos Tempos movedor infatigavel,
Que de ledas, pasmosas, tristes scenas,
De espectaculos mil sempre matizas
A curva superficie ao terreo globo!
Se desde que assomei luzi no mundo,
Se a tua protecção, commigo estavel,
Das mais claras nações me fez modelo;
Se, escudada por ti, dei ser, dei pasto
Á bella emulação, e á fêa inveja;
Se de illustres acções dourei a historia;
Se a firme tradição c'roei de assombros;
Se meu brado esparzi de clima em clima
Nas férreas tubas da volatil Fama,
Atando em aureo nó Virtude, e Gloria;

Se em fim, qual sempre foste, és inda, oh nume,
Para os desejos meus benigno, facil,
Summa razão, que os move, os felicite.

FADO

O passado, o presente, o que inda ignoto
É aos cégos mortaes, perante o Fado
Tão claros, n'um só ponto, resplandecem
Como rutila o sol no aereo cume.
Deves, Lysia, porém, gosar o indulto
De livremente expôr teus são desejos.
Ao que Lysia appetece o Fado annúe.

LYSIA

A promessa immutavel, que te escuto,
Affectos mil no coração me agita,
De altas idéas me povôa a mente.
Destinada por ti ao grande objecto
De honrar o mundo, e propagar portentos,
Mãe fecunda de heróes, teus fins cumprindo,
Sementes espalhei, de que brotaram
Candidas flores, generosos fructos.
Desvelada, incansavel, conduzindo
Por entre abrolhos, precipicios, transes
A minha prole audaz, a lusa gente,
Com ella commetti, pizei com ella

O quasi inacessivel monte ameno,
Onde reside a perennal Memoria.
Com arrojado pé fomos subindo
Os marmóreos degraus do ethereo templo,
E, os estreitos vestibulos entrando,
Vida sem fim, moral eternidade
Corrêmos a colher nas aras de ouro.
  Á turba dos heroes que ali brilhavam,
Luzeiros immortaes de Grecia, e Roma,
Extranheza não fez a nossa entrada:
Curvas as crespas, laureadas frontes,
Com sorriso amigavel nos saúdaram.
  Do bafo empestador, que sáe dos vicios,
Jámais os fructos meus crestados foram:
Salvos da corrupção, a edade os traga;
Puros, formosos, como vivem morrem.
  Mas dos ramos d'esta arvore, que alcança
Os hemispherios dous co'a vasta sombra,
Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno
Do amor da terra, da attenção do Fado
Como o que eu distingui de mil, que nutro.
É de Bragança o ramo, o ramo annoso,
De raras producções sempre adornado,
Este, cuja grandeza anhélo, adoro.
Em uma, em outra edade o viste, oh nume,
Ao bravo repellão de horriveis Euros,
De procellas fataes illéso, immovel;
Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,

*

Unir ao mando augusto augusto exemplo,
Assombrosos heróes crear co'a vista.
　Por esta de mortaes quasi divinos
Abalisada estirpe, a ti recorro
N'este dia entre os meus de um sol mais puro,
Maria, o tenro, o candido renovo
Da planta que idolatro, eximio fructo,
Doces primicias, e penhor sagrado
De caro, insigne par, João, Carlota,
Dos lusos corações idolo, e gloria:
Maria hoje raiou no alegre mundo.
Hoje na rubra nuvem scintillante,
De rosas, e jasmins bordando os ares,
Aurora appareceu co'um riso novo;
Hoje o suave, cristalino orvalho
Mais alvo, e mais subtil caíu nas flores;
O ledo rouxinol, prázer dos bosques,
Novos sons estudou para este dia;
Tornou-se mais formosa a Natureza;
Nas montanhas vestiu, vestiu nos prados
Mais lustroso matiz a primavera;
E agora que renasce este almo instante
As nuvens despe o céo, e o pégo as ondas:
Qual outr'hora exultára o mundo exulta.
　A seus, e a meus transportes sê propicio,
Satisfaze os mortaes; ordena, oh Fado,
Que Phebo vezes mil no plaustro de ouro
Com dia tão feliz prospére a terra;

Ordena que mil vezes se renovem
Annos brilhantes na vergontea bella,
Na régia producção de tronco excelso.
Franquêa aos olhos meus, franquêa, oh nume,
O tropel de reconditos mysterios,
Sumido em negros véos, eternas sombras;
Aclara, desenvolve a meus desejos
Altos futuros da gentil princeza.

GENIO

Ás preces que te envia eu uno as minhas:
Amor, Virtude, Gratidão te imploram.

FADO

Eis o mais amplo dom, que póde o Fado
Para vós extrair do seu thesouros.
Silencio, que eu desligo, eu desentranho
Da noute do vindouro os bens supremos
Que á princeza immortal propicio guardo.
Fulgentes como a luz que resplandece
Na pura habitação da eternidade,
Seus destinos vereis, vereis seus dias,
Da generosa avó, do pae sublime,
Da idolatrada mãe retrato egregio,
Virtudes, perfeições em si juntando,
Por mil raros espiritos dispersas,

A mimosa, gentil, real Maria
Dará novo esplendor, á digna patria.
Como o formoso irmão no avito imperio
Dará sagradas leis em clima extranho,
Leis, amigas do céo, do mundo amigas.
Ligada em áureo nó, com fausto agouro,
A regio, claro herôe, credor de obtêl-a,
Fará que a seu louvor não baste a fama,
E cance de espalhar-lhe as maravilhas.
Seus thesouros serão, será seu throno
Asylo maternal dos malfadados,
Almo refugio da Virtude oppressa,
Da sã Justiça, da innocencia amavel:
Tristes que a virem ficarão contentes.
Merito, e galardão, delicto, e pena
Debaixo do seu jugo hão de enlaçar-se;
Por muito, e muito que a Fortuna a brinde,
Mais ha de conferir-lhe a Natureza.
  Tantas vezes o sol trará seu dia,
Seu dia, pelas Graças enfeitado,
Que, antes que cesse de guial-o ao mundo
Com tanto resplendor, qual hoje o doura,
Hão de esparzir-se nos cerúleos ares
Rotas as rédeas dos Ethontes fulvos.
  Vai, Lysia, volve aos teus; co'a face augusta
Regosija os mortaes, de ti saudosos.
O Fado o proferiu: mil bens te esperam.

LYSIA

Graças, numen clemente! Eu corro, eu corro
A derramar na terra o grande annuncio.

GENIO

Lysia, Lysia feliz! Commigo exulta:
Tudo se cumprirá; não mente o Fado.

9

Aos annos da mesma Senhora

(29 de Abril de 18...)

Além do firmamento, além do espaço
Que por lei summa franqueara o seio
A mundos sem medida, a sóes sem conto;
Aquelle, cujo throno immenso, immovel
Vence ao diamante a consistencia, o lume,
Tem por base e docel a eternidade;
O só Principio dos principios todos,
Co'um sorriso avivando o ethereo dia,
Lançára a seu thesouro a mão suprema:
Mil virtudes, mil bens, mil dons, mil graças,
A que o tacto divino alteia o preço,
Surgem do eterno cofre; e alado genio,
Que as barreiras do céo transpõe n'um vôo,
Por entre o resplendor, que em torno espraia,
Traz o gran donativo á Natureza;
E vem com elle reluzindo os Fados,
Que ao celeste penhor cingira o nume.

«Ministro universal da omnipotencia!
(Clama o nuncio radioso) a ella é grato
Que d'estes sacros dotes se atavie
Prole de reis, de heróes, um digno ramo
Da planta, que immortal florece em Lysia,
De olympicos orvalhos animada;
Uma alma singular, idonea ao sangue
Do mortal, que vencendo o gráo de humano,
Foi pela voz de um Deus chamado, eleito
Á virtude, á grandeza, ao throno, á gloria;
Que possante, magnanimo, assombroso,
C'o arnez da razão, da fé munido,
Lybicos monstros de terriveis garras
Feriu, rompeu, prostrou, desfez qual raio;
A cinzas reduziu, a pó, e a nada
Os templos da impostura, as aras do erro;
Depois que a divindade o véo rasgando,
Esse véo sacrosancto, impenetravel,
Que a recata do mundo, ante seus olhos —
No lenho remidor se fez patente;
E com elle travando alta alliança,
As insignias lhe deu, lhe deu o imperio.»
Disse o fulgente espirito; e soltando
Das azas de aurea cor fragrancia e nectar,
Em pélagos de luz desapparece.
Tremeu de acatamento a Natureza
Em tanto que o decreto absorta ouvia;
Eis que volvendo a si risonha, ufana,

No brilhante composto exhaure a industria;
Une ás graças moraes externas graças,
Divinaes perfeições á essencia humana;
E exulta, e se revê nos dons que enlaça.
  Adoravel princeza, estes encantos
São teus, são teus: no espirito, na face,
Na voz, no coração te resplandecem;
Com elles teu natal se afformosêa;
Por elles de mil jubilos c'roado,
Em perfumes envolto, envolto em flores
No gremio puro de benigna Aurora
Aos votos dos mortaes os céos o enviam.

10

Aos prosperos annos da Serenissima Princeza do Brazil, a Senhora D. Carlota

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, em 25 de Abril de 1801)

Tu, patente á razão, velado aos olhos,
Monarcha do universo, alma de tudo;
Immenso, que em ti mesmo apenas cabes,
Que tens no ser, na mão, na voz, no aceno
Fados, eternidade, omnipotencia,
De que o raio é pregão, e o mundo é prova:
Ah! Manda que teus jubilos sem conto,
Que elysias flores, Zephyros do Olympo
C'rôem, bafejem de Carlota o dia;
Que o sol, que o teu reflexo a imagem tua,
Com elle avive a purpura d'Aurora,
Com elle regosije, adorne, alteie,
Gradue em divindade a Natureza,
E vá com elle, ovante, além das eras.
Próle de um semideus, esposa de outro,
(De outro, inf'rior, oh Jove, a ti sómente)

Carlota é de teus dons, de teus thesouros
Nas graças, no attractivo, a flôr, o extremo.
Qual no céo reluziu quando, inda exempta
Da corpórea prisão, sua alma bella
Serena de astro em astro vagueava,
Qual no céo reluziu, reluz na terra.
Em seu candido rosto encantos brilham,
Razão lustrosa lhe atavía a mente,
Sorrisos a grandeza lhe temperam:
Tem mais sublime a indole que a Sorte,
Maior o coração que a dignidade.
Aos ais do afflicto, do infeliz aos prantos
Desde o cimo da Gloria, e da Ventura
Dá materno favor, materno ouvido,
Emulando, a par d'elle, os mil portentos
Do consorte immortal, do heróe piedoso,
Por quem, de aureas delicias esmaltado,
O céo de Lusitania as trevas déspe,
E é qual foi quando assidua primavera
Cubriu de virações, ornou de rosas
Ao tenro globo a superficie amena,
Quando em correntes susurrava o nectar,
E, o mesmo no zenith, ou no horisonte,
O sol benignos lumes espraiava;
Benignos lumes, como espraia a lua,
Se com pleno fulgôr prateia os mares.
Os idolos da patria, o par brilhante,
Dos mortaes o esplendor, João, Carlota,

Oh rei da Eternidade, oh rei dos Fados,
No throno avito, heroico, á sombra tua,
De seculos, e seculos triumphem:
D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.
O Tejo, despejando as urnas de ouro,
Ás plantas lhes deponha o gran tributo,
Té que a terrestre machina abysmando,
Sorva tempos mortaes o tempo eterno.
Tua respiração, dos céos perfume,
Purifique o natal formoso, e caro,
Em que ufana, em que altiva a Natureza
Se enleva, se revê, se ri, se encanta.
Já de Saturno as épocas voáram,
Férrea, medonha edade aggrava os entes.
Ah! D'entre os mortos seculos surgindo
Envolto em rosas, o melhor dos dias,
Dos dias que perdeu console o mundo.
Taes, e tantas de Lysia as preces foram
Ante o solio de Jove, e d'elle ouvidas
Colheram n'um sorriso omnipotente
Da implorada mercê penhor e annuncio.
São mimosos do Fado, a Jove acceitos,
Cobre a sombra d'um Deus João, Carlota:
Modelo das nações! Oh patria! Exulta.

11

Aos faustissimos annos da Serenissima Senhora D. Maria Benedicta, Princeza Do Brasil, viuva.

(Recitado no Theatro do Salitre, em 25 de Julho de 1798.)

Sacro delirio, creadora insania,
Que, não paga de um Deus, de um céo não paga,
Ousaste pregoar mais céos, mais deuses;
Opulenta indomavel phantasia
Dos homens quasi numes, que, invadindo
Os bronzeos penetraes da Eternidade,
Presumiste erigir no centro d'ella
O paço a Jove, o tribunal aos Fados,
Os astros povoar de vãs deidades,
E, esforçando o terror da Natureza,
Depois arremetter do Averno ás portas,
Sumir teus vôos pelo immenso abysmo,
Erguer Plutão sanhudo em férreo throno,
Fingil-o ao Medo, figural-o ao Crime
Regendo as Furias, legislando á Morte:
Oh Genios sem limite, oh vós, que outr'hora

Daveis aromas, templo, altar, ministros
Á virtude immortal das almas bellas,
Mais puras, mais brilhantes, mais formosas
Que o filtrado clarão das éras de ouro!
Manes, sagrados manes! Se, arrombando
Da existencia, e do nada o muro eterno,
Volvesseis a vagar no globo infausto,
No globo já corrupto, e não lustroso
Do primevo explendor! Se ao alto olhando
Por entre a névoa de apinhados vicios,
(Semente nunca esteril no universo)
Visseis em summo gráo, remoto d'elles,
Luzir dos hymnos meus o grande objecto,
Luzir Maria, a singular Maria,
Prole de reis, de heróes, de semideuses,
Do imperio universal por si crédora,
Maïor que os Fados seus, maior que a Fama!
Irieis com transporte, e jus mais sancto
Sagrar-lhe aromas, templo, altar, ministros.
  Seu dia, que deveu aos céos cuidado,
E no sol, como os mais, não teve origem,
Seu risonho natal, quasi tão puro
Como o seu coração, deu hoje á terra
Prazeres, cuja ideia encantadora
Foi ao estro dircêo talvez negada.
  Hoje Aurora surgiu não somnolenta;
Hoje Aurora, anhelando anticipar-se,
Na orvalhosa madeixa desparzira

Almos perfumes, a que céde o nectar:
Flôres, que dispuzera, e que zelava
Nos elysios jardins cultor divino,
Para toucarem a manhã mais bella,
A mais bella manhã, que sobre o Tejo
Em chuveiros as Graças derramando,
Á superficie azul subtís cardumes
Attrahiu dos Favonios brincadores,
Por mais doce fragrancia enfeitiçados,
Uns após outros desdenhando as rosas.
  Sorriu-se, como nunca, o rei dos entes
No ponto em que raiou tão fausto dia,
D'entre os ethereos orbes deslisado;
Sorriu-se, e reflectiu no céo, na terra,
Na face festival da Natureza
O adoravel sorriso omnipotente,
Capaz de produzir mil sóes, mil mundos,
Torcer os Fados, e alegrar o inferno.
  Então, a eternas leis curvado o Tempo
Na corrente fatal dos bens, dos males,
Em que é vida este anel, e aquelle é morte,
O Tempo então, depondo a fouce, as azas,
Puliu aureo fuzil, tão reforçado,
Que o desabrido assalto, o pezo, o encontro
Dos seculos em chusma, o não rompessem:
Deve tanto a Virtude ás divindades!
  És, brilhante fuzil, és a existencia
Da regia, da magnanima heroína,

Que n'alma florecente o céo resume;
Augusto coração, cuja grandeza
Quando aos miseros desce aos astros sóbe,
E colhe em galardão a eternidade.
  Encanto universal, matrona excelsa,
Como que ao templo ingente, onde a Memoria
Construe estatuas, que não róe a edade,
Erguido, arrebatado o pensamento,
Por entre as altas copias venerandas
D'aquellas, que transpõem o horror do Lethes,
Lá vê sobresair a imagem tua,
E lê na, que a sustém, perpétua base:
«A gloria de Maria é mais que a vossa:
Ao bronze sup'rior curvae-vos, bronzes!»

12

Congratulação ao Principe, e á Patria na Paz Universal

(Anno de 1801)

. . . . . . *Ferrea primum*
Desinet, ac toto surget gens aurea mundo.
Virgil. Eclog. IV.

Pezavam sobre a terra os ferreos Tempos:
Do facho das Euménides saltava
Em scentelha, e scentelha um novo crime,
Extranho aos homens, e usual no Averno.
Ardia o coração da triste Europa
Em chammas, que a Discordia reforçava
C'o ardor, que zune, estala, ondêa, eterno
Nas fragoas immortaes do horrivel Pluto.
Pelo amplo continente, e além dos mares
Entravam, bravejando, as leis, e as Furias;
Céres espavorida os ermos campos
Ao numen da matança abandonava;
De iniquas mãos espolio, o docil bruto,
Socio fiel do válido colono,

A robusta cerviz curvava ao ferro,
A robusta cerviz, que déra ao jugo.
Era sonho a razão, systema o crime,
Era fado a crueza, instincto a guerra
No attonito, infeliz, sanguineo globo.
O cáhos resurgia, inerte, opáco,
Do abysmo, onde o sumiste, oh Ente immenso!
Em hórridos baixeis trovões de bronze
No alto Oceano alardeavam mortes:
O duro inglez, o déspota dos mares,
Torrente universal de cem victorias
Sustinha, represava ao gallo ovante.
Albion, portentosa, invulneravel,
De espumas, e trophéos cingida, ufana,
Co'as barreiras equóreas blasonando,
Ás miseras nações atropelladas
Mostrava o brio illeso, immune o seio,
Da patria o sancto amor perenne, intacto.
Delirante ambição de falsa gloria
Na Gallia turbulenta, e já não culta,
O peito revolvia aos igneos Martes.
Nas azas da invasão transpunham serras;
Aos rapidos guerreiros se ant'olhavam
Valles os Pyrenéos, planicie os Alpes
(Colossos, que dos céos o pezo aturam!)
Iberia vacillou, tremeu Germania,
As Aguias, os Leões se acobardáram:
Iberia, que fez face aos reis do mundo,
*

Do mundo á capital, e a gran Germania,
Que outr'hora as legiões sorveu de Roma,
Forçando o seu tyranno a dó pezado.
  Tu, flor das regiões, formosa Italia!
Dos Fabricios, dos Régulos, dos Fabios,
Dos Brutos, dos Catões tu mãe, tu nume!
Oh fóco da grandeza, e do heroismo!
Rival da Grecia, vencedora, herdeira!
Viste milagres seus desarreigados
De teu seio gentil, só digno d'elles!
Insana usurpação, brutal rapina
Extorquiu, profanou, desfez portentos,
Sacros á furia de hyperbóreos monstros,
Da tragadora edade á furia sacros.
As mestas Artes, co'a melhor na frente,
(Aquella que os heróes ergue da morte,
E em metro venerando os perpetúa)
Carpindo-se, abraçando-se, fugiam.
Teus póvos, infeliz, teus cultos póvos,
Dados ao ferro, á chamma, o céo rasgavam
Em lamentos, em ais; saudades tinham
Do sceptro, que os Caligulas manchăram,
Do tempo em que os tyrannos foram deuses!
  Ai! Que faria a miseranda Ausonia,
Sem tèr Camillos, que oppozesse aos Brennos!
Afeito a dardejar tartáreas flammas,
O Vesuvio pasmou do extranho incendio,
E de enorme vulcão por entre as fauces

Alçando o torvo Dite a fronte adusta,
Quanto vira no inferno olhou no mundo.
O mundo agonisava... oh céos! Nem Lysia,
A que á sombra de Jove altêa o cólo,
Nem Lysia se eximiu do mal nefando,
Lysia, de um semideus herança, e patria!
Nos seus, imagem vossa, elysios campos,
Já bramia o furor, manava o sangue;
Já... mas subito, á voz do Omnipotente,
Que os Aquilões nos Zephyros converte,
Recolhe as azas a procella immensa,
Librada sobre o lugubre universo.
Ante o solio de innumeros luzeiros,
Que alumia os salões da Eternidade,
Teu nome, alto João, e as preces tuas
Contra o commum flagello empenhos foram.
«Eia, ministros meus: em risco é Lysia!
(D'entre milhões de sóes o Eterno exclama)
Se a quiz exp'rimentar, salval-a quero.
A promessa de um Deus não retrocede,
E d'ella inda lembrado Ourique exulta.
O que Affonso escutou João merece,
As virtudes do avô melhóra o neto:
Vós sabeis ante mim quanto differe
O pacifico heróe do heróe guerreiro.
Momento, em que hei fadado a paz do globo,
Annexo ao p'rigo está, que Lysia corre.
Ide, Espiritos meus, Concordia, vôa:

Azedos corações adoce o nectar,
Que entorna em meus jardins manhã sem noute.
Concurrentes nações — Britannia, Gallia —
Deponham timbres vãos, tenaz orgulho;
Em laço fraternal suffoquem odios,
De que deixei pender do mundo a sorte.
Arcanos, que nem mesmo a vós se aclaram,
Em penetraes de bronze a mim só francos,
Do universal contagio o fim permittem.
Etherea viração comvosco adeje,
Que varra aos ares do orbe a estygia peste.
Co'um aceno abysmae no Averno as Furias:
Por ora sobre a terra apenas fiquem
Os erros dos mortaes, innatos erros,
Té que os lave o Remorso á Natureza.
O commercio prospére, as artes brilhem,
Floreça a paz, a industria, a gloria, tudo.
Os homens o pareçam.» — Disse, e fez-se.
Em fim, Principe augusto, em fim, poderam
Teu rogo, incensos teus dobrar um Nume!
O que ao mundo negou por ti lhe outorga:
Lysia vale o universo ante seus olhos.
Imagem do teu Deus, pae de teu povo,
Inunda o coração dos bens, que esparges;
Exulta, vive, reina, e brando acolhe
Offrenda, que a teus pés depõe submisso
Quem, dado ás Musas, e anhelando a fama,
Se honra em teu jugo, tuas leis adora.

13

Consagrado ao nascimento da Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, no anno de 1801)

Interlocutores: Actor, Actriz

Actor

Musas, Musas do Tejo, alçae ao pólo
Versos dignos de reis, da patria dignos.
Desenruga-se o Fado, os tempos volvem
Quaes a vate Cuméa os viu na mente
O mundo se renova, o cáhos triste,
Com que oppressa gemia a Natureza,
Em dias se desfaz de riso, e de ouro.
No manto côr de neve Astréa envolta
As eras de Saturno á terra guia:
Desliza-se dos céos estirpe nova;
Sorriso virginal, penhor divino,

Apura, formoseia os ares nossos;
Em Zephyros mimosos se convertem
Os duros Aquilões; luzeiro errante
Surge, rutila da sinistra parte,
E com faustos satélites discorre
D'este a aquelle horisonte os céos de Lysia,
Ingente, magestoso, e qual outr'hora
Dourou a alma de Julio o céo de Roma,
Phantasmas desvanece, agouros varre.
Salve, casta, benefica Lucina,
Fautora do gentil, do amavel fructo
Que brota de sagrada, eterna planta!
Salve, prole de heróes, prole adoravel!
Tu vens embrandecer com teus encantos
A ferrea edade, o seculo das Furias;
Amor, paz, innocencia ao mundo off'reces
Dos olhos infantís no doce lume,
Luzindo, vicejando em mil virtudes,
Irá no coração, maior que os annos;
De glorias cingirás tua existencia;
Por ti conciliado o céo co'a terra
Veremos, e por ti verificar-se
Quanto as mentes phebéas têm sonhado.
Nos tempos de João, nos tempos nossos
Ha de o passo de Jove a patria honrar-nos:
Hão de os netos de Luso, ao deus tão gratos,
Qual se vive no céo, viver no mundo:
Mixtos os numes, e os heróes veremos;

E, se rastos houver do crime antigo,
Apagados serão por teus influxos.
  De flôres se matiza em honra tua
A leda Natureza: o térreo seio
Levanta o myrtho ameno, a paphia rosa,
O loureiro honrador, e o molle acantho.
Nas varzeas para ti se está sorrindo,
De aurea espiga toucado, o mez de Céres;
Vae teus louvores murmurando o Tejo,
E ao potente Oceano, ao rei dos mares
Leva teu nome, o teu natal, teus fados
Na voz, que adoça ao proferir o annuncio.
  Atêam-se entre as alvas, brandas nymphas
Doces debates: entre si contendem
Qual primeiro abrirá nas vitreas lapas
Teu nome idolatrado; e qual primeiro
Teu aureo berço, teu virgineo corpo
Na téla imitará com sabia agulha.
Tumultuando os céos trovão de bronze,
Não murcha corações, não tolhe os hymnos
Que o transporte, que o jubilo desata.
O numen da braveza, o deus do sangue,
Ouvindo que teu ser já luz no mundo,
Do carro assolador saltando alegre,
O elmo, a lança, o pavez arremessando,
Ficará tão sereno, e tão macio,
Como quando entregava, acceso em gostos,
De Venus ao regaço a crespa fronte,

E co'as armas folgando os Amorinhos,
Do caracter deposto escarneciam,
Caracter surdo aos ais, aos prantos surdo,
Que uns olhos, que um sorriso amolleceram.
Melindrosa, gentil, real menina,
Cópia das Graças, dos Amores cópia,
Filha digna dos paes, delicia d'elles,
Cresce, brilha, prospéra, exulta, vive:
Quaes são teus olhos os teus dias sejam,
Claros, formosos, innocentes, puros!
Querida prole, a conhecer começa
A carinhosa mãe, que magoaste
Com agro pezadume em longos dias;
Melhora os risos teus nos risos d'ella:
És semidéa, ficarás deidade.

Actriz

Para o penhor mimoso
D'entre os syderios lumes,
Olhae, benignos entes,
Olhae, propicios numes.
A providencia vossa,
Vosso favor merece
Quem tanto, oh divindades,
Comvosco se parece.
Genio de luz composto
Córte os ceruleos ares,

E dos monarchas lusos
Orne os pomposos lares.
  Ao marchetado berço
Risonho se approxime,
E ali requinte as graças
De espirito sublime.
  Seus luminosos fados
Zelando em cofre de ouro,
Lustre, enriqueça o mundo
C'o singular thesouro;
  Affague a doce prole
Dos que são mais que humanos:
D'ella um só dia occupe
O que não cabe em annos;
  E quando em tardas eras
Voar d'entre os mortaes,
O céo na posse d'ella
Gose de um astro mais.

14

O Actor agradecido á Beneficencia Publica

(Recitado no Theatro do Salitre, no anno de 1798)

Interlocutores: Thalia, e o Actor

Actor

Filha de Jove, tutelar deidade
Dos vates immortaes, dos genios grandes,
Que sobre a scena golpeando o vicio,
Sementes da virtude arreigam n'alma,
E as fezes das paixões lhe extráem com arte;
Oh Musa festival! Não menos grata,
Não menos util á moral, e á vida,
Meneando o pincel, com que semeias
A critica verdade, o sal, e o riso,
Não menos util, sim, não menos grata

Que a magestosa irmã, desentranhando
Da funda escuridão dos tempos mortos
Exemplos, que do mal nos acautelem,
Ou modelos, que ao bem nos encaminhem:
Os terriveis affectos da grandeza,
Os crimes da ambição, de amor os crimes,
As artes da politica impostora,
O baque dos imperios derrubados;
Os Regulos, Catões, Horacios, Codros,
Rivaes dos numes, victimas da patria:
A innocencia acolá gemendo em ferros,
Ali torcendo as leis protervo abuso;
Ora o justo por terra, ora exaltado,
Ora ovante a maldade, ora abatida;
Já com brutas paixões a humana especie
Submersa no labéo, no horror, na infamia,
Já virtude alteando a Natureza,
Em amplos corações ardendo a gloria,
E, fertil de portentos, conseguindo
Que, envolta no heroismo, agrade a morte.
  Assombros de Melpómene sagrada,
Voltaires, Crebillons, ministros d'ella,
Que a attenção subjugaes, o gosto, a mente,
Vós culto mereceis, vós sois eternos,
C'os outros, que immortaes vos precedêram
D'alta memoria na fragosa estrada!
  Mas tu, Plauto do Sena, eximio vate,
Tu, que dos corações sondando o abysmo,

Com vista imperturbavel em si mesmos
Estudaste os mortaes: pintor insigne,
Que o prazer, e o proveito entrelaçando
No engenhoso matiz das ledas cores,
Quaes são, quaes foram debuxaste os homens,
Das meãs condições fizeste o quadro,
E ao quadro breve reduziste o mundo!
Tu, que, não pago de instruir co'a penna;
Co'as vozes sazonaste os fructos d'ella,
Tu és credor tambem da eternidade,
Alumno de Thalia! — E por teu nome
Hoje espero impetrar da casta deusa
Favor, benevolencia, abrigo, influxo;
Hoje que, deferindo ás preces minhas,
Do sacro monte as veigas desampara,
Sáe d'entre o vario circulo brilhante
Das divinas irmãs, do irmão divino,
De Phebo, que revolve, entende os Fados,
E no peito mortal se embebe ás vezes.
Oh Musa, que me attendes, que trocaste
Pelas margens do Tejo as do Permesso,
E no clima gentil, que aromatisas,
Vês luzir florecente amenidade,
Vês tão risonho o céo, tão verde a terra,
Sentes de mil Favonios os suspiros,
A ciciosa turba, que vagueia,
Pulindo os ares, namorando as flôres,
Quaes lá no cume exelso, estancia tua:

Digna-te de influir-me activas forças,
Capazes de hombrear com meus desejos:
De ti pende o regrar-me a voz, e o gesto,
Para que nem transponha a Natureza
Nas azas de fervor desattentado,
Nem cobarde rasteje áquem da méta,
Roto o véo da illusão. Meus olhos pintem,
Mostrem meus labios a influencia tua,
Agora que de esplendido congresso
Magnanimo favor me especialisa,
Geral beneficencia a mim dimana.
  Honre os suores meus, oh divindade,
A gloria de attraír mais digno premio,
A gloria de aprazer aos illustrados
Nest'arte de sentir paixões alhêas,
Quasi transmigração a essencia nova.
  Ás supplicas mortaes propicía annues!
Feliz meu coração! Feliz meu rogo!

Thalia

  Honrosa gratidão te inflamma o peito,
Da patria o doce amor te ferve n'alma,
Sagrados, candidissimos objectos,
Que da terra, e dos céos merecem tanto!
Prometto de inspirar-te em honra sua;
Não temas fraquear, terás comtigo
Nos lances, nas acções de mais momento

Não visiveis os manes instructores
D'aquelles que no Tamisis, no Sena
Ao claro nome seu padrões alçaram,
Ou revocando as generosas cinzas
De finados heroes, ou exprimindo
Em caracter menor paixões mais brandas;
Cingidos de tal arte á natureza,
Que a mente, pelos seculos errante,
Oh Grecia! Oh Grecia! Teus milagres via,
E o mais em que se apraz a humanidade.
Exerce, actor ditoso, exerce as forças,
Que á patria, de que és filho, estás devendo;
Confia na assembléa espectadora,
Na sublime nação, que afaga as artes,
Que, á virtude, ao saber, e ás Musas dada,
Tambem com mestra mão colheu meus louros.
  Lá onde entrar não ousam tempo, e morte
Os Ferreiras, os Sás perennes brilham;
Elles no meu thesouro estão velando,
E o genio creador, que os fez eternos,
Mil vezes das estrellas deslisado,
Em lustrosos effluvios se reparte
Por vós, oh lusos vates, que inda á Fama
Dareis com que afadigue as linguas cento,
E a plaga occidental por vós espante
As outras, do renome alheio escassas.

ACTOR

Oh mais que fausto agouro! Oh patria! Oh numes!
Oh deusa protectora! A teus influxos
Sagrarei por altisonos cantores
De ethereo resplendor c'roados hymnos.

15

Ao Publico
em nome de Leocadia Maria da Serra
no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro do Salitre, no anno de 1799)

Interlocutores: Actor e Actriz

Actor

Por uma estrada só não se encaminha
O genio lidador, votado á Fama:
As diversas paixões tem fins diversos,
São diversos os gráos, onde a virtude,
Onde a gloria aos mortaes colloca os nomes.
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte
Raios de ferro, ou bronze arrosta aquelle:
Arde, freme, esbravêa, arqueja, espuma,
Em quanto, do espectaculo atterrada,
Parece que recúa a Natureza.
Este em douta vigilia, e reclinado
Da planta de Minerva á sombra amiga,

Estuda os corações, estuda os tempos,
Sonda costumes, caractéres sonda,
E, corrigindo os mais, a si corrige.
Est'outro, desdenhando a baixa terra,
Nos extasis phebêos discorre os astros;
Travam seus olhos do futuro esquivo,
Da immensa eternidade arranca os Fados:
Mortal na condição, na voz é nume.
Renascem Raphaeis, Phidias renascem;
O magico pincel prodigios vérte,
E em milagrosas mãos a pedra vive.
  Tu tambem, raro dom, tu, dom lustroso
De exprimir as paixões, de erguer á vida
Claros heróes, que no sepulchro dormem;
Tu, ante quem o avaro ímpetos sente
De ir desaferrolhar thesouro inutil,
Malfeitor coração detesta o crime,
O que em sangue esparziu compensa em pranto,
E, ou receie o ludibrio, ou ame a gloria,
O mau se torna bom, e o bom perfeito:
Portentosa illusão, que senhorêas,
Que encantas corações co'a voz, e o gesto,
Tu na posteridade aos que te exercem,
Se és d'elles dignamente exercitada,
Classe (e classe não infima) grangêas.
  Quanto ao sexo mimoso apura as graças
Est'arte, a mais irmã da natureza!
Congresso espectador! Vós o sentistes

*

Quanto aquella, que é hoje objecto amavel
Do publico favor, pintou nos olhos,
Nos labios, nas acções, nos ais, nos prantos
O terror, e a piedade, alma da scena,
O affecto conjugal, e a dor materna,
Envolta em longos véos da cor da morte!
Benignos corações, hallucinados
De eloquente, pathética apparencia,
Julgastes ver surgir da morta edade
A esposa de Raúl, e em mil suspiros
Mandar o pensamento á sombra amada.
Soáram vivas, lagrimas correram,
Do transporte geral não dubia prova;
E a terna gratidão, sagrado affecto,
Vem tributar-vos sentimentos puros
Na doce voz da revivente Elisa.

Chega, e vê que espectaculo pomposo,
De illustres cidadãos vê que assembléa
Concorre a proteger-te; ouve que applauso
Generoso te exalta, e vae fundando
Em robusto alicerce a gloria tua.
Os dous formosos dons — temor, e pejo, —
Realces de teu sexo, não supprimam
Da bella gratidão sensiveis mostras.
Sólta a candida voz da singeleza,
Que em silencio te escuta um povo egregio,
Um povo, o mais feliz, e o mais amavel
De quantos sobre a machina terrena

Prodigios immortaes tem dado á Fama;
Um povo submettido a leis macias,
Que a mão de um semideus dos céos traslada,
O povo de João, do heróe, do amigo,
Do pae commum, do bemfeitor da patria,
D'aquelle em que a virtude é só grandeza;
D'aquelle, que de si por nós se esquece;
D'aquelle em cujos dias luminosos
D'entre os fuzis dos seculos dormentes
Rebentam de Saturno os aureos dias.
Enche um sacro dever, e a voz desprende.

Actriz

Excelsa patria minha, espectadores,
Que tanto, e tanto honraes co'a voz, e os olhos
Meus timidos ensaios sobre a scena;
Propicio tribunal, em que é julgada
Débil mulher, que pávida caminha
Por espinhosa, incognita vereda,
Onde o genio talvez, onde o costume
Tambem se desacordam, se extraviam;
Ou tudo vem do ensino, ou vem do exemplo:
Recentes para mim o exemplo, o ensino,
Fertilizar minha alma inda não podem,
Nem conferir-lhe o tom, nem dar-lhe o gesto
Com que um animo em outro se converte.

Mas vejo reluzir brilhante agouro,
Que, afagado por vós, me aponta ao longe
Digna da patria n'um futuro honroso.
  Da gloria no horisonte os olhos fito,
E á publica, efficaz beneficencia
Meus dias consagrando, anhélo o tempo
Em que os esforços meus, os meus desvélos
C'rôe mais a razão do que indulgencia,
E eu clame, decantando alta victoria:
«Porque é gloria da patria, estimo a gloria.»

16

Despedida de Antonio José de Paula aos Portuenses,

(Recitado no seu Theatro no anno de 1802)

Alta virtude, sentimento augusto,
Que, absorto no esplendor, na dignidade,
Na grandeza, no ser, distancia, fórma
Das estrellas, do sol, do mar, da terra,
De quanto constitue a Natureza,
Ergues de céos em céos ao rei dos entes
Nuvem de aromas, que perfuma os hymnos,
Quando além do universo, além do espaço
Se embebe a voz mortal no seio eterno!
Divina Gratidão, que até rompêste
Por entre immenso horror, de Lybia os ermos,
Que déste nos leões exemplo aos homens,
Que do novo espectaculo assombraste
O vasto circo da orgulhosa Roma,
Tornando carniceira, horrivel féra
Ante o seu bemfeitor macia, e branda!
Divina Gratidão, tu és, tu foste,

O orgão de meu dever serás co'a patria.
Meus labios com teus sons aromatisa,
Dá-me a tua energia, impulso, alteza
Converte-me em ti mesma, ou sê meu nume.
Egregios, venturosos habitantes
Do opulento, affamado, antigo emporio,
D'a, que aos patrios annaes, ampla cidade
Nos fastos deu materia, e nome a Lysia,
Filhos de excelsa mãe, da torreada,
Magestosa rival d'alta Ulysséa,
Sensiveis attendei-me, ouvi benignos,
Verdade, e gratidão, que sôam d'alma.
Nos campos desiguaes onde Thalia,
E a carrancuda irmã, com riso, e pranto
Melhoram corações, o vicio punem,
Ousei com rosto imberbe, e planta incerta
Dos Barons, dos Le Kains seguir a estrada,
De fragoso terreno, e fim remoto.
No estudo, no suor, no ardor, no gosto
Meus dias envolvi, sonhei doural-os
De um brilhante futuro: honrar, e honrar-me.
Tentou ave rasteira os vôos de aguia,
Já no clima natal, já n'outros climas;
Cem vezes adejei, tremi cem vezes
Ante os cumes da Gloria, a mim vedados:
Queria o coração, não pôde o genio.
Co'a mente recuando ao gran principio
Do merito, que luz na scena heroica,

Do merito, que luz na média scena,
Vi que, emulos, eguaes, o actor, e o vate
Deviam florecer nas artes suas;
Que ao genio imitador, na voz, no gesto,
Nos ais, no pranto, no terror cumpria
Reforçar a illusão, que em igneo metro
De assombrosas paixões presente o quadro,
Ou mostra em tom meão communs affectos.
  Eis aos olhos mentaes me off'rece Athenas
A terrivel tragedia, alçando o braço,
No semblante o furor, n'alma o remorso,
Entre luctos, punhaes, traições, venenos.
Além vejo Menandro, ali Terencio,
Plauto ali, motejando humanos vicios,
Correndo a grandes fins por tenues meios;
Olho os mestres da Scena, os orgãos d'ella,
Que fazem da illusão brotar proveitos,
Quaes nunca, ou mui d'espaço os dá verdade.
  Venerando espectaculo da idéa,
Graves objectos, que atterraes audacias,
Sereno, todavia, ouso arrostar-vos.
A patria me protege, influe, excita,
A meu tremente adejo alenta os vôos,
Acolhe-me o fervor, me avulta o nada.
  Illustres cidadãos, congresso amavel,
Á sombra de Ulysséa, á sombra vossa,
Meus fados abriguei, meu ser, meu nome.
Caracter grande, espirito sublime

Honra as margens ao Tejo, ao Douro as margens;
Aqui confere o genio, e lá confere
Beneficencia, amor, esteio ás artes.
  Nadando o coração n'um mar de affectos,
Ao mais sentimental que sáe d'entre elles,
Á magoada saudade as vozes pede,
Que de violenta ausencia o custo exprimam...
Mas porque exerço a voz, se da amargura
A suprema eloquencia está nos olhos?
Vai zelada em meu peito a vossa idéa,
Zelada contra os Tempos, contra os Fados:
Da minha gratidão perenne, intensa
Serão mais um triumpho a Morte, e o Lethes.
  E tu, que, attento ás leis, á patria, á gloria,
De Astréa imparcial cultor, e alumno,
O publico repouso estás velando;
Tu, alto pelos teus, por ti mais alto,
Que afagas, que mantens, que fertilizas
Magnanimo, illustrado, as artes bellas:
Prospéra, em honra tua, em honra d'ellas.
Dure, brilhe teu nome em quanto o Douro
Levar nas fartas ondas turbulentas
Mais guerra que tributo ao rei dos mares.

17

Ao publico, em nome de um actor no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, no anno de 1803)

Requintado artificio além da méta
Tentava da illusão levar o imperio.
Graças mimosas, feminis encantos,
Espinhosos desdens, macio afago,
Prisão tão doce aos corações, o riso,
E o pranto, aos corações prisão mais doce:
Affectos, que dulcísonos se exhalam
Na voz, orgão de amor, feminea, branda,
Ha pouco, em som viril falsificados,
Um agro não sei que deixavam n'alma;
De ternas sensações (já dor, já gosto)
Vazio o peito, suspirava encher-se;
O pensamento, o coração pediam
Mixto aprazivel de verdade, e engano.
 A sabia Natureza, a mãe das artes
Eis volve á scena lusa, e já com ella
Florece a formosura, attráe, sacia

Olhos sedentes, soffregos ouvidos.
Zenobia, Elysa, Cleofide acordam
De eterna escuridão, de ferreo somno.
Dos seculos o pezo ellas sacodem,
E em niveas faces, em purpureos labios,
No talhe magestoso, em alma, em tudo,
Vem reinar sobre a scena, e são quaes foram:
O attento espectador palmêa, exulta,
E a fonte das paixões borbulha, e corre
Por flóreo, natural, gentil caminho.
Eu, oh d'alta Ulysséa illustre povo,
Eu de tenues paixões frouxo arremedo,
Em habito fallaz exercitando,
Os quadros distingi moraes, e amenos,
Onde alegre illusão com risos mente.
Meu passo, minha voz, vontade, affectos
Á natureza em fim se restituem:
Qual me quiz, qual me quer, qual sou, pratico
O que arte escassa, o que mesquinhas luzes
Á mente escura, indocil me doáram.
Espectadores meus, que honraes meu dia,
Risonha complacencia os erros doure
Do inerte, humilde actor, que a patria implora.
Sêde o que fostes, e talvez, surgindo
D'entre os nomes communs, será meu nome,
Oh claros cidadãos, prodigio vosso.

18

Ao publico, em nome de um actor no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro de.....)

Musa de altas paixões não vem na scena
Aos olhos franquear sanguineo quadro;
Hoje as furias d'Amor punhaes não vibram,
Nem vérte surda morte em peito incauto
Co'a dextra da traição lethaes venenos:
Não tendes que temer, almas sensiveis,
Agra impressão de lugubres affectos:
Não, não vereis o parricidio negro,
Com serpes na melena, e serpes n'alma,
Todo o inferno embeber no insano Orestes;
Não, não vereis phrenetico ciume
No silencio, nas trevas ululando,
Nivea belleza em flor murchar sem mágoa,
Encantos divinaes sumir ao mundo,
Gesto mimoso, de innocencia ornado,
Olhos, e labios, que chorando, e rindo
Doce tumulto nos sentidos movem;

Trança de anneis subtís, brincando em ondas,
Cólo de amores, halito de rosas
Zaira não soltará nas mãos do amante
Entre os ais de ternura os ais da morte:
Não ha de enternecer-se, arripiar-se
A mente, e o coração na dor de Elaire,
Na sanha de Orosman, de Atrêo na taça.
  Surge á scena espectaculo attractivo,
Em que Amor com Virtude, em nó suave,
Os costumes abrande, ameigue a vida.
Notarás outra vez, congresso illustre,
Congresso bemfeitor, por quem mil vezes
Agros destinos meus se tornam doces,
Outra vez notarás o puro exemplo
Dos muitos, que exercitas, dons sublimes;
Verás, desaggravando a Natureza,
Facticia condição não dar virtudes,
O caracter moral não vir da sorte,
E o genio dos heróes luzir nos servos:
Em quanto pavonêa inflado orgulho,
Cevando de illusões a idéa esteril,
Todo ufano de si, talvez de nada,
E os olhos de travez lançando apenas
Aos que em somenos gráo quiz pôr Ventura;
Porque nescio confunde os gráos, e as almas.
  Generosa nação, que não confundes
O que deu Natureza, e deram Fados:
Oh patria, que hoje em mim teus dons semêas,

Acolhe, escuta com silencio honroso
Os exforços de actor snbmisso, e grato,
A quem renovam descaído alento
Louvor, e amparo, de prodigios fonte.
O prestimo é dever sagrar-se á patria,
O que valho, o que sou jurei sagrar-lhe:
(Se pouco valho, e sou, dar mais não posso).
Do publico favor medrando á sombra,
O pio sentimento em mim se arreiga:
No merito não lógro o jus da gloria,
Porém meu coração de vós é digno:
Immutavel comvosco, eterna, immensa,
A minha gratidão será meu fado.

19

Ao publico, em nome de uma actriz que representava o papel d'Ericia na tragedia «A Vestal»

Das victimas d'Amor carpiste os fados,
Sensivel assembléa, egregio povo:
A Musa do terror, do pranto a Musa,
Mesclando affectos dous, que a scena regem,
A fonte ás sensações abriu nas almas.
Por artes de illusão revivem tempos,
Dos abysmos da morte heróes assomam,
E inda a ser existencia aspira o nada.
Aos vates, a mortaes, mas quasi numes,
Dos numes o maior de si deu parte;
Deu-lhes, que sobrepondo o genio aos fados,
Nos seculos por ser, e nos que foram,
Fizessem resurgir, nascer fizessem
Entes de alto caracter, de alto nome,
Ou indoles fataes á Natureza,
Ou ternas condições, escravas d'ella:
Taes vistes, foram taes—Ericia—Afranio;—

O féro Amor, ou déspota do mundo,
Que os homens agrilhoa, impõe aos deuses,
O cruel, que entre viboras, e flores
Nectar, nectar promette, e dá veneno
Aos tristes corações, que mais o adoram:
Elle, o commum tyranno, aos dous amantes
Lamentados por vós, em vez de glorias,
Deu ancias, deu cypreste em vez de myrtho:
Tenra belleza em flôr, virginea rosa,
D'elle por impia lei cahiu sem vida,
E o misero amador, que a vê luctando
Co'as angustias mortaes, no peito embebe
O ferro, com que Amor fadou seu termo;
Ferro, que inda goteja o sangue amado,
E em purpura trocou do seio a neve.
Assás haveis honrado, assás carpido
Os sem ventura, e candidos amores,
Os suspiros sem mancha, o caso acerbo,
A heroica intrepidez, verdugo d'ambos.
Descei vossa attenção, descei risonhos
Para objecto menor: sou eu, não ella,
Não Ericia, que falla: o chôro, as mágoas
Convertem-se em prazer na face, e n'alma:
Nem tormentos de Amor, nem fraudes suas
Meus labios, olhos meus agora exprimem;
Mas gloria, gratidão, que fervem, soam
Da protegida actriz na voz, no peito:
Ao merito vulgar, que rója, e treme,

Azas daes, com que imite adejos de aguia,
E além da propria esphera afoute os vôos:
Eu nada sou por mim, por vós sou tudo:
Mais que humano poder, poder sagrado
Por vós meu ser, meu grão, meu fado altêa.
Lysia, mimo do céo, da terra esmalte,
No seio amigo me acolheu piedosa:
Serenos dias meus são dons de Lysia,
E até que os deixe o sol, que os turve a morte,
Até que os desampare a luz da vida,
Os vossos mesmos dons vos sagro, oh lusos!

20

Ao publico
em nome da actriz Claudina Rosa Botelho

(Recitado no dia do seu beneficio, no anno de 1805)

Actriz — *Claudina Rosa Botelho.*
Actor — *Victor Prophyrio de Borja.*

Actor

Os campos da Virtude estão desertos;
Não vê, não descortina o pensamento
De Lybia os areaes tão sós, tão tristes!
Ao menos os leões ali campêam,
Honram co'a magestade a Natureza,
E na coma lhe ondêa o regio brio;
Ao menos ante os sóes, que lá flammejam,
De raio assolador, de raio infesto
Ostenta escamas de ouro a serpe enorme,
Multiplica os aneis, é mil, e é uma:
Isto mesmo, este horror, esta fereza
No quadro do universo é formosura.

*

Oh campos da Virtude, estereis campos,
Dos serenos mortaes delicia outr'hora!
Mudou-se o gosto seu, de vós se temem;
Tal do Caucaso bruto, ou bruto Atlante
(Invasores do céo, crespos de rochas)
Recúa o passageiro, e pasma, e foge!
«Volveste ao lar de Jove em rosea nuvem,
Tu, mestra das acções, dos bens origem,
D'alma, do coração lei viva, e sancta:
Este globo, oh Moral, desamparaste!
Com azas de relampago, seguindo
Teu fulgurante adejo, a prole tua
Dos astros muito além pousou comtigo:»
O azedo misanthropo assim vozêa,
E céva o negro humor, o humor bravio
Nas scenas immoraes, que a terra off'rece.
Enrugado censor, não mais carregues
O pezado sobr'olho! Em honra á patria
Dos sabios, dos heróes, perdôa ao mundo:
Dos sabios, dos heróes a patria é Lysia;
Não fugiu para Jove o côro amavel,
Acolheu-se de Lysia ao seio intacto:
Flores ali desparze, ali perfumes,
Que o halito de um deus de si vaporam.
Alveja o divinal, o ethereo enxame;
Filtrado nectar seu, qual doce orvalho,
Cáe sobre as almas, e a Moral florece.
Não olhe a mente ao longe alto heroismo

No luso, marcio peito, a quem regala
Férreo costume de lidar co'a morte;
Não veja torrear no pégo immenso
O immenso Adamastor, procellas todo,
Que zela carrancudo as virgens ondas;
Mas depõe, mas submette aos fados nossos
A furia gigantêa, acceza em raios:
De assombros immortaes, de acções que vivem
Na idéa, o coração não se honra agora.
Guerreiras, e pacificas virtudes
(Mixto com que os mortaes se tornam deuses)
São de Lysia o caracter portentoso:
Deu leis co'a mansidão, co'a força espantos,
E a mansidão gentil vê como exerce
Comtigo, hoje entre tantas distinguida
Do publico favor, do patrio affecto;
Olha a Beneficencia, o dom formoso
Dos céos tão filho, e nos mortaes tão raro,
Como te anima, te prospéra, e c'rôa:
Ah! Cumpre que ao dever ternura unindo,
Mimosa gratidão te adorne os labios;
Falla: sôe o dever, sôe a ternura.

Actriz

Tropel de sensações, moral tumulto,
Oh patria, oh doce patria, me assaltêa!

De affectos na torrente alma soçobra,
E só dá phrase nua á boca inerte.
Dizer que és mãe de heróes, que és mãe de justos,
Que o genio enlouras, que o saber laurêas;
Que ao merito commum, tremente e frouxo,
O susto despes, a energia infundes;
Que outra por teu favor me creio, ou sinto,
E que aspiro com elle a dar-me á gloria;
Que á vasta, magestosa, olympia estancia
Onde entre os Fados a Memoria é nume,
E onde os sellos impõe da eternidade
A titulos humanos, já divinos,
Do gran livro immortal nas folhas de ouro;
Que lá, co'a intrepidez do enthusiasmo
Por milagre da patria eu sonho erguer-me:
Isto já se escutou de gratas vozes,
Isto a meu coração talvez não basta.
Exhaure a phantasia os seus thesouros,
E áquem do teu louvor desejos ficam.
Dotes brilhantes, sociaes virtudes,
Aos ternos filhos seus de Lysia emanam,
Com practica sublime, aureo costume:
Sou terna filha sua, e da piedosa,
Da benefica mãe, que a prole amima,
Dotes, virtudes em silencio adoro.

ACTOR

Cumpriu-se alto dever, e a patria annúe
Ao nobre affecto com sorriso ameno.

ACTRIZ

Se aos sentimentos meus annúe a patria,
Outra gloria, outro fado aos céos não rogo.

ACTOR

Fervam-nos sempre n'alma eguaes extremos.

AMBOS

O que a Lysia se deve a Lysia dêmos.

21

Ao publico
em nome de uma actriz do theatro
da rua dos Condes

(Anno de 1805)

A Musa, que nas scenas de Ulysséa,
Não sem gloria, ajustava o métro á lyra,
De Elmano o só thesouro (a socia mésta
Da, quasi muda cinza, aérea sombra)
Inda um salvè tremente á luz envia,
E dá versos á patria, ou dá suspiros,
Da nobre Gratidão pelo orgão puro.
Oh Lysia! Escuta os sons, talvez extremos,
Que do seio affanoso, a custo, exhala:
(O cysne divinisa os sons na morte)
Ouve, em métro não baixo, ouve alto affecto,
Que me honra o coração, na voz me ferve,
E no patrio favor a ardencia nutre.
    Recente arvoresinha em chão bravio,
De humor celeste definhando á mingoa,
(E mimosa jámais de um sol fagueiro)
Eu para a terra, para a mãe pendia,
Que os succos mesquinhava ao tenro arbusto,

Talvez de produzil-o arrependida.
Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,
Me extráe, propicio, do terreno avaro,
E em liberal torrão me põe, me arreiga.
Subito espérta, subito enverdece
A planta moribunda, e qual se, oh Lethes,
Afferrasse a raiz nas margens tuas,
Que das Furias o bafo esterilisa,
Influxo animador me altêa, e fólha;
Halito ameno de vivaz Favonio
Com macios vaivens me embala os ramos,
Flores me adornam, fructos me ataviam:
Os sorrisos da patria, os mimos d'ella
Estas boninas são, são estes fructos.
Das trévas, e da morte as aves feias,
(De atra voz, em que o Fado ás vezes sôa)
Fogem d'entorno a mim, carpindo agouros,
Nas agras, negras furnas vão sumir-se;
E na coma louçã gorgêa encantos
Teu cantor, Primavera, o vosso, Amores.
    Quanto sou, quanto valho, a Lysia devo,
E a Lysia o coração na voz consagro.
Acólhe com ternura, acólhe, oh patria,
As offrendas por mim do triste vate,
Que para te cantar surgiu da morte,
E em ancias balbucía o tom dos numes:
Honra déste ao cantor, dá honra ao canto.

22

Para servir de «prologo» á comedia «O Extremoso»

(Representada no theatro da rua dos Condes, no anno de 1800)

Extremos, phrenesis, queixumes, prantos
Da funesta paixão, desejo insano,
Que envolto no prazer saltêa o peito;
Veneno abrazador, que os olhos bebem,
Que, disfarçado em nectar, se insinúa
No illuso coração, na mente absorta;
Sentimento oppressor da natureza,
Da vã philosophia em vão repulso;
Innata commoção contradictoria,
Fonte de crimes, de virtudes fonte,
O poder milagroso, inevitavel
De um sorriso, de um ai: divino encanto,
Cunho celeste, na belleza impresso;
Delicias, afflicção, fraqueza, e força,
D'entre um mesmo principio derivadas;
Raivosas sensações, não menos furias
Do que essas, que no Averno estão rugindo;
Chammas de tanto ardor como as que zunem

No tartáreo vulcão, de lava eterna;
O rei dos Males, o rival da Morte,
O Ciume, o teu raio, Amor tyranno,
Teu raio, que a Razão derruba, estraga,
Q'inda (oh pasmo! Oh terror!) depois de extincto
Deixa longo trovão soando n'alma:
Eis o quadro moral, de tristes côres,
Mas quadro proveitoso, interessante,
Que ao luso espectador se expõe na scena.
    Benignos cidadãos, sensiveis entes,
Que das ternas paixões sabeis o custo,
A doce tyrannia encantadora
Com que uns olhos gentís dominam tudo;
Extremosa nação, tu, que idolátras
Tenue cópia do céo na formosura;
Que elevas quasi além da Natureza
Os dous affectos em que os mais se absorvem:
Que tens no coração, que tens na idéa
Presos em laço de ouro Amor, e a Gloria;
Que, sentindo o que o mundo apenas sente,
Choras no damno alheio o proprio damno,
Nas fraquezas de um só vês as de todos,
Reconheces que amor é quasi um fado,
Um fado universal, que arrasta, e força
Á loucura, á desgraça, ao precipicio;
Que é despotico Amor, e o mundo escravo;
Que este imperio fatal não tem rebeldes,
Que a suberba Razão succumbe ao jugo,

E ás vezes (oh cegueira!) o jugo adora:
Extremosa nação! No grande objecto
Emprega mudamente os olhos d'alma;
É tão digno de ti, quam variado
De radioso matiz: verás que esmalte,
Que preço, que attracção, que luz confere
Á belleza exterior moral belleza;
Por entre desatinos da vontade,
Tumultos da paixão, sem lei, sem freio,
Por entre confusões, por entre sombras,
Que do cego amador o acôrdo enlútam,
Verás como florece, illesa, intacta,
A suave innocencia, inda mais bella
Se em lide porfiosa obteve a palma.
  Virtude os meios ama, odêa extremos,
Extremos são no mundo ou erro, ou culpa:
Do mesmo que abrilhanta a humanidade
Longe, longe, oh mortaes, o injusto excesso!
  Dramaticas acções tem só por alvo
O proveito commum: sarar costumes
Quando enfermos estão; com riso, ou chôro,
Com brandura, ou terror, fazer que brilhe,
Que triumphe a moral: d'aqui se colhe
Lição proficua, prestadío exemplo.
A escóla da verdade está na scena,
E tão pasmoso effeito ás vezes brota,
Que a virtude se aprende até no vicio.

23

Para servir de «prologo» ao drama «Nuno Alvares Pereira»

(Representado no theatro da rua dos Condes, no anno de 1801)

Varão digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia,
(Quando Grecia existiu, quando houve Roma);
Alta planta de reis, até dos mesmos
Que, só mortaes na essencia, o Tejo adora;
Pereira, aos seus, e a si pavez tremendo,
A dragos, a leões Alcides novo,
Vivo na tradição, na historia vivo;
Aquelle, a cujo ferro, a cujo raio
Da intriga, da traição caíram monstros,
E rôtas no alicerce, e derrocadas,
As torres da ambição, do orgulho as torres;
Aquelle, que, insoffrido a jugo extranho,
Foi base onde João manteve o solio,
Que aposta durações co'a eternidade:
Nuno, o maior talvez dos lusos Martes,
Que á publica razão, que ao bem da patria
Deu sangue, deu suor, deu pensamentos;
Que, surdo á natureza, em gloria absorto,

No peito aniquilou privado affecto,
E, de louros sombria a fronte excelsa,
Fatigadas por elle as tubas cento,
Em sagrado retiro ergueu da terra
(Cá d'entre os reis de pouco ao rei de tudo)
A mente, digna só da immensa Idéa;
Illusões expulsou, despiu phantasmas,
Achou verdade o homem, sonho o grande:
Eis o que hoje na scena, honrando-a, surge,
Aos lusos explendor, saudade, exemplo;
Semente, que expelliu milhões de assombros
Na edade em que medrou, nas que a seguiram.
Mas não sómente, oh patria, o claro objecto
Te domine a attenção, te chame os olhos:
Se abala os corações caracter grande,
Infausta condição quem não commove?
A Musa em que apparece o gran Pereira,
Negramente fadada, urdiu nas sombras
Difficil têa, que palpava incerta;
Do miserando auctor nos olhos tristes
Eterna escuridão pousou mais cêdo.
Nos abysmos da morte, á luz sumido,
Fervendo em sancto amor, que as leis arreigam,
Colhe entre espinhos de árida existencia
Fructos de gloria com que brinde a patria,
Propicio nome, que lhe ameigue os fados.
Que direito ao louvor! Que jus ao pranto!
Chora seu fado, oh Lysia, honra seu nome.

24

Fragmento

Para se recitar no theatro, por occasião de regosijo publico

(Anno de 1805)

....

Na vasta perspectiva encantadora
Se embebe o coração, se embebe a mente:
Oh pae da Natureza, eterno, immenso,
Este imperio proteje, onde a virtude
Erguida sobre o throno á sombra tua
O templo social reforça, estêa,
Manda que a paz celeste, e seus encantos
Em luminoso grupo abrindo as auras,
Baixem de Lysia novamente ao seio.
Ferva nos corações, nos olhos ferva
A ternura, esse bem por ti creado,
Para se consolar, e ornar-se o mundo:
Maravilhas de um Deus um Deus amime:
É do teu dôce amor João thesouro,
Não ouse negro véo nublar-lhe os dias;
Qual é seu coração seus dias sejam
Lustrosos, firmes, transparentes, puros:
Eterniza das leis o ardor sagrado

D'ellas escudo, consistencia d'ellas,
E o sol, reflexo teu, jámais aviste
Da tumba occidental ao berço Eôo
Virtude, que a João no throno eguale,
Grandeza, que deslumbre a patria minha!
Ah! Que em chusma, em tropel me estão surgindo
Sentimentos fieis, delicias d'alma;
Eia, soccorre a voz tremente, incerta,
E em hymnos sôe o cordeal transporte.

(Cantam.)

25

Fragmento de um prologo, para se recitar no theatro

(Anno de 1805)

Hoje surge ante vós, congresso illustre,
A Musa, que fatal, que desgrenhada,
Rege scenas de horror, scenas de sangue:
Que nas cruentas mãos, nos olhos feros
Traz desesperação, punhaes, venenos;
Que as eras tenebrosas invadindo,
Entrando por montões d'edades mortas,
Co'a vigorosa mão revolve as cinzas,
Tyrannos arrebata, heróes arranca
Ao silencio do nada, ao somno eterno.
Colhe d'entre os annaes do antigo mundo
Feias paixões, catastrophes medonhas,
Virtudes, vicios, a innocencia, o crime;
Colhe os males d'então, e os males de hoje,
Esses, que a Natureza envenenaram,
Esses, que a Natureza inda envenenam.

Devorante Ambição tragando imperios,
A Discordia brutal desfeita em raios,
Rubras ondas fervendo em torno d'ella;
Politica feroz as leis calcando,
Negra Perfidia vaporando infernos;
Da razão, da vontade Amor dispondo,
N'uns olhos, n'um desdem, n'um ai, n'um riso!
....

26

Offerecido ao juiz e mais festeiros de Nossa Senhora da Graça da Carnota

Dôce filha do céo, dôce harmonia!
Ao seio dos mortaes ás vezes désces,
E qual rutilas na mansão dos numes,
Sobre a terrena estancia resplandeces:
Principio da união, que liga os entes,
E que n'um só paiz o mundo tróca,
Honra meus labios de teus sons divinos,
Anima o vate, cuja voz te invoca.
Celeste commoção, virtude augusta,
Sagrado zelo, singular piedade,
Conduz almas fieis a que celebrem
Solemne culto á summa divindade.
Dos gratos corações escandecidos
Nos extasis subindo os hymnos soam,
E os incensos, que o céo paga em sorrisos,
Purificando a terra, aos astros voam.

*

Prole da immensa luz, porções do Eterno,
As harpas de ouro modulando afinam,
E os olhos, onde o nume reverbera,
Sobre a terrestre pia turba inclinam.
És da etherea attenção primario objecto,
Tu, que presides ao fervor sagrado,
Tu, magnanimo Silva, em cujo peito
O caracter da gloria está gravado:
E tu, de malfadados meigo asylo,
Tu, moral copia d'elle, amavel Serva,
A quem na eternidade um gráo sublime
Entre os amigos do homem se reserva;
E vós, eguaes na fé, no ardor, no extremo
Aos dous egregios peitos, que decanto,
Viannas, e os demais, em quem se apura
De homens, e numes o commercio sancto;
Não menos vós, metades carinhosas
Dos animos gentís, que entrego á lyra,
Não menos mereceis, esposas bellas,
As honrosas canções, que Phebo inspira.
Exercitae, cumpri, christãos ferventes,
A fé, que os corações vos afoguêa;
Tereis o galardão sobre as estrellas;
O que a terra edifica, o céo premêa.

A CONCORDIA

ENTRE AMOR E A FORTUNA

DRAMA PARA MUSICA, EM UM SÓ ACTO

Dedicado aos annos da illustrissima senhora
D. Anna Joaquina Cardoso Accioli, natural da Bahia

S' asconda Amor n'ella mia cetra, e dia
Sol concenti d'Amor la Musa mia.
Metast. Epithal.

ACTORES

AMOR. — VENUS. — A FORTUNA.
Côro dos Amores e das Graças. — Genios alados, que acompanham a Fortuna

A scena se figura em um bosque aprazivel.

SCENA I

Amor e os Amores

CÔRO

Oh seculos formosos,
De candidos costumes
Em vós mortaes, e numes
O jubilo egualou.

AMOR

Que encanto, que alegria,
Graça, esplendor, pureza
Na infante Natureza,
Em todo o ser, brilhou!
  Então do tenro mundo
Á superficie amena
Descendo a Paz serena,
A terra em céo tornou.

CÔRO

Oh seculos formosos, &c.

AMOR

  O sol, então recente
Lá na recente esphera,
De assidua primavera
Té brenhas esmaltou.
  As ondas preguiçosas
A espaços desmanchando,
O mar fagueiro, e brando
N'arêa então brincou.

CÔRO

Oh seculos, &c.

AMOR

A um tempo ali se viram
O fructo, e flôr pendentes;
Em limpidas correntes
O nectar murmurou.
Em vós, oh almos dias,
Amor era um thesouro;
Em vós, oh dias de ouro,
Tudo sentiu, e amou.

CÔRO

Oh seculos, &c.

AMOR

Ah que saudade eterna
Turvára ao mundo a face,
Se o Fado a Amor negasse
O bem, que lhe outorgou!
Dos dous ao rogo, ao mando,
Do somno em que jazia
Surgiu celeste dia,
E a Natureza ornou.

CÔRO

Oh seculos, &c.

AMOR

Um dia em que mais leda
A rara nuvem córa,
E vem trajando a Aurora
Galas, que nunca usou:
Um dia em que tão bella,
Ou mais do que Acidalia,
Nascendo a meiga Analia
O imperio meu firmou.

CÔRO

Oh seculos, &c.

AMOR

Alados socios meus, fervente origem
Do jubilo supremo,
Que as delicias do Olympo a Jove apura;
Numes do coração, reis do universo,
Amores, elle em nós hoje prospéra;
Hoje da fonte de immortaes luzeiros
De novo emana um dia,
Que exalte, que remoce a natureza.
Salvè, natal de Analia,
Salvè, luz, com que Aurora
Mais que de tantas mil se ensuberbece!

Quando apontou vaidosa a vez primeira
Na de purpura, e de ouro
Tenue, bordada nuvem,
Que aljofares entórna,
Não tinha o brilho, a côr de que se adorna.
Eis os campos de Amor, eis os meus campos,
Aureo terreno amigo,
Por quem Paphos enjeito, enjeito Idalia:
Aureo terreno amigo,
Onde mais que mortal parece o gosto,
Onde embalsama os ares,
Onde serena os rios,
Dá viço, dá matiz, dá mimo ás flores
A salutar, fragrante
Respiração de Analia.
Analia, meu thesouro, e vosso encanto,
Merece a Amor, aos céos, aos Fados tanto.

ARIA

Verdes bosques, viçosas campinas,
Dos Amores suave morada,
Onde Analia mimosa, engraçada,
Qual a rosa louçã germinou:
Recamae-vos de tenras boninas,
Com que brinque Favonio ligeiro,
Que este dia, dos seus o primeiro,
Dos prazeres nas azas voltou.

SCENA II

Os Amores e a Fortuna, que desce rapidamente em um globo, ladeada de Genios

AMOR

Porém aos olhos meus que objecto assoma!
És tu, deusa fallaz, és tu, Fortuna,
De phantasticos bens depositaria,
Tantas vezes, ou sempre a Amor contraria?

FORTUNA

Sou eu, menino audaz, sou eu, que ufana
No dia mais credor ás graças minhas,
Entre os mil Genios que meu globo enfeitam,
Venho sobre estes campos deleitosos
Ratificar-lhe as ditas,
Ditas, que, em honra á minha dôce alumna,
Em honra á bella Analia,
Soltas das leis do tempo aqui florecem.

Pasmas, insano Amor, de que a Fortuna,
Cujas glorias motejas,
Mais brilhantes, mais sólidas que as tuas,
Baixe ao feliz terreno,
Onde raro penhor da Natureza,
Mortal quasi divina
Em dobro com meus dons, com meus afagos
Triumpha, resplandece?
Mais que a ti me pertence honrar seu dia,
Desdiz muito da minha a essencia tua,
É de outro gráo meu nume.
O respeito, o prazer, bastões, e os sceptros
São dadivas, são mimos
D'esta mão bemfazeja,
D'esta mão, que á de Jove apenas cede.
Com ella o mundo antigo, o novo mundo,
(Que, productor de Analia,
Sobresáe ao primeiro)
Com ella quanto existe abranjo, illustro.
E tu de vãos deleites,
Ou mortaes dissabores
Frivolo auctor, e venenosa origem,
De que os mesmos favores
Ao que os possue affligem,
Tu, que duros farpões atraiçoados
Ás molles almas, de que és deus, apontas,
Assim com voz proterva, assim me affrontas?

ARIA

Queres, menino insano,
Oppôr-te ás leis do Fado!
De meu poder sagrado
Teu nume é vão rival.
  Senhoreava os entes
Tua influencia outr'hora,
Mas o meu sceptro agora
É sceptro universal.

AMOR

  Debalde, varia deusa, te glorías
Co'as dadivas, que choves sobre o mundo,
Frageis, caducos bens, que o vulgo anhela,
Do vicio vezes mil, e raras vezes
Da virtude instrumentos.
Analia encantadora,
Alma brilhante no favor não cega
D'essa mão, que nomêas bemfeitora.
Thesouros de candura, e de belleza,
Seus lucidos costumes
Tem dôce origem na moral dos numes:
Pensas acaso que teus dons seriam
Capazes de atear não puro affecto
No consorte preclaro,

A quem protege Amor, Minerva escuda?
Esse, que em laços de ouro unido á bella,
O nectar gosta nos encantos d'ella?
Muito se deve a mim, tudo a seus olhos,
Da gloria que remata os meus triumphos
Agentes milagrosos.
Attréve-se a Fortuna a ter-me em pouco?
Entre as classes divinas
Presumes que teu gráo me sobr'eleva?
Eu sou pura nascente,
Manancial perenne
D'alta harmonia, universal, e eterna;
Sem mim ao mar, á terra, até aos deuses
Pezo insoffrivel a existencia fôra;
Por mim na immensidade, errantes, fixos,
Milhões scintillam de assombrosos mundos;
Por mim no seio das equóreas lapas
Ardem, cubiçam, reproduzem, crescem
Os mudos nadadores.
Eu sou, que ás varias, enramadas plantas
Dou alma, dou fragrancia, flores, fructos;
Sou eu, que aos bravos tigres,
Aos jubados leões converto as iras
Em rugido amoroso.
Por mim, tu, rôla, arrulas,
Geme a tenra, innocente, ingenua pomba;
Por mim subsiste, annexo á formosura,
Principio inexhaurivel de ternura.

ARIA

Por Amor conseguem vida
Homens, peixes, aves, flores;
Do céo cabe aos moradores
Rir da morte,
Mas por sorte
Tambem meus escravos são.
Té Analia branda, e bella,
Que os encanta, que os desvéla,
Já pendeu da minha mão.

FORTUNA

Tu, que ostentas de rei da natureza,
Que sacrilego arrogas
Té no arbitrio de Jove imperio summo,
E crês que a teus virotes
Cede o raio, o pregão da omnipotencia,
Rende graças ao dia
Em que Analia mimosa
Dispoz o orgulho meu para a brandura.
Se não fôra este indulto,
Se o momento dourado este não fôra
Em que serena abrindo
Os olhos divinaes á luz primeira,
Em vez de brando chôro,

Soltou sorriso brando,
E ser dos astros vinda
Mostrou na face linda,
Fizera...

AMOR

Que fizeras, que attentaras,
Caprichosa deidade,
Contra mais que celeste immunidade?

FORTUNA

Toda a tua altivez por mim repulsa,
Opprobrio teu seria:
Em quadro viras de affrontosas côres
Teus males, teus perjurios;
Pranto, e sangue por ti fervendo em rios;
A Suspeita rugosa
Perdida entre illusões, entre phantasmas,
Sombras palpando, e crendo;
Viras queixosas, pallidas Saudades,
Já fitos sobre a terra os turvos lumes,
Já vãmente alongados
Para climas ditosos, onde os gostos,
Os bens do coração lhe some a Ausencia;
Viras sobre vulcão de flamma eterna,
Respirando traições, venenos, furias,
De viboras mordidos,

E viboras mordendo,
Os Ciumes, a peste, a morte d'alma;
Viras... mas este dia é sacro a todos,
N'elle até entre nós concordia reine.
N'outro, aos céos menos grato,
Menos grato á Ventura, á Natureza,
Confessarás, dobrando
Ao pezo da verdade insania altiva,
Que o reforço, a columna,
A base do universo é a Fortuna.

ARIA

Os bens, se alguns crias
Com tua influencia,
Eguaes são na essencia,
Eguaes no prazer.
Os dons, que derramo
Com placido rosto,
Differem no gosto,
Differem no ser.

AMOR

Da lívida suspeita, e vil perjurio,
Da traição, da inconstancia, e da saudade,
Do pranto, e do queixume,
Do rabido ciume,

Inferno de apurados amadores,
Fallas, oh deusa injusta,
Como se fossem meus crueis ministros,
Crueis sequazes meus! Não consideras
Que o bando horrivel de tão negros males,
Que de Jupiter mesmo azéda instantes,
Prole não é de Amor, sim dos amantes?
Damnos sem conto, que aos mortaes fulminas,
Onde estão, fraudulosa? Onde se occultam
De raio vingador, que Analia vibra
Dos olhos fulgurantes,
Os companheiros teus, iniqua turba?
Onde enfunado Orgulho?
Veladora Ambição? Mirrada Inveja?
Onde inerte Preguiça,
Que as almas adormenta
D'esses que amimas, d'esses que te adoram?
Ah! Se não fôra d'este dia ameno
A gloria, o fasto, o resplendor, e a gala,
Que ethereo lustre eguala,
Talvez, voluvel deusa,
Talvez tuas pizadas não seguissem
Beneficencia, Gloria,
O Jubilo, a Brandura,
Mais, mais socios de Amor que da Ventura.

ARIA

Quando á Virtude
Ventura é presa,
Tórna a belleza
Mais singular:
Que por si mesma
Não é Ventura
Arte segura
Para enlevar.

Mas ah! Benigna mãe, tu, que em teu gremio,
De flores, e delicias enfeitado,
Commigo a linda infancia acalentaste
De Analia melindrosa,
Descuidas-te em seu dia,
Dia das Graças, dia dos Amores,
Descuidas-te de ornar com teus sorrisos,
Com tua voz divina
O solemne fervor, que tudo inflamma!
Eia, apressa-te, oh mãe!... Com vivo adejo
Dirige aqui, dirige
Das pombas amorosas
O niveo par gentil, que enfrêam rosas.

SCENA ULTIMA

Desce Venus em um carro tirado por pombas, entre as Graças, os Risos, os Encantos, etc.

VENUS

Socega, filho meu; não foi descuido
Minha longa tardança,
Antes cuidado, que de Analia bella
Me deve o genial, brilhante dia:
Era digno de mim, de Jove, e d'ella
Findar tenaz porfia,
Antiga opposição, fatal discordia
Entre Amor, e a Fortuna.
Attraídos vontade, e pensamento
A tão prestante objecto,
Na concha matizada os céos demando,
Entro de Jove os paços,
E ante a face immortal, com brandas preces
Extráio á mão suprema
Alto decreto, que a Fortuna obriga
A ser-te socia, oh filho, a ser-te amiga.
Em sacrificio terno
Áquella por quem és maior, mais nume
Que por tantas, e tantas
Com que o Tamise, o Tejo, o Tibre, o Sena
Sussurram de ufanía:

*

Oh que seculos vale a Amor seu dia!
Aprouve, apraz aos fados
Que de Analia se esquivem Tempo, e Morte.
Em seus dotes absorta
Razão me inspira que espontanea Venus
O cinto vencedor a Analia ceda,
E altar, e incenso, e culto.
Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,
Da nova deusa aos lares,
De aureas Virtudes templo,
Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo.

CÔRO

Acorde melodia
Vôe, enfeitice os ares,
E os magestosos lares
Sôem prazer, e amor.

VENUS

Tu sempre a elle unida,
Junto de Analia bella,
Gosa nos olhos d'ella
O olympico fulgor.

AMOR

Analia, que, sorrindo,
De corações se apossa,
É mais que imagem nossa
Na graça, no esplendor.

FORTUNA

Nada possue a terra,
Que a tanto bem se eguale:
Os meus thesouros vale
Seu minimo favor.

CÔRO

Acorde melodia
Vôe, enfeitice os ares,
E os magestosos lares,
Sôem prazer, e amor.

A VIRTUDE LAUREADA

DRAMA PARA MUSICA, EM UM SÓ ACTO

Representado no theatro do Salitre, no anno de 1805

Nuda... occurrit, per se pulcherrima, Virtus.
Cardos. Cant. de Tripol.

ACTORES

A Sciencia. — A Hospitalidade.
— A Indigencia. — A Policia. — A Libertinagem.
— O Genio Lusitano.

Logar da scena: Praça magnifica sobre as margens do Tejo.

SCENA I

A Sciencia por um lado e a Indigencia por outro com a Hospitalidade

SCIENCIA

Eu, que elevo os mortaes, e os esclareço;
Que méço a lua, o sol, que o mundo abranjo;
Que da vetusta edade aclaro as sombras;
Que entro por seus arcanos, e revóco

D'entre o pó, d'entre a cinza, d'entre o Nada
Ao seculo vivente as éras mortas;
Que dócil fiz o indómito Oceano,
Abysmo de pavor, de bojo immenso,
Que só por alta lei não sorve a Terra;
Eu, do gran Jove, confidente e imagem,
Que do Fado os mysterios desarreigo
E co'a moral dos céos cultivo o globo;
Eu, a Sciencia, eu fonte, eu mãe das Artes,
Que sei desirmanar na intelligencia
Entes, na fórma eguaes, na especie os mesmos,
Tornando-os entre si tão desconformes,
Qual dista do selvagem bruto e fero,
Macio cidadão, que as leis puliram:
Ah! não posso impetrár, colher dos numes
Para os alumnos meus pavez sagrado
A teus golpes, Fortuna, inteiro, illeso!
Sem que benigna mão lhe adoce os fados,
Sem que escassa piedade o chame á vida,
De vigilias mirrado o sabio morre.
Almas corrompe do egoismo a peste;
Camões, Homeros na penuria cantam:
Eil-os co'a gloria temperando a sorte;
Sôam prodigios de um, prodigios de outro;
Férrea caterva os ouve: admira, e foge.
Só quando o vate é cinza, o muito é nada,
Por elles se interessa o mundo ingrato;
Na gloria esteril de epitaphio triste

Sólidos bens o barbaro compensa:
Contradictoria humanidade insana!
No insensivel sepulchro os sabios honra,
E os sabios não remiu na desventura!
Quaes elles foram diz, não diz qual fôra:
Nas almas frias o remorso é mudo.
Ai dos alumnos meus! Soccorre-os, Fado,
Risca do livro eterno o duro artigo,
Que ao mérito, ao saber seus premios véda;
Aquece os corações no ardor da gloria,
Fraternisa os mortaes, onde suspiram,
Os poucos filhos meus co'a mãe prosperem;
E onde com seus innumeros sequazes
Colhe triumphos, a Ignorancia gema.

INDIGENCIA

Mãe veneravel, teu queixume ouvindo,
Amarga-me da vida o fel em dobro.
A filha tua, a misera Indigencia,
Que muda te escutou piedosas magoas,
Comtigo vem gemer, carpir comtigo
A moral corrupção, que empésta o globo.
Plagas e plagas entre as socias minhas,
Entre as mansas Virtudes hei vagado.
Pela voz da Pureza (a que é de todas
A mais formosa) deprequei o auxilio
De inchado cortezão, que um deus se cria.

Melindre, candidez, virginea graça
(Qual flor, em que era orvalho o dôce pranto)
Aos olhos do suberbo expoz seus males.
De gesto accezo, ovante elle a contempla,
Nem um momento á dôr constrange o vicio;
Em vil proposição, que as furias dictam,
Profana da Innocencia o casto ouvido,
E em cambio da virtude exige o crime.

SCIENCIA

Céos! Que infamia! Que horror! Prosegue, oh filha,
Succumbiu a Innocencia á vil proposta?

INDIGENCIA

Não, que nos olhos meus velavam deuses,
Fautores da virtude; escuta, e fólga.
O celeste rubor, que tinge a Aurora,
Sóbe á face gentil, e as rosas brilham;
Mas subito tremor branquêa-o logo,
Eil-a, de olhos no céo, e geme;
Eu porém, que no effeito observo a causa,
Ao seductor pestifero arrebato
O objecto divinal, que o torna um monstro.

SCIENCIA

Olha o céo na Innocencia a imagem sua.

INDIGENCIA

Murchas no horror do abominavel caso,
Inda comtudo as esperanças minhas
Levei de lar em lar, devendo a poucos
Piedade accidental; bati cem vezes
Ás surdas portas de sumido avaro,
(Sumido em subterraneo abysmo d'ouro).
Fallára o monstro, se fallasse a morte:
O silencio dos tumulos o abrange,
Ante o metal (seu deus) que em ferreos cofres
Co'a vista famulenta o vil devora;
Servos d'elle (o poder é tal do exemplo!)
Depois de longo espaço, e vans instancias,
Co'um desabrido «Não» me affugentaram.

SCIENCIA

De tudo ha monstros mil na especie humana;
Mas todos vence da Avareza o monstro.

INDIGENCIA

Attende ao mais, e adoçarás teu pranto.
Do centro da Impiedade em fim retiro
Os fatigados pés, e os dirijo aos campos,
Absorta nas imagens carinhosas,
Com que afagaes a idéa, oh aureos tempos!

SCIENCIA

Se ali não ha virtude, onde é que existe?

INDIGENCIA

Pobre choupana, que forravam colmos,
Humildes lares, que zelava um nume,
Attráem meus olhos, e meu passo animam.
Chego, e curvo ancião, que ali repousa,
Grande em seu nada, na indigencia rico,
Sorrindo-se me acolhe, amima, e nutre.
Santa Hospitalidade! Eras a deusa,
Que o rugoso varão, madura esposa
E imberbe prole sua abençoava!
Com milagrosas mãos os parcos fructos
Nas arvores fadadas avultando,
Para os errantes, pallidos, mesquinhos,

Que eterna Providencia lá dirige,
Leda colhías saboroso alento;
E qual outr'hora a um Deus, incluso no homem,
Muito do pouco a teu querer surgia.

HOSPITALIDADE

Conferiu-me esse dom quem té no insecto
Provê, do que lhe cumpre, á tenue vida.
Deixando influxos meus no casto alvergue
Onde Beneficencia, e Paz convivem,
Acompanhar-te quiz ao vasto emporio
De Lysia, do universo, á gran cidade,
Que espêlha os torreões no vitreo Tejo,
D'onde sagradas leis despede ao Ganges.
O globo é puro aqui, e aqui parece
Estar inda na infancia a Natureza,
Bella, serena, candida, innocente;
Principe amado, imitador dos numes,
Ao publico baixel menêa o leme;
Numéra os dias seus por dons, por graças,
E o merito sem susto encara o throno:
Se o gravâme do sceptro acaso inclina,
É sobre os hombros de ministros puros,
Dignos do alto explendor, que sáe da escolha.
Um d'elles, cujo nome é cáro aos justos,
Que tem, que exerce o ministerio sancto
De velar sobre o publico repouso;

Que encarcéra, agrilhôa, opprime o vicio,
O contagio dos maus aos bons evita,
E em piedoso recinto abriga, instrue
A puericia, que em flor dispõe ao fructo:
Luceno, o zelador dos sãos costumes,
Páe do infortunio, da sciencia amigo,
Guarida vos promette: exponde, exponde
Ao ministro exemplar, meu claro alumno,
A vossa condição: vereis descer-lhe
Dos olhos paternaes amavel pranto,
Proveitoso, efficaz, não pranto esteril;
Que momentaneas sensações produzem,
E o merito infeliz, qual viram, deixam.
Em Luceno o favor segue a piedade;
Mortal, que os immortaes sem custo imita,
E o bem, só porque é bem, desenha, opéra.
Eia, vinde; eu vos guio aos bemfazejos
Lares seus, lares meus: sereis ditosos,
Oh Sciencia! Oh Penuria!—Os céos o ordenam.

SCENA II

O Genio da Nação e as mesmas

GENIO

Os céos o ordenam, sim; vae, guia, oh deusa,
Essa illustre infeliz, e a mesta prole
Ao magistrado eximio, ao grande, ao justo;

Cessem queixumes, esperanças folguem.
Ide; o Genio de Lysia, eu que dos deuses
Tive alta commissão de olhar por ella,
De engrandecer-lhe, de affinar-lhe a gloria,
E honral-a de opulencia incorruptivel;
Eu, que espontaneo déra o gráo de nume
Por este, que exercito, augusto emprego
De escudar Lysia c'o pavez dos Fados,
Oh Penuria! oh Sciencia! Eu vos abono
Do ministro sem par, favor, e asylo.

SCIENCIA

O céo por ti se exprime: o céo não mente;
Oraculo de Jove, eu te obedeço:
Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;
Guia-me, oh deusa.

HOSPITALIDADE

Guio-te á ventura.

SCENA III

O Genio só

Tereis o galardão, tereis o louro,
Que á virtude compete, immota, illesa
Entre os duros vaivens de iniqua sorte:

Desgraçado o mortal, se o chão não trilha
Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,
Que subito depois converte em flôres!...
Mas que ufano baixel retalha o Tejo! (1)
Brincam no tópe flammulas cambiantes,
E cambiante bandeira as ondas varre!
Eis vôa, eis se approxima!... Um quasi monstro,
De aspecto feminil, tigrinas garras,
De traje multicôr, lhe volve o leme!
Que turba enorme á sua voz marêa,
E o ferro curvo, e negro ao fundo arroja!
Desce a vaso menor a horrivel Furia,
Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço...
Lá vem, lá toca sobre a arêa e salta.
Inimiga dos céos! (2) És tu, profana!
Sacrilega, fallaz, blasphemadora,
Peste dos corações, orgão do Averno!
Vens tambem macular com teus venenos,
Com halito infernal, e atroz systema
Campos, que meu bafejo elysios torna!

LIBERTINAGEM

Orgão não sou do Averno, o Averno é sonho (3)

(1) Apparece um baixel, d'onde pouco depois desembarca a Libertinagem com sequito numeroso.
(2) Corre para ella.
(3) Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Genio da Nação.

Para mim, para os meus; não soffro o jugo,
Que sobre corações tão férreo péza.
Phantasticos deveres não me illudem;
O sensivel me attráe, do ideal não curo,
Só de palpaveis bens fecundo a mente;
O bando, que allicío, e que prospéro,
Vive em prazeres, em prazeres morre.
Compleição dos Catões, moral de ferro,
Furia, Libertinagem me nomêa;
Mas o caracter meu destróe meu nome.
Delicias ao teu seio, oh Lysia, trago,
Não cruas oppressões, nem agros males,
Que o phantasma Razão produz, machína;
Eu sou a Natureza: ella não manda,
Que o gosto opprimas, que os desejos torças;
As paixões contentar, não é loucura:
Prestar-lhes attenção, vontade, assenso,
É lei, necessidade, e jus dos entes.
Olha: com sceptro de ouro impéro, oh Lysia;
Franquêa o pensamento a meu systema,
Despe imagens chimericas, e approva
Que a posse do universo em ti remate.

GENIO

Enganas-te, perversa, os céos a escudam;
De Lysia puro incenso aos numes sóbe,
Arde em virtude, inflamma-se na gloria;

Moral, religião, saudavel jugo,
Que péza aos impios, que aos iniquos péza,
Nunca foi grave a Lysia; heróe supremo,
Que é na terra o que é Jupiter no Olympo,
Aqui, não com violencia, e não com arte,
Mas pelo exemplo morigéra os lusos,
Só menos que as deidades venturosos.
Não manches estes céos, tartáreo monstro,
Não corrompam teus pés o são terreno,
Onde jaz da Virtude o trilho impresso.
Écco da magestade, a voz te aterre
Do zeloso ministro infatigavel,
Luceno, ao throno, ás leis, aos deuses curvo,
Que, em vinculo fraterno atando os povos,
Os vê curvos ao throno, ás leis, aos deuses.
Negreja, a teu pezar, o horror, que douras,
O inferno, que não crês, de ti fuméga,
E o remorso tenaz te róe por dentro.
Este povo de heróes, de irmãos, de justos,
Teu caracter maldiz, teu nome odêa.
Aparta-te d'aqui... mas tu repugnas!
Guerreiros da Virtude, e flôr da patria, (1)
Que limpaes a Moral de intrusa escória,
Eia, apurae o ardor contra esse monstro;
A vosso invicto exforço a Furia cêda,
Do gremio da Innocencia o Vicio fuja.

(1) Sáe tropa armada, que trava peleja com os sequazes da Libertinagem, e os vae destroçando.

LIBERTINAGEM

Não se alcança de mim victoria facil.

GENIO

Satélites da Gloria! Avante, avante!
A pérfida fraquêa, a palma é vossa.

LIBERTINAGEM

Colhêste contra mim triumpho inutil:
Lysia perdi, mas senhoreio o mundo. (1)

SCENA IV

O Genio e Tropa

GENIO

Graças, oh numes, succumbiu a infame!
Heróes, eu vos bemdigo o marcio fogo,
O rapido valor, que n'um momento

(1) Embarcam-se tumultuosamente, sempre accossados pela tropa.

*

A melhor das nações salvou do estrago... (1)
Mas, deuses, soffrereis que n'outro clima,
Talvez á infamia sua ignoto ainda,
Sobre o lenho orgulhoso aporte a féra,
E toxico respire, e peste exhale!
O sacrilegio pune: um raio, oh Jove,
Um raio a torne cinza, um raio abysme
O ligneo torreão no equóreo centro!... (2)
Annuiste-me, oh deus! É chammas todo!
Lá cáe, lá se desfaz, e o Tejo o sorve!
Vae, monstro, vae saber, desesperado,
Se é phantasma a razão, se é sonho o inferno.
Vae no horrendo tropel dos teus sequazes
De momentanea flamma á flamma eterna;
E eu, ministro dos céos, submisso aos Fados,
Vou por mão de um mortal encher seus planos.

(1) Vae-se a Tropa.
(2) Cáe o raio sobre o baixel da Libertinagem, e o abraza.

SCENA V

(Carcere subterraneo, onde estarão os Vicios e os Crimes agrilhoados, exprimindo variamente nos géstos a sua desesperação.)

A Policia com Guardas

POLICIA

Contra os vicios communs, que pouco empecem,
Exercer correcções não só me é dado.
Velae, guardas fieis, sobre os perversos,
Que a Policia commette ao zelo vosso,
Até que o raio Némesis dispare
Co'a ferrea voz do tribunal supremo.
Eu dos crimes terror, dos crimes freio,
A supplicio exemplar, que sare a patria
D'impia contagião, reservo aquelle
De todos o mais duro, o mais funesto,
Que, instrumento servil de atroz vingança,
Tingiu vendida mão no sangue alheio.
Ao cutélo de Astréa em vão furtaste
Colo rebelde ás leis, oh tu, cruento
Lobo nocturno, que, vibrando as garras,
A mansos cidadãos ouro, existencia
De mixtura usurpavas, sem que ao menos
Tremesse o coração, e as mãos tremessem.

Estes, mais que nenhuns, velar se devem,
Estes nas feias, subterraneas sombras
Para o pavor da morte a mente ensaiem.
Eu, luz do bom Luceno, eu alma, eu tudo,
Corro entretanto, a suggerir-lhe idéas,
Com que os publicos bens floreçam, medrem.
A Sciencia, e Penuria, antigas socias,
Em seus lares por elle ha pouco ouvidas,
O fertil patrocinio lhe imploraram.
Em lagrimas lhes deu penhor singelo
De firme protecção: vós, indigentes,
Seus effeitos vereis, vereis, oh sabios,
Que a mente, ê o coração por vós divido.

SCENA VI

(Salão magestoso da Policia, adornado das estatuas de varias virtudes.)

O Genio e a Hospitalidade

GENIO

Eis-me na estancia da Policia augusta,
Cultora da razão, das leis, do solio.
A titubante, a pávida Indigencia,
Que já dos males seus allivio gosa,

Por mão do bemfeitor, que os céos inspiram,
Vem co'a Sabedoria honrar seu nome,
De interna gratidão sagrar-lhe os cultos;
Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,
E o salão venerando entrar não ousam.

SCENA ULTIMA

Os ditos e a Policia, que, ouvindo as ultimas palavras, sáe de repente

POLICIA

Foi sempre este logar franco á virtude,
Entrae. (1)

HOSPITALIDADE

Longe de vós um vão receio.

POLICIA

Cumprí vosso dever, tecei contentes
De Lucéno o louvor. Materia summa
As virtudes vos dão, que resplandecem
Em brilhantes estatuas magestosas
N'este brilhante, magestoso alcaçar.

(1) Entram as duas.

Aquella, que risonha os olhos firma,
Como que rosto supplice attentando,
É a Benevolencia, e diz no afago,
Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,
Ante duro ministro enfrêam preces,
E só do compassivo, e só do affavel
A presença demandam, que os conforte,
Que ao rogo n'um sorriso o effeito augure,
E não de altiva injuria avilte o rogo.
Esta é o Exemplo, est'outra é a Inteireza;
Ali Fidelidade o jaspe anima;
Desinteresse além reluz, e avulta;
Mais perto voluntaria Obediencia
Curva o docil joelho: eis as Virtudes,
Que formam, bom Luceno, o teu caracter,
Todas egregias, necessarias todas.

SCIENCIA

Verdade, e Gratidão nos labios nossos,
Approvam quanto sôa em honra d'elle.

INDIGENCIA

Oh reinante feliz com taes vassallos!

POLICIA

Folga, Sciencia, e tu, Penuria, folga,
Dado me é recrear-vos, ser-vos guia
Ao Príncipe immortal, de quem reflectem
Raios de luz para o ministro excelso,
Que o seu mór premio tem na régia gloria.
Curvae-vos, e admirae o heróe sublime,
Que Lysia adora, e que adorára o mundo,
Se o mundo todo merecesse olhal-o. (1)
Vêde a seus pés o magistrado insigne,
Que n'elle se revê, que a bem da patria
A grandeza real submisso implora!

HOSPITALIDADE

Quanto a Virtude altêa a dignidade!

SCIENCIA

Oh jubilo! Oh ventura!

INDIGENCIA

Eu pasmo, eu tremo!

(1) Abre-se o fundo do theatro, apparece o retrato do Principe Regente com o Magistrado a seus pés, offerecendo-lhe os votos mais uros da nação.

GENIO (1)

Heróe, sacro aos mortaes, acceito aos numes,
Olympico fulgor compõe teus dias;
Os céos na minha voz mil dons te abonam,
Com meus olhos teu povo os céos vigiam;
O commercio por ti de fé se nutre;
As artes, a virtude, as leis triumpham;
No solio, no poder tens base eterna;
Tua alma sobresáe aos teus destinos;
E de teu puro arbitrio esse orgão puro,
É digna escolha tua, aos astros voa
No rasto de ouro, com que o pólo esmaltas.
Subditos de João, rendei mil cultos
Ao gran regente, ao inclyto caracter,
Que n'elle divinisa a especie humana:
A voz da gratidão se alongue em vivas,
E cordeal ternura os labios honre.

CORO

Oh luso heróe! Baixaste
Da estancia divinal!
Tu és um deus visivel,
Oh Principe immortal!

(1) Dirigindo-se para o retrato do Principe Regente.

FRAGMENTOS DRAMATICOS

ORIGINAES

VASCO DA GAMA

OU

O DESCUBRIMENTO DA INDIA PELOS PORTUGUEZES

(TRAGEDIA)

ACTORES

O ÇAMORIM. — VASCO DA GAMA. — ATAIDE, official portuguez, seu confidente. — HARIL, Principe de Cochim. — O CATUAL, Regedor de Calecut. — ALMANSOR, Mouro opulento em Calecut. — ALAIDA, Filha do Çamorim. — CREZINTA, Confidente da Princeza. — MONÇAIDE, Africano. — Um BRACHMANE.

A scena é em Calecut no palacio do Çamorim

ACTO I

SCENA I

ALMANÇOR E MONÇAIDE

Este estrangeiro audaz, que, desferindo
Por mar ignoto as temerarias velas,
Talhou de pégo immenso as virgens ondas,
De serra em serra no Oceano horrendo;
Que, lidando co'a morte, abriu caminho
Lá desde a foz do Tejo áquem do Ganges,
Trouxe de alta ousadia extranho exemplo,
E do gran Çamorim surgiu nos mares;
Gama, que embaixador de um rei potente
Com vozes tão seguras se nomeia;
Accezo contra nós em odio herdado,
Que de males dispõe aos musulmanos,
Que de males promette á India toda!
A constancia, o valor té-li não vistos
Com que o mundo assombrou na grande empreza,
E as mil promessas vãs, que tece astuto
De interesses communs, apparelhados
Ao povo portuguez, ao indio povo,
N'alma do Çamorim se insinuaram;

O illuso imperador dos Malabares
N'elle préza um heroe, e o bem do estado;
Em proficua alliança espera os fructos
Que do arteiro christão lhe finge a astucia.
Tem já tres luas circulado o Polo
Depois que em Calecut os frageis lenhos,
Vencedores das ondas, aportaram:
Aqui de voz em voz correndo a fama
No espanto desde então se nutre e esforça;
Abjectos poleás, altivos naires
Com cego enthusiasmo aqui proclamam
O forte conductor dos nautas duros.
Deslumbrada nação, não vês, não sentes
Forjar-se ao longe, e retinir teus ferros?
Entranha no vindouro a conjectura:
Esses, cujas acções com pasmo acclamas,
São heroes do valor, não da justiça;
Hoje alliados, amanhã tyrannos.
Acaso d'entre as artes, d'entre as honras,
D'entre o puro clarão de um céo risonho,
D'entre os mimos da patria, a nós é vindo
Esse chefe arrogante, e seus sequazes
Não mais que a merecer duravel nome,
Gráo entre aquelles, que enternisa a gloria?
Ah! Na gloria a politica se envolve;
Politica feroz, que em paz machína
O nosso captiveiro, o nosso estrago;
Que espreita o modo com que lance o jugo,

Que ao triste Malabar transtorne os fados,
E que ás outras nações d'aqui se alongue.

MONÇAIDE

Na audacia, na politica presumo
O genio portuguez capaz de tanto;
Mas soffre mil obstaculos a empreza...

ALMANSOR

Não duvides, Monçaide; atroz mudança
Nosso estado terá, e o d'estes povos,
Se tal gente, a prodigios costumada,
De Africa incendio, horror da patria nossa,
Aqui poder tambem vibrar seu raio;
A seita musulmana então succumbe,
Cáe o influxo, o favor, cáe a opulencia
Que attendiveis nos faz perante o solio.
Cumpre não desmaiar na cauta empreza;
Por esforços extremos se remova
A procella imminente ás nossas frontes.

MONÇAIDE

Practicados ardís, tégora inuteis,
Auguram pouco effeito a novas artes:
As torres, que a ambição vai surda erguendo,

Por braço experto, e para nós terrivel,
Á sombra avultam do poder supremo;
O incauto Çamorim não vê futuros;
Ufano do esplendor, que lhe reflecte
Da embaixada de um rei temido, e grande;
De brilhantes chimeras encantado,
E mais do firme tom, que as fortalece
Nas vozes, no exterior de um homem raro,
Faustas idéas da apparencia colhe.
Debalde o Catual, cuja avareza
Thesouros nos absorve insaciavel,
Esperanças vendendo a preço de ouro,
Debalde tem mil vezes machinado
Dos atrevidos nautas a ruina:
Se o poder, que do throno lhe dimana,
Se a publica, orgulhosa auctoridade
Que exerce em Calecut esse, que priva
Tanto c'o Çamorim, e o representa,
Efficazes não torna os teus projectos,
Porque da empreza vã não descorçôas?
De infallivel tractando o contingente
Ao proximo regresso obstar desejas
Dos guerreiros varões, que odeias n'alma,
E queres o seu fim, não sua ausencia:
Já promptos nos baixeis a patria anhelam,
Completa a commissão que a nós os trouxe;
Soltas em breve as temerarias velas
Tornarão a arrostar o horror profundo

Das negras ondas em que ferve a morte;
Cedo entregues ao vento, ao mar entregues
Esses, que temes, livrarão teus olhos
De seus feros semblantes importunos:
E quem sabe se o turbido Oceano,
Que uma vez lhe soffreu a enorme audacia,
Agora mais indocil, mais soberbo
No horrivel bojo sorverá com elles
Ingentes, arriscadas esperanças?
Nem sempre o destemido é venturoso:
Da fortuna á desgraça o passo é curto...
Sim, Almansor: ao vento, ao mar, ao fado
Demos a empreza facil de extinguil-os.

ALMANSOR

Monçaide, o vento, e mar lhe obedeceram,
E que fiar não ha no fado incerto.
Importa-nos seu fim, não sua ausencia;
Não que, outra vez o pelago affrontando,
Esses lenhos fataes no Tejo ancorem;
Não que o fructo de prospera ousadia
Émulo ardor provoque a renoval-a,
E as artes multiplique, e apure as forças
Ao plano de politica, e de gloria,
Com que activa nação, que em si não cabe,
De seus curtos limites indignada,

Quer do ultimo occidente arremessar-se
Aos climas, onde o sol dá luz primeiro;
E aqui, ou na extensão de toda a terra
Projecta impôr seu jugo, honrar seu nome.
Tolher-se a execução do plano infesto
É justiça tambem, não só proveito;
Apaguem-se as faiscas pouco accezas,
Que um vasto incendio não remoto agouram:
Sempre exemplo feliz terá sequazes,
Nenhum, ou raros desgraçado exemplo.
N'alma do Çamorim terror se infunda,
Que perigoso apreço em odio troque:
Um só não fique illeso, um só não torne
Dos bravos, dos terriveis navegantes,
Que leve á patria o miserando annuncio
Do asperrimo castigo aos seus imposto:
Ou seja o captiveiro, ou seja a morte
Condigno premio da ambição, que injusta
Sobre a nossa ruina empreende alçar-se.
Em traír um traidor não ha vileza.
Mauritano, como eu, te cumpre, amigo,
Manear da vingança os instrumentos
Contra a feroz nação, que nos detesta,
Contra a feroz nação, que detestamos:
Reciproco interesse, a lei, e a patria
Tal zelo, tal fervor de nós exigem.

MONÇAIDE

O paterno destino acompanhando,
Bem sabes que de Tunes, patria minha,
Aqui vim exercer, qual tu, qual outros,
Esta correspondencia industriosa
De nação a nação, que as enriquece,
As pule, as encadêa, as fraternisa,
No cambio do que ao luxo, á vida serve:
Sabes que um pae, de que venero as cinzas,
Proveitosa união me urdiu comtigo
N'est'arte, que as fortunas amplifica
(Arte, que ás vezes se desluz, se avilta
No illegitimo ardil, no torpe engano,
Arte porém, que em mil dá culto á honra)
São interesses meus teus interesses,
Teus damnos são meus damnos, em virtude
Da alliança fiel por nós mantida:
Atalhar-se o progresso aos portuguezes
Da gloria, da ventura, que ambicionam,
A ti, e a mim convém, convém aos nossos,
Ao grande Çamorim, e á India toda;
Embora estratagemas se requintem,
Se ainda t'os depára a phantasia,
Para que de fadiga infructuosa
Amargo desengano á patria levem,
E obste a novas tenções tenção baldada;
Sanguinarios porém, crueis não sejam

Os meios que empregarmos; não se julgue,
Não digam que é vingança o que é justiça:
Que frouxos, incapazes de atterral-os
Tentámos impiamente o desaggravo
De tanto, e tanto mal, que tem soffrido,
E que inda nossos climas soffrem d'elles.
Amo a patria, amo a lei, sou musulmano,
Mas odeio a traição, a astucia infame,
Vicios que aos africanos se attribuem;
A lei universal, a humanidade
Deve a todas as leis ser anteposta:
Este o meu sentimento agora, e sempre.

ALMANSOR

Se a amisade, se a fé que em ti respeito,
Por longas experiencias apurada,
Suspeitas naturaes não rebatesse,
Namorado tambem te julgaria
Da acção, que teve as ondas por theatro;
Crêra que a superficie tê deslumbra,
E te não resta luz que indague o centro.
Se brilhantes acções têem fins odiosos,
Que vale o resplendor de acções brilhantes?
O heroismo é razão; não ha sem ella
Proeza que eternise, acção que afame:
E é da razão talvez, é do heroismo

*

Ver mil horrores, abarbar mil mortes
Para tornar com arte, e com violencia
Primeiro amigas, e depois escravas
Innocentes nações, a quem pozera
Procellosas barreiras o Oceano
Contra insana ambição, contra esse monstro,
Que as fauces lhe abre ao longe, e quer tragal-as?
A lei universal, a humanidade
Reconheço tambem, tambem pondero;
E, em pospor um só povo a muitos povos
Por elle iniquamente ameaçados,
Cumpro o sacro dever, que ufano allegas,
Além de sustentar a propria, a justa,
A grande causa onde omissões são crimes;
Onde...

MONÇAIDE

O tom da suspeita, que em teus labios
Soa injusto, Almansor, tambem é crime,
Antes delirio, que profana, insulta
A amisade, e a razão: que ardor, que zelo
Transcende o que atéqui mostrei na empreza
Por tão altos estorvos contrastada?
Se ao portentoso Gama, em cujos feitos
Admiro o heroe, e o portuguez detesto,
Tenho captado a confiança amiga
Com publico louvor, sagaz obsequio,

Teus conselhos segui; por teus conselhos,
E interesses da patria, d'estes povos
A desvelo impostor forcei minha alma,
De meu livre caracter fui tyranno:
O assombro involuntario, que me exprobras
(Apalpa o coração) tu mesmo o sentes,
O confessas tu mesmo: e quem podéra
Não sentil-o, Almansor, não confessal-o?
Os novos Argonautas do occidente
Na façanha immortal têm já transposto
As metas do que é dado á Natureza:
Esse, que os dirigiu da gloria ao cume,
Universal pregão merece á Fama;
Seu nome pelos seculos se estende,
Nem tu podes, nem eu, nem quanto existe
Negar-lhe a admiração, seu jus, seu premio,
A admiração porém não tyrannisa
Minha mente, capaz de refreal-a,
E ver pelo clarão do illustre feito
Horridas nuvens, que promettem raios:
Nossos intentos pois ao fim se levem,
Se possivel nos fôr ao fim leval-os;
Mas arte seja tudo, e longe a força.
Além do Çamorim não consideras
Que braço contraría os teus furores?
Vê do rei de Cochim o augusto herdeiro,
Vê o principe Haril como protege
(Tambem n'alta façanha embellezado)

A causa d'esses homens destemidos;
E que para seu rei grata resposta
Gama do Imperador por elle obteve.
Na pompa, na grandeza d'este dia
Attentado egualmente, as iras doma:
Hoje que o Çamorim desposa a filha,
Que Alaida em prisão doce a Haril se enlaça,
Que o paço imperial off'rece aos olhos
Requintado esplendor em honra ás nupcias,
Respeitemos, amigo, respeitemos
O publico prazer, e o do monarcha:
Ousar-se n'este dia acção, que o turbe,
Aos céos, e á terra sacrilegio fôra;
Bonançosa alegria hoje serene
Tumultos de paixão, que o peito abalam.
Depois...

ALMANSOR

Absorto em lúgubres imagens,
Descuidei-me atéqui do grande objecto,
Que exige o mais profundo acatamento.
A amisade, e o dever me gritam n'alma
Que peze teus conselhos, que os abrace:
Estas agitações, o ardor que attento
Tempéras co'a razão, tambem tempéro;
Um dia, um dia só, não mais que um dia
Forcem-se as iras a dormir no peito,
E colham do repouso alentos novos.

Ao Catual propor mais ardua empreza
Era o vasto projecto, era o destino
Que á morada real guiou meus passos;
Mas a proposição pede outro tempo,
E incentivo menor d'aqui me affasta.
Tu, Monçaide fiel, prosegue emtanto
Na cauta indagação dos pensamentos,
Que o suberbo europeu talvez te esconde:
É para nossos fins um bom principio
Sondarmos o inimigo, e ler-lhe n'alma;
O pezo d'este exame indispensavel
Deponho todo em ti. Dissimulemos. (1)

SCENA II

MONÇAIDE

Africano implacavel, não me illudes
Com essa de repente alegre face:

(1) Estou certo que, se Bocage houvesse de dar esta peça ao theatro, evitaria o fastio de quasi trezentos versos na scena de abertura; muito mais não envolvendo ella uma sufficiente próthase: porém aqui dá-se uma copia do que primeiro lhe produziu a phantasia, e não do que elle approvou, depois de reflectir no que imaginára; como bem claramente denota a imperfeição do seu autographo. *(Nota de Pato Moniz.)*

No silencio forçado a raiva opprimes:
De affecto para affecto, e tão contrario
Não passa o coração n'um só momento.
Já parte do que eu sou presume o fero:
No extremoso louvor, que transportado
Consagrei ao varão de heróes modelo,
Quasi descortinou toda a minh'alma.
A pezar d'interesses tão sagrados,
Que meu caracter dobram, que o reduzem
Á precisão do engano;—a ser no rosto,
A ser nas vozes parcial, e amigo
Do mesmo, que odio eterno em mim provoca;
Do perfido Almansor, o mais injusto,
O mais duro, e feroz dos musulmanos;
Teu fervoroso amor, oh patria minha,
Tégora na violencia represado,
Ia rasgando o véo, que encobre aos olhos
Meu ser, e o meu destino. Horriveis monstros,
Oppressores crueis, que arrebátastes
Aos braços maternaes a minha infancia;
Que no jugo do exemplo, e do costume,
Com sacras illusões me hallucinastes,
E, a minha alma cingindo a lei nefanda,
Fizestes (ai de mim!) que preferisse
Ás luzes da verdade as sombras do erro:
Oppressores crueis, baldadas foram
A vossa tyrannia, as artes vossas:
Seus direitos um Deus em mim recobra;

Por veredas, que a mente humana ignora,
Aos meus, e a si me reconduz o Eterno.
Mas em que agitações, em que terrores
Meu animo fluctua? Ah! Que terrivel
Sombrio agouro o coração me enluta!
Que scenas de traição, de horror, de morte
No triste pensamento me negrejam! (1)
. . . .

---

(1) Eis-aqui tudo o que me chegou d'esta tragedia, que Bocage levára ao fim do primeiro acto, que eu vi, e que elle me leu. *(Nota de Pato Moniz.)*

AFFONSO HENRIQUES

OU A CONQUISTA DE LISBOA

(DRAMA HEROICO)

ACTORES

Affonso Henriques, Rei de Portugal. — Guilherme, Principe inglez. — Ligel, Senhor flamengo. — Egas Moniz, fidalgo portuguez, e confidente d'Affonso. — Arnaldo, seu filho. — Zaida, Princeza moura captiva. — Zelina, sua escrava. — Almansor, Mouro. — Officiaes portuguezes, e estrangeiros. Soldados.

N. B. Bocage esqueceu-lhe designar o logar da scena, assim como no andamento do drama lhe esqueceram muitas rubricas, que na leitura facilmente se dispensam, mas que lhe eram essenciaes quando houvesse de o fazer representar; porém os leitores, n'estas poucas scenas que existem, claramente acharão indicado que o logar de todas ellas era o acampamento portuguez.

(Nota de Pato Moniz.)

ACTO I

SCENA I

Affonso, Guilherme, Ligel, Moniz, e officiaes

AFFONSO

Famosos, destemidos companheiros,
Heroes, comigo affeitos á victoria,
Que o jugo sarraceno, o jugo infame
Ides com ferreas mãos anniquilando;
Tu, digno irmão do inglez monarcha,
Magnanimo Guilherme, e tu, brioso
Intrepido Ligel, de Flandres gloria;
Varões, que nos baixeis apparelhados
Contra o fero oppressor dos santos lares,
Da captiva Sião contra os tyrannos,
Por alta providencia aqui surgistes;
E, de um Deus abraçando a causa excelsa,
As palmas do Jordão colheis no Tejo:
Amigo do teu rei, da patria tua,
Insigne portuguez, Moniz preclaro,
A quem o antigo esforço as cãs não murcham;
A quem da trabalhosa, e crespa edade
Vivo ardor marcial derrete o gelo;

Heroe, que de outro heroe te vês herdado;
Que ao filho transmittiste o raro alento,
E no maucebo Arnaldo a fama estendes
Do gran tronco, de que és egregio ramo:
Chefes invictos, fervidos soldados,
Em vão do mouro adusto a resistencia
Á nossa grande empreza o fim retarda:
Debalde tem sustido ha cinco luas
O rapido furor das nossas armas;
Tenaz opposição dobra o triumpho;
Na lida, no suor se nutre a gloria;
Lisboa cederá, verão seus muros
De um assalto geral o effeito illustre:
Esses templos sacrilegos, aonde
Adorando-se um Deus, um Deus se insulta,
Hoje, por dignas mãos purificados
Do culto, dos incensos da impostura,
Serão dos nossos votos sacro asylo,
Do Deus de nossos paes estancia augusta.
Não, para vos dispôr ao feito heroico,
Á façanha christã não necessito
De excitar, socios meus, na ideia a imagem
Do que vistes heroes, do que fizestes
Nos marcios campos do espantoso Ourique:
Duros netos de Agar além bramindo,
Immensa multidão enchia os valles,
Cubria as serras, esgotava as fontes;
O truculento Ismar dos seus na frente,

De quatro escravos reis obedecido,
Amotinando os céos com grita horrenda,
De olhos fitos em nós, como os emprega
Esfaimado leão na facil preza:
Nós d'aquem, turba escassa, mas terrivel,
Confiados no céo, na fé seguros,
De um Deus na protecção, na gloria accesos,
Com fero encontro os impios arrostando,
Abrindo, e desfazendo escudos, malhas,
Dando tostadas victimas á morte,
D'espiritos brutaes o inferno enchendo,
Sentindo rebentar aos nossos golpes,
E ir pela rubra terra o sangue em ondas;
Os barbaros pendões do chão dispersos;
O estrondo, a confusão, o horror, o estrago
Por aqui, por ali; montões de mortos;
Anjo exterminador, nuncio do Eterno,
Sobre as frentes dos profugos troando,
Sobpezado na mão raio invisivel,
Com formidavel impeto espargindo
Por entre os infieis total derrota!
Este quadro, esta ideia, altos guerreiros
Necessaria não é para incitar-vos:
Temos o mesmo esforço, as mesmas armas;
O Deus, que nos valeu, nos vale ainda;
O que fostes sereis: Lisboa é nossa.

GUILHERME

Affonso nos commanda, e do triumpho
É decisivo annuncio a voz de Affonso:
Calcaremos aos pés o orgulho insano
Do agareno infiel; n'aquelles muros
Nossos pendões, senhor, verás alçados.
Inda a luz da manhã não doura os ares:
Antes que raie a aurora, e se effeitue
O vigoroso assalto, que apparelhas,
Nós veremos talvez o afouto Arnaldo,
O meu prezado amigo apparecer-nos,
Volver aos arraiaes com palma insigne:
O barbaro tropel, que em seu auxilio
Chama o duro oppressor da gran Lisboa,
Talvez, egregio rei, já tenha sido
Do braço portuguez servil despojo.
De Arnaldo a condição fogosa, e prompta
Só se contenta em rapidas victorias;
Demoras no vencer lhe são desdouros:
Sabido o seu valor, e o seu caracter
Voluntario cedi ao caro amigo
O que a ninguem cedera, o mando honroso
Da generosa empreza, a que é tão proprio:
Meus votos, meus desejos o acceleram,
E como que já sinto o som guerreiro
Nuncio do meu pezar, da gloria sua.
Apenas entre nós o moço illustre

Do sublime esplendor brilhar c'roado,
Fadigas a fadigas aggregando,
Então, grande monarcha, aos inimigos
Levemos o terror, a chamma, o ferro.

MONIZ

Na demora, senhor, se apura, e cresce
O fogo marcial de teus soldados;
Seus olhos devorando aquelles muros,
Ha muito de assaltal-os, de invadil-os
O momento, o signal com ancia pedem:
Mas eu, subdito, e pae, bem que anteponho
A gloria do meu rei á de meu filho,
Conciliar dous titulos quizera
Para o meu coração de tanta estima:
Quizera merecer ao meu benigno
Generoso monarcha a complacencia
De retardar o assalto alguns momentos,
Para que o filho amado, em quem reflecte
Meu zelo, meu fervor, minha lealdade,
Associar-se possa em nova empreza
A seu rei, e a seu pae; não sinta Arnaldo
O pejo, o dissabor de ver-se inutil
Na mais brilhante acção, que os céos nos guardam.
Ás vezes, prolongando-se-lhe o termo,
Projectos dos heroes se desconcertam;
Bem sei, mas são d'heroes, que só se estribam
No rapido valor, na mente astuta;

Não d'heroes, como tu, do céo validos,
Em que é fado o triumpho, herança a gloria.
Verificado está quanto profiro
Na celeste visão, que honrou teus olhos,
Lá quando a divindade o véo despindo,
Esse véo sacro-sancto, impenetravel
Que a recata de nós, á face tua
No lenho redemptor se fez patente;
E, travando comtigo alta alliança,
As insignias te deu, te deu o imperio.
O teu jus a vencer quem ha que o vede,
Depois de o conferir o Omnipotente?
Alguns momentos mais, que a furia prendam,
A furia dobrarão depois de solta.

AFFONSO

De solidas razões ceder ao pezo
É justiça, é dever; é recompensa
Do generoso ardor de um pae, de um filho
Tão uteis ao seu rei, tão dignos d'elle:
No que sou moralmente, o fructo vejo
Da tua educação, dos teus desvelos:
Meus passos dirigiste á gloria, ao throno;
Vive esta ideia em mim; sou rei, sou grato...
A gratidão n'um rei tambem se encontra.
Suspenso fique embora alguns espaços
O assalto estragador do mouro infando;

Esperemos Arnaldo, Arnaldo augmente
Nos duros torreões o duro embate,
E no sangue infiel de novo ensope
A cortadora espada irresistivel;
Góse... mas que rumor não bem distincto
Resôa em meus ouvidos!... Não me engano,
Sinto que se approxima a cada instante...
Talvez... Parte, Ligel, inquire a causa
Do subito ruido; este alvoroço
Que me revolve o peito, e que me inflamma,
É presagio feliz.

LIGEL

Corro a servir-te. (1)

MONIZ

Paterno coração, como palpitas!
Não mentes, não me illudes: eis meu filho.
Ah! Permitte, senhor, que eu...

GUILHERME

Não; detem-te,

(1) Vae-se.

Cede á minha amisade o grato exame;
Eu vou... porém que vejo? Arnaldo? Oh gloria!

MONIZ

Filho... (1)

SCENA II

Ligel, Arnaldo, e os precedentes

ARNALDO

Meu rei, vencemos!... Foi teu nome
Principio do triumpho portentoso,
E a nossa intrepidez foi seu remate:
O mouro usurpador, cedendo o campo,
Fiou dos leves pés um debil resto
Do exercito feroz, que jaz por terra.
Com que prazer, senhor, com que transporte
Teus guerreiros magnanimos travaram
O conflicto mortal, que os fez eternos!
Fervor de anticipar-te o ledo aviso
Fez com que eu precedesse a marcha sua;
Mas em breve os verás: em breve ás plantas

(1) Nada mais achei pertencente a esta primeira scena. *(Nota de Pato Moniz.)*

*

Do nosso digno rei virão depôr-se
As bandeiras ao barbaro arrancadas,
As armas, os tropheos, os prisioneiros.
(Tu murmuras, amor! Ah! Soffre, e cala.)

AFFONSO

Tuas claras acções, mancebo illustre,
Já te vão franqueando a eternidade;
Na classe dos heroes logar te assignam.
A modestia gentil de que te adornas
Supprime a narração da gloria tua;
Mas o teu rei, que te ama, e que te admira,
Da tua voz exige as circumstancias
Do feito denodado em que luziste:
Falla pois, o triumpho se renove
Pela bocca do heróe, que o fez completo.
Dignamente de ti fallar tu pódes:
Tem direito a louvar-se o que é louvavel.

ARNALDO

Mais por obedecer ao teu preceito
Que para me exaltar, para exprimir-te
A justa execução de meus deveres,
Te figuro, senhor, o atroz combate.
A dar prompto soccorro áquelles muros
Torrados esquadrões se arremessavam

Com bruto ardor, com horrido alarido:
Eis em longa planicie os avistamos
Por entre o denso pó, que vae subindo
Do chão revolto; e subito inflammados
Os teus, em cuja frente me abalanço,
Ao signal, que lhes dou, vozeam, correm;
Com fervoroso espirito proferem
Em terrivel clamor: — «Affonso! Affonso!»
E aos barbaros se arrojam n'um momento:
Levanta a chusma vil mais altos gritos;
E, com desprezo o numero notando
Tantas vezes menor, que se lhe arrosta,
Já divide entre si nossos despojos;
Mas a imaginação decáe no effeito:
Ao principio, senhor, d'um lado, e d'outro
A victoria pendeu como indecisa;
Mas, crescendo o furor na resistencia,
Depressa o portuguez arrebatado
A causa decidiu, desfez o enleio;
Espadanas de sangue a térra ensopam;
Voam braços, cabeças, fervem mortes;
N'um theatro de horror se torna o campo;
Parece transferir-se ali o inferno!
Em fim terror geral, geral destroço
Na fuga aqui, e ali semêa, espalha
As reliquias do exercito nefando:
Algum tempo implacaveis o acoçamos,
Unindo em muitos peitos morte, e medo;

Mas, fartos de matar sem resistencia,
Vendo que só no risco existe a gloria,
A furia suspendemos; e voltando
Aos nossos arraiaes com mil despojos,
Buscámos, conseguimos, gran monarcha,
No teu contentamento o premio nosso.

AFFONSO

O meu prazer não só, tambem meus braços
Devem ser galardão do que te escuto.
A teus nobres extremos costumado
Meu coração previu teu lustre novo:
Venturoso de um pae, que em ti prolonga
A moral duração melhor que a vida!
É jubilo sem par vermos que brilham
Mais que nossos avós os filhos nossos.
A Moniz este jubilo compete,
O heroismo, que herdou, por ti se apura.

MONIZ

Dos braços do teu rei já foste honrado,
Está já satisfeita a gloria tua;
Satisfaze tambem o amor paterno:
Vem, abraça teu pae, banha este rosto,
Banha estas cãs de lagrimas suaves,
Lagrimas da alegria, e da ternura.

Seus fructos produziu minha esperança,
Qual vêr-te desejei te vêm meus olhos;
Ferreo somno da morte embora os cerre,
Em ti deixo um heroe, comtigo ficam
Meu sangue, meu fervor, meus sentimentos,
E um braço mais funesto aos inimigos,
Mais prestadio á patria. Amado filho,
Fallece a voz, o coração não póde
Com tão novo prazer; e, a ti correndo,
Nas lagrimas, que verto, se derrete.

ARNALDO

Doctrinado por ti, de ti nascido,
Que menos pela patria ousar podéra?
Graças envio aos céos por vêr-me digno
Da tua educação, dos teus extremos,
Do heroe, do pae, que ao longe imito apenas.
Mas permitte, senhor, que se dividam
Tambem pela amisade os meus affectos;
Que do excelso varão, que me honra tanto,
O bem da gratidão nos braços goste.

GUILHERME

Heroe, fructo d'heroes, eu te esperava
Como sempre te vi, qual és, qual foste.
Une a mão vencedora á mão do amigo,
Que não menos que tu teus louros gosa.

AFFONSO

As bellicas trombetas perto sôam:
Logremos o espectaculo pomposo
Dos guerreiros christãos, em quem revive
Da antiga Lusitania o bravo esforço.
No adequado louvor comece o premio
Das illustres fadigas, que os affamam:
Multiplica os heroes louvor, e exemplo.

MONIZ

Eis, senhor, teus intrepidos soldados,
Que, affeitos a vencer, trazem no rosto
Para os triumphos seus desdem sublime:
Vê como nas guerreiras, crespas frontes
Da gloria do seu rei brilha o reflexo (1).

AFFONSO (2)

Redemptores da patria, ah! Vinde, vinde
Em nossos corações dobrar o alento,
O alento executor d'altas façanhas.

(1) Vão passando os soldados.
(2) Saíndo com os officiaes ao campo a encontral-os.

Vossos terriveis braços, despedindo
Inevitaveis golpes, vos grangeam
Memoria perduravel, fama eterna:
Aos estragos do tempo, ás leis da morte
Imperio não consentem vossos nomes:
Quaes vos vejo brilhar, quaes sois agora
Ireis luzir nos seculos vindouros:
O clarão das acções, que a terra espantam,
Rompendo a nevoa da remota edade,
Aos tardos, animosos descendentes
De heroica emulação será fomento;
Unido ao vosso exemplo o sangue vosso
Heroes produzirá, que heroes produzam;
Serie pasmosa de varões sublimes
Dareis ao mundo; morrerão com elle:
Acceza a phantasia o diz, o augura:
Nada menos que vós de vós se espera.
Ide em curto repouso apparelhar-vos
Para novo esplendor, fadigas novas.
Tu, Moniz, me acompanha: os meus projectos
Pela exp'riencia tua aperfeiçôo.
Tu, principe, depois que saciado
Houveres da amisade os sentimentos,
Livremente abraçando o caro amigo,
Teus guerreiros fieis dispõe, e ordena
Para o férvido assalto.

SCENA III

Guilherme e Arnaldo

GUILHERME

Em teu semblante
Transluz a viva dôr, que tens no peito:
Arde a paixão fatal, que em vão disfarças.
Misera condição da humanidade!
Duro mortal, que arrosta o ferro, a morte,
Ante uns olhos gentis desmaia, e treme!
Vencer não póde a si quem vence a tantos:
Mais que o furor de exercitos cruentos
Ousa fraca mulher com pranto, e riso!
Por culpa de attractivos seductores
Entre tanta ventura és desditoso:
De uma insana paixão tyrannisado,
Cego escravo de amor, sómes, apagas
Nas sombras da tristeza a luz da gloria.
Desgraçado mancebo! Ah! Nunca vissem
Teus olhos o damnoso, infausto objecto
Que a vontade te encanta, e senhorêa!
Nunca das mãos dos seus arrebatasses
Essa dos males teus formosa origem,
Veneno por mil graças adoçado!

ARNALDO

Veneno ao coração, veneno aos olhos,
Veneno que me encanta, e me repassa,
Que mil vidas me dá, me dá mil mortes.

GUILHERME

Oh céos! Tu portuguez, tu responsavel
De assombrosa virtude a Deus, e á patria,
Da lei, que segues, a inimiga adoras!
Zaida, prole de Osmin, prole de um monstro,
De um tyranno infiel, reina em Arnaldo!
Reina em ti, n'um christão! E o despotismo
Do barbaro oppressor, que em ferreo jugo
Entre aquellas muralhas tém ligados
Os teus irmãos, os teus compatriotas,
Da filha pela mão tambem te abrange!...
Ah! Torna, torna em ti; combate, e vence
O criminoso ardor que te hallucina:
Teme que inuteis ais, téqui sómente
Da causa do teu mal, de mim sabidos,
Levem teu desacordo, e teu deslustre
Aos ouvidos de um pae, de um rei, que te amam.
Diversos interesses, leis diversas,
Odios herdados, a justiça, a patria,
O teu dever, e um Deus teu gosto impugnam:

Que esperas, infeliz, de taes excessos?
Que esperas d'esse amor?

ARNALDO

Que esperò? A morte,
Do lugubre sepulchro a paz, o asylo.
Sancta religião, se tu não foras,
Se os decretos de um Deus m'o não vedassem;
Se outro estorvo não visse ás furias minhas
Mais que o geral horror da natureza,
Na presença de um termo inevitavel;
Se da cega paixão no labyrintho
Um resto de razão me não luzisse;
Se de Zaida ao poder não se oppuzera
A voz da carrancuda Eternidade,
Já do sangue, que ferve em minhas veias,
Mortifero punhal tingido houvera.
Não me esquece o dever, a lei que adoro;
Sou christão, portuguez, e heroe sería
Se mais forte que Arnaldo amor não fosse.
Eu me envergonho (oh céos!) eu me horroriso
Do estado a que a paixão reduz minh'alma!
Sei que é labéo, fraqueza, injuria, crime
Este affecto, este ardor; que sou por elle
Rebelde ao culto meu, e á patria minha;
Pejo, remorso, amor comigo luctam,
Mas sempre no combate amor triumpha.

Senhor dos corações, Ente supremo,
Ah! Porque tão sensivel me formaste?
Em vez de um coração tenho um verdugo!
Forças contra as paixões nos foram dadas,
Póde mais a razão que a sympathia,
E aquella me abandona, e cedo a esta!

GUILHERME

Defeza não lhe oppões, domar não queres
O fatal sentimento; elle é vencivel,
Mas cumpre que a virtude esmere as forças
Na empreza não vulgar: se resistisses,
D'esse inimigo interno a palma houveras.

ARNALDO

Que bruto, ferreo peito resistira
Ao suave attractivo, ao doce pranto
Que nos olhos da Zaida me encantaram?
Parece-me (ai de mim!) que ainda a vejo,
Quando armados os seus a conduziam
A distante logar, seguro asylo
Longe dos muros, que rodeia a morte:
Parece-me que a vejo, ao repentino
Encontro com que a fuga lhe estorvamos,
Estremecer, gritar, cair por terra,
E em breve de cadaveres cercada,

Tinta do sangue alheio, e sempre bella
Com seus olhos dourar o horror da morte!
Ah! Quando absorto, extatico, sem falla
Em meus braços a ergui do chão sanguento,
Furor, consternação, gentil mistura
De contrarios affectos, em seu rosto
Honrava, ou transcendia a Natureza!
«Christão (Zaida clamou) sou tua escrava;
Meu negro fado o quiz, mas não profanes
Uma infeliz princeza, uma donzella,
Uma filha de Osmin; entre inimigos
Exista ao menos da virtude o laço:
Tua religião te impõe deveres
Quaes a minha me impõe, quaes se derivam
Das generosas leis da humanidade.»
Ouvi-a, e transportado ás plantas suas...

GUILHERME

Para que estás cevando o pensamento
N'essa imagem fatal, que mais te affunda
No abysmo da paixão? Bem sei; mil vezes
Repetido me tens o lance infausto,
Que decidiu tão mal do teu destino:
Teu valor, teus respeitos excitaram
Na bella prisioneira amor fervente,
Mais forte que o dever, que as leis, que o sangue:
Tudo sei, triste amigo, e tudo temo

Do funesto poder de que és escravo.
Condemno-te christão, homem te choro.
Agras exprobrações nascidas foram
Não do meu coração, mas do meu zelo;
Relevar teus excessos é perder-te:
Lucta, lucta comtigo; ou tarde, ou cedo
Paixões fenecem como tudo acaba:
Cuida em accelerar triumpho insigne;
Do objecto, que te inflamma, evita os olhos;
Árdua, cruel, penosa é esta empreza,
Mas digna de um heroe por ser tão dura:
Teu coração se aveze á triste ausencia;
Não gostes do teu mal, não vás nutril-o
Perante as perfeições que o produziram:
O costume de amar captiva, e cega
Os frageis corações a amor propensos;
Roto o jugo ao costume, o peito enrija,
E a custo se recáe n'um louco affecto.

ARNALDO

Principe generoso, em teus conselhos
A singela amisade está brilhando;
Vejo o preço em que tens a gloria minha;
A voz d'alta virtude incontrastavel
Ouço na tua voz, porém que importa
Conhecer a razão sem abraçal-a
Inda é mais triste que existir sem ella.

Ah! nem gozo o prazer de hallucinar-me!
Reconheço-me réo, confesso o crime,
Não me sinto porém capaz da emenda.
Mil pensamentos entre si contrarios
Na minh'alma em tropel combatem, fervem;
Qual negro turbilhão, que agita os ares,
Todos, todos de chofre me salteam:
Mas, despojo infeliz de atroz conflicto,
Detesto o meu amor, e adoro Zaida.
Cessa pois, claro heroe, piedoso amigo,
Cessa de presentar-me o quadro feio
Dos desatinos meus, da minha injuria;
Ha de em breve apagal-o a mão da morte;
Em breve arremettendo áquelles muros
D'onde brotou meu mal, farei que brote
Meu socego, meu fim: por ferro, e fogo
A desesperação nadando em sangue
Minh'alma arrancará de meus tormentos;
Suberbos torreões cahindo em terra
Suffoquem meu furor, meu corpo esmaguem;
Nos horrendos montões d'altas ruinas
Se escondam para sempre a dôr, e o crime
De um misero mortal, de um cego escravo
D'esse encanto, a que chamam formosura.
Outros pereçam victimas da gloria,
Eu victima de amor: tal é meu fado;
Não posso resistir-lhe: em vão me acodem
Heroicos, arrojados pensamentos

Ludibrios da paixão que os desbarata.
Minha acerba catastrophe resôe,
Gire de voz em voz minha desgraça,
A causa lastimosa, o triste effeito:
Se applaudido não fôr, serei chorado.
Morrer é pouco, é facil; mas ter vida
Delirando de amor, sem fructo ardendo,
É padecer mil mortes, mil infernos.
Existir sem vêr Zaida! Ah! Não, não posso
Concordar tanto mal co'a existencia:
Sómente o mudo horror da sepultura
Entre nós erguerá barreira eterna.

GUILHERME

Que proferes, oh céos! Que desvario
Te occupa o coração, te abrange a mente!
Infeliz, em que trevas, em que horrores
Tão longe da razão te vás sumindo!
Voluntario dispões sacrificar-te
Ao phrenetico amor, que te arrebata?
Teu pae, teu rei, teu Deus bradar não sentes
Dentro do coração, e a Natureza
Sacros direitos seus perdeu comtigo?
Que! Disseste, affirmaste que o sublime
Titulo de christão só te era estorvo
Ao suicidio feroz, só te arredava
Do amargurado peito agudo ferro,

E assim te contradizes! E rompendo
As leis universaes as leis mais sanctas,
Tentas, projectas espontanea morte!
Lançar mão de um punhal, ou de um veneno,
Ou machinar teu fim por outro modo
Egual crime não é? Não desacata
A Natureza, os céos da mesma sorte?
Teu nome, que atéqui guardaste illeso,
Queres manchal-o de indelevel nodóa?
Ah! Jura pelo Deus a quem sagraste
Teu braço, teu valor, teu ser, teu zelo,
Jura de abrires mão do atroz projecto;
De respeitares a existencia tua,
Em quanto aos céos, ao heroismo, á patria
Necessario não fôr teu sacrificio.
Lembre-te o gran dever com que nasceste;
Attenta no immortal, paterno exemplo;
Ou inda mais ao longe estende os olhos:
Venerandos avós, de que procedes,
Nos tumulos erguendo honradas frontes,
Te contemplam de lá, de lá te exclamam:
«Não fujas dos vestigios que trilhamos,
Do sangue dos heroes não degeneres;
Prosegue, aperfeiçôa a vasta empreza
A que os céos te encaminham; doma, expulsa
Do peito um criminoso amor, que o mancha,
Da patria os infieis usurpadores,
Que em barbara invasão a agrilhoaram:

Tua religião, teu Deus t'o ordenam:
Restaura o culto seu, e os seus altares;
Da vil superstição derriba os templos:
Como os teus ascendentes vive, e morre.»
Eis o que elles te dizem: dá-lhe ouvidos,
Seus dictames adora.

ARNALDO

Oh! pejo, oh furia!
Em dous o coração se me reparte,
E nas tristes porções, que a dôr lhe arranca,
Terriveis sentimentos me atassalham.
Ah! Mil vezes morrer não é mais dôce
Que este mal, que este horror, que este refluxo
De encontradas paixões com que deliro?
Ah...

GUILHERME

Céssa; para nós dirige os passos
Não sei quem: prende os ais, compõe o aspecto,
Recata o phrenesi, que te deslumbra. (1)

(1) Esta terceira scena, não obstante ser longa, não dá fastio; e julgo que pouco se lhe deveria omittir: Guilherme tem verdadeiramente o caracter de um sisudo amigo; e Arnaldo o de um heroe mancebo, allucinado pelo amor. *(Nota de Pato Moniz.)*

*

SCENA IV

Um Official portuguez, e os mesmos

O OFFICIAL

Enviado de Osmin chegou ao campo
Almansor, entre nós bem conhecido
Pelo audaz coração, e o fero orgulho;
A audiencia, que pede, o rei lhe outorga,
E ao regio pavilhão convoca os chefes:
Por ti, senhor, e por Arnaldo espera.

GUILHERME

Ambos já te seguimos: vae. Reflecte (1)
Que a tua agitação trahir-te póde
Diante de olhos mil em ti pregados:
Affectado socego ao menos leva
Á presença do rei, que te honra, e chama.
Vamos.

ARNALDO

Ah! d'esta sorte, acceza a face
Do pejo, e da paixão, terei o esforço
De ir comtigo, senhor, de apresentar-me

(1) Vae-se o official.

N'um congresso d'heroes, quando o deslustro,
Quando a minha fraqueza é d'elle indigna?
O remorso talvez, supprindo as vozes,
Pela perturbação dirá meu crime.
Ah! Salva d'este lance o triste amigo,
Urde ao menos, oh principe, um pretexto
Que a demora me honeste, e deixe espaço
Para ver se grangeio algum repouso,
Abafando a tormenta em que fluctuo.
Vae senhor, que eu te sigo! Um só momento
De solidão te roga a minha angustia.

GUILHERME

Na solidão requinta-se a tristeza;
Se a dôr se communica, a dôr se abranda;
Mas, pois o queres, fica: estes momentos
Em serenar-te, amigo, eia, approveita.
Fujam teus olhos, teus sentidos fujam
Do perigoso objecto que os enleia;
Emtanto c'o teu rei vou desculpar-te:
Não tardes em seguir-me; heroico esforço
Dos laços da paixão desate a gloria.

SCENA V

ARNALDO

Que farás, coração? Que lei, que jugo
Te dispões a soffrer? O amor, e a honra
Prohibe o fado meu que em ti se ajustem:
Se á honra me submetto, amor suspira;
Se para amor propendo, a honra clama.
Que trance tão cruel! Que alternativa!
Que horror!... Zaida perder! Perder a gloria!...
Sem esta, e sem aquella odeio a vida...
Mas hei de a cego amor sacrificar-me
Quando de mim carece a patria minha?
Hei de murchar viçosas esperanças
No coração de um pae tão bem plantadas?
Hei de retroceder, hei de apartar-me
Da estrada que seguiu, que segue ainda,
C'roando honradas cãs de honrados louros,
Da curva edade repellindo o pezo?
Tégora fervoroso apoz seus passos
Terei corrido em vão? Farei que aborte
O gran projecto de hombrear com elle,
Gloria que longe no futuro olhava?
Será seu filho, oh céos! o seu deslustre?...
Não, vós me accudireis, em vós espero,
Honra, patria, virtude. Ah! Eu vos sinto,
Vós me inflammaes a ideia: amor não póde,

Não póde o fero amor desarraigar-vos
Do coração de Arnaldo: é inda o mesmo,
É capaz de vencer-se: e... Deus eterno,
Que objecto me apresentas!... Zaida, Zaida...
Honra, patria, virtude, ah! eu vos perco.

SCENA VI

Arnaldo, Zaida e Zelima

ZAIDA

Salve, grão vencedor dos musulmanos,
Gloria, e flôr dos christãos, d'heroes modelo,
Impavido guerreiro... e frouxo amante,
Já no sangue dos meus fartaste a sede?
Ou teu negro furor mais sangue exige? (1)
....

(1) Este drama tinha findos tres actos, e era talhado para cinco; mas nem ao menos vemos acabado o primeiro, que fechava com esta sexta scena, jogada entre Arnaldo, e Zaida; e que me peza de não apparecer, porque era bellissima, e n'ella combatiam todos os affectos contra todos os deveres; pois que elles reciprocamente se amavam com extremo, conhecendo que este amor era condemnado pelos interesses da sua lei, e da sua nação. Esta scena de per si era bastante extensa, mas devia-o ser; e junta com as demais, fazia o acto desmesuradamente grande; porém ao menos era (como poucos) uma perfeita exposição de todo o enredo; e, se Bocage lhe deitasse a lima, elle ficaria em tudo perfeitamente regular. *(Nota de Pato Moniz.)*

O HEROE LUSITANO

OU

VIRIATO

(TRAGEDIA)

ACTORES

Viriato, Chefe dos lusitanos. — Elania, Filha de Viriato. — Cresinta, Confidente de Elania. — Servilio, Tribuno romano. — Flavio, Centurião. — Aulaces, Um dos cabos do exercito lusitano. — Minuro, Chefe dos Calaicos. Astyr, Official no exercito lusitano.

A scena se figura nos arraiaes de Viriato.

ACTO I

SCENA I

Servilio e Flavio

SERVILIO

Eis, Flavio, os arraiaes dos lusitanos:
Paremos um momento a contemplal-os.
Ali de Viriato, ali de um chefe
Destemido, illustrado, infatigavel

Contra os fados do Tibre impera o Genio. (1)
. . . .

Este da Natureza horrivel fructo,
Guerreiro, que respira, anhela estragos,
A quem no duro ouvido alegres sôam
Os baques de amplos muros, de arduas torres;
A quem da Humanidade é gloria o pranto,
E são musica os ais, e o sangue é nectar;
Execrando mortal, cruento, infrene,
Que, na voz o trovão, na dextra o raio,
Brama sumido em pó, sumido em fumo,
E rios o suor, e os olhos brazas,
E braza o coração, que as Furias sopram,
Por entre esquadras cem vae solto em mortes. (2)
. . . .

(1) É quanto acho d'esta primeira scena, que abria excellentemente, declarando logo o logar d'ella, e dando idéa da acção.

(1) Esta falla não sei a que acto, nem a que scena pertence, nem quem a declama; presumo que seria um dos dous traidores Aulaces, ou Minuro; porque o terceiro traidor, e assassino de Viriato não foi Astyr, que entra em scena, foi Dictaleão, que não entra; porque taes phrases só podem aqui entender-se contra Viriato, e só as podera proferir um seu acerrimo inimigo; e finalmente por que julgo que não convém na bocca de Servilio, nem de Flavio, romanos, que usavam fallar com dignidade dos seus grandes inimigos, e mais estes, que logo na abertura da scena, prorompem em elogios ao heroe lusitano. *(Nota de Pato Moniz.)*

Commando heroes, sou Viriato, e posso
Da patria, da razão levar o esforço
Além dos Pyreneos, além dos Alpes:
Em nova Trebia, em novo Trasimeno
Do Tibre inda talvez baqueie a gloria;
Com outro Viriato á testa os lusos
Lá de sangue, e terror mancharam Roma:
Na Italia, como aqui, já sabe o mundo
Que vós, filhos de um deus, tambem sois homens,
Ou que os homens então venceram deuses (1).

. . . .

(1) Estes versos claro está que os recita Viriato, mas tambem não sei em que acto, nem em que scena, nem é possivel que me lembre depois de tantos annos; mas estou bem certo que d'esta tragedia, ordenada para cinco actos, havia dous finalisados, e que estes tenuissimos fragmentos dão bem que sentir-lhe a perda. *(Nota de Pato Moniz.)*

EULALIA

OU A VINGANÇA DE AMOR

(TRAGEDIA)

ACTORES

Ramiro, Rico-homem. — Mathilde, Contractada esposa de Ramiro. — Arnaldo, Amante de Eulalia. — Jaime, Velho, pae de Eulalia. — Eulalia. — Anthero, Confidente de Ramiro. — Elvira, Aia de Mathilde. — Servos de Ramiro. — Povo.

A Scena se finge no solar de Ramiro, em uma das provincias do Norte.

ACTO I

SCENA I

Ramiro e Anthero

ANTHERO

Teu lugubre silencio respeitando,
Atégora, senhor, não tenho ousado
Sondar a interna origem da tristeza

Expressa nos teus olhos... Que! Ramiro,
O sangue dos heroes, o descendente
De Moniz, em virtude, em gloria, em armas
Insigne mestre do primeiro Affonso;
Tu, que és acceito ao rei, e á patria acceito,
Que ás hostes do Agareno has sido um raio;
Tu grande, tu feliz, que em ti reunes
Os dons da Natureza, os dons da Sorte;
Que, mimoso de amor, esposa tua
Verás em breve a singular Mathilde,
Da corte portugueza esmalte, ornato,
Inveja de altas damas, que atavia
A triste viuvez co'a flôr das graças,
Co'a flôr dos annos, e um caracter puro;
Tu por ella entre mil preposto, eleito,
E que a ti sup'rior só vês o throno;
Envolves estes bens, estas ideias
Nas sombras de tenaz melancolia,
Pezada, mysteriosa, incomprehensivel!
Depois de longa ausencia, ao berço, aos lares
De teus grandes avós tornado apenas,
Como que vives n'um desterro amargo,
Em vez de te sorrir, de recrear-te
No aprazivel theatro, onde exerceste
Os doces brincos da mimosa infancia!
Ah! Se um servo fiel, se um servo antigo,
Que, egual na edade a ti, seguiu tégora
Teus passos, teu destino em toda a parte,

Se Anthero, honrado sempre, e sempre digno
Da confidencia tua, inda a merece,
Rompe um duro silencio, e deposita
Dentro em meu coração teus dissabores. (1)

. . . .

JAIME

Rogerio foi perjuro ao rei, e á patria;
Não merece piedade, horror merece
Quem ao dever, e ás leis faz alta injuria.
E Eulalia, prole minha, horror não sente
De nefanda traição, de atroz delicto
Que, á falta de cutelo, exige o raio!
E Eulalia chora o pae, lamenta o filho!...
Que digo!... Ama-o talvez, e irreverente
Ao dominio paterno, á voz do throno,
Um criminoso ardor, defezo, indigno,
Nos olhos, e nos labios denuncía!... (2)

. . . .

(1) Nada mais achei pertencente a esta primeira scena.
(2) Acho declarado que esta falla pertence ao primeiro acto, porém não a que scena. *(Notas de Pato Moniz.)*

MATHILDE

Ramiro me abandona, é certo, Elvira,
Mathilde tem rival; por outros olhos
Enlouquece o traidor, arde o perjuro:
Os votos, que lhe ouvi, que os céos lhe ouviram,
Votos de um casto amor, lhe voam d'alma. (1)
. . . .

ARNALDO

Vencido estás, a tua espada é minha:
Aprende a respeitar os desgraçados,
A acatar a virtude, e... vive.

RAMIRO

Oh raiva!
Eu vencido por ti!... Mata-me, infame;
Como dadiva tua odeio a vida.

ARNALDO

Essas injurias vãs são meu triumpho. (2)
. . . .

(1) Egualmente esta, que pertence ao terceiro acto.
(2) Estas fallas tambem acho que pertencem ao quarto acto, mas não designada a scena. *(Notas de Pato Moniz.)*

RAMIRO

O filho de Rogerio......
Desarmou-me... oh labéo! Venceu-me... oh pejo!
O braço me trahiu, trahiu-me o ferro;
Pela primeira vez cedeu Ramiro
A contrario poder: não mais contemples
Meus titulos, meu gráo; já perdi tudo,
Indigno sou de ti; suppõe-me extincto,
Suppõe-me aniquilado: a injuria é morte. (1)
....

EULALIA

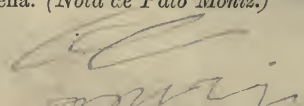
Oppressor da ternura, e da innocencia,
Verdugo do infeliz, que extincto adoro,
Torpe do sangue, da perfidia negro,
De mim queres amor?... Eu só te posso
Amar como no inferno as Furias amam.
Eis o amor de que és digno: um ferro, a morte!... (2)

RAMIRO

Oh céos!... Traidora... eu morro! (3)

(1) Tambem pertence ao quarto acto, e julgo que é logo na scena immediata ao desafio.
(2) Crava-lhe de repente um punhal.
(3) Cáe. *(Notas de Pato Moniz.)*

EULALIA

Acaba, infame,
Perfido, acaba: tendes mais um monstro,
Abysmos da medonha eternidade.
Agora que me resta?... O que? Remir-me
D'este carcere mundo, horrores todo. (1)
. . . .

SCENA ULTIMA

EULALIA

Quer ante os olhos teus morrer Eulalia,
Ao pae quer abraçar-se a terna filha
No momento final: contente expiro,
Ao vêr-te é para mim suave a morte;
Teu odio, teu furor já se applacaram,
A justiça real salvou do opprobrio
A misera innocencia, e tu deploras
Do meu querido amante o fado acerbo:
Honra a memoria sua, e co'a saudade
Minhas cinzas consola. Arnaldo!... Arnaldo!...

(1) Pertencem ao quinto acto, creio que na penultima scena. *(Nota de Pato Moniz.)*

Eulalia vai no céo, na gloria amar-te,
Vai longe d'este horror viver comtigo:
Acolhe a tua... oh Deus... perdão, piedade. (1)

JAIME

Filha, filha infeliz!... Que dôr! Que trance!
Ah! Triste, eu não fui pae, eu fui verdugo...
Junto ao cadaver teu me puna o raio. (2)

MATHILDE

Dos phrenesis de amor que amargo exemplo!
Quantos males comsigo arrasta o crime! (3)

(1) Morre.
(2) Desfallecendo abraçado á filha.
(3) Isto são pertenças, ou accrescentos da ultima scena.

N. B. Á excepção da primeira falla, tudo mais achei lançado em oitavos de papel, prova bastante de que eram accrescentamentos, ou emendas aos logares a que pertenciam: d'estes mais podéra apresentar; mas como de per si valem pouco, pois que se ignora a sua ligação, contentei-me de colligir o que basta para demonstrar a verdade da minha asserção, relativa ao acabamento d'esta tragedia, que sem duvida era um grande abono para os creditos de Bocage.

Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.os 19 e 20

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

VERSÕES

Racine — Ode á existencia de Deus.
J. B. Rousseau — As Forjas de Lemnos.
Virgilio — Ecloga v.
Bion de Smyrna — Sepultura de Adonis.
Moscho — Amor fugido.
* * — Euphrasia a Ramiro.
* * — Euphrasia a Melcour.
Ovidio — Morte de Lucrecia.
Lucano — Bosque de Marselha.
Tasso — Latino e seus filhos.
» — Gildipe e Eduardo.
Gessner — Descripção do Diluvio.
Voltaire — Sacrificios aos Espiritos infernaes.
» — Combate de Ailly.
» — Templo de Amor.
» — A fome assolando Paris.
M.me Du Bucage — Colombiada, cant. I.
Legouvé — Merito das Mulheres, cant. I.
Ossian — Fragmento de Fingal.
J. F. Cardoso — Expedição de Tripoli.
Ovidio — Metamorphoses.

NAS REDONDILHAS

Argenson — Ode.
Lafontaine — Fabulas VI, VII, VIII a XII.
Dufresny — Epigrama XI.
M.me Bernard — Epigr. XV.
M.me Scudery — Epigr. XXI.
Bois Robert — Epigr. XXIII.
Perrault — Epigr. XXXIV.
Alciato — Epigr. XCIV.
Rabutia — Epigr. CII.

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

VOLUME V

Versões lyricas, Episodios traduzidos, Fastos

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1875

VERSÕES LYRICAS

Á Existencia de Deus

(Extrahida do poema «A Religião» de Racine)

O Deus, a quem se deve a nossa crença,
　　Mortaes, é Deus occulto:
Mas oh! Que irrefragaveis testemunhas
　　Ante nós congregadas,
Pelas quaes se revele a gloria sua,
　　A sua omnipotencia!
Respondei, mar, e céo, responde, oh terra,
　　Astros, mundos brilhantes,
Que mão vos esparziu, vos tem suspensos
　　Na ethérea immensidade?
D'onde te veiu, oh noute, o véo lustroso?
　　Céos! oh céos! Que grandeza!
Que assombro! Que esplendor! Que magestade!
　　Em vós, em vós conheço
Quem milagres sem conto obrou sem custo;
　　Quem nos vossos desertos
As luzes semeou, como semêa
　　Na terra o pó volatil.

Oh tocha do universo, auctor dos dias,
Da aurora annunciado!
Oh astro sempre o mesmo, e sempre novo!
A que mando obedeces,
Porque preceito, oh sol, dos mares surges,
Restituindo ao mundo
O raio amigo, a fertil claridade?
De teus lumes saudoso
Cada dia te espero, e tu não faltas.
Ah! Sou eu quem te chama?
Sou eu talvez quem te regula o passo?
E a ti, pelago horrendo,
Que em teu bojo voraz como que intentas
Absorver toda a terra,
Que alto poder no carcere arenoso
Retem, constrange, enfreia?
Em vão forcejas, assanhado e torvo
Para arrombar teus muros;
Morrem na praia as espumosas furias.
Esses, cuja avareza
No teu seio traidor corre a punir-se,
Quando em serras e abysmos
Ora os levas aos céos, ora aos infernos,
Imploram-te clemencia?
De olhos fitos na abobeda celeste,
Na fonte d'onde emana
Sobre os tristes mortaes macio orvalho
De amor, e de piedade,

Invocam, suspirando, o braço eterno
Domador das procellas.
Bradas n'aquelle extremo, oh Natureza,
E as vistas lhe diriges,
Guias-lhe as preces ao supremo asylo,
As preces, o tributo
Que aterrados espiritos não negam
Ao numen esquecido,
Ou trocado até li por mil chimeras.
As vozes do Universo,
Do assombrado Universo a Deus me chamam;
Sim; a Terra o pregôa.
«Fui eu quem produziu, fui eu (diz ella)
Quem compoz os matizes
Que a minha superficie aformoseam?
Não fui eu, foi aquelle,
Aquelle, que assentou meus alicerces.
Ás mil necessidades
Que te vexam, mortal, se logo acudo,
Deus, é Deus quem o ordena;
Os dons, que me confere, a ti destina.
Flores, com que me adorno,
Vós da mão lhe caís sobre meu seio!
O creador, o eterno
Lá onde arida sou, e avara, e dura,
Lá no escaldado Egypto
(Para que folgue a timida esperança
Do cultor desejoso)

Em prescripto momento ao Nilo acena,
Que trasborde, que innunde
Meus campos, alongando-se das margens,
E os orne, os enriqueça
De douradas espigas susurrantes.»
Assim se exprime a Terra;—
E encantado de ouvil-a, e contemplando
Travados uns com outros
Por invisiveis, portentosos laços
Milhões de entes diversos,
Que á regra universal concorrem todos,
Encontro, encontro em tudo
A lei que os encadêa, a mão que os liga;
E do plano sublime
N'um jubilo sem termo admiro, adoro
A pasmosa Unidade.

As forjas de Lemnos

(Traduzida livremente de J. B. Rousseau)

Na famosa caverna, onde Vulcano
Fórja, e tempéra do Tonante as armas,
Venus pedia aos horridos artistas
Recheassem de lucidos virotes
O dourado carcaz do filho astuto:
    As Graças, os Prazeres
Lhe prestavam seus dons, e seus encantos.
    O carrancudo esposo
Junto á fragoa immortal crestado, e cheio
    Das saltantes faiscas,
* As mãos do ferro e fumo enxovalhadas,
* Nas faces crespas o suor em fio,
    D'est'arte affervorava
Co'a voz, e exemplo os Cyclopes membrudos:

Eia, socios, trabalhêmos,
Obedeça-se ao que manda
Venus bella, doce, e branda,
Mãe das Graças, e de Amor.

«Folles tumidos soprando
Mais e mais o fogo atêem,
Labaredas nos rodêem
Com terrifico fragor:

«Rubro o ferro escume, e ferva,
Lide a mão com força enorme,
Settas, farpas, dardos forme;
E, brandido a cada instante,
Na bigorna resonante
Cáia o malho atroador.

«Eia, socios, trabalhêmos,
Obedeça-se ao que manda
Venus bella, dôce, e branda,
Mãe das Graças, e de Amor.»

Instigado por elle, assim Vulcano
Á voluvel consorte
Obrava contra si terriveis armas;
Quando o numen da guerra, inda horroroso
Das mostras de recente mortandade,
Entra, os olhos em braza, as mãos sanguentas,
E—«Que fazeis (exclama)
Filho de Juno, artifices do raio?
Para entreter meninos ociosos
Ante a forja voraz estaes suando?
Por isso, por tão pouco, e tanto á pressa
Esta caverna horrisona rebomba?

«Que trabalho vergonhoso!
Eia, em cinzas transtornae-o:
Ou deixae tão futil brinco,
Ou não mais forjeis o raio.»

Mas em quanto vozêa, em quanto affronta
O afadigado irmão, e as duras Brontes,
Eis farpa vingadora o pune e fere.
Que repentino ardor lhe inflamma o sangue!
Que pejo, que rubor lhe accende as faces!
Quer fallar, mas a voz nos labios morre,
Dirige a vista ao céo, turba-se e geme:
Cede emfim; perde a côr, e o orgulho, as forças,
E seus olhos confusos, vagos, froixos
Já presos por Amor, já namorados
Param no seio da benigna Venus:
Revendo-se depois no rosto amado,
Terno sorriso o coração lhe acolhe.

Vós, que domaes a terra,
Despí audaz furor;
Sabei que o Deus da guerra
Só é o deus de Amor.

Não lhe agraveis a gloria,
Tremei de o irritar;
É dares-lhe a victoria
Querer-lh'a disputar.

Daphnis

(Traducção da Ecloga v de Virgilio)

Interlocutores: Menalca, Mopso

MENALCA

Já que n'este logar nos encontramos
Eu versado no canto, e tu na flauta,
Mopso, porque rasão nos não sentamos
Entre estas avelleiras, cujas folhas
Quasi com as dos álamos se enredam?

MOPSO

Tu és mais velho que eu, e a ti, Menalca,
Me cumpre obedecer. Ou descancemos
Á sombra d'estas arvores, que tremem
Co' as frouxas virações, ou antes vamos
Para a gruta, que alli se nos offerece.
Olha como verdejam dentro n'ella
D'uvas agrestes pequeninos cachos!

MENALCA

Nos nossos montes disputar-te a gloria
Pretende Amyntas só.

MOPSO

Não se presume
Capaz de até vencer no canto a Phebo?

MENALCA

Eia, Mopso, começa. Ou saibas versos
Aos amores de Philis, alva, e loura,
Ou em louvor de Alcão, ou á contenda
De Côdro, do bom rei, começa. Entanto
Tityro cuidará dos nossos gados,
Que na varia planicie andam pascendo.

MOPSO

Antes exp'rimentar uns versos quero,
Uns versos, que são meus, que inda outro dia
D'uma faia entalhei no verde tronco:
Ora os ía escrevendo, ora entoando.
Ouve, e dize depois ao fofo Amyntas
Que ouse, que venha disputar-me o premio.

MENALCA

Quanto o molle salgueiro ás oliveiras,
Quanto o rasteiro arbusto d'alfazema
Cede á belleza do rosal corado,
Tanto, a meu parecer, te cede Amyntas.

MOPSO

Basta, mancebo. Já na gruta estamos.
«Desgrenhadas as nymphas panteavam
De morte lastimosa extincto Daphnis:
Vós fostes de seus ais, de seus lamentos
Testemunhas, oh arvores, oh rios,
Quando a pallida mãe tendo nos braços
O misero cadaver de seu filho,
Crueis aos céos chamou, crueis aos fados.
N'aquelles dias ninguem houve, oh Daphnis,
Ninguem, que fartos bois levasse ao rio,
E quadrupede algum n'aquelles dias
Não gostou agua, nem boliu na relva.
Té n'Africa os leões te deploraram,
Dizem-n'o os montes, dizem-n'o as flores.
Daphnis instituiu, mandou que o jugo
Ao carro submettesse armenios tigres;
Em honra a Baccho introduziu corêas,
E a revestir de pampanos os thyrsos
Ensinou aos pastores. Como as vides

Trepando são das arvores adornos,
E adornos são da vide os prenhes cachos;
Como servem de pompa, e de ufania
Ás manadas o touro, ao campo as mêsses,
Daphnis, eras dos teus o amor, a gloria:
Depois que os fados negros te levaram,
Pallés, e Apollo d'entre nós fugiram.
Estas nossas campinas, que abundavam
De barbadas espigas proveitosas,
Só brotam joio infesto, inuteis hervas.
Surge o cardo mordaz, a çarça aguda
Onde a molle violeta roxeava,
E o purpureo narciso. Oh vós pastores,
Mil folhas pela terra ide esparsindo,
As frontes assombrae co'a rama agreste,
Daphnis quer que a memoria assim lhe honrem.
Um tumulo erigí, gravae-lhe em cima
Estes saudosos versos: «Eu fui Daphnis,
«Das selvas conhecido até os astros,
«D'um bello gado guardador mais bello.»

MENALCA

É divino poeta, é o teu canto
Suave para mim, como é suave
O dormir sobre a relva aos fatigados,
Ou qual ao encalmado, ao sequioso
Matar a sêde em limpido regato,

Que vae por entre seixos murmurando:
A teu mestre és egual, não só na flauta
Mas no verso, e na voz. Feliz mancebo!
Tu lhe has de succeder no dom, na fama.
Nós com tudo, pastor, como podermos
Algum verso tambem soar faremos:
N'elle ás estrellas ergueremos Daphnis,
O teu Daphnis aos céos irá com elle,
Que Daphnis se dignou tambem de amar-nos.

MOPSO

Que prazer me darás maior que ouvir-te!
Daphnis é digno assumpto d'esses versos,
E ouvi a Stimicon louval-os muito.

MENALCA

«Do Olympo as aureas portas estranhando
Pasma em almo prazer o ingenuo Daphnis:
Vê debaixo dos pés nuvens, e estrellas.
Eis a doce alegria occupa os bosques,
Os valles, as montanhas, os pastores,
O arcadio Pan, as driades donzellas.
Nem o lobo ao rebanho insidias tece,
Nem a rêde traidora engana os cervos.
Daphnis ama o socego. Intonsos montes,
Mil vozes de prazer soltaes vós mesmos!

Proferem brando verso até rochedos,
E o trémulo arvoredo está soando:
Oh Menalca! Elle é deus!... É deus!... Oh Daphnis,
Sê benefico aos teus. Eis quatro altares
Eil-os, dous para ti, dous para Phebo.
Aqui te sagrarei todos os annos
Dous vasos, em que espume o leite novo,
Com outros dous tambem, nos quaes loureje
Da placida oliveira o grato sumo.
Baccho, fervendo em prodigos banquetes,
Com fogoso prazer ha de espertar-nos,
E á sombra no verão, no inverno ao lume
As taças encherei de Arvisio nectar.
A Damêtas, e Egon direi que entôem
Ledas canções, e os satyros saltantes
Ao leve Alphesibêo direi que imite.
Sempre serás por nós d'est'arte honrado,
Ou quando, amavel Daphnis, consagrêmos
Votos solemnes ás formosas nymphas,
Ou quando á roda dos hervosos campos
Co'as victimas andêmos, como é uso.
Em quanto o javali na serra, em quanto
O peixe nadador folgar no rio,
Em quanto de tomilho a loura abelha,
E de orvalho as cigarras se abastarem,
Hão de permanecer por estes montes
Teu nome, o teu louvor, tua saudade.
Como a Ceres, e Baccho os lavradores

Todos os annos te farão mil votos,
E obriga-os tu, se acaso os não cumprirem.»

MOPSO

Que premio te darei, que valha os versos,
Os versos immortaes, que me encantaram?
Tanto austral viração me não recrêa,
Nem d'um mar brando arêas açoutadas,
Nem o sussurro d'um arroio ameno,
Que serpêa entre valles pedregosos.

MENALCA

Eu te hei de preceder nos donativos.
Aqui tens esta flauta. É ella, oh Mopso,
Quem fez com que eu cantasse aquelles versos;
«O pastor Corydon, louco de amores,
«Pelo formoso Alexis suspirava» —
E os outros: «Esse gado a quem pertence?
«Talvez a Melibêo?»

MOPSO

Pois tu recebe
Este cajado; tem de bronze o conto,
E eguaes os nós. Antigenes mil vezes
M'o pediu (e era então credor d'amar-se)
Mas, por mais que lidou, não pôde obtel-o.

A sepultura, ou a morte de Adonis por Bion de Smyrna

(Vertido fielmente da traducção litteral em lâtim)

Chóro Adonis, é morto o bello Adonis,
É morto Adonis, choram-no os Amores.
Não mais envolta nas purpureas vestes,
Não mais durmas, oh Venus! Eia, acorda,
E lutuosos véos trajando afflicta,
Fere co'a mão de neve o lindo peito,
Dize a todos: — É morto o bello Adonis,
Eu chóro Adonis, choram-n'o os Amores.
Jaz na montanha Adonis, o formoso,
Mordidas de alvo dente as alvas carnes:
A triste Venus esmorece ao vêl-o
Ir exhalando os ultimos suspiros;
Sáe do golpe fervendo o rubro sangue,
Nevoa da morte lhe entorpece os olhos,
Foge dos labios a punicea rosa,
Vão-se com ella os deleitosos beijos,
Em que de gosto desmaiava a deusa.
Inda no moço amavel, já não vivo,
Dar osculo amoroso é dôce a Venus;

*

Mas Adonis (oh céos!) não vê, não sente
Que Venus infeliz o abraça, o beija;
Eu chóro Adonis, choram-no os Amores.
Adonis junto á candida cintura
Tem mortifero golpe, e tu, oh Venus,
Tu tens no coração maior ferida.
Os fieis animaes á caça usados
Em roda ao gentil domno uivaram tristes;
Nos montes as Oreades o choram.
A anciosa Venus, soltos os cabellos,
Sem côr, sem atavio, e nua a planta
Pelos bosques vaguêa, e corre, e geme.
Na rapida carreira agudo espinho
Lhe extráe dos tenros pés o sangue puro.
Ella com alta voz atrôa os valles,
Chama o terno amador, o assyrio moço.
Ai! Entretanto o misero destilla
Rubicundo liquor das rotas vêas,
E purpurea apparece a nivea carne.
«Ah Venus! Venus!...» (os Amores gritam)
Dos olhos, e da face os mil encantos
Perdeu Venus, perdendo o bello amante.
Quando Adonis vivia era das Graças
Venus a deusa, Venus o modelo;
Toda a belleza d'ella, o riso todo
Quando Adonis morreu, morreu com elle.
Arvores, montes por Adonis clamam,
De Venus a tristeza os rios choram,

Vão por Adonis suspirando as fontes,
Roxas as flôres pela dôr se tornam.
Delira a consternada Cytheréa
A girar, e a carpir de valle em valle.
Ah Venus! Jaz sem vida o meigo Adonis.
Quem não lamentará da afflicta deusa
O duro estado, os miseros amores?
Oh dôr! Quando ella viu ser insanavel
Do seu mimoso Adonis a ferida,
E o sangue em borbotões correr do golpe,
Abrindo os braços, e arquejando—«Espera,
Espera, triste Adonis» (exclamava)
«Dá-me que eu gose este prazer extremo,
Deixa que me console um terno abraço,
Que inda meus labios nos teus labios toquem.
Abre os olhos, Adonis, abre um pouco,
Dá-me um beijo, um só beijo, em quanto a morte
Não te extingue o calor nos molles beiços.
Tua alma acolherei na minha bôca,
E d'ella descerá para meu peito;
Dôce amor beberei no beijo dôce,
E o dôce beijo guardarei saudosa
Como se fôsse Adonis, já que ingrato
A Venus desamparas, foges d'ella
Para as medonhas margens de Acheronte,
Para o feio, implacavel rei do inferno.
Eu, infeliz, sou immortal, sou deusa,
Eu seguir-te não posso, eu vivo, e morres!

Recebe, oh tu, Proserpina, recebe
O meu formoso encanto, a gloria minha!
Ah! Quanto é sup'rior ao meu teu fado!
Tudo o que ha mais gentil, melhor no mundo
Tudo possuirás, e eu desditosa
Curtirei dôr sem fim, saudade eterna!
Temo a deusa tartarea, chóro Adonis.
Morreste, oh suspirado, e teus carinhos
Como um sonho fugaz de mim voaram:
Em triste viuvez eis Venus fica,
E os Amorinhos seus em ocio triste.
Do meu cinto a virtude encantadora
Comtigo pereceu!... Ah temerario,
Como sendo tão lindo, e tão mimoso
Ousaste acommetter sanhudas feras?...»
Assim carpía a mãe, e os Cupidinhos.
Ai Venus! Ai que é morto o bello Adonis!
De Venus tantas lagrimas correram,
Quanto sangue correu do louro amante;
E em flôres se mudaram sangue, e pranto:
Nasceu d'aquelle a purpurina rosa,
D'este nasceu a anemone brilhante.
Chóro Adonis, é morto o bello Adonis.
Não mais no bosque, oh Venus, o prantêes;
Em sublime logar já mão piedosa
Digno thoro aprestou ao teu querido.
Sobre teu leito jaz o morto Adonis,
E morto, e descórado é bello ainda:

Parece n'elle a morte um brando somno.
Depõe seu liso corpo em lisas vestes,
Vestes nas quaes envolto elle gosava
De noute ou mimos teus, ou gratos sonhos.
Ama, posto que extincto, Adonis ama,
Tece-lhe as c'rôas, e os festões de flôres,
Que depois que morreu ficaram murchas.
Réga do sumo de amorosos myrthos,
Perfuma de gratissimos aromas,
Perfuma os frios, delicados membros:
Pereçam, Venus, os perfumes todos,
Se Adonis pereceu, que era o perfume,
O suave perfume da tua alma.
Na purpura descança o tenro Adonis:
Em torno d'elle suspiraes, Amores,
Ás lustrosas madeixas decotadas
Em honra funeral do extincto amante.
Aquelle calca aos pés bicudas settas,
Este o arco desmancha, est'outro parte
Aureo carcaz de farpas abundante:
Um lhe descalça o nitido cothurno,
Outro agua cristalina em ricos vasos
Traz, carpindo, outro lava-lhe a ferida,
Co'as pennas outro em fim lhe agita os ares.
Os Amores lamentam Cytheréa,
E na porta Hymenêo seu facho apaga,
E a c'roa nupcial desfaz saudoso...
Ah! Não mais Hymenêo, não mais seus hymnos,

Só lagrimas, só ais borbulham, soam.
Oh misero Hymenêo, misero Adonis!
O filho de Cinyra as Graças choram,
«É morto Adonis» (entre si clamando
Em mais aguda voz, que a tua, oh Venus)
As tres negras irmãs, as mesmas Parcas
Choram em flôr cortado o moço lindo,
E até com mago verso á vida o chamam:
Elle escuta, elle attende, e fica immovel;
Não por estar contente onde se occulta,
Mas Proserpina o quer, e não permitte
Que elle gose outra vez a luz do mundo.
* Cessem pois, Cypria deusa, os teus suspiros:
* Um terno suspirar não move os Fados.

Amor fugido

(Traduzido de Moscho)

Venus chamava o filho em altas vozes.
Se alguem viu pelo campo (a mãe dizia)
Andar vagando Amor, esse é meu filho,
Meu filho, que fugiu. Quem souber d'elle,
Quem noticias me der do meu Cupido
Premiado será; tem certo um beijo
Nos proprios labios da amorosa Venus:
Porém se m'o trouxer, terá mais gloria,
Cousas mais doces do que um simples beijo.
Entre meninos mil este menino
Por diff'rentes signaes se reconhece.
Não tem candida a tez, mas côr de fogo;
São seus olhos espertos, scintillantes,
Meigo o fallar, o coração maligno,
Nunca sente o que diz; tem mel nas vozes,
Mas torna-se feroz, traidor, insano
Apenas se enfurece. É mentiroso,
É sagaz, é cruel até brincando;
Trança espessa e formosa ao ar lhe ondêa,

Em dourados anneis lhe desce ao cólo:
Nas faces lhe transluz o ardor, a audacia;
Tem pequenina mão, porém tão forte
Que arroja muito longe as fataes armas:
Á margem do Acheronte ás vezes voam,
E colhem descuidado o rei do inferno;
Seu corpo é nu, sua alma impenetravel;
Com azas como um passaro voltêa
Do sexo vigoroso ao debil sexo;
Pousa nos corações, e alli se aninha;
N'um arco delgadinho aprompta as frechas,
As frechas, que assim mesmo, tenues, curtas,
Se entranham pelos céos, alcançam Jove;
Pejam farpas subtís a aljava d'ouro,
Que ao lado traz suspensa, e de seus tiros
Até eu, sua mãe, sou alvo ás vezes;
Tudo o que lhe pertence inclue estragos,
Mas nada do que é seu produz mais damno
Que um curto, antigo, inextinguivel facho:
O sol, o proprio sol com elle abraza.
Mortaes, se o encontrares, eia, atae-o,
Atae-o, e muito bem, porque não fuja.
Se elle chorar, seu pranto vos não mova,
Antes desconfiae, seu pranto engana.
Se elle rir, apertae-lhe os nós do laço;
Se quizer abraçar-vos, longe, longe;
Fugi, não vos fieis; abraços, beijos
Nada, nada:—seus labios tem peçonha,

Seus beijos enfeitiçam. Se elle acaso
Vos disser: «Aqui tendes estas armas,
Tomae, eu vol-as dou» não pegueis n'ellas:
Mimos de Amor são perfidos, e ardentes.

Euphrasia a Ramiro

(Traducção)

Adorado Ramiro, em fim triumphas!
Meu remorso expirou, de Amor sou toda;
De seu facho o fulgor meus passos guia;
O pharol da Razão dá luz mais frouxa.
Repousa a dôce paz dentro em meu peito:
Quem póde, sendo réo, ser tão ditoso?
Criminosa não sou:—do amante o crime
Está no pouco amor, ou na inconstancia.
Para sempre te adoro, a ti me entrego,
Outro bem para mim não ha no mundo,
Nem socego enfadonho; errada eu cria
Que era immortal brazão ser insensivel:
Tu me desenganaste; um brando raio
Solto dos olhos teus, brilha em minh'alma.
Perdôa (cáro amante) ao susto, ao pranto,
Aos timidos abraços, que afrouxava
De um dever inventado a turva idéa:
Perdôa a aquelles ais, que me voavam
Do seio do prazer; na flor dos annos

Não é licito o medo, em quem succumbe
Aos transportes d'amor, ás leis d'amante?
Este suave instincto irresistivel
Se converte em temor, antes da posse:
Estes promptos, e incognitos desejos,
Se as paixões se vigoram, alvoroçam
As molestas lições, com que na infancia
Se vae torcendo o passo á natureza:
O mesmo, o mesmo excesso dos prazeres
Nos enche de pavor: quanto mais vivos
Então mais criminosos nos parecem:
Mas apenas o espirito começa
A conhecer o amor, e a julgar d'elle;
Apenas principia a comprazer-se
Na terna propensão, que os céos crearam;
Apenas este amavel sentimento
Rebenta, cresce, lavra, e se apodera
Das almas, que illudira a voz do Engano.
Eis cessa dos remorsos o rebate,
Eis nos apraz a languida saudade;
Só da ternura as lagrimas vertemos,
Temendo que não seja muito ardente
A paixão, que atéli nos assustava.
Sancta Religião, que trovejando
Espalhas o terror sobre os delictos!
Transportes naturaes, ingenuos, dôces,
Oppõem-se ás tuas leis?... Por mais que imploro
Teu favor, tudo é vão, tudo é baldado;

Tu, sem a converter, minha alma assombras;
Suspiro, e a pezar teu, Ramiro adoro.
Deu-se a Ramiro o coração, que exiges,
Até junto do altar o escuto, o vejo:
Falla-me, insta commigo, arde, e me inflamma;
Podem seus olhos, podem suas graças
O que ameaços teus em mim não podem.
Se inutil resistencia ás vezes tenho,
É por dar ao meu bem mais um triumpho;
Porque, se em disputar-lhe os meus affectos
Lidas sempre, a victoria é sempre sua.
Dá pois ao coração, que elle domina,
Força para vencer, ou jus ao crime.
O Ente, que a amar induz, o amor perdôa.
Era no arbitrio meu não ser sensivel?
Por ventura eu sou livre? Ah! que ao supremo
Nume adoravel obedeço amando:
Sua eterna justiça eu acredito.
Elle, que move esta alma, elle abriria
Debaixo de meus pés medonho abysmo,
Por ter o atroz direito de punir-me?
Dir-me-hia ao coração, que amasse o mesmo
Que devo aborrecer?... Não, não, que apenas
Meus olhos se encontraram com teus olhos,
Desusada alegria, antes celeste,
De fibra em fibra salteou meu peito:
Um poder, sup'rior ás forças minhas,
Senti, que o coração me arrebatava

Para o ligar ao teu, ao teu que adoro!
Este prazer sagrado, os meus transportes...
Nunca tanto prazer se uniu ao crime!
Até, para lograr maior triumpho,
Meu disputado amor tem contrahido
As feições, o caracter da virtude.
Quão feliz sou, e com que gloria o digo!...
  Amante, o mais amante, o mais amavel
De quantos em ternura o peito inflammam,
Tudo veiu do céo, tudo foi justo:
Alardêa, que pódes, alardêa
Do encanto dos teus olhos—usa embora
De todo o jus, que Amor te deu commigo.
Agora, agora sei que antes de olhar-te
Era a minha existencia egual á tua;
Em languidez opposta á natureza
Sem pena, sem prazer té'li jazia.
O emprego, a rapidez da mocidade
Eu ignorava, e consumia a vida
Em cuidados inuteis; os mais sacros
Deveres sem fervor desempenhava;
Como um duro senhor, como um tyranno,
O Eterno se off'recia á minha idéa,
Sacudindo o trovão, brandindo o raio...
Minha religião só era o medo.
  Eu amo: que mudança, que deleite
Doura meus puros, meus serenos dias!

Quanto vejo Ramiro afformosêa:
Quando luz no oriente a fresca aurora,
Acordam meus desejos amorosos;
Quando a noute ennegrece os céos, e a terra,
Nos traz um véo, que é util aos amores.
Nos dias da aprasivel primavera
Reconditos abrigos nos off'rece
Benefica, e risonha a natureza.
Sinto-me renascer, e habíto um mundo
Brilhante, encantador, de que és adorno,
Amor, — que é obra tua... Oh! dôce amante!
Que digo?... Menos asperos e austeros
Acho os deveres meũs, acho o meu jugo
Mais brando e não me pezam tanto os ferros:
Deus um feroz despota enraivado
Me não parece já, depois que te amo.
  Quanto devo prezar a illustre amiga,
A benigna matrona, em quem reside
D'estes vedados muros o dominio?
Ella em obsequio meu o horror lhe adoça.
Propicia ao nosso amor, sem que o suspeite,
Ella recompensando os meus desvelos,
O ardor, com que me esmero em agradar-lhe,
Caricias maternaes commigo exerce:
Ella me deu a conhecer um mundo
Em que vi o que adoro; — ella não arma
Das pezadas lições do rigorismo
A sisuda prudencia. Ah! N'outro tempo

Sem duvida seu peito ardeu de amores!
Se não tivesse amado, assim não fôra!
  Tudo pune por mim, tudo nos vale,
A sombra do mysterio nos rodêa;
Um deus ha, que preside ao bem do amante.
Teu coração, e o meu só sabem d'isto:
Vivêmos para nós, sem recearmos
Olhos, a amor fataes, que nos espreitem.
Nossos desejos o segredo aviva,
E a subjeição do claustro é mais um gosto.
Quando depois de rapidos instantes
Aos férvidos colloquios da ternura
Com reciproco adeus convém pôr termo,
Se avalia melhor um bem tão breve.
Ah! que não sabes, não, quanto te devo!
Quanto a minha eleição commigo approvo!
Não fallo já das horas fugitivas,
Que no meu pensamento estão paradas;
Momentos, em que amor só é delicia,
Que se póde sentir, não definir-se.
Uma alma, que á paixão não dá descanço,
Depois d'estes momentos deleitosos,
Inda de ser feliz acha o segredo:
Quando os sentidos meus em ocio jazem,
Viva imaginação, tu vês, tu gosas;
Seu jubilo se extingue, e o teu não morre;
Comtigo meus prazeres se eternizam:
Thesouros tem amor, que duram sempre.

Na ausencia do meu bem me afferro a grata,
Á suave illusão, que m'o affigura;
Mil vezes o nomeio; as cantilenas
De que se agrada mais, são as que entôo,
E, absorto no meu bem meu pensamento,
Ás vezes a illusão suppre a verdade.
  Mas que digo? Apparece, attende, acode
A quem por ti suspira, a quem te implora;
Sim; vem realisar meus ledos sonhos!
Sem temor, sem reserva, Euphrasia é tua:
Oh gloria dos mortaes, oh gloria minha!
Nunca mais me ouvirás nem ais, nem queixas.
Não tens que recear senão o excesso
Da paixão, que me abraza; aos céos o juro:
Foge dos braços meus, e n'outros braços
Vae suspirar, meu bem, se eu fôr perjura.

Euphrasia a Melcour

(Traducção)

Nunca mais vos verei, olhos que adoro!
Olhos, onde colhi dôce ternura!
Olhos, que para mim valieis tudo!
Suave nutrição de meus desejos!
Nunca mais vos verei!... Que horror!... Que idéa!
Ah! Castigaes-me por amar-vos tanto?
Objecto encantador, fatal objecto,
Guiados da paixão lá te demandam
Meus ais, e cá me ficam dentro n'alma
Solitario pavor, funesto agouro
De que já para mim não ha ventura.
  Faltava-te, infeliz, seres deixada,
Faltava-te este mal depois de tantos!...
Receando que languida esperança
Affague, lisonjêe o meu tormento,
Me diz o coração (voz dura, e triste:
«Cessa de amar, oh credula, que esperas!)
Que fructo hão de render-te os vãos lamentos?
*

Debalde com mil votos, mil suspiros
Pelo teu surdo ingrato estás chamando;
Em rapido baixel talhando as ondas,
Na patria já surgiu; descança, e folga
Ás lêdas margens do agradavel Sena.
De ti não quer amor, não quer extremos
O fero vencedor, misera escrava;
No regaço da paz, em teu desdouro,
Dorme sobre trophéos, que já desdenha;
Nem se choras, ou não, sequer lhe importa...
Que!... Traidor, e esquecido!... Ah! não, teu genio
É voluvel, meu bem, não é tyranno.
Na memoria contemplo os teus desvelos;
Que encantadores, incansaveis eram!
Amei-os, gloria minha, amei-os muito.
Para desvanecer tão grata idéa!
Estas fieis, ternissimas lembranças
Deviam converter-se em dôr, e em pranto?
Que noticia, meu Deus! que horrivel carta!
Lia-a, fiquei sem voz, sem côr, sem alma.
Como que o coração, desfeito em ancias,
De mim se despegava, a ti corria!
Eis soccorros fataes, eis prompto auxilio
A vida a meu pezar me restituem:
Ufana em me sentir morrer d'amores,
Já triumphava da cruel, da triste
Precisão de carpir na tua ausencia...
E de tão fino amor é este o premio?

Não importa: eu jurei ser sempre tua,
Sempre hei de sêl-o: imita-me a constancia,
Vê com rosto indiff'rente as mais bellezas.
Ah! poderás soffrer em outros braços
Paixão, que no fervor não chegue á minha?
Mil vezes me louvaste de formosa;
Outras ha mais gentís, mas não tão firmes;
O amor, que reina em mim, não reina em outras;
E se amor se exceptua, o mais é nada.
  Recorda o juramento, que fizeste
De vires consolar a amante afflicta;
Não, não sejas perjuro... Ah! Se eu podesse
Rotos os ferros d'este claustro odioso
Arremessar-me á foz do patrio Tejo,
Ninguem me detivera: em outras praias
Iria apaziguar minha amargura,
Idolatrar Melcour em toda a parte,
Renascer nos seus braços: que é, que importa
Esse bem casual, que chamam patria?
Patria é onde o prazer nos acompanha...
Sei o que digo, oh céos?... Sei o que penso?
Ah! não quero nutrir esta esperança,
Inda que adoça o fel de meus desgostos;
Tudo quanto os distráe detesto, expulso.
  Mas dize, arrebataste-me os sentidos,
Venceste-me, cruel, para entregar-me
Á desesperação, á dôr, e á morte?
Porque com mil excessos me encantaste,

Sabendo que esta ausencia era forçosa?
Porque no meu retiro escuro e feio
Me não deixaste em fim? Que atroz delicto
Commetti? De que offensa estás queixoso?
Que te fiz eu?... Perdoa-me, querido,
Perdôa; do meu mal tu não tens culpa:
É teu fado agradar, prender vontades,
Carpir, morrer de amor é o meu fado;
D'elle formar não ouso a menor queixa,
E eis (oh céos!) o maior dos meus tormentos.
Não tenho que temer já agora a Sorte:
Que mais me ha de tramar, que novos damnos,
Se o ultimo, o peôr foi separar-nos?
  Escreve-me por dó: sejam-te embora
Molestas minhas supplicas; eu quero
Miuda relação de quantas ditas
O céo te conceder: quero gosal-as:
Mais que tudo te imploro o vêr-te um dia.
Se não tentas, meu bem, ser meu verdugo,
Deixa-me conceber esta esperança:
Assim mesmo enganosa, ella me é dôce.
  Adeus! A carta, que a gemer te envio,
Vae de saudosas lagrimas banhada...
Não a posso acabar!... Quanto é ditosa!
Ás tuas mãos irá; teus olhos brandos
N'ella se hão de empregar; e eu, miseravel...
Ah! Que insanias profiro! O peito abafa
De pranto, e de soluços carregado!...

À morte pelas veias me circula!...
Porém se és meu, se a lagrimas te obrigo,
Das almas fortes opporei o escudo
A quantos golpes vibre a mão dos Fados.
Sobre este coração fervei, tormentos;
Mas vinde, mas voae á triste Euphrasia
Suspiros do seu bem, thesouros d'ella.

EPISODIOS TRADUZIDOS

A morte de Lucrecia

(Extrahida do Livro II dos «Fastos» de Ovidio)

Cercada pelo exercito romano,
Um sitio pertinaz soffria Ardéa.
  Em quanto a dura guerra está pendente,
Em quanto aventurar feroz combate
Teme a prudencia, os chefes, e os soldados
Folgam nos arraiaes em ocio ledo.
  N'isto o filho do rei, Tarquinio o moço,
A esplendido festim convida os socios,
E, reinando a alegria, assim lhes falla:
  «Agora, que de Ardéa o vagaroso
Assédio que nos detêm, nos não permitte
As armas conduzir aos patrios lares,
Dos toros conjugaes a fé mantendo,
As esposas gentis, que suspiramos,
Suspirarão por nós, serão quaes somos?»
Já cada qual sem termo a sua exalta;
Accezo pelo amor, cresce o debate,
Nos brindes do liquor fogoso, e puro
A mente, o coração, e a lingua fervem.

Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle
A quem de alto appellido honrou Colácia,
«As palavras são vãs, crêa-se em cousas;
A noute nos sobeja, esporeemos
Os robustos cavallos, eia, a Roma.»
O dicto agrada, enfream-se os ginetes
Os sofregos mancebos partem, voam.
Vão da estancia real primeiro ás portas,
Onde guarda nenhum velando encontram.
Entram, colhem de subito engolphada
Em festivo prazer, e em rubro nectar,
Nas tranças com mil flores desparzidas
A que ao filho em consorcio o rei ligára:
Promptos caminham logo a ver Lucrecia.
Alvejavam da candida matrona
No fuso luzidío as mãos de neve:
Dispostos ante o thálamo se olhavam
De industriosa têa os brandos fios;
Em torno á luz solicitas escravas
A nocturna tarefa promoviam.
Lucrecia em tom macio, em voz mimosa
D'est'arte lhes dizia, as incitava:
«É para Colatino, eia, apressae-vos;
Cumpre mandar em breve ao meu consorte
Isto, em que a nossa industria exercitamos.
Vós, que tanto indagaes, e ouvis, soubestes
Quanto ainda se crê que dure a guerra?
Vencida cairás, Ardéa iniqua,

Que de nossos esposos nós separas.
Tornem, tornem, oh céos!... Mas ai! Que idéa!
O meu é destemido, é temerario,
Tem genio de arrojár-se ao fogo, ao ferro.
Foge-me a luz, o alento, esfrio e morro
Quando entre os inimigos o afiguro!...»
  N'isto o pranto amoroso a voz lhe córta,
Cáe-lhe o fio da mão, e o lindo gesto
Sobre o molle regaço inclina à triste:
Dobram-lhe a graça as lagrimas pudicas,
E mostra um coração egual ao rosto.
Eis o esposo apparece, e «Não receies,
Aqui me tens» (lhe diz). Ella revive,
Ella os braços lhe lança, e longo espaço
Pende do collo amado o doce pezo.
  Em tanto de amor cégo o regio moço
Arde, morre, e lhe attráe, lhe enleva os olhos
A fórma, a nivea côr, e a loura trança,
E o grave adorno, limpido, e sem arte;
A falla o prende, as expressões o encantam,
E o que á vil seducção não é subjeito:
Quanto menos esperas mais desejas,
Mais te affogêas, sequioso amante.
  Cantára o nuncio da risonha aurora,
E aos fortes arraiaes os socios volvem.
Atonito, em paixão Tarquinio ferve,
Gosando na revolta phantasia
A bella imagem de Lucrecia ausente,

E ali tudo o que viu mais lindo observa.
«Assim (diz entre si) a achei sentada,
Era o seu traje assim, e a mão suave
O longo, tenue fio assim torcia;
D'esta arte lhe caíam no alvo collo
Aureas madeixas, ao desdem lançadás;
Tinha este modo, estas palavras disse,
Este o semblante, a graça, a côr, e a bôca...»
Como se vê no mar, depois que os ventos,
As azas saccudindo, o flagellaram,
Que, já puros os céos, inda esbraveja
Co'a rispida impressão do horrendo assalto:
Tal, postoque tão longe a bella estava,
O incendio, que ateou, no amante ardia.
Penando, e de paixão desesperado,
Projecta macular com força, e dolo
O thalamo sagrado, o casto objecto.
«O effeito é duvidoso (eis diz o insano)
Porém não se fraqueje, ousemos tudo;
Audazes corações proteje a Sorte:
Os Gábios subjeitei c'o atrevimento.»
Cala-se, e já pendura ao lado a espada,
Já d'um rapido bruto opprime as costas.
Corre, e chega a Colacia o moço ardente
Quando o sol mergulhava o carro de ouro.
O inimigo como hospede nos lares
Do ausente Colatino é logo acceito,
(Que o vinculo do sangue os dous prendia)

A dama com primor o acolhe, o tracta;
Ai que enganada está! Manda que aprompte m,
Sem suspeita do crime, a lauta meza.
Contente do alimento, o somno exiges,
Oh lassa Natureza. — Era alta noute,
Na estancia lume algum não scintillava:
Levanta-se o traidor, um ferro empunha,
Vae, manso, e manso, ao thalamo pudico.
Mal que o toca: «Um punhal commigo trago,
Lucrecia (elle lhe diz)» eu sou Tarquinio,
Sou o filho do rei.» — Nada responde,
Nem póde responder Lucrecia absorta:
De assombro, de terror jaz fria, e muda;
Mas, como a lamentavel cordeirinha,
Que no tosco redil desamparado
Entre as garras se vê do lobo infesto,
Ante o fero amador Lucrecia treme.
Que fará? Contender, luctar com elle?...
Ella é débil mulher, será vencida.
Gritará?... Tem na dextra um ferro o monstro.
Fugirá?... Dura mão lhe aperta o peito,
Não manchado até ali de toque infame.
Insta com rogos o inimigo amante,
Com premios, e ameaços; mas seus rogos,
Seus premios, e ameaços nada alcançam.
«Não cedes, inhumana, a meus transportes?
Pois (o barbaro diz) hei de arrancar-te
Com este ferro a vida, apregoando

Que em adulterio vil co'um torpe escravo
Te colhi: a teu lado o porei morto,
E horrenda ficará tua memoria.»
A matrona infeliz, temendo a fama,
Á furia succumbiu do fementido.
  Indigno vencedor, para que exultas?
Será tua ruina essa victoria:
Ai! Quanto ao solio teu custa uma noute!
  Dissipando-se as trévas, apparece
Lucrecia desgrenhada, e qual costuma
Ir lacrimosa mãe do filho á pyra.
O consorte fiel, e o páe longevo
Chama do campo: os dous acodem logo,
Vêm-lhe o luto, e do luto a causa inquirem,
Perguntam-lhe que mal, que dor a ancêa,
E as honras funereas a quem consagra?
  Ella fica em silencio um longo espaço,
E no véo lutuoso esconde a face,
Soltas em fio as lagrimas formosas.
Consolando-a co'a voz, e com o afago,
D'aqui lhe roga o páe, d'ali o esposo
Que falle emfim, que exprima o que padece,
E choram, temem com pavor incerto.
  Tres vezes começou, parou tres vezes,
E á quarta se atreveu a declarar-se,
Mas sem a vista erguer: «Tarquinio a isto
Me obrigará tambem! (profere a triste)
Eu mesma hei de narrar a injuria minha!

Eu mesma, desditosa, hei de affrontar-me!»
Conta o que póde... resta o mais... e chóra,
E o pejo lhe affoguêa a face honesta.
O páe, e esposo o crime involuntario
Perdoam. — «Perdoaes! Eu não.» (diz ella)
E aguçado punhal, que traz occulto,
Co'a melindrosa mão no seio embebe.
  Cae aos paternos pés ensanguentada,
E olhando para si, já moribunda,
Para ver se o pudor na quéda offende:
Este o cuidado da infeliz, morrendo.
  Eis junto ao corpo amado o páe, e esposo,
Deslembrados da gloria, e do decoro,
Jazem carpindo o seu commum desastre.
Bruto, que a scena infausta presencêa,
O nome com o espirito desmente:
Do peito semivivo arranca o ferro,
E ali na mão com elle, que distilla
Da victima formosa o puro sangue,
N'um ar ameaçador taes vozes sólta
Do affouto coração: — «Por este honrado,
Por este varonil, egregio sangue,
E por teus manes, que serão meus numes,
Juro ao feroz Tarquinio um odio eterno,
Juro de o proscrever, e á prole infame;
Seus crimes infernaes serão punidos:
Tens oh virtude, assaz dissimulado!»
  Ao som d'estes impavidos protestos

Os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia:
Meneando a cabeça approva, e morre.
  Sobre funereo leito se colloca
O gentil corpo da heroina excelsa.
O espectaculo triste expõe-se a todos,
E dève a todos lagrimas, e inveja;
Vae patente a ferida;—o denodado
Bruto, vociferando, incita o povo,
E do mancebo audaz lhe narra o crime.
  Com a estirpe cruel Tarquinio foge:
Foi aquelle o famoso, ultimo dia
Em que o duro oppressor deu leis a Roma.
Cessa o reinado, os consules se criam,
E as redeas tomam de annual governo.

O bosque de Marselha

(Descripção tirada da « Pharsalia », de Lucano, Livro III)

Lá junto de Marselha havia um bosque,
Nunca dos longos seculos violado.
Co'a rama implexa os ares denegria,
Amedrontava o sol co'as altas sombras.
Nymphas, Sylvanos, Pan, que rege as selvas,
Ali não tem poder, ali só reinam
Numes, que exigem barbaras offrendas;
Aras crueis as Furias erigiram
Roxêa em tronco, e tronco o sangue humano.
Ali, se fé merece a antiguidade,
Sobre os ramos firmar-se as aves temem,
Temem as feras acolhêr-se ás covas.
Não sôa o vento ali, nem bate o raio,
Nem folha alguma os Zephyros consente:
Um mudo horror as arvores abrange.
De origens torpes negras aguas fervem;
Dos deuses maus simulacros feios
Carecem de arte, são informes troncos.

A mesta pallidez, que os vultos cóbre,
A surda corrupção, que os vai roendo,
Nos absortos mortaes terror infunde;
Receiam numes de apparencia extranha:
Tanto augmenta o pavor, tanto o requinta
Ignorar que poder, que deuses teme!
Era geral rumor que ali se ouviam
Mugir as grutas, vacillando a terra,
Que o derrubado teixo ali soía
Aos ares outra vez alçar a coma,
Até sem consumir-se arder o bosque,
E enroscados dragões silvar nas plantas.
Não dá proximo culto ás aras tristes,
Nem o infesto logar frequenta a gente:
Espavorida o cede aos deuses torvos.
Quando no ethereo cume o sol chammeja,
Ou quando a opáca noute afêa o polo,
Dos ritos feros o ministro mesmo
Teme entranhar-se nas funestas sombras,
E o senhor encontrar do bosque horrendo.
Cesar ordena que derribe o ferro
As arvores, que, intactas d'outras guerras,
E entre altos montes nus encadeadas,
Do romano arraial surgiam perto.
Eis os braços guerreiros estremecem,
Os fortes corações eis enregela
Do ermo escuro a terrivel magestade:
Crêm que, se as sacras arvores ferirem,

Hão de os ferreos, vibrados instrumentos
Voltar-se contra os impios, que os menêem.
Julio, que do terror os vê tomados,
Rapido a um d'elles a bipenne arranca;
Ergue-a, n'um tronco ingente a descarrega,
Ás cohortes se volve, assim lhes falla:
«Porque nenhum de vós talhar duvide
A selva, onde pensaes que habitam deuses,
Crede-me, embora, o réo do sacrilegio.»
Diz, e a pavida turma obediente,
Sem repellir o horror, succumbe ao mando:
Teme a ira dos numes, e a de Cesar,
Porém mais a de Cesar, que a dos numes.
Já nodosos carvalhos cáem por terra,
Cáem por terra os suberbos, duros olmos,
No chão baquêa o funebre cypreste,
Que a lutos não plebêos é consagrado.
Pela primeira vez, Dodóneo bosque,
Depões a idosa rama, e já sem ella,
Sem sombra, que te ampare, o dia admittes.
Mas inda se mantêm, caindo, a selva
Com seus restos espessos; Gallia geme,
Olhando o feito audaz; porém, reclusa
A crente mocidade entre as muralhas,
Exulta: quem julgára que seriam
Impunemente os deuses affrontados!

---

*

Latino e seus filhos

(Episodio da «Jerusalem» de Tasso, Canto IX)

Entre os heróes christãos, que pelo esforço
Ante Jerusalem mais se afamaram
Na do feroz Soldão nocturna guerra,
Latino reluziu, nascido em Roma.
Das lidas marciaes, da longa edade
Inda gastas as forças não sentia;
Com cinco filhos, quasi eguaes, ao lado
Nas horridas pelejas sempre andava.
Elles, anticipando ao tempo a fama,
De férreo pezo as frontes opprimiam,
E os membros juvenis, inda crescentes;
Pelo paterno exemplo estimulados,
Amolavam no sangue o ferro, as iras.
«Vamos (o pae lhes diz) lá onde um impio
Co'a fuga dos christãos se ensuberbece;
O horror, o estrago, as mortes, que fulmina,
Em vós o innato ardor não diminuam:
É gloria trivial, se a gloria, oh filhos,
De algum passado trance não se adorna.»
Assim brava leôa os filhos bravos,
A quem do collo a juba inda não desce,

A quem das mãos crueis, da horrenda boca
Inda as terriveis armas não crescêram,
Leva comsigo ás prêsas, aos combates,
E os vae com torvo exemplo encarniçando
No caçador, que os bosques lhe perturba,
E as feras menos fortes affugenta.
　Seguem o pae sublime os cinco incautos,
O enorme Solimão saltêam, cingem,
E n'um só ponto um só arbitrio, e quasi
Um espirito só, seis lanças vibra.
Mas, cegamente affouto, o de mais annos
Sacode a sua ao chão, c'o turco cerra,
E tenta em vão co'a penetrante espada
Derribar-lhe sem vida o gran ginete.
　Porém qual monte exposto ás tempestades,
Qual monte sobranceiro ao mar que o fere,
Supporta, firme em si, trovões, e raios,
Os indignados céos, ondas, e ventos;
Assim o audaz Soldão a altiva fronte
Tem fixa contra os ferros, contra as hastes,
E áquelle que o ginete lhe golpêa,
Entre as faces, e os olhos fende o rosto.
　Aramante ao irmão, que vae caindo,
Piedoso estende o braço em que o sustenta:
Piedade louca, e vã, que ao damno alheio
Une tragicamente o proprio damno.
O pagão contra o braço o ferro inclina,
E o que a elle se atêm com elle aterra:

Cáem ambos, um sobre outro desfallecem,
E misturam, morrendo, os ais, e o sangue.
  Eis, de Sabino a lança espedaçando,
Com que o moço gentil de longe o infesta,
Lhe arremessa o cavallo, e de arte o colhe,
Que por terra, tremendo, o deita, o piza.
Do delicado corpo adolescente
Sáe a alma a grande custo, e deixa triste
Da vida as auras placidas, os dias
Ledos, e ornados de mimosa idade.
  Vivos Pico, e Laurente inda restavam,
Com que um só parto os paes enriquecêra,
Par florescente, egual, que tantas vezes
Origem fôra de suave engano!
Mas se os fez natureza indistinguiveis,
Já diff'rentes os faz a hostil braveza:
Oh dura distincção! Em um divide
Do busto o collo, ao outro o peito rasga.
  O pae (ah já não pae!... Ah sorte injusta,
Que n'um ponto o privou de tantos filhos!)
A sua morte vê nas cinco mortes,
Na progenie infeliz, de todo extincta;
Nem sei como a velhice é tão constante,
Tão forte, e tão vivaz na extrema angustia,
Que inda respire, que peleje ainda!
Mas as tristes acções, as faces tristes
Não viu talvez dos moribundos filhos,

E do acerbo espectaculo a seus olhos
Parte as amigas trevas encubriram.
Com tudo, não perdendo a infausta vida,
Nada lhe era o vencer. Do proprio sangue
Prodigo freme, e soffrego do alheio:
Nem se conhece bem qual mais deseja
Se morrer, se matar. «Tão desprezivel,
Tão fraca é esta mão (grita ao contrario)
Que de tantos esforços nenhum póde
Contra mim provocar-te a negra sanha!»
Cala, e golpe mortal despede ao fero,
Que, rôto o rijo arnez lhe rompe o lado,
E por larga abertura o sangue ferve.
Ao grito, ao golpe contra o velho ancioso
O barbaro volveu a espada, as furias.
A loriga lhe abriu depois do escudo,
Que vezes septe duro couro envolve,
E o ferro lhe embebeu pelas entranhas.
Eis Latino infeliz soluça, expira,
E com vomito alterno ora lhe salta
O sangue da ferida, ora da boca.
Qual no Apenino vigorosa planta,
Que as iras desdenhou de Áquilo, e de Euro,
Se tufão desusado em fim a arranca,
Co'a quéda emtorno as arvores derruba:
Tal cáe o heróe, e o seu furor é tanto,
Que leva apoz de si mais d'um que afferra,
E de homem tão feroz é fim bem digno
Fazer, até morrendo, altas ruinas.

Gildipe e Eduardo

(Episodio da «Jerusalem» de Tasso, Canto xx)

O ferido combate ardendo estava
Entre o campo christão, e o campo egypcio.
N'isto o bravo Soldão co'a morte, e as furias
Corre, escumando, aos barbaros se aggrega,
Gran reforço lhes é, mas breve, inutil:
Parece horrendo, momentaneo raio,
Que repentino vem, que bate, e passa,
Porém que da veloz carreira infesta
Deixa vestigio eterno em rotas penhas.
Cem guerreiros, ou mais derriba o turco:
Sequer entre milhões de extinctos nomes
A memoria de dous se roube ao tempo.
Tristes esposos, férvidos amantes,
Eduardo, e Gildipe, os fados vossos
Duros, acerbos, e os illustres feitos
(Se a meus toscanos versos tanto é dado)
Sagrarei entre espiritos famosos,
Porque a serie dos evos, quaes portentos
De virtude, e de amor, vos olhe, e aponte,

E algum terno mortal com doce pranto
Honre os lamentos meus, e a vossa morte.
  A generosa dama, esporeando
O docil bruto audaz, lá se arremessa
Com o esposo fiel por entre as turbas,
Onde o feroz pagão derrota os Francos:
Com golpe sobre golpe o colhe em cheio,
O escudo lhe desfaz, lhe rasga o lado.
  O cruel, que no traje a reconhece,
Diz com agro, cholerico sorriso:
«Oh! Eis o rufião, e a apaixonada!
Muito melhor te fôra agulha, e fuso
Que por defeza haver armas, e amante.»
  Cala-se, e de furor todo abrazado,
Vibra estocada temeraria, e fera,
Que ousou, rompendo o arnez, entrar no peito,
Que dos golpes de Amor só era digno.
Subito a triste, abandonando o freio,
Indicios dá de quem desmaia, e morre:
Ai! Bem o observas, misero Eduardo,
Não lento defensor, mas desditoso.
  Que fará n'este lance? Ira, piedade
A varias partes n'um só tempo o chamam:
Uma a suster seu bem, que vae caíndo,
Outra a vingal-o do horrido homicida.
Amor imparcial o persuade
A que a piedade escute, escute a ira:
Eis co'a sinistra mão sustêm a esposa,
E co'a raivosa dextra exerce o ferro.

Mas ah! Vontade, e força, divididas
Contra o duro pagão bastar não pódem;
Não mantêm a infeliz, nem o verdugo
Do seu doce prazer conduz á morte;
Antes o impio Soldão lhe corta o braço,
Piedoso arrimo da consorte amada:
Caír a deixa o misero, e comprime
Os membros d'ella c'os seus proprios membros.
Qual olmo, a que a vinosa, a fertil planta
Com abraço tenaz se enreda, e casa,
Se ferro o parte, ou raio o desarreiga,
Leva comsigo a terra a socia vide:
Elle o verde atavio lhe desfolha,
Elle mesmo lhe piza as gratas uvas,
E como que lhe dóe mais que seu fado
O fim da amiga, que lhe morre ao lado.
Tal cáe o amante, e só se dóe d'aquella
Que em companheira eterna o céo lhe outorga.
Querem, não podem proferir palavras,
Formam suspiros em logar de vozes;
Um olha ao outro, e por costume antigo
Um com outro se abraça em quanto existe.
O dia n'um só ponto aos dous se apaga,
E as almas juntas aos elysios vôam.

Descripção do Diluvio

(Traduzida de Gessner)

As torres de extranhissima grandeza
Estavam pela aguas já cubertas,
E a triste, malfadada humanidade
Já não tinha outro asylo, outra guarida
Mais que o cimo de um monte alcantilado,
Que ainda além das ondas assomava.
Soar em torno d'elle os ais se ouviam
Dos miseros mortaes, que em vão lidavam
Por trepar aos cabeços, e abrigar-se
Da insaciavel morte, que, enrolada
Na escumosa torrente, os perseguia.
Eis que desaba em parte a gran montanha,
Eis que a rota porção no mar se abysma,
E na quéda fatal comsigo abate
Quantos ao vão refugio se acolhêram.
O filho cáe d'ali precipitado,
Lançando pias mãos ao páe caduco;
Das maviosas mães no seio amigo
Tenros meninos suffocados morrem;

Pavoroso motim retumba ao longe
Dos homens, e dos brutos, que perecem
Juntos no horrivel barathro dos mares.
Já não restava então mais do que um pico
Altissimo da serra ainda illeso
Do estrago universal. Fanor, mancebo,
* Heróe no coração, pastor no officio,
Para ali conduzira a doce amante,
Semira d'entre as ondas arrancara,
E, apesar do furor das vagas todas,
O triumphante Amor, Amor piedoso
A donzella infeliz salvou da morte.
Tinham nascido os dous nos ferteis campos
Que banha o longo, celebrado Euphrates.
Fanor entre os que ali se distinguiam
Era o mais abastado, o mais amavel;
Semira a mais gentil, mais virtuosa
Das suas companheiras: os desejos
Tu ías, Hymenêo, satisfazer-lhes,
E o dia de vingança, o dia horrendo
Em que Deus castigar determinara
Do mundo os negros, os nefandos crimes,
Era o mesmo em que haviam de ligar-se
N'um laço deleitoso os dous amantes.
Jazia tudo o mais no bojo immenso,
Nos abysmos do mar: Fanor, Semira
Sós ao geral naufragio sobrevivem.
Em montes a seus pés as vagas mugem,

Por cima das atonitas cabeças
Lhe rebomba o trovão, reina-lhe em roda
Pezada escuridão, cujos horrores
O clarão dos relampagos não rasga
Senão para off'recer-lhe aos olhos tristes
O medonho espectaculo dos mortos,
O miseravel tumulo da terra.
  Estreitara Semira o terno amante
Ao peito esmorecido, e melindroso;
Junto a seu coração, trémula, e fraca,
Ella o quer, ella o tem, e assim modéra
O terror em que a põe seus duros Fados.
«Mas querido Fanor (lhe diz Semira),
Já não ha para nós nenhum refugio,
É forçoso morrer!... Já, já nos cérca
A vingança dos céos por toda a parte.
Não houves o fragor, não vês as serras
Do tormentoso mar! Não vês, não ouves
Dos raios, dos trovões a luz, o estrondo!
Já não ha para nós neuhum refugio,
É forçoso morrer... oh morte! Oh morte!
Eras tu quem devia unir-nos hoje?...
Oh meu Deus! Meu juiz! Eil-a bramindo...
Eil-a que se arremessa a devorar-nos...
Ai! Como se revolve em cada vaga!...
Sustenta-me, Fanor... entre os teus braços...
As ondas... me arrebatam... me arrebatam...
Sustenta-me, querido... eu caio... eu morro...

Ditas estas palavras, cerra os olhos,
Congela-se-lhe a voz, e cáe sem forças
Entre os braços do amante. Elle sem tino,
Já não vê serpear o ethereo fogo,
As ondas já não vê fervendo em serras,
Não vê mais que Semira entregue á morte.
A lassa robustez no mesmo instante
A desesperação, e Amor lhe innovam:
Em seus braços aperta a doce amada,
D'entre as ondas a arranca, e de mil beijos
Cobre as macias, delicadas faces,
Co'a triste pallidez inda formosas,
E frias, e alagadas dos chuveiros.
«Semira (elle lhe diz), meu bem, desperta,
Esta scena de horror contempla ainda,
Volve ainda uma vez a mim teus olhos,
Dize ainda uma vez que has de, oh querida,
Amar-me até morrer, dize-o, repete-o
Antes que as bravas ondas nos engulam.»
Diz: ella torna em si, lança-lhe os olhos
Cubertos de agonia, e de ternura;
Sobre a destruïção depois os firma:
«Oh meu Deus! Meu juiz! (exclama a triste)
Já não ha para nós, não ha piedade?
Ai! Com que furia as ondas vem rolando!...
Que horrorosos trovões!... Oh Deus eterno!
Meu páe! Meu creador! Não te commoves!
Não deixas abrandar vinganças tuas!

Ah! Tu, que tudo vês, tu bem o sabes,
Os annos de Fanor, e os de Semira
Iam correndo envoltos na innocencia.
Oh tu, claro exemplar de mil virtudes,
Tu, dos filhos dos homens o mais justo,
Como em fim mereceste... ai desgraçada!
Eu vi, vi perecer todos aquelles
Que faziam tão doces os meus dias;
Eu te vi perecer, meu páe (que angustia!)
(Que amargosa lembrança!) Eu te apertava
Em meus convulsos braços, tu erguias
Para a filha os pezados, ternos olhos,
E para abençoal-a as mãos piedosas
Quando as terriveis ondas te sorvêram.
O que era para mim de mais estima
Me foi roubado, oh céos! Porém, comtudo,
Nos abysmos, Fanor, sumida a terra,
Presentára a meus olhos as delicias,
As graças do terrestre paraiso,
Se o céo me concedêra o possuir-te...
Oh Deus! Oh summo Deus! Não ha clemencia!
Nossa vida innocente nos não vale!
Não poderá vencer... mas, cega! Aonde
Me leva, me arrebata a minha angustia!
Perdôa, oh meu juiz, meu Deus, perdôa;
Estas murmurações expie a morte.
Quanto a mesma innocencia ante os teus olhos,
Quanto a mesma innocencia é criminosa!»

Fanor aqui susteve a gentil moça,
Que ao repellão do vento ía caindo,
E sustendo-a, lhe diz: «Sim, oh Semira,
Nosso final momento está chegando;
As ledas, as suaves esperanças
De um reciproco amor se esvaecêram:
Eis o termo fatal dos nossos dias;
Porém não acabemos como os impios.
É forçoso morrer: mas, doce amada,
Além d'esta mortal vida penosa
Vive a gloria, o prazer, a eternidade.
Remóntem-se, querida, as almas nossas
Ao Deus seu creador; longe os terrores:
Nós vamos exultar, e agasalhar-nos
No seio paternal do Omnipotente;
Abraça-me, e esperemos nossos fados.
Do centro d'este horror, Semira, em breve
Nossos livres espiritos, voando
Engolphados n'um jubilo sem termo,
Se irão sumindo pelo céo brilhante.
Oh Deus! Oh grande Deus! Esta esperança
Em nossos corações nutrir ousâmos.
Elevemos, Semira, eia, elevemos
Enfraquecidas mãos ao nume eterno.
Cabe em frageis, erradas creaturas
Dos juizos de um Deus tentar o abysmo?
Aquelle, que nos deu co'um sôpro a vida,
Que pode quanto quer, prepára, e manda

A morte ao criminoso, a morte ao justo.
Venturoso o mortal, feliz quem sempre
Da virtude trilhou, seguiu a estrada!
A vida já, meu Deus, te não pedimos,
Execute-se em nós tua justiça;
Mas accende, affervóra esta esperança
De um bem, de um alto bem, summo, ineffavel,
Vedado á turbação, e horror da morte.
Brama então sobre nós, trovão medonho!
Devorae-nos então, sanhudos mares!
O sancto, o justo Deus seja exaltado,
E ultimo sentimento, ultima idéa
De nossos corações, de nossas almas
Seja seu nome, sua gloria seja.»
O jubilo, e valor asserenaram
O rosto de Semira, e no seu rosto
Os lumes immortaes da divindade
Como que já luziam. — «Sim (diz ella,
Alçando para os céos as mãos mimosas)
«Eu te sinto, dulcissima esperança,
Louvemos o Senhor. Vertei, meus olhos,
Lagrimas de alegria, até que a morte
Com a gélida mão venha cerrar-vos.
Uma gloria sem fim por nós espera.
Vós, parentes, vós, paes, delicias nossas,
Arrancados nos fostes, mas em breve
Nos vamos novamente unir comvosco.
Dos justos, oh meu Deus, está cercado

Lá no cume dos céos teu throno augusto:
Tu de todas as partes do universo
Os congregas, Senhor. Fervei, oh raios,
Inchae-vos, escarcéos, brami, oh ventos!
Vós sois, vós todos sois da inevitavel
Justiça eterna os canticos, e os orgãos.
Abraça-me, querido... olha... esta vaga
Escumosa, e feroz... nos traz a morte...
Abraça-me, Fanor... não me abandones...
Ai!... Já me erguem... as ondas... já me absorvem...»
  «Semira (diz Fanor) eu não te deixo,
Eu te abraço, meu bem. Tu vens, oh morte,
Tu vens em fim cumprir nossos desejos...
Graças... mil graças á justiça eterna...»
  Assim fallaram, e em abraço estreito,
Tragados pelas ondas, pereceram.

Sacrificio aos espiritos infernaes

(Episodio extrahido da «Henriada» de Voltaire,
Canto v)

Em quanto féra chusma de rebeldes
Ás portas de Pariz vai conduzindo
O desleal, fanatico mancebo,
Sobre o successo d'arrojada empreza
Os Dezeseis sacrilegos intentam
Dos fados aclarar a escuridade.
Curiosa de Médicis a audacia,
Mysterios de tão lôbrega sciencia
Já outr'hora indagou, já quiz outr'hora
Entranhar-se nas trevas, nos horrores
D'esta arte superior á Natureza,
Quasi sempre chimera, e sempre crime.
Por todos foi seguido o feio exemplo,
E o povo insano, que imitar costuma
Com animo servil dos reis os vicios,
Amador do que é novo, e do que assombra
Em multidão corria aos sacrilegios.

*

Para o centro de abobada horrorosa
Pelas nocturnas sombras o silencio
Guiára a detestavel assembléa.
Ao pallido clarão de maga tocha
Ara vil sobre um tumulo se erige,
Onde as imagens dos dous reis collocam,
Objectos de seus odios, seus terrores,
De suas maldicções, de seus insultos.
Ali por voz sacrilega se annexa
A nomes infernaes d'um Deus o nome;
Cruas fileiras de aguçadas lanças
Luzem debaixo dos medonhos tectos:
Tingem-se as pontas em sanguineas taças,
Horrida pompa de horrido mysterio!
O ministro do templo é um d'aquelles
Que, odiosos, dispersos, e proscriptos,
Giram, vagueam, cidadãos do mundo,
Levam de mar em mar, de terra em terra
O seu abatimento, a sua affronta,
E de superstições montão damnoso
Têm por todos os climas desparzido.
Uivando os Dezeseis em torno d'elle,
Ás impias ceremonias dão principio.
As parricidas mãos no sangue ensopam,
De Valois vão no altar ferir o peito,
E inda com mais terror, com mais insania
A effigie de Bourbon derribam, calcam,
Crendo que a morte, a seu furor ligada,

Vai co'a dextra fatal, e inevitavel
Taes golpes transmittir aos dous monarchas.
  O hebreu profanador com turvo aspecto
Une entretanto as preces ás blasphemias:
Os abysmos, os céos, o Eterno invoca,
Invoca esses espiritos impuros,
Do universo invisiveis turbadores,
E o fogo dos infernos, e o do raio.
Tal foi o infando, occulto sacrificio
Que fez em Gelboé lá n'outra edade
Aos numes infernaes a pythonissa,
Quando perante um rei feroz, e injusto
Chamou de Samuel a horrivel sombra:
Assim contra Judá de vãos prophetas
Troava em Samaria a impia boca;
Ou tal se ouviu Atéio entre os romanos,
Invocados os deuses, em seu nome
Agourar, maldizèr de Crasso as armas.
  Aos escuros, aos magicos accentos
Que profere o maligno sacerdote,
Resposta os Dezeseis do Fado esperam;
Cuidam que hão de forçal-o a descubrir-se:
O céo para os punir quiz attendel-os.
Eis interrompe as leis da Natureza,
E do fundo da tacita caverna
Eis sáe lugubre som, murmurio triste.
Cem vezes o relampago espantoso
Na densa escuridão se accende, e apaga.

Entre a fulminea luz, de gloria accezo,
Em triumphal carroça Henrique assoma
Ante os olhos do attonito congresso.
Cinge-lhe marcio louro a fronte augusta,
O sceptro venerando a mão lhe adorna.
N'isto o fogo do raio inflamma os ares,
O altar cáe abrazado, a terra o sórve,
E os rebeldes, o hebreu vão assombrados
Seu crime, e seu pavor sumir nas trevas.

O combate de Ailly com o filho na batalha de Ivri

(Episodio extrahido da «Henriada», Canto VIII)

O indomito valor do gran Turena
Já de Nemours as tropas atterrava.
D'Ailly, veloz qual raio, ía esparzindo
Por entre os batalhões espanto, e morte:
O valente d'Ailly, todo orgulhoso
Com seis lustros de gloria, e de combates,
Que da guerra no ardor sanguinolento
Sente, a despeito da rugosa edade,
Tornar-lhe a robustez, ferver-lhe o brio.
Com elle um só guerreiro ousa affrontar-se,
Um destemido heróe na flôr dos annos,
Que n'este matador, e illustre dia
Os horrores mavorcios encetára.
De um suave hymenêo gosando apenas,
E mimoso de Amor, a Amor se esquiva;
Com pejo de que só na gentileza
Soasse, consistisse a fama sua,
Vôa aos conflictos, sôfrego da gloria.

Lamentando-se aos céos a linda esposa,
Os rebeldes maldiz, maldiz a guerra;
Resolvendo aggregar-se aos combatentes
O seu terno amador, convulsa, e triste
Lhe une ao corpo gentil o arnez pezado,
E humida a face de amorosos prantos,
Em capacete precioso esconde
Semblante, que devia ás graças tanto,
Olhos em que seus olhos se reviam.
Eis ufano, raivoso, arrebatado
Parte contra d'Ailly o audaz mancebo
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte.
Ambos, de egual braveza estimulados,
Os ardidos ginetes espoream,
Das féras legiões ambos se arredam,
E correm ambos á planicie hervosa,
Toda corada de purpureos lagos.
Carregados de ferro, em sangue envoltos,
Com pavoroso assalto os dous se encontram:
Resôa a terra, as lanças arrebentam,
Assim como n'um céo tempestuoso
Duas pejadas nuvens carrancudas,
Que, no bojo encerrando ignea materia,
E de enorme encontrão, de horrendo embate
Rotas nos ares, pelos ares voam:
Gera o choque relampagos, e raios,
Estrondêa o trovão, e assusta o mundo.
Mas por subito impulso, e nova sanha

Ei-los dos brutos férvidos se arrojam,
Escolhendo outro genero de morte.
Já lhe reluz nas mãos o liso alfange
A cevar-lhe o furor corre a Discordia,
E o Genio torvo, que preside á guerra;
Segue-os a morte pallida, e sanguenta.
Miseros, esperae, detende os golpes...
Mas negro fado os animos lhe inflamma.
Este áquelle, raivando, aquelle a este
Tenta no coração cravar o alfange,
No exposto coração, que não conhece.
Do retalhado arnez faiscas saltam,
Golphando o sangue, as mãos lhes purpurêa;
O escudo, o capacete, á força oppostos,
De cem golpes crueis alguns mallogram,
Alguns aparam, rechaçando a morte.
Os rivaes entre si, como assombrados
De tão alto valor, se respeitavam;
Mas o annoso d'Ailly co'um golpe infausto
Lança em terra o magnanimo guerreiro.
Seus olhos para sempre á luz se fecham,
Cáe-lhe o elmo, descobre-se-lhe o rosto,
D'Ailly o vê, o abraça... ah! É seu filho...
Oh desesperação! Oh desventura!
O deploravel pae, banhado em pranto,
As armas contra si voltar intenta,
Mas compassivas mãos no duro lance
Lhe acodem, se lhe oppõe, do ferro o privam.

Tremendo, soluçando, o triste velho
Foge d'aquelle horror, amaldiçôa
Seu criminoso, e barbaro triumpho;
Os homens, a grandeza, a gloria esquece,
Desejando esquecer-se de si mesmo,
E em solitarias brenhas vae sumir-se.
   Ali, quer surja o sol, dourando os montes,
Quer se mergulhe nos cerúleos mares,
De seu filho infeliz o triste nome
Com lamentosa voz ensina aos eccos,
Aos eccos, de escutal-o enternecidos.
   Do bello moço extincto a doce amante,
Levada do terror, fria, saudosa,
Em passo vacillante ao sitio corre
Por onde borbulhára o sangue em rios.
Aqui, e ali caminha, indaga, observa,
E da guerra entre as victimas cruentas
Distingue emfim o esposo. Ao vêl-o a triste
Cáe sem accordo na sanguinea terra,
Nos olhos se lhe estende o véo da morte.
«És tu, meu caro amante?...» Estas palavras
Cortadas pela dôr, estes suspiros
Que sólta, desmaiando, ah! não se escutam.
De novo os olhos abre, une de novo
Os labios seus aos labios que idolátra,
Os ternos beijos ultimos lhe imprime,
Aperta o corpo misero entre os braços,

Entre os mimosos braços côr de neve,
Os olhos n'elle põe, suspira, e morre.
  Pae infeliz, misérrimos esposos,
Lastimosa familia, exemplo triste
Dos crimes, do furor d'aquella edade,
Ah! Praza aos céos que a horrida lembrança
D'este medonho, e tragico successo
A comiseração, a humanidade
Excite em nossos derradeiros netos,
E aos olhos uteis lagrimas lhe arranque
Para que o rasto dos avós não sigam!

O Templo de Amor

(Traduzido do Canto IX da «Henriada»)

Sobre o campo feliz da antiga Idalia,
Lá no principio d'Asia, e fim de Europa,
Alto edificio magestoso assoma,
Do tempo assolador vedado aos damnos.
Lançou-lhe a Natureza os alicerces,
E tu, Arte subtil, depois brincando
A simples, moderada architectura,
Lidáste, e transcendeste a Natureza.
Ali de verdes myrtos povoadas
As circumstantes selvas, inda ignoram
Os insultos do inverno enregelado;
Ali por toda a parte amadurecem,
Por toda a parte ali formosos nascem
Os fructos de Pomona, os dons de Flora;
Ali para outorgar ampla colheita
Nunca esperas, oh terra, oh mãe fecunda,
Nem pelas estações, nem pelos votos
Do tostado cultor; ali parece

Que os mortaes n'um egual, sereno estado
Gosam tudo o que dava a Natureza
Lá na ditosa infancia do universo:
Aturado socego, alegres dias,
A doçura, os prazeres da abundancia,
Os bens, os gostos da primeira edade,
Menos a mansa, e limpida innocencia.
Nenhum, nenhum rumor alli se escuta
Senão dôce harmonia encantadora,
Molle harmonia, que amollece o peito;
Vozes do amante, canticos da amada,
Que a deshonra, os delirios, as fraquezas
Em verso adulador lhe vai dourando.
Vê-se turba amorosa a cada instante,
Toucada de odoriferas boninas,
As graças implorar do deus, que adora,
Concorrer sequiosa a seus altares,
E n'elles á porfia ir-se ensaiando
No methodo suave, e perigoso
De attrahir corações, ligar vontades.
A risonha Esperança a mão lhe off'rece,
E os guia dous, e dous ás aras de ouro;
As tres lindas irmãs, as brandas Graças,
Fagueira, quasi núas, e defronte
Das francas portas do suberbo alcaçar,
Unem veloz coréa a som divino.
A preguiçosa, a placida Molleza,
*A socia dos amantes, encostada

Sobre a relva subtil, e as tenras flores,
Ali de vêr, e ouvir se apraz, e enleva.
* Dorme a par d'ella o tacito Mysterio,
Jazem-lhe em roda os magicos Sorrisos,
O pontual Desvelo, a Complacencia,
Jaz o Prazer, e os sofregos Desejos,
Inda mais que o Prazer encantadores.
Tal é na entrada o templo sumptuoso;
Mas quando além das portas, e debaixo
Da rutilante abobada sagrada
Passo audaz se encaminha ao sanctuario,
Que espectaculo horrendo atterra os olhos!
* Ali não resplandece, ali não vôa
* Nitido enxame de louçãos Prazeres;
* A celeste Harmonia ali não ousa,
* As azas transparentes meneando,
* Nos tristes corações insinuar-se.
* Queixas, Tormentos, Desvarios, Sustos
* Em densa multidão, tropel confuso
* Choram, blasphemam, desatinam, tremem,
* Geram n'este logar o horror do inferno.
O carrancudo, o livido Ciume
Segue n'um passo trémulo a Suspeita;
Odio, Raiva, entornando o seu veneno,
Armados de punhaes, lhe vão na frente.
Malicia, tu os vês, e satisfeita
Co'um sorriso traidor a insania approvas:
Eis o Arrependimento os vai seguindo,

E em seus ais condemnando-lhe a fereza,
De lagrimas inunda os olhos baixos.
Em meio d'esta chusma pavorosa,
Companheira fatal dos vãos Prazeres,
Tem conservado Amor seu domicilio
*Desde que lá no azul, no ethereo vácuo
*Cahiu das mãos de Jove o sol recente.
Da terra os Fados tem na tenra dextra
O cruel, tentador, gentil menino:
Dá co'um sorriso a paz, com outro a guerra,
Seu nectar derramando em toda a parte,
Seu nectar, que depois torna em peçonha,
É alma do universo, e vive em tudo.
* Do throno, em que dá leis á Natureza,
Contemplando a seus pés milhões de escravos,
Orgulhosas cabeças piza, esmaga;
Mais pago do rigor que da piedade,
Dos males que produz se desvanece.
* Mortaes, tristes mortaes, que horrivel quadro!
* Mas os males de Amor têm recompensa,
* Têm doce galardão: Mortaes, amemos.

A fome assollando Pariz

(Traduzido do Canto x da «Henriada»)

Vagueava em Pariz feróz caterva
De estrangeiros crueis, de horrendos tigres,
Tigres pela Discordia apascentados,
Mais terriveis que a fome, a guerra, a morte.
Uns das campinas belgicas vieram,
Outros lá das helvéticas montanhas,
Barbaros corações, á guerra usados,
Que vivem de matar, que fazem prompto
Sacrificio venal do proprio sangue.
D'estes novos tyrannos a cohorte
Em sôfrego tropel derriba as portas
Dos tristes cidadãos, e lhes presenta
Mil mortes, mil tormentos, mil horrores;
Não já para os privar de vãos thesouros,
Não já para arrancar aos ternos braços
De espavorida mãe filha chorosa:
Faminta precisão consumidora
As demais sensações lhe impede, e abafa.

Pesquizar, descubrir qualquer sustento,
Por escasso, por mau, por vil que seja,
É a sua intenção, seu fim, seu gosto:
Attentado não ha, não ha martyrio
Que para o conseguir não excogitem.
  Indigente mulher... (oh céos! E eu devo
Urdir a narração da feia historia,
Do horrivel caso escurecer meus versos!)
Indigente mulher perdido havia
Por violencia dos monstros esfaimados
Unico, parco, e misero alimento.
Invadindo seus bens a negra Sorte,
Apenas lhe deixára um tenro filho,
Proximo a perecer do mal, que a mata.
Raivosa, desgrenhada, um ferro empunha,
Córre, bramindo, ao candido innocente,
Que estende as debeis mãos para afagal-a.
Do triste a infancia, a graça, a voz, o estado
A phrenetica mãe de dôr traspassam.
  Põe n'elle os espantados, turvos olhos,
Tintos de amor, de raiva, e de piedade.
O cutélo da mão lhe cáe tres vezes,
Mas a raiva triumpha, e, detestando
O fecundo hymenêo, com voz tremente:
«Oh d'esta alma infeliz porção mimosa!
Caro filho! (ella exclama) em vão teus dias
Produzi, conservei com tanto afago.
Em breve ou da penuria, ou dos tyrannos

Fôras talvez a victima, o despojo
Se a mãe piedosa te poupasse a vida...
A vida! E para que? Para vagáres
Do deserto Pariz entre as ruinas,
Desfazendo-te em ais, em dôr, e em pranto?
Morre, antes que o meu mal, e o teu conheças,
Restitue-me, oh filho, o sangue, a vida,
Que te deu tua mãe; vem sepultar-te
Nas entranhas crueis, que te geraram,
E veja-se em Pariz um crime novo.»
  Isto dizendo, attonita, e convulsa
No peito do filhinho embebe o ferro,
Leva o corpo sanguento ao lar fumante,
E, sofregas as mãos co'a fome horrenda,
A funesta iguaria ali preparam.
A força de voraz impaciencia
Volvem, raivando, os barbaros soldados
Ao theatro do crime atroz, e infando,
Similhantes na horrida alegria
Aos ursos, e aos leões que a prêa afferram!
Apostados correndo, a porta arrombam;
Entram... Céos! Que terror! Que assombro! Á vista
Carrancuda mulher eis se lhe off'rece,
Molle corpo infantil despedaçando,
Abrazada em furor, e em sangue envolta:
«Sim, féras, sim, crueis, meu filho é este!
Vós no seu sangue as mãos me enxovalhastes,
Sejam vosso alimento a mãe, e o filho.

Vinde, as sagradas leis da Natureza
Ultrajar mais do que eu temeis acaso?
Que susto vos detêm, vos desalenta?
Oh tigres! Este pasto a vós pertence.»
  Phrenetica, e sem tino, assim fallando,
Aguçado punhal no seio enterra.
Subito, da tragedia horrorisados,
Confusos, e ululando, os monstros correm;
Não ousam para traz volver os olhos,
* Cuidam que os ameaça, os segue o raio;
E o povo, por findar tão triste sorte,
Alçando as mãos aos céos, implora a morte.

---

*

A Colombiada, ou a fé levada ao novo mundo

Poema de Madame Du Bocage

(Traducção do Canto I)

Eu canto o Genovez, de Urania alumno,
Da inveja, e dos infernos perseguido,
O nauta, que do Tejo foi tão longe
Desencantar os indicos thesouros;
Que da aurora ao poente o mar domando,
Para a fé conquistou mundo ignorado.
Oh mãe de Orphêo (que pela voz de um filho
Typhis, Jason no pégo enfeitiçaste!)
Consente, para mais, á minha audacia
Que do Ismario cantor imite os versos.
Se bosques attraíu, monstros, e Furias,
Homens enternecer meus sons não podem?
Musa, do sexo teu o imperio estende,
Une á feminea voz a lyra eterna,
Mostra aos humanos que tambem no Pindo,
Assim como em Cythéra, os cantos nossos,
Caros aos deuses, os heróes afamam.

Do solsticio do inverno á florea quadra
Phebo precipitava os turvos dias,
Desde que sobre os mares, vencedora
Das procellas horrísonas, vagava
Longe do patrio seio a frota ibera.
De ilha em ilha evitava estereis climas
O próvido Colombo: a seus desejos
Ditoso, grato asylo em fim se off'rece,
Mostrando a seu favor sorrir-se os Fados.
Este heróe, nunca trémulo ante o p'rigo,
Na bonança acautéla as tempestades.
Desce a noute; elle teme infesto escolho,
E, até que a luz diurna o polo aclare,
Congregando os baixeis áquem do porto,
Assim de seus guerreiros falla aos chefes:
«Rivaes d'esses, que o Bosphoro vencêram
Compete a vosso ardor mais alto premio:
Os males nossos tem nos céos a palma.
Quem das avitas glorias dorme á sombra
Perde na escuridade a luz da origem.
Nós, que havemos tégora em perigos cento
Calejado a constancia, eia, surjamos
N'essa fronteira, incognita enseada:
De Fernando os pendões ali se arvorem.
Dado que féros povos nos insultem,
É nosso escudo o céo: proezas nossas
Para estender seu culto a vida egualem.»
Diz, e d'est'arte lhe responde a turba:

«Claro almirante! Affronta o mar, o inferno,
Que todos sem terror te seguiremos
Aos dous pólos do mundo. Os annos vôam;
Mas da injuria dos seculos vorazes
Nada tem que temer lustrosos feitos.»
Ferve a taes vozes o soldado, espera
Novos mundos ganhar, ver outra Colchos.
 O nome dos heróes, que honraram Grecia
Distinguia os baixeis. Um pinho annoso,
Filho robusto da hyperbórea terra,
Velas do Argus sustenta em aurea pôpa.
O prudente Matheus, rival de Typhis,
Guia um novo Jason, conduz Colombo.
O cauto chefe, que a seus olhos sempre
Tem de Helena os irmãos, sobre estes lenhos
Atear-se a discordia viu cem vezes.
Ali Julio encaminha illustre cabo,
Mendes segue Pinzão; traidor Ximenes,
Tu reges Telamon. Busca-se Alcides,
Ah! Vãmente: escarcéos o devoraram;
Torres, seu director, já não existe.
 Patria do meu heróe, Genova illustre,
Fieschi, em ti nascido, a seus trabalhos,
A seus feitos magnanimos se aggrega;
Alba no Orphêo conduz, e Boile, o docto.
Este sabio as estrellas não medita;
O iman, subjeito aos erros, não consulta:
Olha sómente o céo para imploral-o,
E o céo por elle annue á sancta empreza.

A gloria esquecerei, que haveis ganhado,
Invencivel Cortez, Pizarro affouto?
Ambos, um no Calais, outro no Zetes,
Dos alados heróes tomando o vôo?
Vós de Castella, e de Africa os ginetes
Á expedição levaes. Morgan valente
Dogues no Hilas açama, exercitados
Em jogo marcial. Por chefe o tractam
Hastins, Arcy, Murrai, Stanhope, e activos,
Para alongar seu nome, a patria deixam.
O Neustroo Marcoussy, caro a Colombo,
O segue no Theseo, que lhe é subjeito:
Boulainvilliers, Amboise, e Aidie, e Argennes,
Ás suas leis submissos, lá florecem.
Triumphantes no Sena estes guerreiros,
Tentam novas emprezas: sobre os mares
Quer o valor francez dar pasmo ao globo.
Pelêo, e Ajax, na Andaluzia armados,
Pendem de Margarit, e de Garcia.
Vasos mais leves, de que escondo os nomes,
Em torno do almirante as ondas talham.
Dos chefes, que perdêra, o fim deplora;
Mas, applacando a magoa nos que restam,
Sem temor voga ao porto, e junto d'elle
Dos pilotos á voz se ferra o panno.
Em tanto que a esperança industriosa
Promette aos hespanhoes mil bens, mil palmas;
Que Diana, esparzindo o raio incerto,

Nas aguas a folgar delphins convida;
Por ellas, onde brilha a sua imagem,
Manso, e manso os baixeis co'a terra emproam.
Mas entes infernaes, da Grecia deuses,
Que tem na India altares, e outros nomes,
Oppõem-se ao Genovez, de quem se temem.
  Para traçar taes monstros, Musa minha,
Restituir Cythéra a Venus podes,
Podes restituir o Olympo a Juno:
Satân em meus pinceis Platão simelha,
E os manes do Cocyto as ondas passam.
  Boiá, Teules, Zemês, estygios numes,
Que adora cego povo, a Europa ignoto,
Ajuntam de seu rei os estandartes.
No ruido de asperrimas correntes
As tartáreas phalanges se annunciam;
Serpentes, que das ígneas testas brotam,
Os silvos formam lá, que em Lemnos se ouvem
Quando n'agua se extingue o ferro ardente.
  Teules, que tem na Estyge Eólio mando,
Leva aos pés de Satân o horror, que inspira.
Nos seus olhos em braza é sangue o pranto,
Tem de um lado o terror, tem de outro a morte;
Das tormentas a chave á mão lhe é sceptro.
D'atra nuvem de enxofre, onde fluctuam
Mil cabeças medonhas, surge a d'elle,
E o turbulento inferno, á voz do monstro,
Como as aguas do Lethes, se abonança:

Té no perjuro, no traidor, no ingrato
O remorso emmudece alguns instantes.
«Rei d'esta região sombria, horrenda,
(Vozêa a Furia insana) onde aras tuas
Se perfumam de incensos, no indio clima
Do Tejo os filhos soffrerás que reinem?
De um Deus no outro hemispherio as leis se adoram,
Nosso inimigo eterno em parte o globo
Attrahiu com seus dons: ah! Se elle outr'hora
Cavou o immenso abysmo onde penâmos,
Golpe fatal, que nos prepara, ao menos
Cuide-se em rebater. Por novo mundo
Elle quer alongar suas conquistas,
Elle quer transmittir-lhe as leis, e altares.
Que! Debaixo dos seus os templos nossos
Á gloria sua servirão de base,
Gloria, que se eternize em nosso estrago!
Sem defender teu jus victorias cedes?
Pondera que um mortal, do Averno injuria,
Contra nós o universo a armar se atreve.
O instructo Genovez, nos males firme,
Conhece o equóreo fundo, e mede os astros,
Conquista os corações, subjuga as almas.
«De tão forte guerreiro emprezas temo...
Trance me é duro elogiar contrarios,
Mas o assustado orgulho ingenuo falla:
Vencido do pavor, se os riscos peza,
No interesse, e no p'rigo é só que attenta.

A esquadra, que receio, o termo attinge
De alta intenção: meu unico regresso
É no centro das ondas sepultal-a.»
«Entrega aos furacões (Satân responde)
Esse povo atrevido: os elementos
Todos em damno seu se desenfrêem:
Derrama no universo a raiva tua.»
O mar treme de ouvil-o, e todo o inferno;
Do embate de mil mãos faiscas saltam,
Como das rochas sahem, que rompe o ferro;
Ou quaes costumam rebentar de corpos
Que inflamma o choque electrico. Eis o abysmo
Ao magico motim responde em eccos,
Como em crébros trovões o céo rebrama.
A passos gigantêos caminha Teules
Ás horriveis abobadas profundas,
Onde as cohortes procellosas fremem.
Abre co'a ferrea chave as bronzeas portas,
Que, rapidas volvendo-se nos gonzos,
Por pouco o monstro audaz não derrubaram.
Os subterraneos Sues, que assaltam nuvens,
De cem respiradouros arrebentam,
E o mar, em monte e monte, aos céos altêam.
Que os heroes lhe exp'rimente um Deus permitte
Ao negro inferno. Subito a bonança
Se converte em tormenta escura, enorme.
Gemem de susto as Alcyoneas aves;
Nas ondas os baixeis arrebatados

Como que vem dos céos no mar sumir-se.
Entre as torrentes, que derretem nuvens,
Mãos congela o terror, e as prende aos cabos:
Tudo estala, e, deixado o panno aos ventos,
Debalde implora os nautas amarellos.
  Tres vezes viu Matheus luzir a aurora
Desde que a frota errante em mãos de Eólo
Foge da praia, a que aproou Colombo.
Arte fallece em tanto mal; e os gritos
C'o estrepito das ondas misturados,
Vão rebombar no pólo. O grande chefe,
Colombo, cuja voz já não se escuta,
Nas preces do pontifice encurvado,
D'est'arte, a bem commum, seu Deus invoca:
  «Creador, que, presente em toda a parte,
Ares, terras, estrellas equilibras,
Tu, que, remindo um povo, abriste as vagas!
Pódes pôr freio ao mar co'um volver d'olhos.
Queres nossos baixeis sumir no abysmo?
Se o fim da grande empreza é mallogrado,
Ai! Quem trará teu nome a terra ignota?
Por ti, por ordem tua o p'rigo arrosto,
E quantos me ladêam. Sorte avêssa
A teu sabor, gran Deus, mudar-se póde:
Sómente o favor teu nos punge, e alenta.
Terra nos dá, senhor, que prometteste
A nossos males, ás fadigas nossas.»
  Todos applicam dolorosos prantos

Do sacerdote á voz; do p'rigo o susto,
Principio de mil votos, enternece
O numen bemfazejo. Em breve as ondas
A superficie alizam. Duros ventos,
De espirito celeste agrilhoados,
Outra vez, a tremer, entram nas grutas.
Mal que os Notos aos Zéphyros consentem
Reconduzir bonança aos amplos mares,
O Norte em nuvem franca off'rece um astro,
Dos navegantes esperança, e guia.
Este lume os consola, e qual descende
Sobre os mimos de Abril vapor suave,
E lhe ergue o tronco, e lhe reforça os fructos,
Dos ares o socego ás almas vôa,
E o que o medo abateu, o esforço eleva.
Colombo, que jámais provou receios,
Ao seu Typhis commette as rédeas do Argus;
Quer que a maior das Ursas deixe á dextra,
E, esperando a manhã, vogue ao poente.
O horisonte branquêa; o fulvo Apollo,
Occulto inda aos mortaes em atrios de ouro,
No carro matinal roxêa os mares,
E manso dia azul promette aos nautas.
O ar se esparze de aromas, quaes a Arabia
De Africa, e de Asia nos confins vapóra.
Porque farte o desejo aos navegantes,
Este imprevisto bem de outro é seguido:

O astro diurno aclara extensa costa,
Que, vária, os olhos assaltêa, encanta.
  Rochas de um lado sobre o mar pendentes,
A industria imitam, sem favor da industria.
Por mão da Naturêza afeiçoadas
Em monstros, em gigantes, o murmurio
Geram de vozes cento: ali parece
Os povos d'este clima estarem juntos.
Equóreo movimento, abrindo as penhas
Em um, em outro assalto, entre ellas fórmam
O rispido fragor, que ás praias Ecco
Traz sobre as plumas dos loquazes ventos.
  O outro lado do porto, aos nautas franco,
É flóreo, fructuoso amphitheatro;
De arêas de ouro se orla, onde aguas puras
De lindas conchas o atavio ostentam.
Mil pescadores para encher canôas
Nas ondas a colheita em vão não buscam.
  De ferteis margens habitantes ledos,
Que terror vos infunde a esquadra nossa!
Pejadas redes d'entre as mãos vos fogem.
Em quanto, por ganhar vossa alma incerta,
Vos mostram dons, que vos destina o Chefe,
Elle as velas dirige ás praias vossas.
O prumo consultado abona o porto,
E, vogando sem custo a prôa ás margens,
Abre facil ingresso em fundo rio.
  Verdes arbustos este asylo assombram:

Arroios mil nas proximas colinas
Escorregando vêm de pedra em pedra.
Arte em nossos jardins pintar costuma
Estes brincos gentis da Natureza:
Lá por cascatas humedece as hervas
Deslizada corrente. As amplas cheias
Valles diversos na carreira abrindo,
Fecundos campos, e acceleram fructos,
Bem que no mesmo gráo do hisperio clima,
D'estes o estio inferteis os não torna:
Dos logares, que em fabulas se enfeitam,
Sois, oh ilhas, que eu canto, imagem viva.
  O outono, que a miudo as annuvia,
Inundadas jámais as viu de chuvas;
Sem que aos olhos o dia apouque os lumes,
De nuvens brando véo tempéra as calmas.
Quando o ethereo cume o sol fervia,
Tutelares Favonios, adejando,
As fadigas do Ibero amaciavam.
Lança ferro, e cubiça de repouso
Faz com que as aguas deixe, e salte em terra.
  N'um visinho rochedo olhada turba
Lhes determina o passo, e pasma ao vêl-os.
O chefe, que a conduz, por cava senda
Vae dirigindo o pé. Da face as rugas,
As cãs dispersas, e avultados membros,
Sem arte, ou vestidura, o gráo lhe indicam
Melhor que inutil séquito pomposo:

A sua candidez encanta, e brilha
Mais que o ouro dos reis, que a Persia acata.
Se os trajes, as feições, e iberios lenhos
Attraém co'a novidade o velho agreste,
A voz da gente sua, e d'ella os gestos
Aos nossos europeus a vista assombram;
E egualmente admirado o vario povo
Se contempla entre si. Com alma ingenua,
Sem medo os indios a Colombo exprimem,
Apontando-lhe os céos, que o julgam vindo
Lá da estancia immortal das divindades.
O almirante caminha ao chefe inculto:
Moço europeu (que em ilha solitaria
N'aquelle mundo novo achado havia,
E na esquadra acolheu) de lingua serve.
Que dita inopinada! (é crivel fosse
Divina permissão) Penetra o velho
A linguagem do interprete, que explica
Os desejos do heróe n'esta substancia:
«Oh tu, que d'este povo o rei pareces,
(Se é a hospitalidade aqui virtude,
Qual teu rosto benefico denota,
Em quantos estes amenos, faustos campos
Com vista esperançosa observo, admiro)
Sabe que injusto, que invasor projecto
Aqui me não conduz por vastas ondas.
O infortunio me traz: sê meu refugio,
E além dos mares teus prometto em breve

Ir de teus beneficios, de teu nome
Informar o universo.» Á voz do chefe
Os hespanhoes a reverencia uniam,
No campestre ancião fitando os olhos.
O indio dá puro credito ao que escuta:
Seu coração lavado ignora o medo,
Assim como as astucias desconhece.
A seus amigos diz (sómente amigos
Comitiva lhe são)—«Porque se agrade
Dos alimentos nossos o estrangeiro,
Exquisitos, gravissimos aromas
Dêm aos nossos liquores nova graça.»
No chão curva o joelho, assim fallando,
Quanto a caduca edade lh'o toléra;
Passo a passo depois Colombo arrosta.
«Ente divino (diz) que o mar talhaste
Sobre monstros alígeros, a terra,
Onde has baixado, te dará sem termo
Os bens de que a fornece a Natureza.
Reino aqui: meu desejo é contentar-te.
Segue-me aos valles nossos, vê, comtempla
Tão ditosa morada; os teus sequazes
Terão lá, como tu, seguro asylo.»
Segue o chefe europeu do velho os passos;
Com elle vae o interprete, e apoz elles
Caminham Marcoussy, Morgan, Fieschi,
E os mais abalizados filhos do Ebro.
Toma tudo um ser novo ante seus olhos:

Os fructos, e animaes n'aquelles bosques,
Carregadas as arvores de incenso,
Nada tem que arremede os campos nossos;
O sol espraia ali fulgor mais vivo.
Se da planicie aérea o leve bando
Do alambre, e do rubi lá veste as côres,
Seus desabridos sons a orelha offendem,
Não sabem, philomela, o teu gorgeio.
Lá vive o colobri, lá tem seus ninhos
Ave, cuja plumagem em nossos climas
De Réaumur por arte inda é formosa.
Selvatico animal n'aquellas plagas
Do homem gosa o valor, feições, destreza;
O alóes em cada seculo florece
Com grande estrondo ali, e o povo indiano,
Que um leite nutritivo extrae do côco,
De uma folha em vapores a perguiça
Costuma embriagar. Serve á molleza
Do algodoeiro o fructo; entre os manjares
Saboroso cacáo lhe suppre o nectar.
O ananaz, o cajú, e o mangue, e o cedra
As brandas viraçōes aromatizam:
Com mil nomes ali, não só com estes,
Deusa das flôres, Zéphyro embellezas.
Ledos os hespanhoes, de bosque em bosque
A voz consultam do Nestor que os guia.
Em meio de seus fructos, aves, sombras,

De tão novos objectos, e tão varios
Elle a virtude, os prestimos ensina
Ao pasmado europeu, que o ouve, e o segue:
Se o velho devagar dirige os passos,
O que exprimindo vae resume o tempo.[1]
  De altos pinhos á sombra emfim se avista
A porta da selvática vivenda.
De enfadosos insectos ignorada
Esta aprazivel gruta, aos olhos deixa
Gostar sem turbação calados somnos.
De Apollo os raios pelo cimo aberto
Dos muros no alabastro a luz desparzem.
Este amplo abrigo os seculos cavaram;
A equidade, a candura, a paz o escudam,
E unico esmalte é seu gentil donzella,
Que ao velho amavel a existencia deve.
Nua, qual Eva está: sua innocencia,
Egual á de Eva, sem pudor aos olhos
Off'rece encantos seus, lhe é véo mimoso:
As Graças não conhece, e estão com ella.
Outro atavio algum lhe não consentem
Do que a plumage azul com que lhe abrangem
A candida cintura: é mais formoso
Este adorno, porém, que o de Acidalia:
O objecto, em que reluz, seu preço ignora.
Livres madeixas mollemente ondeam
No seio virginal, por onde apenas

Os thesouros de amor vem apontando,
Que ainda não crestára o patrio clima.
  Dos hespanhoes o numero, a presença
No tenro coração lhe infunde assombro,
Nos olhos divinaes lhe pinta o medo,
E as delicadas mãos, que elegem fructos,
Um momento, a tremer, suspensas ficam.
  «Não temas (diz o pae) Zamá, não temas.
Filhos dos céos, dos mares, ou do acaso,
Estes entes, que vês, sem perturbar-nos,
Hão de participar d'esses manjares
Que para mim dispões com arte, e gosto.
  «Eis de palmeiras em tecida casca
A seccos peixes acompanham aves;
Torquazes pombos vem, e os dons de Ceres
Tu, fecunda banana, ali compensas.
  A indiana mocidade, o velho, a filha,
E a turba dos ibéros, assentados
De pavilhão grosseiro á grata sombra,
No banquete frugal têm todos parte,
E n'abundancia a precisão se alegra.
  A reinar começava entre os convivas
Amiga confiança, o bem que apura
Depois de longo tracto os gostos nossos.
Apenas a vital necessidade
Seus desejos fartou, sempre admirado,
O bom pae de Zamá, o ancião benigno,
Que pelo hospede seu de si se esquece,

*

C'os olhos em Colombo, assim lhe falla:
(O interprete ao heróe diz o que escuta.)
«Caro estrangeiro, cujo nobre aspecto,
Cuja doce eloquencia me annuncia
Que a tua geração provém dos numes;
Vendo que ás precisões da humanidade
Te submette o destino, eu me atrevêra
Dos homens entre o numero a contar-te,
Se acaso nossos páes por seus maiores
Não soubessem que, sós em todo o mundo,
Os unicos senhores somos d'elle.
«Gerados pelo Sol no terreo seio,
Dia, e dia apressamos seu regresso
Com votos, e com supplicas; sentimos
Que só por seu fulgor tudo respira.
Acatam-lhe o poder da noute os lumes,
A luz dos raios seus absorve os astros.
Ethereas flammas, que nos ares vemos
Tantas vezes caír, foram, por dita,
Principio de teu ser? Vens d'esses mundos,
Aonde por incognitos caminhos
A morte nos conduz, e onde sem conto
Mulheres divinaes o gosto encantam?
Os fructos, as delicias, os liquores
D'aquelles formosissimos logares,
Dando-te por ventura essencia nova,
Entre nós as feições tornou discordes?
Expõe-me os fados teus, dize que meios,

Que assombros, que mysterios te hão guiado
Por entre os ares á terrena estancia?
Tua sabedoria, e teus desastres
Me commovem, me attráem; recente affecto
Me interessa por ti, por teus destinos.»

Fragmento

Do Poema «o Merito das Mulheres» de Legouvé, Canto I

Juvenal, que em seus versos vale Horacio,
Boileau, que restitue os dous ao Pindo,
N'um sexo de virtude, e graça ornado
Fero carcaz satyrico exhauriram:
Vou ainda áquem de vós, oh genios grandes;
Mas audaz defensor de um sexo, que honro,
Opponho o encanto d'elle á furia vossa:
Canto dos homens a melhor metade.
Depois que da profunda, immensa noute,
Em que dormiam sóes, dormiam mundos,
Um Deus, aos céos chamando, o mar, e a terra,
Alçou montanhas, estendeu campinas,
As florestas c'roou de verdes comas,
E fez o racional (seu mór portento)
Espectador do espectaculo sublime, —
A belleza creou; — depois mais nada:
N'aquelle assombro um Deus parar devia,
E a suprema invenção que mais fizera?

Rosto celeste, onde a innocencia córa,
Olhos, e labios, que chorando, e rindo
Doce tumulto nos sentidos movem;
Trança de anneis subtís, brincando em ondas,
Collo de amores, halito de rosas,
Véo transparente, que a existencia envolve,
E de que um vivo sangue, um sangue puro
Matiza em longos, azulados fios...
....

Fragmento

De um Poema sobre a Arte Graphica

A poesia será como a pintura,
A pintura será como a poesia;
Ambas eguaes, irmãs se representam,
Officios, nomes entre si revezam:
A pintura se diz «muda poesia»,
A poesia se diz «loquaz pintura».
O que ouvidos attráe poetas cantam,
Cabe aos pintores o que enleva os olhos:
O que versos desluz, pinceis desdoura.
As formosas rivaes, em honra aos deuses,
Transpondo céos e céos, entram de Jove
Nos sempiternos paços: lá desfructam
A presença dos numes, e a linguagem:
Attentam n'uma, n'outra, e vêm com ellas,
E influem nos mortaes a etherea flamma,
Que rutíla em seus quadros. Já vagueam
Com émulo fervor pelo universo;
N'elle o que é digno d'ellas vão colhendo,
Revolvem tempos, tempos investigam,

D'onde objectos extráem, quaes lhe relevam,
Que na terra, no mar, no céo mereçam
(Seja por accidente, ou por nobreza)
Ir durando entre os seculos vorazes;
Vasto assumpto ao pintor, vasto ao poeta,
Rico aos dous! Vão d'ali soar no mundo
Com fama vividoura ingentes nomes:
Magnanimos heróes d'ali resurgem
Com gloria, que dos tempos se não teme,
E d'um e d'outro artifice os portentos
Apostam duração co'a eternidade:
Tanto honraes, e podeis, artes divinas!
O coro das Piérides, e Apollo
Não tenho que invocar, para que altêe
Em verso magestoso as phrases minhas,
E agracie expressões, e as abrilhante
Em obra, que dogmaticos preceitos
Sómente envolve, e que requer sómente
Succinta locução, perspicua, facil:
O lustre do preceito é a clareza;
Contente de ensinar, o adorno escusa.
  Não do artifice as mãos ligar desejo,
Que só rege o costume, e não me é grato,
Que as forças naturaes se embotem n'alma:
Co'as muitas normas arrefece o genio.
Quero que Arte potente a pouco, e pouco,
De idéas, e de cousas fornecida,
Se aggregue á Natureza, ao genio passe,

E por elle a verdade insinuando,
Lá se naturalize, á força de uso.
Primaria, insigne parte é da pintura
O melhor distinguir, que a natureza,
Creou para os pinceis conveniente,
E isto conforme o gosto, o modo antigo.
Barbaridade temeraria, cega,
D'elles sem o favor, desdenha o bello,
Arte, que ignora, denodada insulta;
Porque estimar não póde o que não sabe.
D'aqui nasceu dizer-se entre os antigos:
«Ninguem mais atrevido, e mais insano,
Do que pintores maus, e maus poetas.»
Para amar, conhecer é necessario;
Deseja-se o que se ama, o gosto o busca,
Buscando-o com fervor, por fim o alcança.
Não presumas porém que dê o acaso
As graças, que te cumprem. Bem que sejam
Naturaes, verdadeiras, muitas vemos...
....

Fragmento

Do Poema Epico «Fingal» attribuido a Ossian

De Tura junto aos muros assentado,
E ao fresco abrigo de inquietas folhas,
Estava Cuculin. Perto da rocha
A lança lhe jazia, ao pé o escudo;
Tinha no gran Cairba o pensamento,
Cairba, que vencêra: eis lhe apparece,
Explorador do tumido Oceano,
Moran, prole de Titi. «Ergue-te (disse),
Ergue-te, Cuculin. Branquejam velas
De Swaran; o inimigo é numeroso,
Mil os heróes do mar.» — «Tu sempre tremes,
Prole de Titi (o chefe lhe responde)
Azul nos olhos, e esplendor de Erina;
Com teu medo os contrarios multiplicas;
O rei será talvez das ermas serras,
Que vem trazer-me auxilio.» — «Oh! Não (replica
O nuncio do pavor) qual torre avulta
Swaran, ou qual de gelo alta montanha;
Eu o vi; quasi egual áquella faia,

É a lança do heróe: nascente lua
O seu pavez parece. Em duro escolho
Sentado estava, e similhante em face
A columna de nevoa. — «Oh tu, primeiro
Entre os mortaes (lhe disse) a que te afoutas?
São muitas nossas mãos, e em guerra fortes;
Chamam-te com razão possante, invicto;
Porém mais de um varão da excelsa Tura
Ostenta esforço e gloria.» — «Oh (me responde
No tom de onda desfeita em ardua rocha)
«Quem me simelha? Heróes não me resistem,
Meu braço os prostra. Só Fingal, somente
O gran rei de Morwen afrontar póde
As forças de Swaran. Luctamos ambos
Nos prados de Malmor. Tremêram bosques
Ao movimento nosso, e vacillaram
Da raiz despegados os rochedos;
Rios fugiram do combate horrivel,
As correntes de medo extraviando:
Tres dias combatêmos, descançamos,
Volvêmos á peleja. Ao longe os chefes
De olhos fitos em nós estremeciam.
. . . .

Fragmento ultimo

Pezavam sobre a terra os ferreos tempos:
Da virtude priméva um só vislumbre,
O minimo fulgor por entre as sombras
Da geral corrupção não reluzia:
No seio enorme da reinante infamia
O Averno com seus monstros se acolhêra,
E d'ali, vaporando atrocidades,
O mundo transformava em novo inferno;
Inda illéso porém jazia o globo
Das mais tremendas culpas, inda estava
Das maldades o numero imperfeito.
Cinco ministros horridos de Pluto
Crêram que seu terrivel ministerio,
Usado a embrutecer no crime os homens,
Cumpria alçar-se da impiedade ao cume.
Ante o solio de ferro, onde negreja
O deus das maldicções, o deus da morte,
Seus projectos expõem, licença rogam,
E á negra execução se deliberam:
Pelo estygio tropel bramando rompem,
Com duros encontrões a turba espancam,

Correm á bronzea porta: eil-os no mundo,
E o mundo em convulsões, e o polo os sentem.
De clima em clima se derramam logo,
Ao nunca visto horror dão prompto effeito,
E no abysmo infernal depois baqueam.
«Monarcha tenebroso (exclama um d'elles
Ao fero, que sedento está de ouvil-os)
O plano executou-se: a natureza
Mais não póde aviltar-se: é já quaes somos!
Ouve, e decide quem merece a palma
No desempenho atroz da iniquidade:
Eis o mal, que dispuz, e o que hei cumprido.
Nas amplas margens do orgulhoso Euphrates
Prole de ternos paes, mimosa, e linda,
Zelina, de tres lustros enfeitada,
Zelina em flôr, tão virgem, como a rosa,
Antes que algum dos Zéphyros a engane,
Lanosas ovelhinhas côr de neve,
Mansas, como a virtude, ou como a dona,
Em viçoso retiro apascentava.
O riso no semblante, e n'alma o riso
Trazia a bella, conhecendo apenas
O crime pelo horror, que tinha ao crime:
Ignorava paixões, eram sómente
Amores seus as cordeirinhas suas.
N'um seculo de infamias, de torpezas,
Tão doce candidez olhei com pasmo,
E, quasi em mim domado o torvo instincto,

Ia depondo a raiva, ia esquecendo
Minha essencia, meu voto. Eis indignado
Da vil indecisão, requinto as furias,
No remorso, no pejo, e sou mais monstro.
Acaso a florea estancia, onde Zelina
Na face resumido o céo pintava,
Errante passageiro ia cruzando
De membros gigantêos, melena hirsuta:
Á virgem olha, extatico a medita,
Duvída se é mulher, se é divindade
E n'um suspiro um sacrilegio teme;
Que idéas de algum nume inda lhe restam.
Eu, que attentava no amoroso effeito,
Igneos desejos subito lhe entranho,
Insoffridos, brutaes, a audacia, e furia,
Que o mimo, a graça virginal profanem,
Qual Euro, que em tufões desenfreado,
A bonina gentil das folhas despe,
Lhe esperdiça o perfume, a tez desbota.

. . . .

———

Sobre as façanhas dos Portuguezes na expedição de Tripoli

Composto na lingua latina, e offerecido ao Serenissimo Principe Regente D. João, por José Francisco Cardoso, e traduzido por M. M. de B. du Bocage. Anno de 1800.

Tels ont été les grands, dont l'immortelle gloire
Se grave en lettres d'or au temple de Memoire.

Le Roi de Prusse, Epit. I.

Musa, não temas; vibra affouta o plectro.
Se tentas sublimar-te a grandes cousas,
Se mais que a força tua é tua empreza:
Eis numen bemfazejo inspira o canto,
Numen, de quem rival não fôra Apollo,
Nem de aonias irmãs turba engenhosa.
Sonham poetas vãos Parnaso, e Pindo;
Hippocrene é chimera: a ti dimana,
Do solio desce a ti feliz audacia,
Que a mente acobardada esforça, agita.
Assim remontarás segura os vôos;
Assim transpondo os céos, transpondo os mares,

Irás desentranhar, colher arcanos,
Não corruptos na voz da Fama incerta.
Outros (como que folguem de illudir-se)
Mandem rogo importuno aos deuses do estro;
Cubicem na Castalia mergulhar-se.
João, cujo poder no mundo é tanto,
E a cujo arbitrio cabe alçar o humilde,
O elevado abater, protege, oh Musa,
Teus sons, teu metro; e com benigno acêno
Ordena, que altos feitos apregôes:
Idéa, engenho, ardor de lá te influem.
  Á sombra já de auspicios tão sagrados,
Claros louvores de immortaes guerreiros
Anhela celebrar fervendo a mente;
Dizer, com que perfidia atroz, e infanda
Foi pela maura estirpe despertado
Nos lusos corações o fogo antigo;
Qual soffreu nova pena a gente odiosa;
Té que Marte á justiça os constrangesse.
Longe, longe as ficções, tua alma ingenua
Só quer, Principe Augusto, a ingenuidade.
  Onde o mar pelas terras mais se alonga,
Em cuja boca é fama erguera Alcides
Arduas columnas, das fadigas termo,
Jaz annosa cidade, que parece
De Carthago ás ruinas esquivar-se,
Olhando ao longe de Sicilia as praias:
Outr'hora fundação nobre, opulenta,

Em tanto que do intrepido Navarro
Opprimida não foi com duro assedio:
Hoje triste enseada, e mal seguro
Surgidouro aos baixeis. D'ali costuma
O rapido chaveco atraiçoado
Ás infestas rapinas arrojar-se;
De miseros mortaes ali mil vezes
C'os sanguentos despojos volve alegre;
Nem se apraz só do roubo a raça infame,
Nodoa, horror da razão, da natureza:
Aos fracos agrilhôa as mãos inermes;
Quaes brutos, os alhéa a preço de ouro,
Ou lhe esmaga a cerviz com jugo indigno:
Eis seu louvor, seu nome, a gloria sua.
  Ali preside asperrimo tyranno,
De torpe multidão senhor mais torpe;
Monstro, que desde a infancia exercitado
Em tudo o que os mortaes nomeam crime,
Sacrilego infractor das leis mais sanctas,
Delicto algum não vê, que em si não queira,
E dóe-se de o perder, se algum lhe escapa:
Maldade horrivel, que prodigio fôra,
Se estes dos homens sórdido refugo,
Desparzidos no globo, o não manchassem.
Oh quanto mais se deve estrago, e morte
Ao barbaro tropel, que um tracto amigo,
E aquella mutua fé, que enlaça os povos!
Mas se robustas mãos, que o sceptro empunham,

Não chovem contra os féros inda o raio,
Tempo, tempo virá que exterminada
(O coração m'o diz com fausto agouro)
Apraza acantoar a iniqua turba
Lá onde os invernos carregado,
Junto ás extremas Ursas vai Bootes
Regendo a custo o vagaroso carro;
Ou lá onde rebrama o sul recente,
Haja taes cidadãos deserta plaga,
Até que a eternidade absorva as eras:
E das brenhas no horror, no horror das grutas,
Companheiros das féras, monstros novos,
Vivam de sangue, com as féras vivem,
Na garra, e condição peiores que ellas.
A maldade em caracter convertida
É sempre mãe do crime, e a natureza
Já despir-vos não sabe, artes perversas.
Como ha de a voz saudavel do remorso
Melhorar corações, depois que a peste
De corrupta moral se arreiga n'elles;
Fermenta, lavra em fim de vêa em vêa,
De seculos a seculos medrando?
Quando os dons se amontoam sobre a culpa?
Quando a penuria a probidade ancêa,
De um vulgo detestavel acossada?
A tudo a negra turma inverte os nomes;
O bom desapprovando, ao mau se afferra:
E é tanta nos crueis do crime a sede,

*

O exercicio do mal taes forças ganha,
Domina tanto ali, que nunca omittem
Opportuna estação de perpetral-o,
Ou do ardor de empecer, ou da cubiça
Da illegitima presa esporeados;
Como se a rectidão, como se a honra,
O que a todos illustra, os deslustrasse.
Não com lingua fallaz taes vozes sólto:
Ninguem no mundo o que descrevo, ignora.
Quem de olhos carecer, e quem de ouvidos,
Só não conhecerá, quão vis alumnos
Pela terra esparziu o audaz Mafoma,
O refalsado auctor da seita infanda.
  Que dólos, que traições, que iniquidades
Da caterva brutal provaste ha pouco,
Tu dize, tu, magnanimo Donaldo;
Conta os varios successos, conta os riscos,
Os trabalhos, que a ti, e aos teus urdira
Atro perjurio do bilingue chefe;
Tudo porém trophéo das forças tuas.
Lustroso do esplendor de imperio summo,
Tu foste quem primeiro apresentara
A dadiva da paz, que, apadrinhado
De um rei potente, o barbaro implorava.
Quando é que as condições mais leves foram?
«Entreguem-se os francezes acolhidos
Brandamente de Tripoli nos muros,
Ao throno do sultão pezada offensa,

Grave infracção tambem do jus britanno,
Da assentada concordia, e laço antigo.
Bachá, cumpre o dever, e a teus desejos
Verás a conclusão, verás o fructo.
Grã penhor te dará na fé, na dextra
Aquelle, cujas leis adora o Tejo,
Ufano revolvendo arêas de ouro;
Cujas leis teme o Niger, teme o Ganges;
São freio, acatamento do Amazonas,
Do Argenteo, que em torrentes resonantes
Immensos cabedaes aos mares levám.»
D'alta alliança o régulo sedento,
Folga, exulta, accelera-se, convida
O animoso guerreiro ao forte alcaçar.
Quer, comtudo, exercer primeiro astucias,
Que o feio coração lhe está brótando,
Bem que tanto aproveite, e tanto alcance
No que diz co'a razão, no que é justiça.
Dá-se pressa: ameacem muito embora
Caso fatal as horridas muralhas,
Encerre o que encerrar ambigua estancia;
Todo firmado em si, maior que o susto,
Vai demandar o heroe a hostil morada.
É d'est'arte que só, que destemido
Carlos outr'hora ousou nos proprios lares
Encarar o inimigo exacerbado,
Volvendo illeso aos seus, depois de muito;
Ou tal, fieis annuncios desprezando,

Foi Cesar envolver-se entre os conscriptos,
Dispostos á catastrophe cruenta;
De indócil ao temor, de habituado
Só co'a presença a triumphar mil vezes.
Entre as sombras da noute absorto em tanto,
Mettido em pensamentos veladores,
Até que ás ondas volte o grande chefe,
(Se lhe é dado talvez tornar, qual fôra)
Impéra n'alta pôpa o delegado;
E o luto que lhe cinge a phantasia,
Recata com semblante esperançoso.
Partindo prescrevêra o cabo invicto,
Que, a negar-lhe o regresso indigna força,
Apenas alvejasse a grata Aurora,
Trazendo novo lustre ao céo, e á terra;
Com todo quanto impulso em lusos cabe,
Os perfidos contrarios commettessem.
Nada cura de si; nem quer ausente
Ser obstaculo aos seus: co'a idéa erguida
A bens de mais valor, de mais alteza,
A vida se lhe antólha um sonho, um nada.
Á mente perspicaz não se lhe esconde,
Sente no coração, votado á gloria,
Que da existencia a luz é luz de raio;
Que, se as tubas da Fama os não precedem,
Vastos nomes no Lethes se baralham
Entre escuro montão de escassos nomes.
O que affecta os sentidos deixa ao vulgo;

Enjeita o que é do vulgo, o que é da morte,
E mais que humano, e sobranceiro ao Fado,
Quer duração, que os seculos abranja.
 Por que os Fabios direi, sós contra um povo
Todo o pezo da guerra em si tomando?
E o rei, que deu, morrendo, aos seus victoria,
Rei derradeiro na Cecropia terra?
Ou porque os moços, que exhalando as almas,
Ferem, matam, derrubam densas hostes,
Estorvo das correntes, que bebiam?
Tropel dez vezes cento (oh maravilha!)
Maior que seis terriveis adversarios;
Não visto n'outro tempo, ou n'outros climas,
Nem por outrem guiado ao marcio jogo?
Vetustos monumentos nada ensinam,
Que dê mais esplendor; ou antes nunca
Se affoutou a idear viril denodo
Empreza mais illustre, audaz, violenta.
Mas como transcender-se as metas podem,
Onde se crê parada a natureza,
Donaldo o manifesta, o prova ao mundo.
Alta fama de um só consente apenas
A Codro, aos Fabios, aos varões de Esparta
O secundario grão. Soltando a vida,
Chama o triumpho aos seus o heroe de Athenas,
Acção rara, exemplar; porém ao povo
O cidadão, e o rei deviam tanto,
E a tanto a voz dos céos o arrebatava.

Se os trezentos impavidos romanos
Aos arraiaes hostis se arremessaram,
Foram-lhe origem da proeza extranha
Velha aversão, trophéos imaginados,
E agouros de segura eternidade;
Além de outro incentivo inda mais caro:
Morrer nas armas, escudando a patria!
Laconios campeões, sim defendestes
Com requintado alento, e planta immovel
Da apertada Thermópylas o passo;
Mas os deuses, os filhos, paes, e esposas
Os objectos do culto, e do amor vosso
Á vossa heroicidade objectos foram;
E deram-vos os fados, que a vingança
Aligeirasse em vós da morte o pezo.
   Porém de circumstancias mais sublimes
O egregio, immortal feito se rodêa,
Que me cumpre levar por toda a terra:
Graveza aos hombros meus descompassada,
E excessiva talvez de Atlante aos hombros.
Não, aqui não se off'rece abrilhantada
De attractivos externos a virtude:
Núa apparece aqui, por si formosa.
Donaldo, avesso ao crime, o crime odêa,
Por amor da virtude, ama a virtude.
Nada do que usa erguer ao alto as mentes,
Nem patria, nem desejos de vingança,
Nem propria utilidade, ou qualquer outra

Das humanas paixões Donaldo incita:
Ante si do dever só tem a imagem,
Seja qual fôr o effeito, ou ledo, ou triste.
  Ai! que tramas dispõe bando horroroso!
Que ciladas no astuto pensamento!
Plebe sem lei, sem fé prepara a furto
Traidores laços ao varão, que assoma.
Já na imaginação devóra a presa:
De engenho mais sagaz se crê dotado,
Mas jus colhe ao louvor quem da perfidia
No atroz invento sobresáe aos outros;
Quem das negras, pestiferas entranhas
Crime inaudito, insólito attentado,
Nova abominação vomita, arranca,
Rugindo em torno rábida caterva.
  Mal que na odiada arêa a planta imprima,
Esperar n'um punhal o incauto, e ás ondas
Em pedaços (que horror!) lançar-lhe os membros:
É d'este opinião; — voto é d'aquelle,
Que subito assaltêe impia cohorte
O immune orgão da paz, e ferreas pontas
D'aqui, d'ali no coração lhe embebam,
Quando a infiel cidade entrar seguro.
Quer outro, que de longe á fronte heroica,
De inviolavel caracter decorada,
D'entre o lume sulphureo vôe a morte.
Outro, que subterranea estrada infensa
Debaixo de seus pés ardendo estoure.

Nem occorre isto só: revezam todos
Horrores, que requintam sobre horrores.
Émulo ardor nos animos damnados
Tanta aos delictos affeição lhe atêa!
Tão preciosa lhe é, tão doce a infamia!
  Mas o Eterno desfez insidia enorme.
Nos olhos do varão, na voz, no aspecto
Tal reverencia pôz, pôz tal grandeza,
Que vai por entre a luz, e os inimigos
Incólume, e sereno. Eram famosos
Por sanguineas, innumeras brutezas,
Quantos d'esta (a maior) se encarregaram.
Mas quando o pensamento abominoso,
Lá já fito na presa, a mão dirige,
Nega-se a mão (que assombro!) ao acto horrendo.
Tres vezes a vontade resoluta
Se abalança á traição: descáe tres vezes
N'um frigido pavor o algoz congresso:
Tres vezes foge o ferro ás mãos, que tremem;
E, a seu pezar, baldada a vil perfidia,
Conduz pela cidade insidiosa
Inerme o vencedor triumpho insigne.
  Já pisa do tyranno os pavimentos,
(Não indignos de Caco) ou para dar-lhe
Penhor de amiga paz, ou o ameaço
Do trovão, que no bronze o pólo atrôa.
Eia, em que te detens, varão prestante?
Porque inda não rebomba o som do raio

Nos insanos ouvidos? Porque em terra
Os féros baluartes não baqueam?
Porque o regio baixel não sólta os pannos,
E o barbaro palacio não fulmina?
Crês, que te é dado achar sobre essa plaga
Uma só vez a fé? Jamais Astrea,
Desde que o globo é globo, estancia teve
N'esse terreno infesto, onde a verdade,
Onde os tractados, a razão se volvem
N'estes dous eixos só: ou *ouro*, ou *medo*.
Rompe, rompe as tardanças, não perdoes
Á malvada nação: com ella expendam
Donativos os mais, tu ferro, e fogo.
A Politica em vão, que tudo aplana,
Em vão contradicções compôr quizera,
Com que as palavras entre si repugnam:
A progenie de Agar só teme a força.
Em quanto implora a paz subtis pretextos
Tece o arteiro bachá, para que frustre
Clausula, em que sómente a paz se estriba.
Não é porque o francez cubice amigo;
Mas é porque o francez, e o luso engane;
Debalde, que a sisuda sapiencia
Rege, illustre Donaldo, as vozes tuas;
E ao doloso africano o dólo argue.
Tu primeiro lhe expões, quão mal conforma
Co'a honra, de que tumido alardêa,
Dar manso gasalhado aos inimigos

Dos alliados seus, do gran monarcha,
A cujo imperio vassallagem deve.
Tu promettes depois, já que ao falsario
Egualmente o sultão de côr servia,
Mandar-lhe sobre a pôpa lusitana
A origem do debate, os prisioneiros,
De barbudas escoltas ladeados,
(Gloria nunca outhorgada a musulmanos.)
Desmanchas do Agareno as fraudes todas;
Mas, aos mesmos principios afferrado,
No objecto, em que insistiu, tenaz insiste,
E ás vozes da Equidade é surdo, é morto.
Colhido havias de experiencia funda,
Quanto a sanha mourisca apura extremos
Em odio da justiça, e quanto indóceis
Torne indulgencia os animos ferrenhos,
Que já da natureza assim vieram.
Mas prompto a derrocar suberbas torres,
E prompto a confundir no horror da morte
Mancebos, e anciãos, credores d'ella,
Artes macias sobre a impia turba
Todavia exhaurir primeiro intentas:
Vêr, se lugubre quadro de ruinas,
Pela voz da eloquencia reforçado,
Por dita amedrontava a casta imbelle,
Miserrimo espectaculo poupando,
Que o coração magnanimo te aggrava:
De insólito rubor as ondas tintas,

Em sangue humano as terras ensopadas.
Mas a doce piedade que aproveita?
Morre a esperança; infructuosos jazem
Cuidados, e fadigas: inda geme
A humanidade em ti, porém releva
Punir da humanidade os inimigos.
Em fim braveza hostil o heróe concebe;
Notando quanto é cega a gente infida,
Sáe dos horridos tectos infamados,
Sáe da féra cidade, e deixa o porto,
Quem facil até'agora ouvia as preces,
Já ferve por calcar insano orgulho:
Não de outra sorte pela selva umbrosa,
Ou quando sobre as lybicas arêas
Famulento caminha o rei das féras,
Desdenha generoso o passageiro,
Que, preso do terror, no chão palpita;
Mas se a pé firme alguem lhe está defronte,
Co'as garras o derruba, o despedaça;
E audaz, e truculento, e com rugidos
Onde ha mais resistencia, ali mais arde:
Succeda que o provoque, e desafie
Duro esquadrão, de lanças erriçado:
Arremessa-se a todas; e se morre,
Morre, como leão, sem côr de medo.
Dos lusos entre os vivas sôa o bronze;
E eis sanguinea bandeira açouta os ares,
Presagio de terrifica matança.

A bellicosa turba em si não cabe;
«Armas, armas, (vozeam) guerra, guerra:»
Tudo se apresta, e tudo aos póstos vôa,
Em quanto a náo desfere as pandas vélas.
Luz na dextra o murrão; e em fim patentes
As éneas bocas cento agouram mortes.
  Já treme a desleal cidade impura;
Já para os céos estende as mãos profanas;
Já se diz criminosa, e se pragueja.
Breve espaço, em que o animo repouse,
Em que dispa o temor, e se consulte,
Manda ao luso implorar, que annue ao rogo.
Retarda-se horas doze a justa pena,
Justa ha muito, e que em fim será vibrada
Sobre as infamias da nação proterva.
  Lume sereno, que azulava o pólo,
Medonhas nuvens entretanto abafam;
Sombras pezadas prognosticam males.
É voz, que lá no centro dos infernos,
A bem dos consanguineos musulmanos,
E em despeito aos christãos, que Lysia nutre,
Que ora os muros mahométicos assombram
Com proximos estragos, ante o solio
Do torvo Dite cortesãos immensos
Co'as mãos erguidas longamente oraram,
Attento ouviu Sumano os impios votos;
E um dos ministros seus, que jaz mais perto,
Ordem recebe de surgir ao mundo,

De voar n'um momento á vasta Eolia,
E dos tufões ao rispido tyranno
Taes vozes transmittir: «Que altiva gente,
«Que indomita nação, capaz de tudo,
«(Por quem malquisto sempre, e defraudado
«O reino do pavor carece de almas)
«Sobre quilha arrogante aparta as ondas,
«Os dominios do equóreo irmão lhe insulta,
«Que tambem da intenção quer advertido;
«Para que ambos co'as forças apostadas,
«No mar cavando, erguendo abysmos, serras,
«O lenho injusto, audaz sacudam, rompam,
«Que apavóra de Tripoli as muralhas,
«A elle, stygio rei tão importantes:
«Perdidos os pilotos, e arrancada
«Do alto pégo, ou nas férvidas arêas,
«Ou nas sumidas rochas arrebente:
«Os fremitos do auxilio em vão rogado,
«A festiva cidade escute, e veja
«Nas aguas os christãos bebendo a morte.»
Disse, e o nuncio veloz ao mundo surge,
Á basta Eolia vôa, e cumpre o mando.
   Já rompem da masmorra os Euros bravos;
Já comsigo arrebatam quanto encontram.
Foje o molle Favonio, foge o dia:
Os campos de Nerêo a inchar começam:
Ao longe horrendamente o pégo ronca:
Eis subito encanece, e todo é montes.

Quasi, quasi a cair d'um, d'outro lado.
Os mastros vergam, as cavernas rangem:
Qual (se alguem a jogou) saltante péla,
Roça o pinho os infernos, roçà os astros;
Vai, e vem vezes cento abaixo, acima.
Carrancudos tres sóes a luz negaram,
Por tres noutes o céo não teve estrellas!
E se Éolo, em seu impeto afracando,
Deu ao dia segundo algum repouso,
O experto general o ardil penetra:
Á guerra apercebidos chamma, e ferro,
Em tanto que, Neptuno fraudulento,
Tomas serena face; ao alto a prôa
Que se enderece, ordena, assim que os ventos
As vagas sobre as vagas encapellam:
Não succeda, que o pélago fervente,
Os insanos tufões contra as arêas
Com um, com outro embate o lenho atirem.
  Então, quanto se dá vigor em numes,
Na lide porfiosa os dous esmeram:
Em roda novo horror carrega os mares.
Os sanhudos irmãos guerream, berram,
De regiões oppostas rebentando:
Escarcéos, e escarcéos lá se atropellam:
Por longo espaço treme o fundo aquoso;
Como que está Plutão do stygio centro
Co'os duros hombros abalando a terra.

De taes, e tantas furias assaltado,
Que arte guiar podia o lenho indocil?
Nem lignea robustez, nem cabos valem:
Cáe com ruidoso estalo a rija antena,
E batem susurrando as rotas vélas.
D'estes gravames nada oppresso em tanto,
Por tudo se divide, a tudo acode,
Todos co'a voz, e exemplo aviva o chefe,
Grassando em todos émula virtude:
Não ha frouxos: maream, saltam, correm.
A engenhosa prudencia em fim triumpha;
Vence a constancia audaz; e a largos pannos
Vae-se amarando ovante a náo veleira.
Aquelle, cujo aceno os astros move,
Que rege o mar, o vento, o mundo, o Averno,
Progresso não permitte á raiva undosa:
E se até'li soffreu, que encarniçados
Marulhos, furacões travassem guerra,
Foi para que altamente as memorandas
Forças do luso peito reluzissem.
Noto, Austro, Boreas, Áquillo emmudecem
Manso, e manso: e, despindo as prenhes nuvens,
O céo veste um azul sereno, extreme.
Volve o molle Favonio, volve o dia,
E volvem mais que d'antes amorosos.
Fôra imposto a Tritão pegar do buzio,
Com que as ondas revoque: o buzio toma;
Surde por entre espumas orvalhoso,

A encher co'a voz sonora em torno os mares.
Eis sópra a concha ingente, e mal que sópra,
Resôa pela Aurora, e pelo Occaso.
Tornam violentas a seu leito as vagas:
Esta recua ás siculas paragens
Por não vasto caminho; aquella ás Syrtes
Fervendo em rolos vae; remotas margens
Mais tarde outra revê, d'onde corrêra
Ao nome, que a attraíu, que á patria sua,
E a Tripoli é commum: tambem alguma
Foi visinhar co'as aguas do Oceano:
Tal que d'antes jámais deixára o fundo,
Ao fundo se desliza, e jaz, e dorme.
Na quarta luz emfim desde as alturas
Tostada multidão, que lá vigia,
Presume illusa descobrir ao longe
Cadaveres boiantes, vergas, taboas:
Ha entre elles alguem, que derramados
Té de Lysia os thesouros vê nas ondas;
E quem menos de lynce arroga os olhos,
Se attreve a assoalhar, credulo, insano:
«Que se o pégo poupára algum dos lusos,
«Só reliquias a náo desmantelada
«Ia reconduzindo aos patrios lares.»
Mas em quanto delira o povo adusto,
A gavea se desfaz ao sopro amigo:
Tentam de novo defrontar co'as praias,
Que á merecida pena em vão se furtam.

Bem que findasse a noite, o róseo Phebo
Não com tudo esmaltava o mar, e a terra;
Não era o tempo então nem luz, nem sombra.
Porém como surgiu dos Thétios braços
O filho de Hyperion, e os céos lustrando,
Com seu raio expulsou de todo as trévas,
Alcança de mais perto, e vê primeiro
Navegante polaca a véla, e remos,
Que aos nautas patentêa: o lenho a segue;
Rapida foge: o remo, o vento a ajudam.
Como no espaço azul medrosa pomba,
Apenas a aguia sente, apressa os vôos,
Contra as unhas crueis buscando asylo;
E em seus tremores incapaz de escolha,
De logar em logar sem tino adeja,
Por ferinos covis, palacios, bosques,
Assim (quão raramente!) escape ás garras:
D'egual modo, apurando ás tenues forças,
A curta embarcação, para salvar-se
Do inimigo fatal, varía os bordos:
Mas vendo que evital-o é vão projecto,
Tomada do receio, a prôa inclina
Á conhecida arêa, e quasi encalha.
Já com menos affronta aqui respira;
Porque os baixios arenosos védam
A tremenda invasão da lusa quilha.
Então jactanciosa eleva a frente:
As flamulas no tópe lhe floream;

*

Guerra ameaça então, e á guerra chama
Braços, a que a distancia tólhe o raio.
Esta audacia, porém, não fica impune:
Que obsta a mortaes de espirito arrojado,
Quando iroso calor lhe accende o peito?
Ao mar leves bateis subito descem,
E commandados de um, que os sobrepuja,
Vão co'a vingança fulminar o aggravo.
Sobre elles, á porfia, a flor dos lusos
Enceta heroicamente a grave empreza.
Gentilezas á Fama deram todos;
Todos em feitos grandes se estremaram.
Mas o louvor primeiro a ti compete,
Que d'arvore de Pallas te apellidas,
E cinges vencedor com ella a fronte.
Em saltar ao batel tu te anticipas;
Tu dos igneos pelouros não detido,
Fórças os remos, a inimiga aferras,
Quando a fusca equipagem temerosa,
Ao fragil seu baixel picando a amarra,
Nas praias dá com elle, dá comsigo,
E n'ellas imagina resguardar-se:
Tu primeiro tambem sobre os contrarios
Disparas ferreos globos, que os cyclópes
Forjaram, fabricando a Jove as armas.
Mais inda remanesce, inda te sobram
No ensejo marcial discrimes duros,
Assombrosas acções, que te levantem

Ao cimo de fragoso, aereo monte,
Lá onde em paços de ouro a Gloria reina
Com sceptro diamantino, e circumdada
De numerosa, esplendida assembléa;
Entre a qual pela mão da Eternidade
Teu vulto surgirá, marmoreo todo.
Para tanto não basta, que empolgasses
O curvo bordo opposto, ou que o subissem
Os companheiros teus, depois de expulsa
A vil tripulação por vis terrores.
Os azares, e os jubilos se enleam,
Porque a mesma desgraça, o que no mundo
É mal, é damno a todos, te aproveite.
Repentina resaca a dous comtigo
Constrange a recuar no debil casco,
E á praia arroja os tres, quando reflue.
Aqui se vê, qual és, que ardor, que alento
Te abrange o coração, te anima o pulso:
N'um feito herculeos feitos escureces,
E quanto as musas fabularam d'elles.
  Féra gente, de arabica linhagem,
De torva catadura, hirsuta, e negra,
Pelos serros contiguos vagueando
Á maneira de lóbos, se apascenta
Nas rezes dos rebanhos desgarradas;
Ou, émula do tigre, as selvas rouba,
Rouba os redis; e o medo, o sangue, a morte
Diffunde aqui, e ali. Muniu-se agora

De armas de toda a especie: uns vibram lanças,
Outros forçosa vara, espadas outros,
Ou pedras, ou punhaes, ou fogo, ou settas.
Eil-os das agras serras vem correndo
Acudir aos irmãos: (quem ha que os conte?
São quaes manadas, que devastam campos.)
Como hardida phalange escalar tenta
Castello situado em cume alpestre,
Ou romper torreões de alta cidade:
Uma, e outra caterva os tres investe,
E quanto esforço tem, no ataque emprega.
Se a cada qual dos tres té'li se oppunham
Mouros cincoenta, os arabes, que occorrem,
A cada qual dos tres oppoem milhares;
Todos bravios, formidaveis todos!
Em que facundia taes portentos cabem?
Quem ha que pasme assás de taes portentos?
Quem, se não fôra testemunha o mundo,
Por fabula, ou por sonho os não teria?
Troam da Fama no clamor; e vivem
Olhos, que os viram, braços, que os fizeram.
  Era para attentar tão nova scena!
O denodado heróe, e os dous, que inflamma,
As bravuras sustêm de um povo inteiro.
Rue a raivosa, rustica torrente;
Retumba em valle, e valle a grita horrenda.
D'ambos os lados o guerreiro apertam:
Sibilam tiros, golpes se redobram;

Mas elle co'a sinistra, elle co'a dextra
A multidão rechaça, illeso, immoto.
Aos barbaros o pejo atiça as furias:
De artes mil desusadas se refazem
Na espantosa refrega; mas sem fructo:
O varão permanece invulneravel,
E nas stygias aguas cem mergulha.
Para aqui, para ali a espada é raio,
Nunca em vão. D'um, que audaz de perto o arrosta,
Enterra-a nas entranhas; outro que era
De membros gigantêos, de lança enorme,
E exhortava na frente á guerra os tardos,
A dous golpes, não mais, do luso Achilles
Jaz inerme; e com um, com outro arranco
O espirito feroz lhe cáe no inferno.
A este, que na terra ancioso arqueja,
Vão as auras vitaes desamparando;
Aquelle é tronco só: por toda a parte
Voam braços, cabeças, fervem mortes.
  Oh tu, que dos Almeidas tens o agnome,
Tu, que ligar podeste em nó lustroso
Ás honras de Mavorte as de Minerva,
Tambem te faz eterno este aureo dia.
Se os lusos, que pelejam sobre as praias,
E aquelles, que a polaca prisioneira
(Sossobrado o batel) retêm no bojo,
Onde de longe os vexa o mauro insulto;
Se todos volvem salvos, obra é tua.

Em quanto por auxilio a uns, e a outros
Envias Alexandre, nunca esquivo
Da nobre estrada, que trilhara o *Grande,*
Ignivomo canhão, que infatigavel
Respondera a dezoito bronzeas bocas,
E silencio lhe impôz, de novo esparge
Por entre horrivel som, e opáca nuvem
No centro dos cerrados africanos
Granizo de lethifera metralha.
O primeiro terror tu lhe infundiste,
Tanto que a de Mafoma agreste chusma
Viu córados de sangue arêas, mares:
O mandado varão cr'oou a empreza.
Rapidamente o remo as ondas varre,
E Sousa impetuoso aos socios chega:
Contra os donos assésta o bronze adverso.
E assim lhes restitue as ferreas balas.
Já cede, já fraquêa a tropa escura,
De convulso temor enregelada.
Eil-os fugindo vão, nem que aves fossem;
Por uma, e outra parte se tresmalham,
Crendo sentir estrepito, que os segue.
A bordo então Donaldo os seus convoca:
Corre a abraçal-os, e na voz, na face
O cordeal prazer exprime a todos.
Memorando as façanhas uma a uma,
Do condigno louvor as enche, as orna,
Altivo de reger tão brava gente.

Mal que o descanço os animos sanêa,
(Já declinante o sol do ethereo cume)
Á terra se avisinha ó mais que póde
A bellicosa náo; e c'os primeiros
Coriscos marciaes vareja o bando,
Que em mór tumulto as praias enxamêa.
Do grande lenho á sombra os lenhos breves,
(Porque estanhado o mar jaz em silencio)
Ártes, e forças empenhando, intentam
A maura presa despegar da margem;
Vãmente; que folgando o lindo côro
Das filhas de Nerêo, sobre ella salta,
A querem para si, lhe chamam sua.
E quem de um nume á prole, aos seus direitos
No patrio senhorio obstar podéra?
Ou pulsos briarêos onde acharia,
Para o trabalho immenso? Ella, com tudo,
Nereidas, não foi vossa, inda que dignas
Sois de mil dons, e como Venus bellas.
O que á victoria escapa, engole a chamma;
De jus: damno menor maiores véda;
Mais facilmente detrimentos leves
Caracter pertinaz subjugam, domam,
Do que meigo favor o torna grato.
Arde o pinho, o furor vulcaneo reina:
Nutre o pez, e o betume as pingues flammas,
Tanto á pressa, que em vão, inda recentes,
Extinguil-as quizera industria humana.

Crebros estalos se ouvem; d'entre o fumo
Brotam centelhas mil, como que aspiram
Ás estrellas volver, d'onde emanaram.
A lignea contextura eis toda é fogo;
E o fogo em linguas cento as nuvens lambe.
D'entre penedos, e arvores, que a abrigam,
Ao longo da ribeira a má progenie,
Acceza em furias vãs, o incendio nota:
Cuidadosa de si, da luz não fia;
Artes, porém, que póde, a salvo exerce.
D'ali com mira attenta os marcios tubos
Uma vez, e outra vez dão som baldado;
D'aqui baldados seixos vem zunindo,
Ai! não todos baldados: mão tyranna
Em alvo, que lhe apraz, co'a morte acerta:
E aquelles, que a bem custo um só poderam
Tocar com leve golpe em campo aberto,
Da perfidia amparados, se gloriam
Ao ver que um semi-morto os socios levam.
De Marte a crua irmã quer este sangue,
Havendo de lavar aos vencedores
Tudo quanto é mortal e dar-lhes vida,
Com que assuberbem as idades todas.
Silva por isto os seculos invade
Em rapida carreira irresistivel;
França por mãos da Gloria enloura a fronte;
Rocha morrer não sabe; o mesmo ignora
Esse, a quem de *Homem* o appellido ajusta;

E o que chamam da *Guerra,* e que o merece:
E tu, claro Avellar, com elles vives,
Com elles viverás, em quanto a Honra
Tiver cultores, e existencia o mundo:
Ri-se Virtude assim das leis do Fado.
  Era o tempo, em que a lassa Natureza
Appetece o repouso; em que os Ethontes
De nectar se roboram; quando a noute,
Diurnos pezadumes ameigando,
Desdobra sobre a terra o véo dos astros.
A quebrantada força então renovam
Os descançados, os jacentes nautas:
Inda estão repisando o que lidaram.
Este a aquelle refere, aquelle a este,
Que riscos evitára e que feridas;
E quantos despenhou na sombra eterna.
Fallam uns, outros fallam, té que o somno,
Nunca tão brando, lhe entorpece as linguas.
Mas da fallaz cidade o chefe injusto,
De importunos cuidados perseguido,
Os mimos de Morphêo gosar não póde.
Seu negro coração ralam remorsos;
Toma, pela desgraça, o pezo ao crime,
Ao crime, indole sua, e seu costume.
O baixel, que perdeu, não dóe ao féro;
Os mortos cidadãos tambem não chóra;
Olha sómente a si: já vê, já ouve
As flammas vingadoras; sente o ferro

Ir-lhe sobre a cerviz; escuta o baque
Das muralhas, das torres: pendem, pasmam
Alvedrio, Razão; que escolha ha n'elle?
«Novamente o varão, que vezes tantas
Illudiram traições (diz o tyranno)
Emprehenderei mover? Submisso rogo
Ha de sempre acalmar-lhe as justas iras?
Se os francezes lhe der, tão mal negados,
Será bastante? O que exigia, havendo,
Não ousará tambem quebrar promessas,
E no abuso da fé regosijar-se?
Vingança é deleitosa ao resentido;
Sómente se não vinga o que não póde.
Que, pois?... Á dubia sorte dos combates
A mim proprio exporei, e os meus prazeres?
Dubia disse?... Tental-a é perder tudo.
Se poderam só tres pôr medo a tantos,
E esses mesmos a vida (oh pasmo! oh pejo!)
A tantos arrancar, ficando illesos,
Quem ha que lhe resista, unidos todos?
Foje, infeliz; e o que podéres, salva;
Foge: assim pouparás vergonha, e morte.
Mas ah! triste! Em que plaga irei sumir-me?...
Que mar, ou que paiz, bem que deserto,
Guarida me dará, profugo, errante?...
Quem terei, que me siga, amigo, ou servo,
Já nua de esplendor minha grandeza?
Antes vulgo infiel apoz meus passos

Bramindo correrá; e ou da existencia,
Ou dos haveres meus, ou d'ella, e d'elles
Por carniceiras mãos serei privado.
Não, não; nossos desastres custem caro;
Usemos toda a fraude, os crimes todos.
Cerque-se de traições esse guerreiro,
Vaidoso do trophéo: co'a falsa offerta
De tudo o que de mim quizer o avaro,
Posso aqui outra vez, posso attrail-o.
E quando imaginaria utilidade,
Vã cubiça o trouxer, se das ciladas
Intacto apparecer ante meus olhos,
Em pedaços farei co'as mãos, co'a bôca
A nefanda cabeça: ao peito aberto
O coração maldicto hei de arrancar-lhe;
Roel-o, devoral-o inda fumante.»
  Tal esbraveja; e nem a si perdôa,
A si labios, e mãos morde, remorde:
Qual horrida serpente, encarcerada
Entre ferreos varões, se alguem a assanha,
Com rapido furor se desenvolve.
Cem vezes arremette ao que a provoca;
Mas vendo que debalde exerce a furia,
De sangue os olhos tinge, agudos silvos
D'entre as fauces veneficas despede,
Com que a farpada lingua está vibrando;
Em tudo o que rodeia, em tudo ferra
Os espumosos dentes, e em si mesma,

Enxovalhando o chão, e a varia cauda
Co'as sordidas peçonhas, que vomita:
Em tanto o mofador se ri seguro.
  Da Aurora o nuncio amiudara o canto;
O matutino humor tempéra as magoas,
E os somnos insinúa até no afflicto:
Por isso do bachá desatinado
Virtude soporifera se apossa,
Lhe amansa os phrenesis, lhe cerra os olhos.
Como quem fatigado está das iras,
Pezadamente o barbaro resomna:
A seus males, porém, não colhe allivio,
Nem demorada paz lhe rega os membros.
Phantasmas, que velando o espavoriam,
Inda entre a dôce languidez o atterram;
Vê-se indigente, só desamparado,
Ermos em outro mundo a pé trilhando,
Ermos sem rasto de homem, nem de féra;
Onde ave alguma não discorre os ares.
Já sévo abutre de implacavel fome
Lhe atassalha as entranhas; já querendo
Fugir de hasta inimiga, que o persegue,
Que lhe toca as espaldas quasi, quasi
Treme todo, e mover não póde a planta;
Já pende de ardua rocha sobre as ondas.
  Eis entre estas visões, que traça o medo,
Imagem verdadeira, agigantada,
Clara, como o que a luz nos apresenta,

Surge aos olhos do attonito agareno.
Aquelle a quem venera ainda o Ganges,
E o rio, que Imaús na origem banha;
Aquelle, que de jus nomeam *Grande,*
De Marte émulo não, mas luso Marte,
Albuquerque immortal, de amor eterno
Pelos seus penhorado, esquece o néctar;
E, escusando um momento os bens celestes,
Não desdenha baixar aos impios muros,
Nem co'a palavra serenar discordias.
Á náo, que do seu nome se engrandece,
Arde por madurar devidos louros.
Com vozes ponderosas accommette
O aterrado tyranno, que machína
Na desesperação atrocidades.
Resplandece o guerreiro; é tal, é tanto,
Como quando o temeu por vezes duas
A que do indico estado hoje é cabeça;
Como quando Malaca o viu triumphante;
E em ti, pomposa Ormuz, pendões erguia:
No magestoso olhar, na longa barba
Traz a veneração, e arnez é todo.
« Que intentas, miseravel? Que revolves
No espirito dobrado? (a sombra exclama).
Crês acaso affastar o mal, que te insta,
Perfidia com perfidia encadeando?
Não sabes, por ventura, a quem te atreves?
Que nação contra ti, que throno irritas?

Esquece-te, que nunca impunes deixam
Taes crimes? Quem melhor que mouros, deve
De Luso conhecer a ousada estirpe?
Inda que até dos teus a historia ignores,
Força é que saibas o que sabem todos:
Que estragos, que deshonras grangeaste
D'este povo de heróes, em resistir-lhe.
«Sobre esmagados collos de reis mouros
O maior dos Affonsos, o primeiro
Impõe da monarchia a base eterna.
Flagello assolador da maura gente,
Em quanto a regia mão fulmina o ferro,
E o gran Mendo, nas portas entalado,
Abre caminho aos seus; eis se apoderam
Da celsa fortaleza, e da cidade,
Que é longa tradição fundára Ulysses;
Essa, que do aureo Tejo honrando as margens,
Alterosa, escorada em septe montes,
Taes fados mereceu, que ambos os pólos
Tiveram de acatar-lhe as leis sagradas.
Sancho, digno do pae, com quantas mortes
Injustas possessões ao mouro arranca,
E ajunta novo reino ao reino avito!
Ondas de negro sangue mauritano
Pela terra visinha, e pela herdada
Derramam, coriscando, outros Affonsos.
«Nem maculou sómente os nossos campos
A mortandade vossa. O quinto Affonso,

E o primeiro João restavam inda,
Que ao proprio seio d'Africa levaram
Ferro, e flamma, e terror: Manuel restava,
Feliz, (e com razão feliz chamado)
Que, maior do que o seu, quiz ter mais mundos,
E a quem prostrados reis seu rei quizeram.
Tangere o sabe; Arzilla, e Ceuta o dizem;
O attestam indios, númidas o attestam.
Relatar uma e uma acções tamanhas
Para que? Dos heróes sómente os nomes,
Sem o immenso louvor, que os acompanha,
Pedem horas: sobeja o que has ouvido,
Para attentares bem, que lance estreito
É o lance, em que estás, e com que gente.
Pondéra ainda mais, quão despreziveis
São para o portuguez ciladas tuas:
Ha muito que a experiencia nos ensina
Até que altura o mouro enganos sobe:
A prudencia, e valor nos meus competem.
« Porque, pois, te detens? Supplice, e curvo
Uma vez, outra vez, porque não rogas
Aos lusos teu perdão, bem que indevido?
Se elles se pagam de calcar suberbas,
Se de punir delictos se comprazem,
Apiedar-se do réo tambem lhe é uso,
Quando os implora. Ao tempo, em que vingado
O sol tenha o zenith, a náo possante,
A maior, que teus portos fortalece,

Será do vencedor; sel-o-hão com ella
Dois menores baixeis recem-captivos,
E o chefe, e as equipagens numerosas.
Mas não temas; co'a supplica rendida
Tudo recobrarás. Cubiça de ouro
Jámais vicía o peito aos generosos:
Não quer servos, nem presas; quer amigos
Minha honrada nação. Eia, aproveita
O tempo, que te é dado: olha, que foge.»
  Disse, e voou sem que resposta espere:
Salta do leito o mouro arripiado,
Volve em torno, e revolve os turvos olhos.
Quasi arrombando as portas, corre tudo,
Tudo vê, chama, brada, acodem servos;
Mas não sabe o que diga, absorto, insano.
N'isto ao mar de repente os olhos volta:
Por todo elle os alonga, e fica immovel.
  Em quanto as ondas sofrego examina,
Não ser sonho a visão, no effeito observa.
Vê como a lusa náo demanda o porto:
Como proxima a elle, em roda vira;
Como enfunada, e mais veloz que os Euros,
Vae dar caça ao baixel, que ao longe aponta
Com remeira galé; vê como as toma;
Como as presas conduz, e audaz campêa:
Como sobre a maior em fim subido
Castro, e nada tardio, á voz do chefe,
Outra, que sobrevem, combate, e rende.

Fôra melhor á triste o dar-se logo.
D'aquella, bem que inutil resistencia,
Gloria, afouto Avellar, houveste em dobro.
Usado a presumir que a morte é nada,
Com poucos, e munido de ti mesmo,
Eis o mauro convez ganhas de um salto;
Gira o ferro, e triumphas, dous prostrando.
  Tudo isto, verdadeiro em demasia,
E d'alta apparição vaticinado,
Caramáli do alcácar descortina.
Primeiro o coração lhe agitam furias;
Não pára; vae, è vem; doudeja, freme;
As melenas arranca, arranca as barbas:
Pouco a pouco depois temor o abranda.
Gravado tem o heróe na phantasia;
E porque em tudo o mais o vê sincero,
No resto da visão firma esperanças.
Hesitando, com tudo, em si murmura:
«Quem do contrario seu fiar-se deve?»
Mas, passado um momento, assim não pensa.
«Em tentar que me vae? Senão, que resta?»
  Disse, e a um, entre os seus auctorisado,
Que lhe provara fé n'outros extremos,
Envia de Albuquerque á náo temida
C'os «francezes» fataes, que á similhança
Da gorgónea carranca damnam vistos.
Diz-lhe (se tanto ousar) «que em troco d'elles

*

Peça os varões, os lenhos apresados;
E tudo facilite ao grato assenso.»
Além das esperanças vae o effeito:
De nada para si querendo a posse,
Donaldo restitue (acordes todos)
O almirante infiel, varões, e lenhos:
E prende a tantos dons o dom brilhante,
Que suspira o bachá, de amigo o nome,
Promettendo que o throno ha de approval-o.
O coração do régulo não basta
Ao jubilo inesp'rado. Alegres vivas
A voz dos cortezãos, e a vóz do povo
Manda aos ares: no pélago reflectem,
E tocam dos lusiadas o ouvido.
Que nectareas correntes innundaram
Portuguezes espiritos, olhando
Sobre as amêas das profanas torres
As bandeiras de um Deus, de Christo as quinas,
Do reino occidental eterno abono!
Em quanto acclamações da infida plebe,
E a espaços o trovão da artilheria,
Já do mar, já da terra, os céos atroam!
Eis de tanto suor o idóneo preço:
Quem seu Deus, e seu rei a um tempo serve,
Que mais quer, ou da Gloria, ou da Ventura?
A ti, oh Lima, conductor supremo
Da lusitana esquadra, a ti, que és grande

Na ascendencia de reis, no grão, nos fados,
Inda maior no engenho, e na virtude;
Tambem no caso illustre se deriva
Applauso não vulgar: por ti mandado
Fez o patrio valor tão raras cousas:
Foi sua a execução, teu fôra o plano.
  Nem menores pregões te deve a Fama,
Nelson preclaro, da victoria filho,
Que usurpas a Neptuno o gran tridente:
O que o luso acabou, tu lhe apontaste.
  Mas a origem de tudo a quem respeita,
A quem melhor quinhão de gloria cabe,
Ou falle a Musa, ou não, ninguem o ignora:
Soam praias seu nome, e soam mares.
  A nautica pericia, que afamados
Outr'hora os portuguezes fez no mundo,
Que os levou a reinar a extremas plagas,
Sem cultura jazia (oh vilipendio!)
Do centro das brasilicas florestas
Desarreigadas quilhas inda arfavam
Sobre as tágicas ondas, mas em ócio:
E se alguma imprudente ousava acaso
Ás Hyadas expôr-se, expôr-se a Arcturo,
Ronceira dividia o lago immenso,
Dos mares, e dos ventos esquecida;
Incapaz do conflicto, e da procella.
Raro o nauta, e com alma entorpecida,
O ministerio seu desaprendera:

Obedecer, mandar nenhum sabia.
Eis Coutinho!... Eis o genio antigo acorda;
Eis nova geração com elle assoma.
Para Marte, e Nerêo sabia académia
Cultiva cidadãos: escolhe entre elles
O illustrado varão, quem se avantaja;
E, bem que repartido em mil cuidados,
O pezo de altas cousas sustentando,
C'o louvor afervora o que é louvavel,
E em quem merece o premio, os amontôa:
D'esta arte a mocidade aos astros sobe;
Assim com socios taes luziu Donaldo.
Oh tres, e quatro vezes venturosos
Nós, a quem dado foi, que respiremos
Subditos de João, serenas vidas;
E ser de tanto bem participantes!
João, da patria pae, renovo insigne
De monarchas, de heróes, de semideuses;
Amor, gloria, esperança, e luz da gente,
Que, os mares invadindo, ousou primeira
Ver, e affrontar o adamastóreo vulto;
Desde a ultima Hesperia ir lá na Aurora
Arvorar contra as torridas phalanges
O estandarte dos céos, penhor do imperio;
João, que em quanto as guerras tudo abrazam,
Em quanto Erinnys senhorêa o mundo,
Afaga, justo, pio, optimo, ingente
Com amorosa paz os largos povos,

Que o jugo lhe idolatram, perto, e longe;
Do exemplo dos avós illuminado,
D'elles nutrindo em si toda a virtude,
Na principal, na egregia se realça
De eleger (tudo o mais d'aqui depende)
Almas, com quem do sceptro adoce o pezo.
Astuto cortezão, que ambiciosos,
Sinistros, devorantes pensamentos
Com zelo vão fallaz, pallia, e doura,
É por elle repulso; e chama aquelles,
Que as honras merecendo, ás honras fogem.
O veneno dos paços, a lisonja
Ante seus olhos em silencio treme:
Só da verdade oraculos attende,
Só da sciencia oraculos escuta:
Pallas, Themis presidem-lhe aos conselhos;
Ás acções lhe presidem Themis, Pallas.
Não, para subjugar nações, imperios,
Não despe o ferro aqui Gradivo iroso;
Mas só porque na força a paz se estêe,
E só porque sem nodoa permaneçam
O decóro, os brazões de altos maiores.
Não é seu, para si João não reina:
O povo, a que dá leis, prefere a tudo.
Orem nobre, plebeu, naútas, colonos.
Ou diante do solio, ou não presentes;
Ore o commerciante, ore o soldado;
Provam merecimento? Os premios levam,

Volve feliz o que infeliz o busca:
A todos satisfaz, egual com todos;
E até mesmo ao desejo o dom precede:
Só com pezado pé se move a pena.
Oh Lysia! Oh patria! Surge, altêa a fronte;
Que não cumpre esperar com taes auspicios?
Eia, applaude a ti mesma, oh Lysia, applaude.
As tres, em cuja voz os Fados soam,
Prazeres de ouro para ti já fiam.
Sáe (reinando João) sáe das estrellas
Ordem nova de seculos ao mundo:
Folga: Assombros tens já;—virão portentos.
Sôltas do coração, mil preces manda
Aos climas immortaes; fatiga os numes,
Porque da esposa ao lado excelsa, e cara
O consorte real no throno exulte;
Porque orvalho do céo fecunde, anime
Os tempos de João, de nuvens limpos;
Porque idolo dos seus, terror d'estranhos,
Brilhe, viva, e dos netos netos veja;
Até que tardas eras o arrebatem
Aos astros, d'onde veiu honrar a terra;
Elle é digno de ti, tu digna d'elle.

FASTOS

DAS METAMORPHOSES

POEMA

DE

P. OVIDIO NASÃO

TRECHOS ESCOLHIDOS, POSTOS EM VERSO PORTUGUEZ

TRADUCÇÃO DO LIVRO I

Desde o principio até á nova formação de todos os animaes depois do diluvio

Entre ferros cantei, desfeito em pranto;
Valha a desculpa, se não vale o canto.

(O traductor.)

ARGUMENTO

O Cahos se reparte em quatro elementos. Zonas, ventos, creação dos brutos, e do homem. Seguem-se as quatro edades do mundo. Nascem homens do sangue dos gigantes. Lycaon é transformado em lobo. O diluvio converte tudo em agua. As pedras se mudam em gente. Os brutos renascem da terra.

Antes do mar, da terra, e céo que os cobre
Não tinha mais que um rosto a Natureza:
Este era o Cáhos, massa indigesta, rude,
E consistente só n'um peso inerte.
Das cousas não bem juntas as discordes,
Priscas sementes em montão jaziam;
O sol não dava claridade ao mundo,
Nem crescendo outra vez se reparavam
As pontas de marfim da nova lua.
Não pendias, oh terra, d'entre os ares,
Na gravidade tua equilibrada,
Nem pelas grandes margens Amphitrite
Os espumosos braços dilatava.
Ar, e pélago, e terra estavam mixtos:
As aguas eram pois innavegaveis,
Os ares negros, movediça a terra.
Fórma nenhuma em nenhum corpo havia,

E n'elles uma cousa a outra obstava,
Que em cada qual dos embriões enormes
Pugnavam frio, e quente, humido, e secco,
Molle, e duro, o que é leve, e o que é pezado.
  Um Deus, outra mais alta Natureza
Á contínua discordia em fim põe termo:
A terra extráe dos céos, o mar da terra,
E ao ar fluido, e raro abstráe o espesso.
Depois que a mão divina arranca tudo
Do enredado montão, e o desenvolve,
Em logares diversos, que lhe assigna,
Liga com mutua paz os corpos todos.
Subito ao cume do convexo espaço
O fogo se remonta ardente, e leve;
A elle no logar, na ligeireza
Proximo fica o ar; mais densa que ambos
A terra puxa os elementos vastos,
Da propria gravidade é comprimida.
O salitroso humor circumfluente
A possue, a rodêa, a lambe, e aperta.
  Assim depois que o Deus (qualquer que fosse)
O gran corpo dispôz, quiz dividil-o,
E membros lhe ordenou. Para que a terra
Não fosse desigual em parte alguma,
Por todas a compôz na fórma de orbe.
Ao mar então mandou que se esparzisse,
Que ao sopro inchasse dos forçosos ventos,
E orgulhoso abrangesse as louras praias;

Á mole orbicular deu fontes, lagos,
Rios cingindo com obliquas margens,
Os quaes, em parte absortos pelas terras
Varias, que vão regando, ao mar em parte
Chegam, e recebidos lá no espaço
De aguas mais livres, e extensão mais ampla,
Em vez das margens assaltêam praias.
O universal Factor tambem dissera:
«Descei, oh valles, estendei-vos, campos,
Surgi, montanhas, enramae-vos, selvas!»
Como o céo repartido á dextra parte
Tem duas zonas, á sinistra duas,
E uma no centro mais fogosa que ellas,
Assim do Deus o próvido cuidado
Pôz eguaes divisões no térreo globo;
Elle é composto de outras tantas plagas;
Aquella que das mais está no meio
Em calores inhospitos se abraza;
Alta neve enregela, e cobre duas;
Outras duas, porém, que entre ellas ambas
O Numen situou, são moderadas,
Mixto o frio, e calor. Fica iminente
A estas o ar, que assim como é mais leve
O pezo d'agua que da terra o pezo,
Tanto mais pezo coube ao ar que ao fogo.
Deus ordenou que as nevoas, e que as nuvens
Errassem no inconstante, aéreo seio;
Que os ventos o habitassem, productores

Dos penetrantes frios, que estremecem,
E os raios, os trovões, que o mundo aterram;
Mas o supremo auctor não deu nos ares
Arbitrario poder aos duros ventos:
Bem que rebentem de encontrados climas,
Resistir-se-lhe póde á furia apenas,
Vedar que em turbilhões lacere o mundo:
Tanta é entre os irmãos a desavença!
  Euro foi sibilar ao céo da aurora,
Aos reinos Nabathêos, á Persia, aos cumes
Que o raio da manhã primeiro alcança.
O Véspero, essas plagas, que se amornam
Com Phebo occidental, estão visinhas
Ao Zéphyro amoroso; o fero Bóreas
Da Scythia fera, e dos Triões se apossa;
As regiões oppostas humedece
Austro chuvoso com assiduas nuvens.
O Numen sobrepoz aos elementos
O liquido, e sem pezo ether brilhante,
Que das terrenas fézes nada envolve.
  Logo que tudo com limites certos
Foi pela eterna dextra signalado,
As estrellas, que oppressas, que abafadas
Houve em si longamente a massa escura,
A arder por todo o céo principiaram;
E porque não ficasse do universo
Alguma região deshabitada,
Astros, e deuses tem o ethereo assento,

O mar aos peixes nitidos é dado,
Aves ao ar, quadrupedes á terra.
  A estes animaes faltava um ente
Dotado de mais alta intelligencia,
Ente, que a todos legislar podesse:
Eis o homem nasce, e — ou tu, suprema Origem
De melhor Natureza, e quanto ha n'ella,
Ou tu, pasmoso artifice, o formaste
Pura extracção de divinal semente,
Ou a terra ainda nova, inda de fresco
Separada dos céos, lhe tinha o germe.
Com aguas fluviaes embrandecida,
D'ella o filho de Jápeto affeiçôa,
Organisa porções, e as assimelha
Aos entes immortaes, que regem tudo.
As outras creaturas debruçadas
Olhando a terra estão; porém ao homem
O Factor conferiu sublime rosto,
Erguido, para o céo lhe deu que olhasse.
  A terra, pois, tão rude, e informe d'antes,
Presentou finalmente assim mudada,
As humanas, incognitas figuras.
  Foi a primeira edade a edade de ouro:
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma
Culto á fé, e á justiça então se dava,
Ignoravam-se então castigo, e medo;
Ameaços terriveis se não liam
No bronze abertos; supplice caterva

A' face do juiz não palpitava:
Todos viviam sem juiz, sem damno.
Inda nos patrios montes decepado
A's ondas não baixava o pinho ingente
Para depois ir vêr um mundo extranho:
De mais clima que o seu ninguem sabia.
Fossos ainda não cingiam muros,
As tubas, os clarins não resoavam,
Nem armas, nem exercitos havia:
Sem elles os mortaes de paz segura
Em ocios innocentes se gosavam.
O ferro sulcador não a rompia,
E dava tudo a voluntaria terra.
Contente do que brota sem cultura
Colhia a gente o montanhez morango,
Crespos medronhos, e as cerejas bravas,
A's duras silvas as amoras presas,
E as lisas producções de tenue casca,
Que da arvore de Jupiter cahiam.
Eram todas as quadras primavera.
Mansos Favonios com subtil bafejo,
Com tépidos suspiros animavam
As flôres, que sem germe então nasciam.
Viam-se enlourecer, vingar as messes
Nos campos nem roçados de adubio,
Em rios ir correndo o leite, o nectar;
E da verde azinheira estar cahindo
O flavo mel em pegajosas gotas.

Depois que foi Saturno exterminado
Ao Tártaro, e ficou a Jove o mundo,
Veiu outra edade, se inferior á de ouro,
Superior á de cobre, a edade argentea.
Jove contráe a primavera antiga,
Verões, invernos, desiguaes outonos,
Curta, e branda estação, que anime as flores.
O anno repartem, variando os tempos.
O ar então começou a escandecer-se,
E ao som dos ventos a enrijar-se a neve;
Os humanos então principiaram
A demandar guaridas, a ter lares:
Grutas, choupanas os seus lares foram.
Pela primeira vez o grão de Céres
Se esparziu, se escondeu nos longos sulcos,
E opprimidos do jugo os bois gemeram.
A's duas succedeste, ahénea prole,
De genio mais feroz, mais prompto á guerra,
Mas não impio. — Eis a ultima, a de ferro.
Todo o horror, todo o mal rebentam d'ella.
Subito fogem fé, pudor, verdade,
Occupam-lhe o logar mentira, astucia,
A insultuosa força, a vil perfidia,
Da posse, e do poder o amor infando.
Velas o navegante aos ventos sólta,
Aos ventos ainda bem não conhecidos;
Longamente nas serras arraigado,
O lenho já commette ignotas vagas;

A terra, que atéli de todos fôra,
Como os ares, e o sol, por cauto dono
Já se abalisa com limite extenso.
Não se lhe pedem só devidos fructos,
Uteis searas, vae-se-lhe ás entranhas,
Cavam-lhe o que sumiu na estygia sombra,
Cavam riquezas, incentivo a males.
Já se desencantára o ferro infenso,
E o ouro inda peior: eis surge a Guerra,
Que, de ambos ajudada, espalha horrores,
Vibrando as armas na sanguínea dextra.
Fervem os roubos: o hospede seguro
Do hospede não está, do genro o sogro;
A concordia entre irmãos tambem é rara.
Tentam morte reciproca os esposos,
As madrastas crueis dispõem venenos,
Conta os dias paternos filho avaro,
Jaz vencida a piedade, e sáe do mundo,
Do mundo ensanguentado a pura Astréa,
Depois que os outros deuses o abandonam.
Para não ser mais livre o céo que a terra,
É fama que gigantes o assaltaram,
A etherea monarchia ambicionando,
Pondo até ás estrellas monte em monte.
O padre omnipotente, o summo Jove
N'isto com raios esbroando o Olympo,
Partindo o Pélio sotoposto ao Ossa,
Sobre o tropel sacrilego os derruba.

Esmagados c'o pezo os feros corpos,
Diz-se que a terra, a mãe, no muito sangue
Dos filhos ensopada o fez vivente;
Homens d'elle creou, porque a memoria
Da progenie feroz permanecesse.
  A nova geração tambem foi dura,
Dos numes foi tambem desprezadora,
Amiga da violencia, e da matança,
Denotando que o sangue o ser lhe dera.
  Saturnio viu dos céos estas maldades,
Gemeu, e recordando um impio caso,
Inda não divulgado, inda recente,
O atroz festim da Lycaónia meza,
Iras concebe o deus dignas de Jove,
E o conselho immortal convoca á pressa,
Que á pressa congregado acode ao mando.
  Ha nos céos um caminho alto, e patente,
(A nímia candidez o faz notavel)
Lácteo se chama; vão por elle os numes,
Os graves cortezãos do gran Tonante
Á morada real. D'um lado e d'outro
Dos deuses principaes os lares brilham,
Abertas as fulgentes, grandes portas.
Deuses menores outro espaço habitam,
E os potentes celícolas supremos
Á frente os seus Penates collocaram.
Este, a caber na voz audacia tanta,
O palacio dos céos appellidára.

Em marmoreo salão juntos os deuses,
Todos depois de Jupiter se assentam,
Que em logar sobranceiro, e sobreposta
A fulminante mão no eburneo sceptro,
Por tres, e quatro vezes meneando
Espantosas melenas, com que abala
A terra, o mar, e os céos, taes vozes sólta
Com fera indignação: «Maior cuidado
O mundo me não deu n'aquella edade
Em que a turba de anguipedes gigantes
Queria o céo romper com braços cento;
Que ainda que era multidão terrivel,
Hoste feroz, comtudo d'um só corpo,
E de uma origem só pendia a guerra.
Eis-me n'um tempo agora em que é forçoso
Fazer tremenda, universal justiça,
Perder a humana estirpe em tudo, em tudo
Quanto abraça Nerêo circumsonante.
Subterraneas, tristissimas correntes,
Correntes que lambeis o estygio bosque,
Até juro por vós que ao mal infando
Mil remedios em vão tentei primeiro!
Mas incuravel chaga exige o ferro,
Cortada cumpre ser porque não lavre,
Porque não fique o são tambem corrupto.
Ha, porém, semideuses entre os homens,
Campestres numes ha, Faunos, e Nymphas,
Satyros, e os monticolas Sylvanos:

Todos são attendiveis, todos nossos.
Se ainda honral-os no céo não nos approuve,
Nas dadas terras é dever que habitem.
Mas podereis pensar que estão seguros,
Oh deuses, quando a mim, que empunho o raio
A mim, que vos dou leis, tramou ciladas
Lycaon, o afamado em tyrannia?»
  N'esta interrogação freme o congresso:
Querem todos o réo da enorme audacia,
Em vinganças fervendo o pedem todos.
Assim quando ímpia mão queria extincto
De Roma o nome no Cesáreo sangue,
Pelo terror da subita ruina
Atonita ficou a especie humana,
Todo o mundo tremeu de horrorisado.
Augusto, então dos teus não menos grata
A ternura te foi, que a Jove aquella.
Depois que ao gran susurro impoz silencio
Co'a mão, e a voz, emmudeceram todos.
Suffocado o furor no acatamento,
O monarcha dos céos assim prosegue:
  «Cuidado vos não dê a acção nefanda,
O sacrilego auctor já foi punido:
Direi primeiro o crime, e logo a pena.
Do corrompido seculo as infamias
Subiram-me á noticia: desejoso
De achar falso o que ouvi, baixei do Olympo,
E a terra discorri com face humana.

Relevára occupar moroso espaço
Na feia narração do que hei sabido,
De horrores, que encontrei por toda a parte:
Era a verdade em fim maior que a fama.
Passado havendo o Ménalo abundoso
De horrorosos covís, que alojam feras,
O Cylenio de rochas carregado,
E o frigido Lycêo, que os pinhos c'roam,
Do Arcadico tyranno os lares busco,
Entro os paços inhospitos já quando
Negrejava o crepusculo da noute.
Dou mostras de que um deus era chegado,
E votos pios me dirige o povo.
Das preces Lycaon se ri primeiro,
Depois diz: — Saberei com prova inteira
Se é deus, ou se é mortal. — Dispõe matar-me
Quando os olhos tiver de somno oppressos:
Da verdade lhe agrada esta exp'riencia;
E inda não pago d'isto, a espada infame
Vibra contra a cerviz de um desgraçado
Que dos Molossos em refens houvera.
Aos semivivos, palpitantes membros
Parte amollecem as ferventes aguas,
As sotopostas brazas torram parte.
Já nas mezas se impõe, mas de repente
Co'a dextra vingadora o raio agito,
Sobre o cruel senhor derrubo os tectos,
Os tectos, e os Penates, dignos d'elle.

Para o silencio agreste, agrestes sombras
Foje rapidamente, espavorido,
E querendo fallar, uiva o perverso:
Colhem do coração braveza os dentes,
C'o matador costume os volve aos gados:
Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.
A veste em pello, as mãos em pés se mudam,
É lobo, e do que foi signaes conserva:
As mesmas cãs, a mesma catadura,
E os mesmos olhos a luzir de raiva.
Já uma habitação caíu por terra,
Mas digna de caír não é só uma.
Erinnys senhoreia o mundo todo:
Parece que os humanos protestaram
Não ter mais exercicio que o do crime!
A pena que merecem todos sintam;
Está dada a sentença.» E fica mudo.
 O decreto de Jove alguns approvam,
E á ira horrenda estimulos aggregam;
Outros lhe prestam simplesmente assenso.
Dóe a todos, porém, o immenso estrago,
Da triste humanidade o fim lhes custa:
Perguntam qual será da terra a face,
Qual fórma a sua, dos mortaes vazia?
Quem ha de ás aras ministrar o incenso?
Será talvez o mundo entregue ás feras?
O que dos homens foi será dos brutos?
Dest'arte os deuses o vindouro inquirem.

« Não temais (lhe responde o rei superno)
Esse cuidado é meu, dispuz já tudo: »
E melhor geração do que a primeira
Com portentosa origem lhes promette.
Ia já desparzir por toda a terra
O numen vingador milhões de raios,
Eis teme que a voraz, terrivel chamma
Com impeto crescida, e levantada
Nos céos em fim se atêe, os céos abraze.
Á memoria lhe vem que leu nos Fados
Que inda a terra, inda o mar, inda as estrellas
Seriam de alto incendio accommettidos,
E a machina do mundo arruinada.
Depondo as armas, que os Cyclopes forjam,
D'outra pena se apraz, com outros males
Quer punir os mortaes, quer suffocal-os
Co'as soltas aguas, derretendo as nuvens
Por todo o pólo em rapidos chuveiros.
Na gruta Eolia subito aferrolha
Aquilão rugidor, e os mais que espancam
Atras procellas, grávidos vapores.
O Noto desencerra, e vôa o Noto,
Longas as pennas madidas, envolta
Em densa escuridão a atroz carranca.
Pezam-lhe as barbas com pejadas nuvens,
Goteja-lhe a melena encanecida,
Pousam-lhe as nevoas na cabeça horrenda,
Co'as azas, e c'o peito orvalha os ares.

Tanto que espreme as procellosas sombras
Um rispido fragor no céo retumba,
E o céo rebenta em horrida torrente.
Iris, a nuncia da Saturnia Juno,
Trajando roupas de matiz lustroso,
Embebe as aguas, e alimenta as nuvens.
Morrem nas louras, trémulas searas
Ao cultor lacrimoso as esperanças,
Um momento destroe d'um anno a lida.
Para o furor de Jove os céos não bastam;
O azul irmão co'as ondas o auxilia:
Este os rios convoca, e mal que os paços
Entram do iroso, undivago tyranno:
«Não careço (lhes diz) para comvosco
De longa exhortação, fieis ministros.
Ide, inchae, derramae-vos pelas terras,
Vasem-se de repente as urnas vossas,
Rompa-se o dique ás profugas correntes,
Solte-se o freio ás aguas. Assim cumpre.»
Ordena, partem, correm, vão-se ás fontes,
E as bocas donde sáem lhe desapertam:
Volvem depois ao mar desenfreados.
Neptuno vibra o cérulo tridente,
Fere a terra com elle, e treme a terra,
E ás aguas c'o tremor franquêa o seio.
Em brava rapidez correndo os rios,
Já dos campos se apossam, já derrubam,
Já comsigo arrebatam plantas, gados,

Gentes, habitações, e os Lares sanctos.
Se ha por dita edificio que não cáia,
Se algum resiste ao pavoroso estrago,
A torrente voraz lhe cobre os tectos;
Tremendo as torres, ameaçam quéda,
Rotas, cavadas pelo embate undoso.
Já se confunde o pélago co'a terra,
Já tudo é mar, ao mar já faltam praias.
Qual sóbe, resfolgando, alpestre outeiro,
Qual vaguêa medroso em curvo barco,
E onde lavraram bois trabalham remos.
Sobre as perdidas, afogadas messes
Vae navegando aquelle, ou sobre o cimo
Das submersas aldêas, este encontra
Na copa de alto ulmeiro o peixe mudo.
Ferram-se acaso as ancoras ganchosas
Nos murchos prados, que viçosos foram:
De Baccho a planta, ás ondas sotoposta,
Jaz mordida tambem dos férreos dentes;
Na relva, que os rebanhos tosquiaram
Pousa do equoreo vate o gado informe;
Assombram-se as Nereidas de avistarem
Debaixo d'agua bosques, edificios:
Por entre as selvas os delphins voltêam,
Co'as negras trombas pelos troncos batem,
E o carvalho a vergar no encontro empurram.
O lobo vae nadando entre as ovelhas,
Em meio da torrente impetuosa

Boiam fulvos leões, manchados tigres.
Não vale aos javalis a força enorme,
A summa rapidez não vale aos cervos.
  Buscada longamente, e em vão buscada
Pelas aéreas aves sendo a terra,
Onde repousem do continuo vôo,
Cançam-se em fim, despenham-se nas aguas.
Eis em suberbos torreões de espuma
Tenta o pégo arrogante as arduas serras:
Fervem-lhe em torno dos fragosos picos
As ondas, que jámais ali ferveram.
Assaltando os miserrimos viventes
No vão refugio, quasi tudo absorvem,
E aquelles, que da furia se lhe esquivam,
Em comprido jejum ralados morrem.
  A Phócida, que os Ácticos separa
Dos afamados campos da Beócia,
E terra pingue foi, quando foi terra,
É já d'aguas envoltas lago immenso.
Ali de cumes dous montanha ingente,
Tendo a ramosa fronte além das nuvens,
E arremettendo aos céos, se diz Parnaso.
N'ella Deucalion (porque dos mares
Jazia tudo o mais em fim cuberto)
N'ella Deucalion tinha aportado
Em pequeno baixel co'a terna esposa,
Forçados pélos impetos das aguas.
Desembarcando os dous, off'recem logo

Interno culto aos numes da montanha,
Ás nymphas de Corycio, a Thémis sacra,
De quem ali o oraculo se ouvia.
Nenhum dos homens excedêra aquelle
No amor ao justo, no temor aos deuses:
Luzíam na consorte eguaes virtudes.
Jove, que o mundo vê todo inundado,
Vivos de tantos mil só um, só uma,
Ambos tão pios, tão amaveis ambos,
C'os soltos Aquilões sacode as nuvens,
As pezadas carrancas dos chuveiros,
E a terra mostra aos céos, e os céos á terra.
Nem do pélago a furia permanece:
C'o ferro de tres pontas mal que o toca
As ondas lhe amacia o deus das ondas,
E chamando Tritão, que levantado
Sobre a agua está (cobertos de brilhante
Purpura natural seus rijos hombros)
O buzio rôncador lhe diz que assopre,
Que no usado signal ordene aos rios,
E ao transbordado mar que retrocedam.
Da sonorosa, e concava buzina
Lança mão de repente o gran mancebo,
Da buzina, que em circulos, em roscas
Da ponta para cima se dilata,
Que tanto que no seio acolhe os ares
D'um e d'outro hémispherio atrôa as praias;
Eis aos labios a concha o deus applica

Por entre negras barbas orvalhosas,
* Incham-lhe as faces ao robusto assôpro,
Toca, e rios, e mar, que o som lhe escutam,
Subito a seu pezar vem recuando.
Este já praias tem, tem leito aquelles,
E murmuram pacificos, e tardos:
Os outeiros assomam, surge a terra,
Os campos crescem, decrescendo as ondas.
Depois de longo espaço os arvoredos,
Os arvoredos nus se vão mostrando:
Dos despojados troncos pendem limos.
  Em fim renasce o mundo, e vendo o triste,
O bom Deucalion vasia a terra,
E alto silencio derramado em tudo,
A Pyrrha diz chorando: « Oh doce esposa,
Oh tu, que és só, que és unica de tantas
Habitantes do mundo, e que ligada
Pelo amor, pelo sangue estás comigo,
Agora ainda mais pelo infortunio!
Do nascente ao poente, em toda a terra
Só habitamos nós, só nós vivemos:
Tudo o mais pelas ondas foi tragado,
E cuido que não tens inda segura
Tua existencia tu, nem eu a minha:
Estas nuvens, que observo, inda me atterram.
Ah triste! Que farias se arrancada
Ao fado universal sem mim te visses!
Onde, fria de susto, onde leváras

A planta vacilante e quem seria
Tua consolação na dôr, no pranto?
Crê, minha amada, que se o mar sanhudo
Te escondesse nas sôfregas entranhas,
Te houvera de seguir o afflicto esposo,
Socio te fôra em vida, e socio em morte.
Oxalá que eu com a paterna industria
Podesse reparar a humanidade,
Alma infundindo na formada terra!
Todo o genero humano em nós se inclue,
(Isto aos fados apraz, apraz aos deuses)
Ficámos para exemplo de que o mundo
Morada de homens foi.» Disse, e choravam.
  Depois, tornando em si, resolvem ambos
Recorrer aos oraculos sagrados,
Da deusa Thémis invocar o auxilio.
Não tardam: vão-se do Cephyso ás aguas,
Que ainda não bem liquidas caminham,
E apenas pelas frontes, pelas vestes
Os gostados liquores desparziram,
Para o templo da deusa os passos torcem.
  Manchava torpe musgo a frente, os tectos
Da estancia veneravel, e jaziam
Sem ministro, sem luz, sem culto as aras.
Como os sacros degraus tocado houvessem,
Sobre a mádida terra os dous se prostram,
E dão nas pedras osculo medroso;
Oram depois assim: «Se justas preces

Tornam benignos os irados numes,
Se a cholera dos céos com ais se adoça,
Dize-nos, deusa, dize-nos de que arte
Podemos instaurar a especie humana,
E soccorre piedosa o triste mundo.»
  Movendo-se a deidade, assim lhes falla:
«Do meu templo saí; cubrindo as frontes,
Soltae as vestiduras, que vos cingem,
E para traz depois lançae os ossos
De vossa grande mãe.» Tendo ficado
Atonitos os dous espaço grande,
Pyrrha primeiro em fim rompe o silencio,
Da divindade as leis cumprir não ousa,
E com trémula voz perdão lhe roga,
Porque teme, espalhando os ossos frios,
Aos manes maternaes fazer injuria.
Depois d'isto repetem, pezam, notam
As palavras do oraculo sombrio;
Té que Deucalion, que o venerando
Filho de Promethêo com brandas vozes
Serena a cara esposa, e diz: «Se accaso
Não revolvo illusões no pensamento,
O oraculo da deusa é justo, é pio,
Não nos ordena o mal, não quer um crime.
A grande mãe, que ouviste, a mãe de todos
É a terra; a meu ver são os seus ossos
As pedras, e essas diz, que ao chão lancemos.»
  Bem que esta intelligencia agrade a Pyrrha,

Esperanças com duvidas se envolvem,
E ambos das ordens sanctas desconfiam;
Mas n'isso que lhes vae se as effeituam?
As aras deixam, as cabeças cobrem,
Soltam as roçagantes vestidúras,
E logo para traz as pedras lançam.
Eis (quem te déra credito, oh portento,
Se annosa tradição não te abonasse!)
Eis que subitamente ellas começam
A despir-se do frio, e da rijeza,
E despindo a rijeza, a transformar-se.
Crescendo vão, mais branda natureza
As tóca, as amacia, as amollece,
E n'ellas se perfeito o vulto humano
Logo ali se não vê, se vê comtudo
Em grosseiros signaes a similhança;
Qual na estatua, no marmore, a que apenas
Deu talhe a mão de artifice elegante.
Partes, que eram terrenas, e succosas
Nas carnes, e no sangue se convertem;
O que tem solidez, o que não dobra
Muda-se em ossos, e o que d'antes n'ellas
Veia se nomeou conserva o nome.
N'um breve espaço em fim (mercê dos deuses)
As que arroja o varão varões se tornam,
E as que sólta a mulher mulheres ficam.
Por isto somos fortes, somos duros,

Aptos a emprezas, proprios a trabalhos,
E em nosso esforço, na constancia nossa
Claramente se vê que origem temos.
  Os outros animaes nas fórmas varios
A terra os produziu, sendo escaldado
Pelos raios do sol o humor antigo;
Os encharcados, os lodosos campos
Com o activo calôr se entumeceram,
E das cousas a próvida semente
Qual no materno claustro ali cerrada,
Nutriu-se, e de vagar cresceu, formou-se.
D'est'arte, havendo em fim retrocedido
A seu amplo deposito profundo
O gran Nilo, que sáe de bocas sete,
Co'a etherea flamma se afoguêa o lodo,
E por entre os terrões, quando os revolve,
De animaes o cultor acha milhares,
Uns a nascer, e em parte já formados,
Em parte os membros seus inda imperfeitos;
E vê-se muitas vezes que de um corpo
Metade vive já, metade é terra.
Humidade, e calôr dão vida a tudo,
Se mutuamente se temperam ambos.
Bem que d'agua contrario o fogo seja,
Sáe do humido vapor quanto é gerado;
A discorde união fermenta, e cria.
  Portanto a fertil mãe, a extensa terra

Do recente diluvio repassada,
E pelo aereo lume escandecida,
Innumeras especies foi brotando:
Deu ser a algumas com a fórma antiga,
N'outras em fim creou não vistos monstros.

Io

(Traduzido do Livro I)

Nos fundos lares Inaco escondido
Altêa com seu pranto as aguas suas;
Io, a filha gentil, perdida chóra:
Não sabe se está viva, ou se entre os manes:
Mas porque não a encontra em parte alguma,
Em nenhuma do globo a julga o triste,
E o peor se lhe ant'olha ao pensamento.
Volver do patrio rio a vira Jove:
«Virgem digna de Jupiter, guardada
Para felicitar (lhe disse o nume)
No thálamo suave um ente humano!
Procura as sombras dos fechados bosques,
(E aos bosques lhe apontou) a calma aperta,
Dos céos está no cume o sol fervendo.
Se temes ir sósinha aonde ha féras,
De um deus acompanhada irás segura;
Não de um deus inferior, porém d'aquelle

Que o sceptro universal na mão sustenta,
E o raio irresistivel arremessa.
Não, não fujas de mim. — (Que ella fugia.)
Já de Lerna as pastagens, e os frondosos
Arvoredos Lircêos Io passára:
Eis em nevoas o deus sumindo a terra,
Lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa.
Juno os olhos em tanto aos campos volve.
E extranha em claro dia haver tal nevoa,
Nevoa tão densa como os véos nocturnos,
Que das aguas não sáe, nem sáe das terras.
Olha em torno de si, não vê o esposo,
E suspeitosa, pelo haver colhido
Já vezes cento em amorosos furtos,
Não o achando nos céos — «Ou eu me engano,
Ou lá me aggravam» — (diz) e, deslizada
Da etherea habitação, parou na terra,
Onde o sombrio horror desfez n'um ponto.
Mas o consorte presentiu-lhe a vinda,
E em candida novilha por cautela
De Inaco a prole transformado havia,
Que depois de novilha inda é formosa.
Saturnia, a seu pezar, lhe dá louvores,
Pergunta de quem é, d'onde viera,
Pergunta a que manada emfim pertence
(De estar longe do caso indicios dando)
— Que a terra a produziu — responde Jove,

*

Para não ser o auctor mais inquirido:
N'isto Saturnia em dadiva lh'a pede.
O amante que fará? Cruel, se entrega
Os seus amores; — se os não dá, suspeito;
O que o pejo aconselha, amor impugna:
Vencido pelo amor sería o pejo;
Porém se a sua irmã, se a sua esposa
Negar uma novilha, um dom tão leve,
Póde talvez não parecer novilha.
Já na posse da adultera, não despe
A deusa todavia o seu receio;
Teme a Jove, e do aggravo está mordida.
Argos, o filho de Arestor lhe occorre,
E quer que lh'a vigie, e d'elle a fia.
De Argos cinge a cabeça um cento de olhos,
Olhos, que dous a dous o somno alternam:
Desvelados os mais na presa cuidam.
Em quaesquer posições attento a guarda,
Volta-lhe as costas, e tem Io á vista.
Permitte-lhe pascer em quanto é dia;
Em transmontando o sol vae ferrolhal-a,
E um laço injusto lhe tornêa o collo.
Folhas agrestes, amargosa relva
Morde, rumina a triste; em vez de leito
Dão-lhe, nem sempre de herva o chão forrado,
Matam-lhe as sedes em corrente impura.
Supplices braços estender quizera

Para o seu guardador; mas que é dos braços?
Intenta dar um ai, solta um mugido:
Treme do som, da sua voz se espanta.
Um dia ás margens vae, onde brincava,
Ás margens paternaes; vê n'agua as pontas,
E, medrosa de si, foge do rio.
Inaco ignora, as Náiades não sabem
Quão pertencente lhe és, gentil novilha.
Eil-a os segue; ás irmãs, ao pae, que a admiram,
Não só deixa que a toquem, mas se off'rece.
O velho hervas lhe colhe, e chega aos beiços;
Ella lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija;
Terno pranto lhe corre, e se podéra
Soccorro a desditosa invocaria,
Seu nome, os fados seus articulára;
Mas, com letras em fim supprindo vozes,
Servindo-se do pé, na arêa exprime
O triste annuncio da mudada fórma.
«Oh pae desventurado! (Inaco exclama
Abraçando a cerviz, pegado ás pontas
D'alva bezerra, da chorosa filha)
«Oh pae desventurado! (Elle repete)
És tu, filha infeliz, tu, procurada
Tantas vezes por mim, e em tantas partes?
Antes que vêr-te assim, nunca te vira,
Menor seria então minha amargura.
Ah malfadada! Responder não sabes,
Altos suspiros sós do peito arrancas,

Mugir á minha vòz é quanto podes.
Não prevendo teus fados, eu outr'hora
O toro nupcial te apercebia.
Duas bem ledas esperanças tive:
Primeira o genro foi, segunda os netos;
Esposo, e filhos nas manadas brutas,
Querido meu penhor, terás agora.
Nem posso tanto mal findar co'a vida;
Empece-me o ser deus; afferrolhadas,
Defesas para mim da morte as portas,
Se estende a minha dôr á eternidade.»
O oculoso pastor, que lhe ouve as mágoas,
Ao lamentavel pae remove a filha,
E vae apascental-a em outros campos:
Sentado, de alto monte a vê, e a tudo.
Que ella sinta, porém, tão duros males
Não póde o rei dos céos soffrer mais tempo:
Chamando o filho, que de Maia houvera,
Lhe ordena, lhe commette a morte de Argos.
Mercurio logo aos pés segura as azas;
Toma a vara somnífera, o galéro,
E, ataviado assim, demanda a terra.
Galéro ali depõe, depõe talares,
Sómente o caducêo na mão conserva;
Leva-o como pastor, que seu rebanho
C'o toque do cajado aos pastos guia,
E de canora flauta os sons diffunde.
Da nova, dôce musica tentado,

Argos ao numen diz: «Quem quer que sejas,
Comigo aqui, pastor, sentar-te pódes.
Sitio melhor não ha para o rebanho,
Nem para o guardador, assim na sombra,
Como em fertilidade.» O deus se assenta;
E em razões varias, que profere, e escuta,
Vae-se-lhe o dia. Adormecer intenta
Com a avena os cem lumes veladores,
Porém repugna o monstro aos molles somnos,
E bem que os acolheu parte dos olhos,
Parte d'elles vigia. Em fim, porque era
Da flauta a invenção recente ainda,
A Mercurio o pastor pergunta como,
Por quem fôra inventada. A isto o nume
Diz então: «Nas arcádicas montanhas
Teve nome entre as nymphas Nonacrinas,
Foi entre as Hamadryadas o assombro
A náiade Syrins, Syrins, a esquiva.
Aos sátyros hirsutos se furtava,
E aos mais deuses campestres, que a seguiam;
Honrava nos costumes, no exercicio,
E na flôr virginal a Ortygia deusa.
Em traje venatorio era Diana:
A similhança os olhos enganára
Se arcos diversos não tivessem ambas,
Syrins um de marfim, Latónia um de ouro,
E assim mesmo enganava. Ella, deixando
O sombrio Lycêo, de Pan foi vista,

De Pan, c'roado do pinheiro agudo,
E o deus fallou-lhe assim... «Narrar faltava
O que lhe disse o deus; que accezas preces
A nympha repulsára, e que fugira,
Perseguida por elle até ás margens
Do sereno Ladon; que ali parando,
Pelo estorvo das ondas, deprecára
Ás ceruleas irmãs que a transformassem;
Faltava referir que em vez da amada,
Crendo que já nas mãos a tinha presa,
Pan sómente abraçou palustres canas;
Que em quanto suspirava, os ares n'ellas
Fizeram tenue som, quasi queixume;
Que n'arte nova, que na voz suave
Enlevando-se todo, o deus dissera:
«Taes colloquios se quer terei comtigo.»
Que ás canas desiguaes, com cêra unidas,
Dera seu nome a nympha. Ia Cylenio
Proseguir, eis que vê do somno oppressos
Os olhos todos. Subito emmudece,
Roça-os co'a vara, e lhe carrega o somno.
Rápido logo alçando o ferro curvo,
No vacillante collo o golpe acerta:
Cáe a cabeça; espadanando o sangue,
O sangue em borbotões macúla o monte.
  Argos, jazes, em fim; de todo extincta
A claridade está de tantos lumes:
Sombra eterna te occupa os olhos cento.

Saturnia lh'os extráe, na cauda os prende
D'ave sua, e com elles a abrilhanta.
  Mas freme a deusa, não retarda as iras;
Da Argólica rival aos olhos, e alma
Expõe a vexadora, horrenda Erinnys.
Seus crueis agrilhões lhe enterra a Furia,
Por todo o mundo a prófuga persegue.
  Nilo, ao trabalho immenso, á espavorida
Carreira universal tu só restavas.
Tanto que imprime o pé nas margens tuas,
Sobre os joelhos cáe, e aos céos erguendo
O que erguer só lhe é dado, os olhos tristes,
Com prantos, e mugidos lutuosos
Parece que se está queixando a Jove,
E que dos males seus o fim lhe implora.
Elle, o collo abraçando á sacra esposa,
Roga-lhe que remate a pena acerba.
«Perde o temor (lhe diz) crê que incentivo
Io não mais será de teus desgostos:»
E o protesto formal co'a Estyge abona.
  Apenas se embrandece ao rogo a deusa,
Torna á mimosa nympha o gesto antigo,
Torna a ser de repente o que era d'antes.
Fogem do corpo as sedas, vão-se as pontas,
O orbe, a fórma ocular se lhe restringem,
Abbrevia-se a bôca, os braços volvem,
Volvem-lhe as mãos tambem, tambem as unhas;
Já sómente em dous pés está sustida,

Da novilha não tem senão a alvura.
Receando mugir, fallar não ousa,
E a desusada voz ensaia a medo.
Celebérrima deusa, agora a honram
Aras, e incensos dos egypcios povos.

O precipicio de Phaetonte

(Fragmento, traduzido do Livro II)

. . . .

Porém leve era o pezo, era diverso
D'aquelle, que os Ethontes conheciam:
Quaes sem lastro bastante os curvos lenhos
São das ferventes ondas sacudidos;
Tal, co'a leveza insolita pulando,
Parece que vasio o carro foge.
Eis a quadriga rapida percebe
Que os passos lhe não rege a mão de um nume:
Eis salta impetuosa, e deixa o trilho,
E bate o campo azul por nova estrada:
Treme Phaetonte, e como as redeas torça,
E qual seja o caminho elle não sabe,
E inda, sabendo, não domára os brutos.
Pela primeira vez se escandeceram
Os gélidos Triões co'a etherea flama,
E banhar-se no pégo em vão tentaram.

Do pólo glacial visinha a serpe,
D'antes molle de frio, e não terrivel,
Ganhou no extranho ardor braveza extranha.
  Diz-se, oh Bootes, que a tremer fugiste,
Bem que és tardio, e te retenha o carro:
Vê jazer muito ao longe o mar, e as terras,
O misero Phaetonte; amarellece,
E subito pavor lhe agita os membros:
Seus olhos em luz tanta encontram noute:
Triste! quizera já não ter tocado
O coche de seu pae: já se arrepende
De conhecer quem é: de haver podido
O effeito conseguir do rogo incauto.
. . . .

A gruta da Inveja

(Traduzido do Livro II)

É a estancia da Inveja em gruta enorme,
Lá n'uns profundos valles escondida,
Aonde o sol não vae, nem vae Favonio.
Reina ali rigoroso, eterno frio,
De humidas, grossas nevoas sempre abunda.
O monstro vive de vipereas carnes,
Dos seus tartáreos vicios alimento.
Da morte a pallidez lhe está no aspecto,
Magreza, e corrupção nos membros todos;
Olha sempre ao revez; ferrugem torpe
Nos asquerosos dentes lhe negreja;
Vê-se o fel verdejar no peito immundo,
Espumoso veneno a lingua vérte:
Longe o riso lhe jaz dos negros labios,
Só se nos mais ha pranto ha n'ella riso,
Em não vendo chorar lhe acode o chôro:
Não gosa de repouso um só momento,

Os cuidados que a roem não soffrem somno:
Mirra-se de pezar, ao ver nos homens
Qualquer bem; rala, e rala-se a maligna,
É verdugo de si, odio de todos.

. . . .

O roubo de Europa por Jupiter

(Traduzido do Livro II)

O gran Jove no céo Mercurio chama,
E sem lhe declarar o amor, que o fere,
«Vae, ministro fiel dos meus decretos,
Vae, filho meu, co'a sólita presteza;
Desce á terra (lhe diz) d'onde se avista
Tua mãe reluzindo á sestra parte,
E que os seus naturaes Sidon nomeam.
O armentio real, que ao longe a relva
No monte anda a pascer, dirige á praia.»
Disse, e já da montanha o gado expulso
Caminha á fresca praia, onde costuma
A do sidonio rei mimosa filha
Espairecer, folgar co'as tyrias virgens.
A magestade, e amor não bem se ajustam:
Jámais o mesmo peito os accommoda.
Do sceptro a gravidade em fim depondo
O pae, e o rei dos deuses, Jove, aquelle

Que armada tem do raio a sacra dextra,
E que ao minimo aceno abala o mundo,
Véste fórma taurina entre as manadas
Muge, e piza formoso as brandas hervas.
  É côr da neve, que nem pés calcaram,
Nem co'as azas desfez o sol chuvoso;
Altêa airosamente o mobil collo;
Das espadoas lhe pende, e bambalêa
A candida barbella, as breves pontas
D'industriosa mão lavor parecem,
Ganham no lustre á pérola mais pura.
Não tem pezado cenho, olhar terrivel,
Antes benigna paz lhe alegra a fronte.
  A filha de Agnor admira o touro,
Extranha ser tão bello, e ser tão manso.
Ao principio, inda assim, teme tocar-lhe;
Vae-se depois avisinhando a elle,
E as flôres, que apanhou, lhe applica aos beiços.
  Eil-o já pela relva salta, e brinca,
Já põe na fulva arêa o niveo lado.
Á virgem pouco a pouco o medo extingue,
E agora off'rece brandamente o peito
Só para que lh'o afague a mão formosa,
Agora as pontas, que a real donzella
De recentes boninas lhe engrinalda.
  Ella, em fim, que não sabe a que se atreve,
Ousa nas alvas costas assentar-se.
  De espaço á beira-mar descendo o nume,

Põe mentiroso pé n'agua primeira,
Vae depois mais ávante... em fim, nadando,
Leva a preza gentil por entre as ondas.
Ella de olhos na praia, ella medrosa
Segura uma das mãos n'uma das pontas,
Sobre o dorso agitado a outra encosta;
Enfuna o vento as susurrantes vestes.
  Despida finalmente a falsa imagem,
Eis apparece o deus, eis brilha Jove,
* E em teus bosques, oh Creta, Amor triumpha!

A morte de Pyramo e Thisbe

(Traduzido do Livro IV)

Pyramo, singular entre os mancebos,
E Thisbe, superior em formosura
A todas as donzellas do oriente,
Tinham contiguas as moradas suas
Lá onde é fama que de ingentes muros
Semiramis cingiu alta cidade.
A amor a visinhança abriu caminho,
N'elles foi com a edade amor crescendo,
E unir-se em doce nó votaram ambos,
O que injustos os paes não permittiram.
Em vivo, egual desejo os dous ardendo,
(Que isto os paes evitar-lhes não poderam)
Sem confidente algum, só por acenos,
Por signaes se entendiam, se afagavam.
Quando o amor se recata é mais activo.
Parede, que os dous lares dividia,
Rasgada estava de uma tenue fenda
Desde o tempo em que foram fabricados.

Ninguem tinha notado este defeito;
Mas que não sente Amor, que não adverte?
Vós amantes fieis, vós o notastes,
E d'elle se valeu sagaz ternura.
Soíam por ali passar sem medo
Brandas finezas em murmurio brando.
De uma parte o mancebo, e Thisbe de outra,
Prestando unicamente, e recebendo
Seu halito amoroso, assim carpiam:
«Invejosa parede, a dous amantes
Porque, porque te oppões? Ah! Que importava
Que perfeita união nos consentisses?
Ou, se isto é muito, ao menos franqueasses
Aos osculos de amor logar bastante?
Mas não somos ingratos, confessamos
Que os nossos corações a ti só devem
Dôce conversação, que os desafoga.»
Separados assim, e em vão diziam.
Dando um saudoso adeus já quasi á noute,
Ao partir cada qual suave beijo
Na parede insensivel empregava,
Nem que o terno penhor chegar podesse
Aonde o dirigia o pensamento.
Um dia quando, roto o véo nocturno,
Tinha ante os lumes da serena Aurora
Desmaiado nos céos a luz dos astros,
E Phebo com seu raio ía seccando
Sobre as hervas subtís o frio orvalho,
*

Ao logar do costume os dous volveram.
Depois de mutuamente se queixarem
Da pezada oppressão, que os constrangia,
Com mais cautéla ainda, em tom mais baixo
Concertam entre si que em vindo a noute
Haviam de illudir os paes, e os servos,
De seus lares fugindo, e da cidade;
Que, por não se perderem vagueando
Pelo campo espaçoso, ao pé da antiga
Sepultura de Nino ambos parassem,
Póstos á sombra de arvore frondosa.
Esta arvore, que ali ao ar se erguia,
Carregada de fructos côr de neve,
(Então da côr de neve até maduros)
Era a grata amoreira: amena fonte,
Fervendo junto d'ella, o chão regava.
Quadrou o ajuste, e nas ceruleas ondas
Caíndo, tardo o sol para os amantes,
E d'onde o sol caíu surgindo a noute,
Achada occasião, por entre as sombras
Thisbe astuta das portas volve a chave,
Engana os seus, e sáe. Cubrindo o rosto,
Caminha para o tumulo de Nino,
Chega, e debaixo da arvore se assenta:
Dava Amor ousadia á linda moça.
Eis que feroz leôa, ensanguentada
De recente matança a boca enorme,
Assoma, e vem depôr na fonte a sêde.

Porque o pleno luar cubria o campo
A vê ao longe a babylonia Thisbe,
E com timidos pés em gruta umbrosa
Vae sumir-se, correndo, e palpitando,
E na carreira o véo lhe cáe por terra.
Depois que o tôrvo bruto a sêde ardente
Nas aguas apagou, tornando aos bosques
O solto véo sem Thisbe acaso encontra,
E no sanguineo dente o despedaça.
  Pyramo, que do lar saíu mais tarde,
Que vê no erguido pó signal de féra,
E de féra no chão pégadas nota,
Descorando estremece, e tinto em sangue
Acha o caído véo. «N'uma só noute
(Diz elle) dous amantes se perderam;
Perdeu-se a bella, a triste, a desgraçada
Que de longa existencia era tão digna.
Eu tive toda a culpa, eu, miseranda,
Eu fui quem te matou, fui quem te disse
Que de noute, que só te aventurasses
A tão ermo logar, tão pavoroso,
E para te acudir não vim primeiro.
Lacerae-me este corpo abominavel,
Devorae-me estas barbaras entranhas,
Oh leões, que jazeis por essas grutas!
Mas chamar pela morte é só dos fracos.»
  Já da terra levanta o véo de Thisbe,
E para a fertil planta se encaminha,

Vae com elle ao logar do terno ajuste.
Cubrindo-o lá de lagrimas, e beijos,
«O meu sangue (lhe diz) tambem te regue,
Recebe, oh triste véo, tambem meu sangue.»
E subito, despindo o ferro agudo
Que ao lado lhe pendia, em si o enterra:
Da ferida mortal o extráe, o arranca,
E de costas no chão depois baquêa.
Em rôxos borbotões lhe ferve o sangue,
E lhe salta com impeto, á maneira
De alto, e cheio aqueducto, que rebenta,
Que estrondoso arremessa ao longe as aguas,
Co'a soberba impulsão rompendo os ares.
Da ramosa amoreira os alvos fructos,
Pela rubra corrente rociados,
Em triste, negra côr a antiga mudam,
E do sangue a raiz humedecida,
Logo ás amoras purpurêa o sumo.
  De todo não perdido ainda o medo,
Volta a gentil donzella ao fatal sitio
Porque a não ache em falta o caro amante.
C'os olhos, e c'o espirito o procura,
Desejosa de expor-lhe o grave risco
De que pôde escapar. Notando a planta
Mudada no exterior, a desconhece,
Duvida se é a mesma. Em quanto hesita
Vê tremer, e arquejar na terra um corpo,
Na terra, que de sangue está manchada.

Recûa de terror, pallida, absorta,
Arripia-se, e freme, á similhança
Do rouco mar, se as virações o encrespam.
Mas depois que attentando em fim conhece
A porção da sua alma, os seus amores,
Rompe em chôros, em ais, maltracta o peito,
O peito encantador, que o não merece,
Arranca delirante as louras tranças,
Entre os braços aperta o corpo amado,
Verte amargosas lagrimas no golpe,
Correndo misturados sangue, e pranto;
Piedosos beijos dá no rosto frio,
Clama: «Oh Pyramo! Oh céos! Que duro caso
Te arrebata de mim? Pyramo, escuta,
Responde-me, querido: a tua amada,
A tua fiel Thisbe é quem te chama;
O semblante abatido ergue da terra.»
  Ouvindo proferir da amada o nome,
O malfadado moço eis abre os olhos,
Já do pezo da morte enfraquecidos;
Volve-os a Thisbe, e para sempre os cerra.
  N'isto aquella infeliz o véo distingue,
Vê do extincto amador a nua espada.
«Teu amor, tua mão te hão dado a morte!
Eu tambem tenho mãos (exclama a triste)
Eu tambem tenho amor capaz de extremos,
Que esforço me dará para seguir-te.
Sim, eu te seguirei, serei chamada

Da tua desventura a causa, a socia.
Ai! Só podia a morte separar-nos...
Mas não, nem ella mesma nos separa.
Oh vós, dae terno ouvido ás preces de ambos,
Miseros paes de miseros amantes,
Que une por lei do Fado Amor, e a Morte;
Deixae que o mesmo tumulo os encerre.
E tu, arvore, tu, que estás cubrindo
Agora um só cadaver miserando,
Logo dous cubrirás. Signaes conserva
Da tragedia que vês, e por teus fructos
Difunde sempre a côr de luto, e mágoa,
Monumento fatal do negro caso.»
  Cala-se, encosta o peito á férrea ponta,
Do sangue do infeliz tépida ainda,
E traspassa-se, e cáe. Das preces tristes
Comtudo os céos, e os paes se enterneceram.
Nos ramos da frondifera amoreira
Quando maduro está negreja o fructo;
E a lacrimosa, paternal piedade
Guardou n'uma só urna as cinzas de ambos.

Cadmo e Hermione

(Traduzido do Livro IV)

Da serie de teus males já vencido,
E de fataes, maleficos portentos,
Tu, filho de Agenor, tu, triste Cadmo,
Sáes da cidade, que erigido havias,
Como se os Fados d'ella, e não teus Fados
Te perseguissem lá. Depois de longos
Terrenos vaguear, parou na Illyria
Co'a profuga consorte. Ali, gravados
Da desgraça, e da edade, a estrella adversa
Memorando dos seus, e discorrendo
Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama:
«Ah! Sagrada talvez era a serpente
Que no bosque matei quando expellido
De Sidonia me vi por lei paterna!
Sacro seria o monstro, em cujos dentes
Pela terra espalhei semente infensa!
Pois se dos numes o furor se apura
Tanto, e tanto em vingal-o, imploro aos numes
Que em comprida serpente me transformem.»

Disse, e como serpente eis que se alonga,
Eis na cutis nascer vê dura escama,
Ceruleas nodoas variar-lhe o corpo:
Na terra cáe de peitos: manso, e manso
Os membros se confundem, que o sustinham,
E em boliçosa cauda se affeiçoam.
Restam-lhe braços; braços que lhe restam
Estende o malfadado, e diz, banhando
De lagrimas a face, ainda humana:
«Vem, dôce, vem, miserrima consorte,
Em quanto ainda em mim de mim vês parte;
A mão, em quanto é mão, recebe, aperta,
E em quanto não sou todo enorme serpe.»
Queria proseguir, mas de improviso
A lingua se lhe fende, ei-o com duas;
Fallecem-lhe as palavras: quantas vezes
Se intenta deplorar, tantas sibíla:
Só lhe deixa esta voz a Natureza.
Co'a mão ferindo o peito, a esposa clama:
«Cadmo, espera; infeliz, despe esse monstro!
Que é isto! Que é dos hombros, que é dos braços!
As mãos, os pés, e a côr, e o rosto, e tudo!
Porque, poder do céo, porque, Destinos,
Me não mudaes tambem na fórma horrenda?»
Diz, e elle da consorte as faces lambe,
E o (que ainda conhece) amado peito:
O collo, que lhe foi, que lhe é tão caro,
Cinge com mimo, e como póde abraça.

Todos os companheiros, que o rodeam,
Atterrados estão, porém co'as linguas
Os lubricos dragões vão afagal-os,
Que subito são dous, e os juntos corpos
Fazendo um só volume, e serpeando,
Se escondem pela proxima floresta.
Dos homens todavia inda não fogem;
Não têm dente mordaz, não têm veneno,
Não fazem damno algum: do que já foram
Os benignos dragões inda se lembram.

Atlante convertido em monte

(Traduzido do Livro IV)

Trazendo o espolio do vipéreo monstro,
E equilibrado em azas estridentes,
Presas aos leves pés, vagava os ares
O Argolico Persêo, prole do nume
Que a Danae seduzira em aurea chuva.
Sobre as crestantes, lybicas arêas
Pendente o vencedor, cahiram n'ellas
Da Gorgonea cerviz sanguineas gotas,
E bebendo-as a terra as faz serpentes:
Desde então de serpentes Lybia abunda.
Logo, agitado por discordes ventos,
Para aqui, para ali, qual gira a nuvem,
Descobre o moço errante ao longe as terras,
E sobre o vasto globo anda voando.
As Ursas boreaes viu já tres vezes,
E já tres vezes viu do Cancro os braços;
Mil ao occaso foi, mil ao nascente,
Pela aérea violencia despedido.
Em fim, proximo á noute, e receando

Persêo fiar-se d'ella, o vôo abate
Na hespéria região, reinos de Atlante.
O heroe pede ao monarcha um breve asylo,
Té que phosphoro esperte a luz d'Aurora,
E Aurora o carro de ouro ao Sol prepare.
   Superior na estatura aos homens todos
Era o filho de Japeto, era Atlante.
Deu leis na terra extrema, e leis nos mares
Onde os lassos frisões mergulha Phebo.
Ali manadas mil do rei gigante,
Mil rebanhos ali pascendo erravam,
E ao seu não confrontava extranho imperio.
Tinha um vergel com arvore lustrosa:
As folhas eram de ouro, e de ouro os ramos,
Aureos os pômos, que pendiam d'elles.
   «Gran rei (Persêo lhe diz) se amas a gloria
D'alta estirpe, o meu ser provém de Jove;
E se és admirador d'acções famosas,
Hão de maravilhar-te as acções minhas.
Rogo-te a graça de nocturno hospicio.»
   Mas de oraculo antigo o rei se lembra;
A Themis no Parnaso ouviu outr'hora:
«Ha de vir tempo, Atlante, em que dos fructos
A arvore tua despojada fique:
Filho o seu roubador será de Jove.»
   Receoso do furto, havia Atlante
Torneado o pomar com rijos muros,
E horroroso dragão lhe pôz de véla:

A forasteiro algum nos seus dominios
Guarida não concede, expulsa todos,
E a este diz tambem: «Vae para longe,
Se não queres de ti vêr longe a gloria
Dos mentirosos feitos, se não queres
Longe, mais longe ainda o pae, que ostentas.»
E, ajuntando a violencia aos ameaços,
Intenta repellir além das portas
Persêo, que lhe resiste, e substitue
Palavras fortes a palavras brandas.
  Nas forças inferior se reconhece:
Quem podia egualar de Atlante as forças?
«Já que a minha amisade em pouco estimas,»
(Diz o affrontado heroe) recebe o premio.»
N'isto co'a mão sinistra, e desviando
Primeiro os olhos para a parte adversa,
Lhe mostra de Medusa a face horrenda.
  Eis feito o enorme Atlante um monte enorme:
Barbas, melênas se lhe tornam selvas;
São recostos da serra as mãos, e os braços,
O que já foi cabeça agora é cume,
Dos ossos os penedos se formaram.
  Para todas as partes se dilata;
Crescendo mais, e mais, altura immensa
Toma em fim: (vós, oh numes, o ordenastes)
Todo o pezo dos céos descança n'elle.

O roubo de Orithya por Bóreas

(Traduzido do Livro VI)

O affamado Erecthêo regia Athenas,
Heróe na rectidão, e heróe no esforço.
Quatro filhos houvera, e quatro filhas:
Em duas florecia egual belleza.
Foi Procris, uma d'ellas, esposada
Por Cephalo, de Eólo egregio sangue;
A outra, inda donzella, era Orithya.
Arde em seus olhos o Estrymonio Bóreas,
Arde ha muito, e do pae ha muito a espera,
Brando rogo antepondo a dura força;
Mas vendo as preces vãs, lesada a gloria,
Horrido co'a braveza a que anda affeito,
Crua, espantosa, natural ao vento,
E da razão munido, assim declama:
« Porque, porque depuz, insano, as armas,
Fereza, robustez, e voz terrivel,
Usando o rogo, que a meu ser não quadra?

Só me convém, me é propria a força, a ira:
Com ellas arrebato as altas nuvens,
Com ellas em montanhas ergo os mares,
Torço os carvalhos, endureço as neves,
A redonda saraiva arrojo á terra:
E se os bravos irmãos nos céos encontro,
(Que vós, oh vastos céos, vós sois meus campos)
Com tanta audacia, tanta furia lucto,
Que nosso embate horrendo atroa o pólo,
E d'entre a cerração rebenta o raio.
Se o gran seio investigo á curva terra,
Se ás intimas cavernas metto os hombros,
Turbam-se os manes, estremece o mundo.
Dest'arte me cumpria haver a esposa,
Devia usar da força em vez das preces,
Não rogar Erecthêo, mas constrangel-o.»
  Isto, ou mais Bóreas diz, e as azas bate,
E abana as terras, e revolve as ondas.
Pelos cumes altissimos dos serros
Manto pulverulento o deus arrasta;
Varre o chão, e escondido em nevoa grossa,
A timida Oríthya envolve, abraça
Co'as fulvas pennas, e remonta o vôo.
  Em quanto adeja rapido com ella,
As flammas agitadas mais se atêam:
E na aerea carreira impetuosa
O activo roubador se não reprime,
Até que pousa nos Sithonios muros.

Ali a Actéa, singular princeza
Esposa foi do aligero tyranno,
E mãe dos gemeos inclitos, que abriram
Não vistos mares no baixel primeiro.

Progne, Terêo e Philomela

(Traduzido do Livro VI)

Barbaros esquadrões, que o mar trouxera,
As muralhas de Athenas atterravam.
Terêo, da Thracia rei, com presto auxilio
Á cidade acudiu, e os pôz em fuga,
Colhendo na victoria egregio nome.
O grato Pandion ao gran monarcha,
Nas forças, na opulencia abalisado,
E alta progenie do immortal Gradivo,
Deu, como em recompensa, uma das filhas:
O uniu com Progne em vinculo amoroso.
Ao rito, á festa nupcial não foram
Presidente Hymenêo, pronuba Juno;
Nenhuma das tres Graças veio ao toro:
As horrorosas Furias o erigiram,
Em torno d'elle as horrorosas Furias
Nas dextras negrejantes empunharam
Tochas, roubadas a funerea pompa.

Sobre o docel do thalamo sinistro
Pousou na infausta noute ave agoureira;
Muda assistiu ao conjugal mysterio:
Ante ella esposos foram, paes ante ella.
Co'a vergontea dos reis a Thracia folga,
Mil incensos aos céos, mil graças manda,
E a festejo annual consagra o dia
Em que ao feroz Terêo foi Progne dada,
Em que o fructo de amor, Itys mimoso
Veio dar gloria aos paes, e ao longo estado:
Tanto o mortal ignora o que lhe é util!
Cinco vezes o sol já volteara
Os céos, de primavera em primavera,
Quando Progne, afagando o duro esposo,
«Se um favor te mereço, ou me conduze
A abraçar minha irmã (lhe diz) ou corre,
Corre a buscal-a. Ao sogro encanecido
Jura restituil-a em curto espaço.
Uma impagavel dadiva, um thesouro
Na irmã te deverei.» Terêo se apromptá,
Arma os curvos baixeis, e a véla, os remos
Pelo porto Cecropio se introduzem.
Já surge, e do Pirêo já desce ás praias.
Ledo o recebe o sogro, as mãos apertam,
Travam conversação com triste agouro.
O Thracio a referir em fim começa
Os desejos, as supplicas da esposa,
E a affirmar o promptissimo regresso.

*

Ante elles Philomela eis apparece,
Rica em traje, riquissima em belleza,
Como ouvimos dizer que nas florestas
As Dryades, as Nayades passeam,
Figurando-lhe a idéa o mesmo adorno.
Terêo, á face da estremada virgem,
Fica absorto, encantado, arde em silencio,
Qual flamma, que, nos campos ateada,
A relva, as folhas, as searas come.
Da bella os olhos este ardor merecem;
Mas férvido appetite impetuoso
Pula no peito do anciado amante,
E a torpe, viciosa natureza
Do seu clima brutal, propenso a Venus.
Cego anhelando a candida donzella,
Impulsos tem de corromper-lhe as servas,
E a mãe segunda, que a nutria ao seio.
Não só deseja obter por dons sublimes
A origem da paixão, que o desespera,
Mas estragar por ella o mesmo imperio,
Ou antes arrancal-a, e defendel-a
Em pertinaz conflicto, em brava guerra:
Nada vê, que não ouse, ou que não tente
Seu criminoso amor desenfreado.
No accezo coração não cabe a chamma,
A demora fatal soffrer não póde.
  Da saudosa consorte eis o perverso
As preces, as instancias exaggera,

E nos desejos d'ella os seus disfarça:
Energia, e facundia Amor lhe empresta.
Quando além do que é justo eleva o rogo,
De Progne com o ardor o córa, o doura;
Té lagrimas co'as supplicas mistura,
Como que fossem lagrimas da esposa.
Oh deuses! Quanto é cega a mente humana!
A maldade em Terêo se crê virtude:
No crime, na traição louvor grangêa.
  Onde, ah! onde, innocente Philomela,
Queres ir c'um tyranno! Eil-a amorosa
Aperta o triste pae nos lindos braços;
O bem de ver a irmã com ancia pede,
Pela irmã contra si de orar não céssa.
Com famulentos olhos a devora
O soffrego Terêo, pasmado n'ella,
E, tocando-lhe, a insta a que affervore,
A que duplique as supplicas urgentes.
Os braços, com que cinge o patrio collo,
Os beijos, que na mão paterna imprime,
Tudo aviva os estimulos, o fogo,
O tacito furor, que o vae ralando.
Quantas vezes a filha ao pae se abraça,
Tantas de o pae não ser ao Thracio peza:
Mais torpe fôra então, mais impio fôra.
Ambos o velho rei com rogos vencem;
Ella folga, ella exulta, e dá mil graças

Á paternal bondade: a si, e a Progne
O que lhes é fatal propicio julga.
Sómente um curto giro ao sol já resta;
Os ferventes cavallos espumosos
Batem soberbos no declive Olympo:
Aprestam-se as reaes, as lautas mezas,
Aureo liquor borbolha em aureas taças:
Depois o grato somno aos olhos vôa.
Mas, longe dos encantos que o transportam,
Não dorme, não repousa o fero amante:
Arde, e pinta na idéa a face, os olhos,
Pinta os gestos, as mãos, o mais que olhara,
E finge, como o quer, o que não vira:
Ao prazer afferrado o pensamento,
Lhe atiça a flamma, lhe desvia o somno.
Luziu a aurora, e Pandion, chorando,
Ao genro, cuja mão saudoso aperta,
O querido penhor commette, e roga
Que o guarde, que o vigie. «Amadas filhas,
«Vós assim o quereis (diz soluçando)
E tu tambem, Teréo. Pois causa justa
Vos obriga, eu me rendo. Eis a minha alma,
Eis a filha te dou. Por mim, por ella,
Pela fé, por ti mesmo, e pelos numes
Te imploro a amimes com amor paterno,
E que este dôce allivio de meus annos,
(Annos cançados já) me restituas,

Cedo, ah!... Cedo. Não tardes, não me enganes,
Que longa me será qualquer demora.
Tu, tambem, se tens dó de um pae magoado,
Vem logo, oh filha minha, oh meu thesouro:
Bem basta tua irmã viver tão longe.»
  Assim fallando, o misero a beijava,
E as lagrimas na face lhe caíam.
Depois que a dextra mão por segurança
Um ao outro pediu, deu um ao outro,
O ancião consternado á próle, ao genro
Para o neto mimoso, e filha ausente
Dá mil ternas saudades, mil suspiros:
Apenas balbucia entre soluços
O lacrimoso adeus, presagio triste,
Carrancudo terror lhe sobe á mente.
  Em pintado baixel eis Philomela,
Eis o remo a compasso as ondas volve
O mar fervé na prôa, e foge a terra.
«Vencemos, (diz o barbaro) vencemos!
Meus desejos, meus gostos vão comigo.»
E exulta, e póde apenas moderar-se,
Reter a execução de atroz intento.
Nunca os olhos distráe do objecto amado,
Bem como a carniceira ave de Jove,
Que tem bico revolto, e curvas garras,
Fraca lebre depõe no aéreo ninho:
Conhece que fugir não póde a preza,
Seguro o roubador contempla o roubo.

Já do equoreo caminho os vasos leves
Venceram a extensão; já, fatigados,
No patrio fundo as ancoras arrojam.
O audaz, Threicio rei a antiga selva,
A deserto palacio tenebroso
Guia de Pandion a triste filha.
Ali, pallida, trémula, chorosa,
Pela irmã perguntando inutilmente,
Em remoto aposento o monstro a cerra.
Phrenetico lhe expõe o amor nefando,
E com força brutal, com fera insania
Mancha, corrompe a virginal pureza
Da misera, que em vão mil vezes clama
Pelo pae, pela irmã, por vós, oh numes!
Ella ainda depois está tremendo,
Qual cordeira mansissima, que ao lobo
Foi por bravo rafeiro arrebatada,
E nem comtudo então se crê segura;
Ou qual candida pomba, que escapando
D'entre as unhas mortaes do açor cruento,
Tintas no proprio sangue as alvas pennas,
Se arripia de horror, e inda se teme
Do rapido inimigo. Em fim, tornando
A ter alento, e voz a profanada,
Lastimosa princeza, estraga, arranca
Os formosos cabellos desgrenhados;
Fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,
E, alçadas para o céos as mãos de neve,

«Oh barbaro! Oh traidor! Oh tigre! (exclama)
Nem supplicas de um pae curvado, e triste,
Nem a fraterna fé, que me devias,
Nem da inerme innocencia o puro estado,
Nem as leis conjugaes te commoveram!
Todas tens quebrantado: os teus furores
Mancham duas irmãs com torpe affronta...
(Pena tão dura não mereço, oh numes!)
Para não te escapar nenhum delicto,
Ah! que fazes, cruel, que não me arrancas
Uma vida infamada, abominosa?
E oxalá, que a tivesse arrancado
Antes do horrivel, execrando incesto!
Ao Lethes minha sombra fôra illesa.
Porém se os deuses tem poder, tem olhos,
Se tudo em fim não pereceu comigo,
Castigado serás, serei vingada:
Sacudido o pudor, direi teu crime.
Se entre povos me achar, sabel-o-hão povos,
Se entre bosques por ti ficar sumida,
Os meus males farei saber aos bosques,
Farei saber ás pedras os meus males,
E hei de apiedar com elles bosques, pedras.
Este firme protesto os céos me escutem,
E um Deus, se acaso um Deus no céo reside!»
   Com estes ameaços o tyranno
Sente no coração ferver-lhe a raiva,
Mas não menor que a raiva é n'elle o medo;

E de uma, e de outra cousa estimulado,
Da lustrosa bainha o ferro despe,
E ás tranças da infeliz a mão lançando,
Em duros nós lhe enlêa os tenros braços.
  Inclina Philomela o niveo colo,
Da espada, que vê nua, espera a morte;
Mas o duro, o feroz, por mais que a triste
Lucte, resista, invoque o patrio nome,
Com rígida torquez lhe afferra a lingua,
A lingua, que fallar em vão procura,
Lh'a extráe da boca, e rapido lh'a corta.
A purpurea raiz lhe nada em sangue,
Cae o resto no chão, murmura, e treme,
Qual da escamosa serpe mutilada
A cauda palpitante, e moribunda,
Que ao corpo em que viveu pretende unir-se.
  Completa a negra acção, se diz que o monstro
Inda mais de uma vez (horror não crivel!)
Cubiçou, repetiu prazer infame.
  Depois de tão crueis, tão feios crimes,
Atreve-se o malvado a ver a esposa.
Progne entre sustos pela irmã pergunta:
Elle exhala do peito um ai fingido,
Diz que é morta, e com lagrimas o abona.
  Das régias vestiduras se despoja,
Traja a sentida Progne escuras vestes,
Erige um vão sepulchro, e sagra n'elle
Inuteis oblações a falsos manes,

Carpindo a irmã, que assim carpir não deve.
  Já tem corrido Apollo as doze estancias
Depois do caso enorme. Ah! Philomela
Que fará? Guarda attenta impede a fuga,
Rijos muros de marmore a rodêam,
Seu mal narrar não póde a muda boca.
Tens, oh necessidade, agudo engenho,
Ás grandes afflicções industria acode.
Subtil, candida têa urdindo a furto,
Entre alvos fios põe purpureas letras,
Indicios da ferina atrocidade,
E do sagaz lavor ao fim chegando,
O confia em segredo a meiga escrava,
Lhe roga por acções o léve a Progne:
Ella o conduz, e o que conduz não sabe.
  Eis a rainha desenvolve a téla,
E lê, e entende a miseranda historia,
E cala-se (calar-se é quasi incrivel!)
A dôr lhe tolhe a voz; termos, que expressem
A sua indignação, não tem, não acha;
Nem se occupa em chorar: confusa, absorta,
Mil horrendas tenções volve na mente,
E embebe-se na imagem da vingança.
  Era o tempo famoso, oh deus de Thebas,
Em que as Sithonias moças te festejam.
Aos ritos bacchanaes preside a Noute;
No Rhódope de noute a voz aguda
Dos éreos instrumentos vae soando,

E de noute a rainha os paços deixa.
Do deus nas ceremonias já se instrue,
Já toma as armas furiaes, já cinge
A cabeça de pâmpanos, e pendem
Pelles cervinas do sinistro lado:
Ritual hastea leve ao hombro encosta.
  Seguida das terriveis companheiras,
Progne terrivel pelas selvas corre,
E nos furores, que a paixão lhe excita,
Vae simulando, oh Baccho, os teus furores.
Chega á dura prisão de Philomela,
Brama, grita: «Evohé!» E arromba as portas;
Arranca a triste irmã do horror que a cerca,
Nas bacchicas insignias a disfarça,
Recata-lhe as feições co'as folhas de hera,
E a conduz assombrada aos regios muros.
  Vendo que toca o pavimento infando,
Philomela infeliz treme, descora.
Mettidas em recondito aposento,
Progne lhe despe as sacras vestiduras,
Progne d'afflicta irmã descobre as faces,
As faces lacrimosas, e inda bellas;
Terno abraço lhe dá, mas pôr-lhe os olhos
Não ousa a desgraçada, e se horrorisa
De haver sido (apezar de o ser sem culpa)
Cumplice, origem da fraterna offensa.
O macerado rosto unido á terra,
Jurar tentando, e referir-se aos numes,

Não podendo co'a voz, co'as mãos exprime
Que a violencia lhe fez tão vil opprobrio.
  Arde Progne, conter não sabe as iras;
Da malfadada irmã condemna o pranto.
«Lagrimas (diz) não servem, serve o ferro,
Ou cousas mais crueis que o ferro: a tudo,
Por barbaro que seja, estou disposta.
Ou tragarei co'a chamma os regios lares,
Suffocando no ardor das igneas ondas
O artifice infernal da injuria nossa;
Ou os olhos, a lingua, o mais, que teve
Parte na torpe acção, n'acção maldicta,
C'o ferro hei de arrancar, ou por cem golpes
A vida roubarei ao impio monstro.
São grandes, são terriveis quantos modos
De vingança ideei, porém vacillo
Na escolha do peor.» Em quanto Progne
Falla assim, para a mãe vem caminhando
Itys, o terno principe formoso.
  Á rainha, ao sentil-o, ao vêl-o, occorre
Nova maneira de vingar a infamia,
E, vibrando-lhe os olhos assanhados,
«Ah! Como ao pae na fórma é similhante!»
Disse, e não disse mais. Projecta, escolhe
Acto espantoso, e ferve em ira muda.
  Comtudo, ao tempo em que o menino amavel
A saúda com jubilo amoroso,
E os bracinhos gentis lhe altêa ao collo;

Quando o vê misturar beijos suaves
Com doces mimos, com puerís branduras,
Um tanto se commove a mãe raivosa,
E os olhos, sem querer, se lhe humedecem.
Porém do coração, que bate, e arqueja,
Já se desliza o mavioso affecto.
De novo á triste irmã volvendo os olhos,
E ora n'ella attentando, ora no filho,
«Porque falla, e me attráe com mil caricias
Um (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra!
Este, oh céos! Livremente a mãe nomêa,
E aquella nomear a irmã não póde!
Olha, vê com que esposo estás ligada,
Filha de Pandion! Tu degeneras:
Com Terêo a piedade é crime horrendo.»
  Não continúa, e subito, á maneira
D'um tigre da gangetica espessura,
Que por bosques opacos arrastada
Da veloz corça leva a tenra cria,
Progne as mãos arremessa ao delicado,
Ao candido filhinho, e vae com elle,
E com a irmã cerrar-se em erma estancia.
  Ali ao infeliz, que já conhece
Os negros fados seus, que as mãos levanta,
Que treme, que prantêa, e que se abraça
Ao seu querido algoz «Mãe! mãe!» clamando,
Ali ao infeliz no peito embebe
A vingativa Progne agudo ferro:

Nem torce o rosto, nem repete o golpe,
Que um só golpe lhe rompe o debil fio.
Philomela o degola, e dilacera
Os membros em que ha inda um resto d'alma.
Já parte d'elles pula em éneos vasos,
Parte range em subtil, duro instrumento:
Vae pelo chão correndo o sangue em rios.
Das cruentas porções a fera esposa
Prepara detestaveis iguarias
Ao marido infiel, que tudo ignora.
Um sacrificio finge ao patrio modo,
No qual um só varão ter deve ingresso:
Servos, e cortezãos assim remove.
Assoma já Terêo no throno herdado,
E em alta, festival, purpurea meza
Come parte de si, devora o filho:
Tanta cegueira lhe ennegrece a mente!
«Itys aqui trazei» (diz elle). Eis Progne
Dissimular não póde o gosto infando,
E, resolvendo em fim manifestar-se,
«Tens dentro (lhe responde) o que desejas.»
Elle olha em torno de si, pergunta: «Aonde?»
E de novo procura, e chama o filho.
Nas n'isto Philomela, em sangue envolta,
Olhos accezos, desgrenhada a trança,
Entra, e do filho a mádida cabeça
Ás faces paternaes subito arroja.
Não teve em tempo algum tanto desejo

De fallar, de poder com agras vozes
Patentear seu jubilo ao tyranno.
Elle sólta um clamor, que atrôa as salas;
Derriba a fatal meza, invoca as Furias,
E ora tenta expulsar com ancia horrenda
As tragadas, funestas iguarias,
Ora lagrimas vérte, e de seu filho
Sepulchro miseravel se nomêa.
  Em fim de Pandion persegue a prole,
Brandindo o ferro nu com mão tremente.
O corpo das cecrópidas parece
Que em azas se equilibra, e não é sonho,
Em azas se equilibra, e muda a fórma.
Uma rapidamente aos bosques vôa,
Outra, egual na presteza, aos tectos sóbe,
E do assassinio as máculas não perde:
Inda do rubro sangue desparzido
Evidentes signaes lhe estão no peito.
  Terêo, fóra de si, e arrebatado
Pela dôr, pelas furias da vingança,
Ave adeja tambem, que na cabeça
Traz erguido penacho, e tem por armas
Longo bico mordaz: seu nome é poupa.
  O successo fatal, sabido apenas
Despenhou Pandion na sepultura.

A descida de Orpheu aos infernos a buscar Eurydice

(Traduzido do Livro x)

De rutilantes vestes adornado
Hymenêo rompe o ar, e á Thracia vôa,
Lá d'onde o chama Orpheu, porém debalde.
O deus sim presidiu do vate ás nupcias,
Mas não levára ali solemnes vozes,
Nem presagio feliz, nem ledo rosto.
Sentiu-se apenas crepitar-lhe o facho,
E em vez de viva luz soltar um fumo
Lutuoso, e fatal: vãmente o nume
Tentou c'o movimento erguer-lhe a chamma.
O effeito foi peor que o mesto agouro.
Em quanto a linda noiva os prados gira,
Das nayades gentis acompanhada,
Áspide occulto fere o pé mimoso:
Morre a moça infeliz, e o triste amante
Depois de a lamentar aos céos, e á terra,
Emprehende commover do inferno as sombras;
Affouto desce a vós, Tenarias portas.

Por entre baralhada, aerea turba
Cujos restos mortaes sepulchro logram,
Aos negros paços vae do rei das trevas,
Vê do tyranno eterno o throno horrendo.
Lá casa os sons da voz, e os sons da lyra,
Ás deidades crueis lá diz: «Oh deuses,
Deuses do mundo sotoposto á terra,
No qual se ha de sumir tudo o que existe!
Se acaso a bem levaes que ingenuas vozes
O artificio removam, crede as minhas.
Não venho para vêr o opáco Averno,
Nem para agrilhoar as tres gargantas
Do monstro Meduseo, que erriçam cobras.
Attráe-me ao reino vosso a morta esposa,
A quem pizada vibora o veneno
Nas vêas desparziu, a flôr murchando
Dos annos festivaes, inda crescentes.
Constancia quiz oppôr ao damno acerbo,
Tentei vencer meu mal, e Amor venceu-me.
Este deus é nos céos bem conhecido,
Aqui não sei se o é, mas se não mente
No rapto que pregôa antiga fama,
Vós tambem pelo Amor ligados fostes.
Ah! por este logar, que abrange o medo,
Por este ingente cahos, silencio vasto,
Que do profundo imperio o seio occupam,
De Eurydice gentil á dôce vida
O fio renovae, tão cedo roto.

Ella, todo o mortal vos é devido,
Vem tudo, agora, ou logo, á mesma estancia,
Para aqui pende tudo, é este o nosso
Derradeiro, infallivel domicilio;
Vós tendes, vós gozaes, a vós compete
Da especie humana o senhorio immenso;
A que exijo de vós ha de ser vossa
Por inviolavel jus, por lei dos Fados,
Tocando o termo da vital carreira:
O uso do meu prazer em dom vos peço.
Se o Destino repugna ao bem, que imploro,
Se a esposa me retêm, sahir não quero
D'este horror: exultae co'a morte de ambos.»
O triste, que assim une o verso á lyra,
Os exangues espiritos deploram:
Á fugaz lympha Tantalo não corre:
A roda d'Ixion de assombro pára:
Os abutres crueis não mordem Ticio,
As Bélides os crivos cahir deixam,
Tu, Sisypho, te assentas sobre a pedra.
Das vencidas Euménides é fama
Que pela vez primeira os negros olhos
Algumas tenues lagrimas verteram.
Nem a esposa feroz, nem Dite enorme
Ousam negar piedade ao vate orante,
Chamam subito Eurydice. Envolvida
Entre as recentes sombras ella estava:
Eis o mordido pé vem manso, e manso.

*

Recebe o thracio Orpheu co'a bella esposa
Lei de que para traz não volte os olhos
Em quanto fôr trilhando o feio abysmo,
Se nulla não quizer a graça extrema.
Por duro, esconso, desigual caminho,
De escuras, bastas névoas carregado,
Um apoz outro os dous, vão em silencio:
Já do tartáreo fim distavam pouco.
Temendo o amante aqui perder-se a amada,
Cubiçoso de a vêr, lhe volve os olhos:
De repente lh'a roubam. Corre, estende
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,
E o misero sómente o vento abraça.
Ella morre outra vez, mas não se queixa,
Não se queixa do esposo; e poderia
Senão de ser querida lamentar-se?
Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido;
E recáe a infeliz na sombra eterna.
Fica attonito Orpheu co'a dupla morte
Da malfadada esposa, como aquelle
Que n'um dos collos viu com rijos ferros
Preso, arrastado á luz o cão trifauce,
E que o mudo pavor despiu sómente
Quando despiu a natureza humana,
Transformado em rochedo immoto, e frio;
Ou qual o que a si mesmo impôz um crime,
Oleno, que de réo quiz ter o nome
Por te salvar, miserrima Letéa,

Orgulhosa de mais com teus encantos,
Tu, que foste c'o esposo outr'hora uma alma
Repartida em dous corpos, que hoje és pedra
Com elle, e juntos no Ida estaes sustidos.
O estygio remador expulsa o vate,
Que ora, que em vão tórnar ao Orco intenta.
Sete dias jazeu na margem triste
Sem nutrimento algum: só a saudade,
As lagrimas, a dôr o alimentaram.
Depois de prantear vossa fereza,
Numes do inferno, ao Rhódope se acolhe,
E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.
Dera o giro annual tres vezes Phebo,
E sempre o terno Orpheu de amor fugia,
Ou porque o mal passado o refreava,
Ou porque eterna fé jurado houvesse
Á miseranda esposa: repulsadas
Mil bellas nymphas seus desdens carpiram.

Cinyras e Myrrha

(Traduzido do Livro x)

Do crime os quadros a virtude apuram,
Esmalta-se a moral no horror ao crime.

O Traductor.

Cinyras, um dos reis da equorea Chypre,
Podéra numerar-se entre os ditosos,
Se próle não tivesse. Eu determino
Cantar cousas terriveis: longe, oh filhas,
Longe, oh paes!... E se acaso as mentes vossas
Ficaram de meus versos attrahidas,
Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;
Ou, crendo o caso atroz, crêde o castigo:
Se permitte, com tudo, a Natureza
Que tão negros horrores a enxovalhem.
Feliz a Ismária gente, o mundo nosso,
Que jaz distante do brutal, do indigno
Paiz onde nasceu paixão nefanda!
Embora seja fertil, seja rica
De mil perfumes a Panchaica terra,

Tenha alta fama em arvores, em flôres,
Dê costo redolente, e grato amomo,
N'ella cheiroso incenso os troncos súem,
Que a myrrha, que produz, a faz odiosa :
Não vale o que ha custado a nova planta.
  Nega o filho de Venus que em teu peito
Seus lustrosos farpões cravasse, oh Myrrha!
Vinga seu facho da supposta infamia.
Com o estygio tição, e inchadas cobras
Vibrou lethal vapor sobre a tua alma
Uma das tres irmãs. Ao pae ter odio
Se é gravissimo crime, é crime horrendo
Amal-o como tu. Por ti suspiram,
Ardem por ti mil principes famosos;
Mil brilhantes mancebos do oriente
Contendem pela gloria de gosar-te:
Um de tantos heroes escolhe, oh Myrrha,
Mas não seja o que tens no pensamento.
  Em criminoso amor ella se inflamma,
Em criminoso amor ella repugna,
E diz comsigo: «Onde me leva a mente!
Que espero, que imagino! Eternos deuses!
Sancta religião! Sanctos deveres!
Direitos paternaes! Tolhei-me o crime,
Refreae meu furor, minha maldade;
Se com tudo é maldade o que em mim sinto.
Tão dôce propensão porque a reprovam?
Os livres animaes amam sem culpa,

Sem culpa gosam, e a união do sangue
Mais suave união lhes não prohibe.
Felices animaes, feliz destino!
Creou penosas leis o orgulho humano,
Negando o que permitte a natureza.
É constante porém que existem povos,
Que ha gentes entre as quaes a mãe ao filho,
A filha se une ao pae, e as leis do sangue
Com duplicado amor se arreigam n'alma.
Oh! misera de mim! Porque não tive
A dita de nascer n'aquelles climas?
Minha patria é meu mal... que idéas nutro!
Vedadas, importunas esperanças,
Ah! Ide-vos: o pae de amor é digno,
Mas sómente do amor que aos paes se deve.
Se filha de Cinyras eu não fosse,
Podéra de outro modo amar Cinyras;
É meu como o céo quer, não como eu quero,
Aparta-nos fatal proximidade:
Se não fôra o que sou, feliz seria.
  A remoto paiz correr desejo,
Fugindo á patria por fugir ao crime;
Mas o nocivo Amor detem meus passos;
Quer que veja Cinyras, que lhe falle,
Que o beije, se aspirar a mais não posso...
E mais, oh impia, a cubiçar te atreves!
Não vês que nomes, que razões confundes!
Rival da mãe serás! Irmã do filho!

Mãe do irmão! Não recêas, não te atterram
As negras Furias, de vipérea grenha,
Que os olhos dos perversos horrorizam,
Que ás almas corrompidas se arremessam,
Brandindo o facho de sulphurea chamma!
Pura no corpo, no animo sê pura;
Não profanes, oh cega, não profanes
Da natureza o vinculo sagrado!
Suppõe que affecto egual no pae fervia,
Suppõe que era comtigo o que és com elle:
Alta virtude lhe opprimira o gosto,
Sacrosancto dever a amor obstára...
Mas se o que sente a filha o pae sentisse,
Que importára o dever...» — Calou-se, e em tanto
Cinyras, a quem traz irresoluto
A turba dos excelsos pretensores,
Para em fim decidir consulta a filha,
Um a um lh'os nomêa, e d'ella inquire
Qual d'elles mais lhe apraz, que esposo elege.
Em silencio, no pae fitando os olhos,
Arde a triste, e lhe luz na face o pranto.
De virgineo temor crê isto effeito
O illudido Cinyras; que não chore
Á filha pede, as lagrimas lhe enxuga,
E une a ternas palavras ternos beijos.
Myrrha folga com elles; e, obrigada
Do pae que lhe insta, que outra vez pergunta
Qual dos amantes quer: «Um (lhe diz ella)

Um quero egual a ti.» Louva Cinyras
A resposta sagaz, que não penetra.
«Tão pios sentimentos nutre, oh filha,
Conserva essa virtude.» (O rei lhe torna)
Á palavra «virtude» abaixa os olhos
A misera, por vêr que a desmerece.
 Era alta noute; os corpos, e os cuidados
Em suave prisão ligára o somno;
Mas a Cinyrea virgem desvelada,
Da indomita paixão curtia as furias,
Louca, fóra de si. Já desespera,
Já quer tentar abominosa empreza:
Pejo, remorso, amor lhe luctam n'alma;
Não sabe o que fará. Qual tronco ingente
Em que abriu fenda o rustico instrumento,
Agora pende a um lado, agora ao outro,
Por toda a parte ameaçando a queda:
Assim, de impulsos varios combatido,
Vacilla o coração da acceza virgem;
Anda de sentimento em sentimento,
E asylo contra Amor só vê na morte.
A morte em fim lhe agrada, e quer, e ordena
Perder n'um laço urgente a vida acerba.
Em alta, longa trave o cinto prende,
E diz com surda voz: «Adeus, Cinyras,
Do meu tragico fim percebe a causa.»
N'isto accommoda o laço ao niveo collo.
Mas o murmurio das sentidas vozes

Vae aos ouvidos da fiel matrona,
Que aos peitos a creou, que a serve, e guarda,
Repousando no proximo aposento.
  Surge, corre, abre as portas, vê pendente
O instrumento da morte, e solta um grito;
Magôa o peito, as faces, e lançando
As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
Em pranto se desfaz, abraça a triste,
Da desesperação lhe inquire a causa.
  Muda fica a donzella, e de olhos baixos,
Com pena de escapar-lhe o bem da morte.
Insta a velha matrona amargurada,
E ora lhe mostra o peito a que a nutrira,
Ora os cabellos, que mudou a edade;
E pelo antigo, maternal desvélo,
Pelo doce alimento, e doce afago
Com que a tractára na mimosa infancia,
Lhe implora a confissão do mal que sente.
Myrrha volta o semblante, e geme, e cala;
Mas a velha importuna as preces dobra,
E, além de prometter-lhe alto segredo,
Lhe diz: «Consente, que eu te preste auxilio;
Frouxa, inutil não é minha velhice.
Se um phrenesi te deu, com magos versos,
Com hervas virtuosas sei cural-os;
Se olhos maus te empeceram, não te assustes,
Serás purificada em mago rito.
Se é cholera dos céos, abrandaremos

A cholera dos céos com sacrificios.
Que mais te hei de suppôr? Tu não provaste
Golpe algum da fortuna; és adorada,
És feliz: tua mãe, teu pae são vivos...»
Ao patrio nome um ai do peito arranca
A inflammada princeza, e bem que a velha
Do suspiro não vê a origem torpe,
Que nascêra de amor suppõe comtudo.
Tenaz em seu proposito, não cessa
De explorar-lhe a razão do que padece;
Ao seio a chega, e n'um estreito abraço,
«Amas, bem sei (lhe diz) temor não tenhas;
Falla, quem é o amante? A industria minha
Fará com que teu pae nunca o suspeite.»
N'um subito furor lhe sáe dos braços
A anciosa donzella, e sobre o leito
As faces apertando, eis diz: «Ah! Foge,
Ah! deixa-me, cruel, poupa-me o pejo,
Deixa-me, ou cessa de indagar meus males:
O que intentas saber é crime horrendo.»
A rugosa matrona, ouviudo-a, treme;
As mãos, co'a edade, e c'o temor convulsas,
Levanta, aos pés lhe cáe, e ora com mimos,
Ora com ameaços quer vencel-a.
Protesta-lhe, se em fim lhe não descobre
O terrivel segredo, ir accusal-a,
Ir declarar ao pae tudo o que vira;
Protesta-lhe tambem que, se a contenta,

Ha de ajudar-lhe os tácitos amores.
Ergue a cabeça a misera donzella,
De lagrimas lhe inunda o seio annoso;
Mil vezes quer fallar, fallar não póde,
E o lacrimoso aspecto envergonhado
Tapa co'as lindas mãos, até que exclama:
«Oh feliz minha mãe com tal consorte!»
Mais não disse, e gemeu. Subito á velha
Um frígido tremor penetra os membros,
As carnes, os cabellos arripia.
Ella entende o terrifico mysterio,
E quer com mil conselhos ver se applaca
A detestavel chamma incestuosa.
Que nenhum lhe aproveita a virgem sabe,
Sabe que morrerá, se o fim não logra
Dos activos, phreneticos desejos.
«Vive (lhe torna a fragil conselheira)
Em breve gosarás de teu...» Não ousa
Dizer pae, e com sacro juramento
Sellou no mesmo instante impia promessa.
As festas annuaes da flava Céres
Então as mães piedosas celebravam;
Com roupas côr de neve então cobertas,
Davam louras primicias das searas
Á deusa tutelar, urdiam c'rôas
Das proveitosas messes, e se abstinham
Do tacto varonil por nove noutes:
De amór lhe era o prazer então defeso.

Do Paphio rei a esposa ás mais se aggrega,
E com ellas exerce o rito augusto.
No tóro conjugal só jaz Cinyras.
Eis a velha subtil vae ter com elle,
Que perturbado está de cyprio nectar,
E de uma illustre virgem lhe declara
Verdadeira paixão com falso nome.
Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabellos,
Louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva,
* D'elle exigindo consentir que expire
* O virginal pudor na escuridade.
Os annos da donzella o rei pergunta:
«É (lhe torna a sagaz) egual a Myrrha.»
Ordena-lhe que subito a conduza;
Volve ao seu aposento a seductora,
E á virgem diz: «Alegra-te, princeza,
Vencemos.» — Não sentiu a malfadada
Gosto completo, o coração presago
Não sei que lhe annuncia; inda assim folga:
Tanto em discordia traz os pensamentos!
Era o tempo em que reina alto silencio;
Na immensa esphera o gélido Bootes
Entre os frios Triões volvia o carro.
A donzella infeliz caminha ao crime:
Envolvem densos véos a eburnea lua,
Negro, térreo vapor enluta os astros,
Dos claros lumes seus carece a noute.
Icaro, tu primeiro o rosto escondes,

E Erígone piedosa, a prole tua,
Do filial amor sagrado exemplo.
Tres vezes a misérrima tropeça:
Como que o céo lhe diz que retroceda;
Tres vezes sólta ao ar agouro infausto
No lugubre clamor funéreo môcho:
Ella, comtudo, não suspende o passo;
A muda escuridão minora o pejo.
Leva a sinistra mão na mão rugosa
Da torpe, abominavel conductora,
E vae co'a dextra tenteando as trévas.
Da estancia paternal já chega á porta,
Abrem-lh'a já, já entra: os pés fraquêam,
Foge a côr, foge o sangue, e cáe o alento.
Quanto da atrocidade está mais perto,
Tanto mais se horrorisa, e se arrepende,
E deseja voltar desconhecida.
A infame confidente a vae puxando;
Do rei com ella ao thalamo se encosta,
E diz-lhe: « o que eu conduzo é teu, recebe-o. »
Eis no thalamo o pae recebe a prole,
E, sentindo-a tremer, quer dissipar-lhe
Com mil caricias o virgineo medo.
Pela edade, talvez, lhe chama filha,
E ella chama-lhe pae (ao negro crime
Nem taes nomes faltaram). D'entre os braços
Do incestuoso amante em fim se aparta
Myrrha, levando em si da culpa o fructo.

Coube á noute seguinte o mesmo opprobrio,
E outras mais d'este horror manchadas foram.
Finalmente Cinyras, cubiçoso
De ver o objecto, que entre sombras gosa,
Com repentina lüz, que tinha occulta,
Encara, e reconhece o crime, e a filha.
O excesso da paixão lhe embarga as vozes;
Cholerico se arroja ao duro ferro.
Foge Myrrha, e da morte a noute a salva,
Foge Myrrha infeliz, discorre os campos,
Sáe da Arabia Palmífera, e Panchéa.
Nove luas vagar sem tino a viram,
Té que no chão Sabêo parou cançada.
Já do fructo recondito, e molesto
Apenas sustentar podia o pezo.
Sem saber o que faça, o que deseje,
Temendo a morte, aborrecendo a vida,
Dest'arte implora o céo: «Numes! Oh numes!
Se ante vós aproveita ao delinquente
Confessar seus delictos, eu confesso
Que o meu crime é crédor d'alto castigo,
E á pena que mereço eu me conformo.
Mas porque nem vivendo affronte os vivos
Oh deuses, nem morrendo affronte os mortos,
Mudando a minha essencia, a minha fórma,
A morte me negae, negae-me a vida.»
Taes preces algum deus lhe ouviu propicio:
Eis, abrindo-se a terra, os pés lhe sorve,

E em subita raiz ao chão se afferram,
Alicerce tenaz do tronco altivo.
Os ossos ganham forças mais que humanas,
Em succos vegetaes se torna o sangue,
Os braços, que ergue ao céo, mudam-se em ramos,
Os dedos em raminhos se convertem,
E a lisa pelle em desigual cortiça.
Crescendo a planta, já lhe cinge o peito,
Já vae cubrindo o collo: esta demora
Não soffreu a infeliz, curvou-se um tanto,
E o semblante gentil sumiu no tronco.
Bem que despisse a antiga intelligencia,
Chora comtudo, e d'arvore sensivel
Tépidas gotas inda estão manando.
Co'as lagrimas dá honra, co'a figura
Myrrha não perde o nome, e de evo em evo
Sua historia fatal será lembrada.

Midas convertendo tudo em ouro

(Traduzido do Livro XI)

Não contente Lyêo de ter vingado
A morte acerba do Apollineo vate,
Até dos campos barbaros se ausenta:
Como sequito melhor dirige os passos
A ver do seu Tmolo as fartas vides,
E do Pactólo as margens, bem que ainda
Não tivesse o crystal mudado em ouro,
Nem co'as arêas suscitasse invejas.
Usada turba, satyros, bacchantes,
Folgavam junto ao deus, mas não Sileno:
Por phrygios montanhezes foi colhido,
Dos annos, e liquores titubante,
E preso em laços de travadas flores,
A Midas, a seu rei o apresentaram.
Este do thracio Orpheu, do grego Eumolpo
Outr'hora as orgias recebido havia.
Dos sacrificios conhecendo o socio,

Vendo o mestre de Bromio, logo ordena
Do hospede á vinda geniaes festejos:
Dez dias, noutes dez a solemnisa.
Phosphoro já dos astros a cohorte
Pela undecima vez afugentara:
Risonho parte o rei aos Lydios campos,
Sileno restitue ao moço alumno.
Do achado preceptor Lenêo gostoso,
De qualquer dom a escolha off'rece a Midas.
Grato o premio lhe foi, mas foi-lhe inutil,
Porque elle, usando mal do grande arbitrio,
«Numen (lhe respondeu) manda que tudo,
Que tudo o que eu tocar se torne em ouro.»
Ao rogo annue o deus, porém sentindo
Que para dom melhor não fosse o rogo.
Contente o phrygio vae do mal que leva,
Quer da promessa exp'rimentar o effeito,
Quer palpar quanto vê. Quasi sem crer-se,
O braço estende a uma arvore não alta,
Verde ramo lhe extráe, e é ouro o ramo:
Do chão ergue uma pedra; a pedra é ouro:
Roça um terrão, e ao tacto portentoso
Fica o negro terrão lustrosa massa.
Louras espigas n'um punhado arranca:
Eil-o já convertido em aurea messe;
Um pomo tem na mão, colhido apenas
Parece das Hespéridas um mimo.
Se acaso os dedos põe nas altas portas,

Ás portas de improviso estão brilhantes:
Agua em que lava as mãos, das mãos caíndo,
É tal que a Dânae seduzir podera.
Tudo mudado em ouro imaginando,
No peito a custo as esperanças cabem.
Os servos lhe aprestaram lauta meza,
Mas de Ceres aos dons se a dextra move,
Enrijam-lhe na dextra os dons de Céres;
Se avido applica ao dente as iguarias,
Lustram-lhe as iguarias entre os dentes;
Une o liquor do nume, auctor do assombro
Com agua crystalina, á boca os ergue:
Da boca se deslizam pingos de ouro.
Attonito do mal terrivel, novo,
O opulento, o infeliz fugir deseja
Das riquezas fataes, detesta o mesmo
Que ha pouco appeteceu. Nenhuns manjares
Podem matar-lhe a precisão que o mata:
Árida sede tórra-lhe a garganta;
O ouro mal cubiçado é seu tormento,
É seu justo castigo. Aos céos alçando
As mãos luzentes, os luzentes braços:
«Perdoa, gran Lenêo, pequei, perdoa,
Commove-te de mim (lhe diz) e afasta
D'um misero este damno especioso.»
Os deuses são benignos. Baccho ao triste,
Que péza a culpa, que a maldiz, que a chora,
A promessa retráe, e o dom funesto.

«Mas para que não fique a ti ligado
Mal, que julgaste um bem (lhe adverte o nume)
Vae ao rio visinho á grande Sardes.
Pelo cume da serra, ao lado opposto
Áquelle d'onde as aguas escorregam
Caminha até chegar onde ellas nascem.
Na parte em que ferver mais ampla a fonte
Mergulha, lava o corpo, e lava o crime.»
Na apontada corrente o rei se banha,
Aurífera virtude as aguas tinge,
Passa do corpo de repente ao rio.
No espraiado liquor participando
Do germe, que dourou a antiga vêa,
É fama que inda agora amarellejam
Com mádidos terrões aquelles campos.

A gruta do somno

(Traduzido do Livro XI)

Junto aos Cimmérios, n'um cavado monte
Jás uma gruta, de ambito espaçoso,
Interna habitação do somno ignavo.
Nos extremos do céo, do céo nos cumes
Nunca lhe póde o sol mandar seus raios;
A terra exhala escurecidas nevoas,
O crepusculo incerto ali é dia:
Ali não chama pela aurora o galo;
Do logar o silencio nunca rompem
Os solicitos cães, os roucos patos,
Sagazes inda mais, mais presentidos.
Não fera, não rebanho ali se escutam,
Nem ramo algum, que os Zephyros embalem,
Nem alterados sons de voz humana;
O calado socego ali reside.
De baixa, e rôta pedra sáe, comtudo,
De agua do Lethes pequenino arroio,

Que, por entre os mexidos, leves seixos
Com murmurio suave escorregando,
Convida mollemente ao molle somno.
Á bôca da sombria, ampla caverna
Florecem mil fecundas dormideiras;
Innumeraveis hervas lá se criam,
De cujo sumo, oh Noute, extráes os somnos,
Que humida entornas pela terra opáca.
Porta alguma não ha na estancia toda:
Volvendo-se, ranger, bater podéra;
Ninguem vigia na fragosa entrada.
De ébano um alto leito está no meio,
E em negras plumas, que véo negro envolve,
Repousa o deus co'a languida Indolencia.
Emtorno, varias fórmas imitando,
Jazem os Sonhos vãos: são tantos quantas
Na loura messe as trémulas espigas,
Quantas na selva umbrosa as moveis folhas,
E os grãos de arêa nas equoreas praias.
O Somno em tantos mil não tem ministro
Mais destro que Morpheu, que melhor finja
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo,
A propria locução; porém sómente
Este afigura os homens; outro em fera,
Em ave se converte, ou em serpente:
Icélon pelos deuses é chamado,
Os humanos Phobétor o nomeam.
Ha terceiro tambem de arte diversa:

É Phantasos, que em pedra, em terra, em onda
Em arvore, e no mais, que não tem alma,
Subito, e propriamente se transforma.
Uns atteram de noute os reis, e os grandes;
Outros por entre o povo errantes voam.

Ésaco e Hesperia

(Traduzido do Livro XI)

Ésaco, irmão de Heitor, se não sentira
Na flôr da bella edade extranhos fados,
Gran nome entre os heroes talvez tivesse,
E á fraterna egualasse a gloria sua;
Postoque fosse Heitor de Hécuba filho,
E Ésaco de Alexirhoe, a qual é fama
Que a susto o produziu lá no Ida umbroso.
Aborrecendo a pompa das cidades,
Remoto do paterno, insigne paço,
Nos montes se escondia, amava os campos,
Illesos de ambição: mui raramente
No cortezão tumulto ia envolver-se.
O caracter, porém, bravio, agreste,
Inimigo de Amor não tinha o moço:
Um dia ás patrias margens a formosa
Cebrena Hesperia viu, do sol aos raios
A livre trança de ouro estar seccando;

Hesperia, a quem mil vezes entre os bosques
Já seguira inflammado. Ao vêl-o a nympha
Com tanta rapidez foge do amante
Qual do lobo voraz medrosa corça,
Ou como a fluvial ádem ligeira
Foge ás unhas crueis, se é assaltada
Longe do lago pelo açor violento.
   Corre o troyano ardente apoz a ingrata,
Persegue amor veloz o veloz medo:
Eis serpe occulta no caminho hervoso
Volve á planta fugaz o curvo dente,
Nas vêas lhe introduz mortal peçonha,
Supprime a fuga, supprimindo a vida.
   O misero amador, de mágoa insano,
Abraça o lindo corpo agonisante.
«Eu me arrependo (grita) eu me arrependo,
Nympha, de te seguir, mas não prevía
Este caso fatal, nem desejava
Victoria tão custosa, e tão funesta.
Dous foram, infeliz, os teus verdugos:
Deu a serpente o golpe, eu dei a causa,
E eu fôra inda peor que o seu veneno
Se a morte minha não vingasse a tua.»
   Disse, e do cume de cavada rocha
Ao pélago se dá; — porém doída
Tethis o acolhe brandamente, e logo
Véste de plumas o nadante corpo,
Seu cubiçado fim negando ao triste.

Elle, raivoso de existir por força,
De ter com duros laços opprimida
Alma, que da prisão sahir deseja,
Menêa, assim que as sente, as azas novas,
Vôa, mas outra vez baixando ás ondas,
Se intenta submergir: védam-lh'o as pennas.
  Mais o amante se enraiva, e teima, e torna
A sumir-se no mar: da morte a estrada
Tenta, retenta ali, sem fim, sem fructo.
Amor lhe gasta, lhe macéra as carnes;
O collo se lhe alonga, o mar lhe agrada,
E dos mergulhos seus provém seu nome.

O sacrificio de Polycena, e a metamorphose de Hécuba, sua mãe

(Traduzido do Livro XII)

Lá defronte da Phrygia, onde foi Troya,
Jaz terra pelos Thracios habitada;
D'ella Polymnestor o imperio tinha,
A quem furtivamente, oh Polydoro,
Teu pae te confiou, para educar-te
Longe da confusão, e horror da guerra:
Arbitrio salutar, se ao deshumano
Comtigo não mandasse aureos thesouros
Premio do crime, estimulo do avaro.
Apenas cáe Dardania envolta em cinzas,
O Bistonio tyranno empunha um ferro,
O crava na cerviz do tenro alumno;
E, como se a traição sumir podéra
C'o miserrimo corpo assassinado,
Do cume de um rochedo ao pégo o lança.
Na Thracia fundeára o bravo Atrides,

Mar sereno esperando, e vento amigo:
Eis da terra, espaçosamente rôta,
Tão grande Achilles sáe qual era em vida,
Co'um ar ameaçador, c'o mesmo aspecto
Que tinha quando horrivel quiz vingar-se,
E contra Agamemnôn brandiu a espada.
«Esquecidos de mim, partís, oh Gregos!
(A féra sombra diz) morreu comigo,
Comigo se enterrou minha memoria!
A idéa do que fui! Sêde mais gratos,
Sem honra não deixeis o meu sepulchro:
Polycena, por vós sacrificada,
De Achilles indignado applaque os manes.»
Cala, e desapparece. Os socios duros,
Ao terrivel phantasma obedecendo,
Do regaço materno a triste arrancam,
Da materna anciedade unico allivio.
Forte, e mais que mulher, a infeliz virgem
Ao tumulo funesto é conduzida,
Para victima ser da irada Sombra.
Co'a phantasia em si, depois que a chegam
Para as aras crueis, onde conhece
Que ao sacrificio barbaro a destinam,
E depois, vendo em pé, vendo a seu lado
Pyrrho c'o ferro nú, e os olhos n'ella:
«Um sangue generoso eia derrama,
Derrama (ao impio diz) não te demores,
No peito, ou na garganta o ferro embebe.

(N'isto a garganta off'rece, off'rece o peito)
«Polycena de escrava odêa o nome;
Deus nenhum com tal victima se abranda.
Mas quizera que a mãe desamparada,
Mãe deploravel me ignorasse os fados;
Só ella de morrer me encurta o gosto
Bem que não minha morte, a vida sua;
Ella deve carpir. Vós affastae-vos;
Meu rogo é justo: do virgineo corpo
Tirae as mãos viris, não morra escrava:
Áquelle, que intentaes (qualquer que seja)
No sacrificio meu tornar benigno,
Ha de ser mais acceito um sangue livre.
Se ha, com tudo, entre vós alguem, oh gregos,
Piedoso a extremas supplicas, a prole
De Priamo, d'um rei (não a captiva)
Vos pede que entregueis, mas sem resgate,
O cadaver sanguento á mãe chorosa.
Com lagrimas alcance, e não com ouro
O lutuoso jus de honrar-me as cinzas,
De lhes dar sepultura: em quanto pôde,
Com ouro a triste mãe remia os filhos.»
  Disse: e o pranto, que intrépida sustinha,
O povo não susteve: até chorando
O ministro feroz lhe enterra a custo
Consagrado punhal no eburneo collo.
Eis o pé lhe fallece, ao chão baquêa,
E um ar de intrepidez mantêm morrendo,

Ao cair inda então se não descuida
De encubrir o que é lei ter-se encuberto,
Resguardando o decóro ao casto pejo.
 As Troyanas, carpindo-se, a levantam,
De Priamo a progenie ali recordam;
Quanto sangue vertêra uma familia,
Que em outr'hora choram. Choram hoje
O teu destino, oh virgem, choram hoje,
Régia, misera esposa, o teu destino;
Régia, misera mãe! Nos tempos faustos
De Asia fecunda symbolo florente!
Agora inutil, desdenhado espolio,
Que Ulysses vencedor não quereria,
Se o memorando Heitor á luz não déras!
O gran nome do filho apenas serve
Para obter um senhor á mãe anciosa,
Que, nos trementes braços estreitando
O corpo, falto já de alma tão forte,
As lagrimas, que deu á patria, aos filhos,
E ao consorte infeliz, dá hoje a esta.
 A ferida co'as lagrimas lhe inunda,
Ternos beijos depõe nos labios frios,
E afaga o virginal, querido seio.
Revolvendo, empastando as cãs no sangue,
Diz isto, ou mais, e o coração lhe estala:
 «Oh filha, ultima dôr (pois que me resta?)
Ultima dôr da mãe!... Sem vida jazes!...
Golpe, que sinto em mim, vejo em teu peito!

Todos, todos os meus assim morreram.
Tambem ferida estás! Seres isempta
Do ferro, por mulher, eu presumia,
E, mulher, succumbiste ao ferro iniquo!
De teus irmãos o algôz foi teu verdugo,
O mal, o horror de Troya, o fero Achilles!
«Quando ás frechas mortaes de Apollo, e Páris
O barbaro cahiu, eu disse: — Agora
Já que temer não ha do infesto Achilles —
E havia que temer: tornado em cinza,
Os restos de meu sangue inda persegue,
No tumulo o tyranno é sempre o mesmo.
Para fartar-lhe a crua, a negra sanha
Fecunda fui. Dardania jaz por terra,
Em catastrophe atroz findou seu fado;
Mas inda para mim Dardania existe,
Lavra da minha dôr inda o progresso.
«D'antes tantas grandezas possuindo,
Tantos genros, e filhos, c'rôa, esposo,
Hoje em desterro, na indigencia agora,
Do sepulchro dos meus desarraigada,
Sou quinhão de Penélope, que altiva
Ha de ás matronas de Itaca mostrar-me
Curvada ás suas leis, dizendo: «É esta
A mãe de Heitor, de Príamo a consorte.»
«Depois de tantas perdas tu, oh filha,
Que do luto materno eras allivio,
Sobre tumulo hostil verteste o sangue!

Dei-te o ser para victima de Achilles.
Porque vivo, ai de mim! Serei de ferro?
A que, rugosa edade aborrecida,
Me reservas no mundo? Injustos deuses,
Para que me guardaes, senão sómente
Para novos horrores, prantos novos!
«Quem venturoso a Príamo julgára
Depois da, que deu Troya, horrivel queda!
Foi feliz em morrer, não te viu morta
Filha minha, e perdeu co'a vida o throno.
«Serão teus funeraes, oh virgem régia,
Dignos do teu natal? Será teu corpo
Nos avitos sepulchros encerrado?
Não, já nos não compete essa fortuna:
Chôro, e tosca porção de extranha terra
(Dadiva maternal) só te pertencem.
Perdemos tudo... ah! Não, resta-me um filho
Por quem supportarei mais tempo a vida,
Unico filho agora, o que algum dia
Da estirpe varonil era o mais tenro,
E que ao Ismário rei foi commettido
N'este mesmo logar... Mas porque tardo,
Triste filha, a lavar-te o peito, e rosto,
Do mortífero golpe ensanguentados?»

Com vagaroso pé caminha á praia,
Desgrenhados os candidos cabellos.

«Urna me dae, troyanas (diz a triste)
Para as aguas colher de que preciso.»
Eis o corpo infeliz de Polydoro,
Lançado pelo mar, vê sobre a arêa,
E do Threïcio ferro o golpe fundo.
As troyanas exclamam: fica muda;
Ao peito a voz, e o pranto retrocedem,
Afflicção lh'os devora: está qual pedra.
Já põe n'adversa terra olhos immoveis,
Já furibundo aspecto aos céos levanta;
Olha do filho o rosto, olha a ferida,
Porém mais a ferida do que o rosto:
Com isto se arma de ira, e de fereza.
Requintada a paixão, dispõe vingar-se,
Dispõe como se fosse inda rainha,
E enleva-se na imagem da vingança.
Qual braveja a leôa, a quem furtaram
Tenra prole feroz, que inda criava,
E do seu roubador, com ancia horrivel,
No rasto vae, — tal Hécuba, envolvendo
Os phrenesís, e o pranto, a dôr, e a raiva,
Lembrada do que fôra, e não do que era,
Corre a Polymnestor, ao réo do crime,
Um colloquio lhe roga, e n'elle affecta
Que lhe quer entregar thesouro occulto,
Para que chegue illeso ás mãos do filho.
O fraudulento a crê, e estimulado
Da fome de ouro, a segue a ermo sitio.
Astuto, em brando tom lhe diz: «Não tardes,

O thesouro me dá, que ao filho envias.
Quanto me tens entregue, e me entregares
Que tudo elle possua aos deuses juro.»
De olhos sanhudos Hécuba o contempla,
Ouvindo o vão protesto, arqueja de ira,
E subito, em soccorro as mais chamando,
Arremette ao perjuro, ao fementido,
Pelos olhos crueis lhe enterra os dedos,
(Dá-lhe forças a raiva) e lh'os arranca.
As mãos tenta embeber pelas feridas,
E, do perfido sangue enxovalhada,
Lacéra mais, e mais: não ceva a furia
Nos olhos (que os não ha) mas onde os houve.
As gentes do tyranno, embravecidas
Do cruento espectaculo, arremessam
Á vingadora mãe pedras, e lanças.
Rouco, irado murmurio ella soltando,
Contra as pedras investe, e morde as pedras:
Os labios se lhe alongam de repente,
E ergue canina voz, fallar querendo.
Ao sabido logar deu nome o caso:
Hécuba (ainda assim) por longos tempos
Teve dos males seus tenaz memoria,
Mesta ululando na Sithonia plaga.
Os gregos commoveu seu duro fado,
Dos troyanos fieis dobrou a angustia;
Aos deuses fez piedade, e a propria Juno,
Juno até confessou que Hécuba triste
Seu desastre fatal não merecêra.

Pico e Canente

(Traduzido do Livro XIV)

Pico, de Ausonia, rei, Saturnia prole,
Nas graças corporaes era estremado,
Do espirito nos dons não menos bello.
Quarta vez o espectaculo guerreiro,
Que em Elide se usou de lustro em lustro,
Não podendo o mancebo inda ter visto,
Já olhos, já suspiros attraía
Das Dryades gentis nos Lacios cumes.
Vós o amaveis tambem, vós o seguieis,
Candidas filhas das serenas fontes,
Oh Nayades do Tibre, e do Numicio,
Deusas do Nar veloz, do Arno pequeno,
Do Farfaro sombrio, e do Anio puro,
Co'as outras, que da Scythica Diana
Moram nos bosques, nos visinhos lagos.
Mas todas enjeitava, e quiz só uma,
Só uma o captivou, penhor mimoso,
Que lá no monte Palatino a Jano
(Segundo é tradição) Venilia dera.

Nos annos de hymeneu florece a nympha;
Preferido entre mil competidores
Eis a Pico em Laurento Amor a entrega.
Rara na gentileza era Canente
Rarissima porém na voz, no canto:
Com elle pedras, arvores movia,
Detinha os rios, amansava as feras,
Tirando ás aves o temor, e o vôo.
Ella o seu doce amor cantava um dia,
Quando aos Laurentes campos contra os bravos,
Cerdosos javalís saíu o esposo.
De alentado ginete o dorso opprime,
Tem na dextra, e sinistra agudas lanças,
Preso o phenicio manto em laço de ouro.
Fôra a filha do Sol aos mesmos bosques
Para colher no monte as hervas novas,
Distante dos Circêos, a quem deu nome.
D'uns ramos escondida o moço vendo,
Se assombra, cáem-lhe as hervas que apanhára;
Já lhe lavra a paixão de vêa em vêa.
Apenas volve a si do vivo assalto
Tenta manifestar o ardor interno,
Mas do ginete a fervida presteza,
E os circumstantes guardas o estorvaram.
«Nem que te roube o vento has de escapar-me,
Se inda eu sou a que fui, se inda ha virtude
Nas plantas, e meus versos não me enganam.»
Diz: e eis um javalí de aereo corpo,

Finge-o, perante o rei correr o manda,
E mostrar que se acolhe aos densos matos
Em parte onde o cavallo entrar não possa.
De imaginaria presa hallucinado,
Salta o mancebo das fumantes costas,
Segue esperança vã, fallaz objecto,
Discorre aqui, e ali pela alta selva.
  Já Circe principia as magas preces,
Em verso ignoto adora ignotos deuses,
Verso com que ennegrece, esconde a Lua,
Com que o Sol, com que o pae de sombras mancha.
Assim que os sons do encanto o céo condensam,
Que um vapor tenebroso a terra exhala,
E pelo bosque os mais vaguêam cegos,
No escuro as guardas já do rei perdidas,
Apto o logar, e o tempo achando a amante:
«Oh tu entre os mortaes o mais formoso,
(Suspirando lhe diz) por esse aspecto,
Por esses que os meus olhos encantaram,
E fazem com que eu deusa te supplique,
Premêa activo amor, em que me inflammas;
O Sol, que tudo vê, por sogro acceita,
Duro não fujas da Titânia Circe.»
  Disse, porém feroz elle a regeita,
Elle rogos, e affagos lhe repulsa,
Responde: «Não sou teu, quem quer que sejas;
«Outra me tem captivo, e praza aos numes
Que dure longamente o captiveiro.

Os laços conjugaes, os puros laços
Não hei de enxovalhar de amor externo
Em quanto amigos fados me guardarem
De Jano a filha, a singular Canente.»
 Circe (enfadada de lhe instar sem fructo)
Diz: «Não, não has de impunemente amal-a,
Nem jámais tornarás a ver a esposa.
Mulher depois d'amante, e de offendida
Conhecerás o que é: para teu damno
Sou mulher, offendida, amante, e Circe.»
 Ao occaso, ao nascente então se volta,
Duas vezes áquelle, a este duas;
Depois no corpo do gentil mancebo
Tres toques dá co'a vara, e diz tres versos.
Elle foge, e da propria ligeireza,
Da nímia rapidez vae admirado:
Eis que subitamente em si vê azas.
Affrontado, raivoso de sentir-se
Ave nova adejar nos lacios bosques,
Despede o féro bico aos duros troncos,
Com furia aqui, e ali golpêa os ramos.
Côr de purpureo manto as pennas ficam,
Em pennas o aureo nó tambem se torna,
Listra dourada lhe rodêa o colo,
E a Pico do que foi só resta o nome.
Entretanto por elle os seus clamavam,
Sem podel-o encontrar na longa selva.
 Circe em fim lhe apparece (as auras tinha

Adelgaçado já, já permittido
Que o sol, e o vento as nevoas dissipassem)
Mil crimes exprobrando á vingativa,
Guardas, monteiros o seu rei lhe pedem,
E dispõe-se a cravar-lhe as ferreas lanças.
Succos de atro veneno a maga entorna,
A Noute, os numes d'ella, o Cahos, o Averno
Pelo forçoso encanto ali convoca,
E óra á terrivel Hecate, ululando.
Eis salta do logar (que espanto!) o bosque,
Amarellece a folha, e geme a terra,
Tingem-se as hervas de sanguineas manchas,
Roucos bramidos sáem das rotas penhas,
Ouvem-se cães latir, silvar serpentes,
Vê-se o chão d'ellas negro, e tenues sombras
Nos ares em silencio andar girando.
Attonitos de horror descoram todos;
Mas co'a vara tremenda, e venenosa
Toca-lhes Circe as bocas assombradas.
Pelo tacto fatal se tornam monstros
De improviso os mancebos lastimosos,
Em nenhum permanece a antiga fórma.
Já no occidente o sol fechara o dia,
E com olhos, com alma em vão Canente
Pelo perdido esposo inda esperava.
Pizam bosques, e bosques servos, povo
E com fachos nas mãos exploram tudo.
A nympha de chorar não se contenta,

Aos ais, aos gritos, e arrancando as tranças,
Quantos extremos ha, todos pratíca;
Sae, corre, vaga, insana, os lacios campos.
  Seis luas (infeliz!) seis sóes a viram
Em continuo jejum, continua véla
Por valles, por floresta, por montanhas,
Por onde o desacordo a foi levando.
Do pranto, e do caminho emfim cançada,
O Tibre a viu caír na margem sua,
Ali ao desamparo, ali sosinha
A triste, modulando acerbas magoas,
Soltava um tenue som, qual canta o cysne
O debil verso precursor da morte.
A amante deploravel manso, e manso
Em lagrimas saudosas se liquida,
Vae-se ali pouco a pouco attenuando,
E nas auras subtis se desvanece.
  Pelo caso o logar ficou famoso:
Vós, do nome da nympha miseranda
Canente, oh priscas Musas, lhe puzestes.

A apotheosis de Enéas

(Traduzido do Livro xiv)

Já do piedoso Enéas a virtude
Enternecera os deuses, extinguira
Da propria Juno a malquerença idosa;
E, firme a herança do crescente Ascanio,
Repouso ao pae cabia, era já tempo
De ir lograr-se dos céos o heróe troyano.
Venus por elle interessara os numes,
E de Jove abraçando o collo augusto:
«Pae, nunca repugnante a meus desejos,
De teu amor (lhe diz) o extremo apura,
Clementissimo attende ás preces minhas.
Meu caro Enéas, que é por mim teu neto,
Gráo de nume inferior alcance ao menos,
De algum modo nos céos meu filho admitte.
Bem lhe basta uma vez entrar no reino
Onde é tudo aversão, tristeza tudo,
E haver passado por estygias ondas.»

Soou a approvação dos deuses todos,
Nem Saturnia ficou de aspecto immovel,
Antes affavel annuiu ao rogo.
Então lhe disse o pae: «Sois dignos ambos
Tu, e teu filho da celeste graça.
Cumpre o desejo em fim.» — Calou-se Jove.
Com vozes gratas a exultante deusa
A mercê retribue, e, conduzida
Nas auras leves pelas niveas pombas,
Desce á margem Laurente, onde serpêa
O Numicio, de canas assombrado,
Levando áo mar visinho as vítreas agoas.
A linda Cytheréa ordena ao rio
Que tudo o que é da morte a Enéas lave,
E em silencio no mar depois esconda.
As ordens o deus humido executa;
Tudo quanto é mortal extráe de Enéas,
E co'a pura corrente o volve puro:
A parte só que é optima lhe deixa.
Eis a amorosa mãe o aromatiza,
Unge de oleo divino o corpo amado,
Honra-lhe os labios de ambrosia, e nectar,
Deus o faz, que dos povos de Quirino
Indigete é chamado, e sobe ás aras.

A apotheosis de Romulo, e Hersilia

(Traduzido do Livro XIV)

Tacio morrêra, e Romulo aos dous povos
Equilibrava as leis, quando Mavorte
Dos mortaes, e immortaes ao rei supremo
(Deposto o morrião) fallou d'est'arte:
«O tempo é vindo, oh pae (por quanto Roma
Em robusto alicerce está segura,
E um só braço a modera) é vindo o tempo
Em que alto galardão, promessa antiga
A mim, teu filho, a Romulo, teu neto,
Credor do grande premio, se effeitue,
E o destinado ao céo se roube á terra.
No conselho dos deuses tu outr'hora
Me disseste, senhor: (e o pio annuncio
Gravei no coração, gravei na mente)
—Erguido aos céos por ti será teu filho:—
Ratifica a palavra sacro-sancta.»
Ao guerreiro annuiu o omnipotente;
Os ares condensou de opacas nuvens,

No raio, no trovão pôz medo á terra.
O impavido Gradivio, á luz, e estrondo,
Vê que é dado o signal do rapto augusto.
E, firmado na lança, ao carro salta.
Brutos, oppressos de temão sanguento,
O sonoro flagello açouta, espérta.
Dirigindo-se o deus por entre os ares,
Pára no Palatino, umbroso cume,
E ao filho, que ali julga os seus Quirites,
Arrebata d'ali co'a mão nervosa.
Nas auras se lhe vae quanto é da morte,
Qual a plumbea porção que sáe da funda
Seu reçumante humor perde voando.
Toma o romano heróe radiosa face,
Face mais digna da morada eterna,
Tal como a que se vê na purpurada
Imagem de Quirino, imagem sua.
  Por morto o claro esposo Hersilia chora:
Eis dos céos a rainha ordena a Iris
Que baixe ao mundo, e que á viuva excelsa
Estas benignas vozes pronuncie:
«Oh da gente sabina, e lacia gente
Honra primaria, singular matrona,
Já digna esposa d'um varão sublime,
Do deus Quirino agora esposa digna!
Não chores: se teu inclito consorte
Morrendo estás por vêr, segue-me os passos,
Comigo ao bosque vem, que lá verdeja

No cimo Quirinal, e assombra os lares
Do monarcha romano.» — Iris submissa
Pelo arco immenso de vistosas côres
Desce rapidamente: eil-a na terra,
E o que ella a Juno ouviu lhe escuta Hersilia.
«Oh deusa! (proferiu a alta matrona,
De pejo os olhos elevando apenas)
Qual d'ellas és não sei, mas sei que és deusa:
Não cabe esse esplendor a um ente humano.
Guia, ah! Guia-me a vêr o ausente esposo:
Se olhal-o inda uma vez me daes, oh Fados,
A presença dos céos terei na sua.»
N'isto ao Romuleo monte se encaminha,
E lêda o sóbe co'a Thaumantia virgem.
Subito, das estrellas despegado,
Vem direito á montanha ethereo lume;
Os cabellos de Hersilia toca, inflamma,
E com ella apoz si revôa aos astros.
De Roma o fundador nos céos a acolhe;
Muda-lhe o corpo antigo, o antigo nome,
Ora lhe chama, e de Quirino ao lado
Gosa com elle dos romanos cultos.

A alma de Julio Cesar mudada em Cometa

(Traduzido do Livro xv)

Da tua morte, oh Cesar, teve o mundo
Não duvidosos, tétricos presagios.
É fama que em fulmineas, atras nuvens
Tubas horrendas, armas estrondosas,
Duros clarins os pólos atroaram,
Do negro parricidio annuncios dando;
É voz geral tambem que o Sol tristonho
Um pallido clarão mandava á terra,
Que nos ares arder se viram fachos,
E em chuveiros caír sanguineas gôtas;
De ferrugineo véo surgir a Aurora,
De sangue o carro teu vir tinto, oh Lua.
Com dolorosos sons o môcho esquerdo
Logares mil entristeceu de agouros,
N'outros mil o marfim se viu chorando.
Foram cantos, e vozes de ameaço
Sentidos nas florestas consagradas;

Acceita aos numes victima não houve:
Feros tumultos, imminentes males
Vinham na rota fibra apparecendo;
Achou-se nas fatidicas entranhas
Decepada cabeça gotejante;
No fôro, em torno aos templos, ante os lares
Os cães nocturnos ulular se ouviram,
Roma tremeu, por ella andaram sombras.
Tolher o effeito de vindouros fados,
De medonha traição tolher o effeito
Não puderam do céo com tudo avisos.
Entram punhaes sacrilegos no templo:
Que theatro da barbara tragedia,
Da acção nefanda, o teu Senado, oh Roma!
A alma Venus, porém, baixando á curia,
Entre os conscriptos invisivel pára,
Em quanto da perfidia os golpes fervem.
Eis de Cesar o espirito arrebata
Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,
Quer apural-o nos ethereos lumes.
Erguendo-o, vê que luz, vê que se inflamma:
Ella o sólta, elle vôa além da Lua.
De acceza grenha, de espaçosa cauda,
No céo girando, resplandece estrella.

FIM.